

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA DO CONVENTVS SCALLABITANVS*

Luis da Silva Fernandes

"Coisa alguma iguala a beleza de uma inscrição latina votiva ou funerária: essas poucas palavras gravadas na pedra resumem com uma majestade impessoal tudo o que mundo precisa de saber de nós."

in Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*, p. 36

INTRODUÇÃO

A) A HISTÓRIA DAS MULHERES

"A vida das mulheres é limitada de mais ou excessivamente secreta", escreveu Marguerite Yourcenar nos *Apointamentos sobre As Memórias de Adriano*, referindo-se ao facto de não ter tomado como personagem principal da sua narrativa uma mulher¹. Nos anos 60, Moses I. Finley chamava já a atenção para a falta de dados relativos à vida feminina na Roma Antiga num artigo significativamente intitulado *As mulheres silenciosas de Roma*, salientando que as diversas "vozes" (poesia, cartas, esculturas, textos legais ou inscrições) a que o historiador podia recorrer relativamente à mulher romana eram de homens ou exprimiam simplesmente ideais formulados pelos homens². Efectivamente, tal "silêncio" é difícil de quebrar, na medida em que a relação dos sexos marca indelevelmente as fontes históricas: as imagens e discursos que temos das mulheres provêm mais do "olhar dos homens que governam a cidade, constróem a sua memória e gerem os seus arquivos", do que das próprias mulheres, excluídas da vida pública³. Mas, visto que não faltam as fontes e estamos conscientes da parcialidade das mesmas, quebrar esse *silêncio* depende sobretudo da perspectiva histórica que adoptarmos e da forma como questionarmos as fontes, sendo necessário realizar uma releitura quer das fontes escritas, quer das fontes arqueológicas⁴.

Apesar das dificuldades que apresenta o estudo das vivências passadas da mulher, há que ter em conta esta *metade da humanidade* na construção da História, já que a história do género humano é o resultado das experiências e relações entre os dois sexos; ora, as diversas correntes historiográficas surgidas até ao século XIX, preocuparam-se sobretudo com a vivência dos homens, produzindo assim

* O presente estudo constitui o texto integral (sem actualizações) da dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Maio de 1996.

1 – Yourcenar, 1992, p. 255.

2 – Finley, 1990, p. 143-144.

3 – Duby e Perrot, 1993, p. 7-8.

4 – Martínez Lopez, 1988, p. 213-214.

uma visão parcial da História⁵. A partir da década de 70 do nosso século, o alargamento do campo histórico introduzido pela *Escola dos Annales* e pela história das mentalidades, bem como as mudanças socio-políticas então verificadas e o reforço do movimento feminista, vieram provocar novas interrogações e preocupações que impulsionaram no ensino e investigação universitários os *Women's Studies* - nascia um novo ramo de estudos, ou seja, a *História das mulheres*⁶.

No que se refere à história da Antiguidade Clássica, até meados da década de 80, verificava-se uma certa preferência da maioria dos investigadores pela condição feminina no mundo grego⁷. No entanto, quer na Europa, quer no continente americano, a bibliografia relativa à mulher romana tem aumentado⁸, nomeadamente, e sem pretendermos ser exaustivos, no que respeita às esferas familiar⁹, jurídica¹⁰, social¹¹, económica¹², e biológica¹³. Desde a brilhante síntese de Baldson¹⁴, até ao trabalho colectivo e internacional, dirigido por Georges Duby e Michelle Perrot entre 1987 e 1992¹⁵, percorreu-se um longo caminho na abordagem sexuada da história da sociedade romana.

B) OBJECTIVOS E METODOLOGIA.

Em 1977, num estimulante artigo, M^a Lourdes Albertos Firmat desafiava os investigadores ibéricos a lançarem-se no estudo da mulher peninsular no período romano e mesmo pré-romano, utilizando as fontes arqueológicas, iconográficas e epigráficas, entre outras; nesse artigo adiantava já alguns dados importantes, relativos à onomástica feminina, chamando a atenção para a importância da epigrafia romana no estudo da mulher peninsular¹⁶. Efectivamente, verificou-se em Espanha o surgimento de uma série de estudos centrados na mulher, nas décadas de 70 e 80, nomeadamente na Universidade de Granada¹⁷. Têm surgido regularmente estudos sobre a situação da mulher no mundo romano, nomeadamente no que se refere aos dados da legislação¹⁸; a análise das informações e referências dos autores latinos às mulheres tem suscitado igualmente o interesse de vários autores¹⁹. No entanto, a maioria dos estudos efectuados centra-se no domínio religioso²⁰, especialmente aqueles que utilizam os dados da epigrafia²¹ ou nas mulheres de elevado estatuto social²². Nesse sentido, saliente-se o esforço de Gallego Franco, no sentido de alargar o campo de estudos sobre a mulher peninsular, tendo como base a epigrafia²³: desde a análise da participação da mulher na vida pública²⁴ e na esfera socio-económica²⁵ à análise mais geral da condição feminina desde a época pré-romana ao cristianismo²⁶, ou ainda à análise regional²⁷.

5 – Cf. Martínez Lopez, 1988, p. 205-206.

6 – Vide Martínez Lopez, 1988, p. 206-207; Duby e Perrot, 1993, p. 13-14.

7 – Fantham, 1986, p. 5-6.

8 – Martínez Lopez, 1988, p. 212, nota 13; Fantham, 1986, p. 19; Duby e Perrot, 1993, p. 613-618.

9 – Pomeroy, 1976; Treggiari, 1981; Kleiner, 1987; Shaw, 1987; Dixon, 1988.

10 – Gardner, 1986.

11 – Macmullen, 1980; Biscardi, 1987; Marshall, 1988; Forbis, 1990; Rapsaet-Charlier, 1992.

12 – Kampen, 1981.

13 – Gourévitch, 1987.

14 – Baldson, 1968.

15 – Duby e Perrot, 1993.

16 – Albertos Firmat, 1977.

17 – Castillo, 1979 e Martínez Lopez, 1988, por exemplo.

18 – Castillo, 1979; Blay Boqué, 1990; Saavedra Guerrero, 1992; refira-se A. del Castillo, *La emancipación de la mujer romana en el S.I. d. C.*, Granada, 1976, obra que não podemos consultar (citada por Gallego Franco, 1993, p. 395, nota 1).

19 – Posadas, 1992; Javier Lomas, 1992; Pico Soler, 1993.

20 – Wulff Alonso, 1988; Hidalgo de la Vega, 1994.

21 – Chamarro Moreno, *El elemento femenino en las religiones indígenas de la Península Ibérica*, Tesina de Licenciatura, Madrid, 1978-79 (citada por Gallego Franco, 1992, p. 348, nota 22); Vázquez Hoys, 1982-83; Mirón Pérez, 1993; Rodríguez Cortés, 1993.

22 – Saavedra Guerrero, 1991; Martínez Lopez, 1993.

23 – Não podemos consultar M. del H. Gallego Franco, *Femina dignissima. Mujer y sociedad en Hispania Antigua*, Valladolid, 1991, que substituímos pelos artigos citados nas notas 24 a 27, que têm como base esta obra.

24 – Gallego Franco, 1994.

25 – Gallego Franco, 1993 (b).

26 – Gallego Franco, 1992.

27 – Gallego Franco, 1993 (a).

É evidente que a epigrafia nos fornece dados mais concretos relativamente às mulheres que receberam ou intervieram em homenagens públicas, que protagonizaram actos de benemerência ou que participaram activamente nos cultos oficiais do estado romano. Mas conduzir uma investigação acerca do estatuto da mulher a partir da epigrafia de uma certa região, limitando-a aos estratos mais elevados da sociedade, leva-nos a uma reconstituição histórica demasiado parcelar, tanto mais que as próprias inscrições documentam, residualmente, apenas uma parte da sociedade que as produziu. Daí que nos pareça mais correcto e estimulante, embora mais problemático, levar a cabo um inquérito epigráfico que tenha em conta as várias esferas da vivência feminina no nosso território, na época romana, bem como os diversos estratos sociais documentados.

Assim, o principal propósito do presente estudo é tentar abarcar a realidade multifacetada da condição feminina sob o domínio romano, numa determinada região (neste caso, o *conventus Scallabitanus*), *grosso modo* entre inícios do século I d. C. e o século III d. C., a partir dos dados da epigrafia, (pontualmente cruzados com as fontes literárias e arqueológicas).

Este estudo segue, pois, de perto a exortação de Raymond Bloch de que o epigrafista deve ser também historiador. No que respeita ao epigrafista, os escolhos ainda são muitos. Apesar dos progressos verificados nas décadas de 80 e 90 no nosso país, sente-se a falta de maior número de catálogos epigráficos rigorosos, actualizados, com fotografias de qualidade; o necessário retorno à pedra, preconizado por Louis Robert²⁸, está ainda por fazer no que respeita a alguma da epigrafia do território português; o estudo dos grafitos em *instrumenta* só agora começa a dar alguns tímidos passos²⁹; além disso, faltam estudos de base relativos a critérios cronológicos de âmbito regional³⁰ ou a oficinas epigráficas³¹. Relativamente a este último aspecto, só recentemente se começou a abandonar um certo "deslumbramento" pelo texto epigráfico, assumindo definitiva importância o estudo do seu suporte, do monumento em que estaria inserido ou ainda do seu contexto arqueológico³². Apesar da evidente complementaridade entre os dados da epigrafia e da arqueologia, só pontualmente relacionamos os dados epigráficos com os arqueológicos, já que as informações acerca do contexto arqueológico dos monumentos epigráficos analisados, bem como da sua tipologia, são frequentemente nulas ou imprecisas.

Ao fazer a selecção da área do território português a estudar, optámos pela escolha de uma zona que tivesse tido uma certa coesão na época romana, identificando-se com circunscrições administrativas coevas, que possuísse núcleos epigráficos suficientemente representativos do ponto de vista étnico, social, tipológico e quantitativo e que fosse suficientemente vasta para permitir conclusões gerais, mas sem impedir a percepção de realidades regionais. Assim, pareceu-nos correcto escolher uma divisão jurídico-administrativa romana como o *conventus Scallabitanus*, tanto mais que no seu território se incluem alguns dos conjuntos epigráficos mais importantes do território português e mesmo peninsular (*Olisipo* e seu *ager*, *Conimbriga*, *Collippo* e *Cárquere*). O facto de ser uma área com manifesta carência de corpora actualizados, embora estimulante, causa dificuldades que, face ao reduzido período de tempo para realizar um estudo desta natureza, só puderam, em parte, ser ultrapassadas já que apenas tivemos a oportunidade de ver *in loco* as inscrições do Museu de Odrinhas (Sintra), do Museu Machado de Castro (Coimbra), bem como vários monumentos do Museu Monográfico de Conimbriga, algumas inscrições de *Cárquere* e de inscrições de Idanha-a-Velha relacionadas com este trabalho, bem como as inscrições de *Seilium* (Tomar).

Relativamente ao município romano localizado em Tomar, preferimos referir o topónimo com a grafia *Seilium*, que se nos afigura ser mais correcta, e não a grafia *Sellium*, registada no *Itinerário de Antonino* (elaborado em inícios do século III)³³. Na torre de menagem do Castelo Templário de

28 – Robert, 1979, p. 33.

29 – Cf., por exemplo, Encarnação, 1992, p. 7-14; FE 27, 1988, nº 124; FE 45, 1993, nº 203-205; FE 47, 1994, nº 210-213.

30 – Saliente-se um recente contributo: Encarnação, 1995, p. 255-269.

31 – Relativamente ao território português, refiram-se Ribeiro, 1989, p. 144-149 e Tranoy, 1984, p. 269-274.

32 – Vide Ribeiro, 1982-1983 e Encarnação, 1993(c).

33 – Vide Roldán Hervás, 1975, p. 67 (It. Ant. 421, 3).

Tomar, encontra-se um cipo funerário que assinalava o sepulcro de *Sabinula*, e do seu marido *G. Attius Rufus*³⁴; num outro cipo, reutilizado no mesmo local, *Sabinula* memora o seu filho, *G. Attius Attianus Rufinus*³⁵. Esta família está ainda documentada numa placa funerária de Queiruga (Galiza), dedicada por *Sabinula* e o seu marido ao filho, com menção da *origo* de *G. Attius Attianus Rufinus: seiliensis*³⁶. Numa outra placa funerária, oriunda do Mosteiro do Lorvão, regista-se a dedicatória de *M. Antonius Iulianus* ao irmão *G. Valerius Iulianus, seiliensis*³⁷. Assim, verifica-se que as inscrições funerárias que referem este topónimo apresentam a grafia *Seilium*; esta corresponderia ao nome da localidade, tal como era pronunciado no século I, sendo a grafia do *Itinerário de Antonino* uma deturpação do nome, própria da época em que foi redigido³⁸.

No que diz respeito ao *conventus Scallabitanus*, a discussão acerca dos seus limites geográficos não está ainda terminada³⁹. Face à ausência de dados seguros (inscrições ou referências literárias) para delimitar a área abrangida pelo *conventus*, tornou-se usual incluir o território português entre o rio Douro e o rio Tejo no *conventus Scallabitanus*⁴⁰. No entanto, se o rio Douro pode ser considerado uma fronteira⁴¹, o rio Tejo não deve ter constituído limite conventual, na medida em que os territórios da *colonia Scallabitanana* e da *civitas de Olisipo* certamente incluíam terras na margem esquerda deste rio⁴², seguindo uma raia seca, provavelmente longe da margem do rio, em alguns locais⁴³. Assim, o limite sul do *conventus* corresponderia aos limites meridionais das *civitates de Olisipo, Scallabis e Aritium Vetus* (situada na margem esquerda do Tejo), devendo correr por uma linha do Cabo Espichel / Serra da Arrábida em direcção a Coruche e Ponte de Sôr; o limite oriental do *conventus Scallabitanus* e do *conventus Pacensis* situar-se-ia no paralelo de Portalegre⁴⁴.

Relativamente ao limite do *conventus Scallabitanus* com o *conventus Emeritensis*, torna-se difícil um consenso. Segundo Jorge de Alarcão⁴⁵, o território conventual não ultrapassaria o sistema montanhoso da Lousã e da Estrela, pertencendo o território português a nascente das serras da Estrela e da Lapa ao *conventus Emeritensis*. No entanto, Alain Tranoy tem defendido que os territórios de Viseu, Lamego e, talvez, Cárquere (Resende), deveriam pertencer ao *territorium de Emerita*, em virtude de os povos que aí habitavam (*Interamnienses, Coilarni e Paesures*) estarem representados na inscrição da ponte de Alcântara (CIL II 760), juntamente com povos seguramente integrados no *conventus Emeritensis*⁴⁶. De acordo com um recente comentário informal do Professor Jorge de Alarcão acerca deste assunto, não há dados novos que possam levar à exclusão ou inclusão dos referidos territórios no *conventus*. Assim, sem pretender dar qualquer novo contributo para esta problemática, decidimos incluir a área do distrito de Viseu no *territorium* do *conventus Scallabitanus*, de modo a abranger no presente estudo áreas culturais o mais diversificadas possível.

O conjunto epigráfico analisado neste estudo foi, pois, constituído a partir das inscrições oriundas do *conventus Scallabitanus*. Após ter eliminado todas as epígrafes demasiado incompletas

34 – CIL II 334 = ILER 6504 (inícios do século I): *C. Attius / Rufus e[ti] / Sabinula / uxor / sibi*.

35 – CIL II 333 = ILER 4209 (inícios do século I): *G. Attio / Attia/no Ru/fino / Sabin/ula / mater /p*.

36 – CIL II 2562 = CIRG I, nº 78 (com correcções): *C. Attius . Attianus / Rufinus . seiliensis / ann. XXII h. s. e. Attius / Rufus . pater et Sa / binula mater fece(runt)*. Até à publicação da inscrição em CIRG I (com foto), todos os autores seguiram a leitura *seilensis*, proposta por CIL II, pelo que se considerou sempre estar perante um possível erro de lapicida, tal como na inscrição de Lorvão.

37 – Vasconcelos, 1914, p. 365-366 = Borges, 2/09/1977 = Borges, 1984, p. 153 (referência) (MNAE: E 5516; meados do século I): *G. Valerius Iulianus seilensis / annorum . XVIII . h. s. e. s. t t l. / M. Antonius Iulianus / fratri piissimo / faciendum . curavit*.

38 – Tendo em conta a recente publicação do epitáfio de *Lutecia Saeliensi* (HEp 1, 1989, nº 112; Quintana de la Serena, Badajoz), Amílcar Guerra, a quem agradecemos a informação, sugeriu-nos que *Seilium* seria a pronúncia original, correspondente à grafia *Saelium*, em latim de boa época, sendo a grafia do *Itinerário de Antonino* o reflexo de uma época em que a fonética do ditongo -ae- correspondia a /e/.

39 – Tranoy *et alii*, 1990 p. 320, 325-328 e mapa.

40 – Cf. Alarcão, 1988, p. 58; *idem*, 1990(c), p. 384.

41 – Alarcão, 1990(c), p. 384. No que se refere aos Banienses, vide Alarcão, 1988, p. 34-35 e Guerra, 1992, p. 79.

42 – Alarcão, 1988 p. 58 + fig. 8; Alarcão, 1990(F), p. 25.

43 – Alarcão, 1990(c), p. 384.

44 – Tranoy *et alii*, 1990, p. 327 + mapa.

45 – Alarcão, 1988, p. 58 + fig. 8; Alarcão, 1990(c), p. 384.

46 – Tranoy, 1990, p. 18-19; Tranoy *et alii*, 1990, p. 326.

ou deterioradas para fornecerem dados seguros, bem como aquelas cujos dados não eram relevantes para os objectivos do estudo, foram incluídas as inscrições votivas com dedicantes femininos ou em nome de mulheres, as inscrições honoríficas e monumentais mandadas fazer por mulheres ou dedicadas a uma mulher, grafitos documentando mulheres e ainda as inscrições funerárias documentando com segurança relações familiares, sociais ou jurídicas, independentemente do sexo do dedicante e do defunto. Tendo em conta que o objectivo do presente trabalho não é constituir um *corpus* epigráfico do *conventus Scallabitanus*, optou-se por não apresentar o texto das inscrições em anexo. Quando foi considerado necessário apresentar o texto completo da inscrição, este foi colocado em nota de rodapé, no capítulo em que é analisado. No que respeita aos sinais diacríticos, preferimos não incluir o travessão respeitante ao nexos, bem como os sinais indicadores de letra duvidosa, procurando uma certa uniformidade de apresentação do texto, já que grande parte dos textos apresentados foram recolhidos em *corpora* epigráficos que não apresentavam fotos ou os referidos sinais diacríticos; no entanto, sempre que foi necessário, justificou-se a reconstituição operada nos textos apresentados. Nos quadros analíticos efectuados, indica-se a proveniência, uma proposta de datação e bibliografia seleccionada. Remetem-se quaisquer observações complementares (dados sobre a decoração, por exemplo), informações tipológicas, variantes de leitura importantes, ou propostas de datação, para as notas dos vários capítulos ou para as observações nos respectivos quadros analíticos.

C) AGRADECIMENTOS.

Este modesto estudo não poderia ter sido levado a cabo sem o apoio, orientação e incentivo de um conjunto de pessoas, às quais queremos expressar o nosso agradecimento.

Ao Professor Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva, orientador desta dissertação, cujos preciosos conselhos, sugestões e correcções permitiram contornar as dificuldades sentidas e alargaram os horizontes da nossa formação científica.

Ao Professor Doutor José d' Encarnação, a quem devemos grande parte da nossa formação universitária, nomeadamente no que se refere ao aliciante desafio de "fazer falar" as inscrições romanas. Com ele nos iniciámos nos meandros da investigação e, mais uma vez, o seu apoio paciente, as suas sugestões, esclarecimentos e correcções vieram enriquecer o nosso trabalho e os nossos conhecimentos.

Ao Professor Doutor Jorge de Alarcão, a quem estamos gratos pela sua disponibilidade e pelos seus esclarecimentos, nomeadamente no que respeita à problemática dos limites do *conventus Scallabitanus*.

Ao Dr. Cardim Ribeiro e ao Dr. Amílcar Guerra, pelas informações que gentilmente nos facultaram.

Aos nossos amigos e colegas de Mestrado, Dr. José da Silva Ruivo, Dr. Pedro Carvalho e Dra. Ana de Sá Caessa, interlocutores sempre atentos das nossas dúvidas e reflexões, pelas suas sugestões e pelo seu apoio.

À D. Maria de Lurdes, funcionária do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, cuja simpatia e auxílio foram inextinguíveis.

À nossa família, cuja paciência, incentivo e apoio nunca nos faltaram.

Finalmente, a todos aqueles que de algum modo nos incentivaram ao longo da elaboração deste estudo.

I: IMAGENS DA MULHER

A) A EXALTAÇÃO DA *BONA FEMINA*.

“Estrangeiro, pouco tenho para dizer; pára e lê.
 Este é o sepulcro não pulcro de uma pulcra mulher.
 Cláudia foi o nome que lhe puseram os pais.
 Ao marido amou de todo o seu coração.
 Filhos, criou dois. Destes, a um
 deixou sobre a terra, o outro sob ela.
 Aprazível a sua fala, gracioso era o seu andar.
 Cuidou da sua casa, fiou lã. Disse. Podes ir-te “.

O texto acima transcrito, datado do século II a. C., pertencente a um túmulo de Roma¹, apela à atenção de quem passa e “fala-nos”... de quê? Não, certamente, da dor sentida pelo marido, ou outro parente, pela morte de Cláudia. É, pelo contrário, um bom exemplo dessa “publicidade fúnebre” de que fala Paul Veyne², na qual muitos epitáfios privilegiam a exposição pública da função social e da fidelidade do defunto aos seus deveres para com o próximo, em detrimento da dor que a sua morte possa ter provocado. Eis Cláudia, que deve ter sido amada, mas da qual o epitáfio apenas nos diz que amou o marido, foi mãe de dois filhos e foi uma mulher agradável e dedicada às tarefas domésticas.

Pietas e *lanificium* são, pois, algumas das qualidades de Cláudia, dignas de exemplo para outras mulheres, às quais se poderiam juntar a *castitas*, *pudicitia*, *modestia*, *probitas*, *frugalitas*, *obsequium*, *diligentia*, *fides* e *disciplina*, atributos que se repetem, quase obsessivamente, nos epitáfios³ ou nos elogios fúnebres⁴, pois, como disse um habitante da Roma augustana, no elogio fúnebre da sua mãe: “... O elogio de todas as mulheres boas é simples e similar, já que a sua natural bondade e a confiança que mantiveram não necessitam de uma diversidade de palavras. O facto de que todas fizeram as mesmas boas acções, com a boa reputação que merecem, é suficiente, e como é difícil encontrar novas formas de elogio das mulheres, já que as suas vidas flutuam com menos diversidade, necessariamente prestamos homenagem a valores que têm em comum...”⁵.

Esses valores que os homens de Roma atribuíam à *bona femina* são, naturalmente, realçados por autores clássicos como Marcial, que tece louvores à virtuosa matrona, ou Plínio, que elogia, numa carta, a fidelidade, o *pietatis exemplum* e a *summa frugalitas* da sua esposa⁶. Aliás, esse ideal, prevalecente na República e no Alto Império, teve continuidade na aristocracia culta e provincial do Baixo Império; Ausónio, aristocrata da Aquitânia do século IV, escreveu um conjunto de poemas, conhecido como *Parentalia*, cuja análise permite conhecer um verdadeiro “catálogo” das virtudes femininas: a esposa deve ser fiel, dócil e submissa; deve manifestar veneração e respeito pelo marido, mantendo-se *univira*, em caso de viuvez; deve ser laboriosa no lar e, como mãe, cuidar da educação moral dos filhos com dedicação; em termos morais, espera-se que a mulher seja honesta, casta e cumpridora dos preceitos morais; além disso, a afabilidade, a alegria, a gravidade e a seriedade devem fazer parte da sua personalidade, apreciando-se também a formosura do corpo⁷!

1 – Massey, 1989, p. 70; ILS 8403, p. 931. Seguimos a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (Pereira, 1976, p. 13-14).

2 – Veyne, 1989, p. 168-170.

3 – Roma: ILS 8398, 8401, 8402, 8404; Itália: ILS 8437; África: ILS 8445.

4 – Roma: ILS 8393.

5 – ILS 8394; linhas 17-22.

6 – Cf. Javier Lomas, 1994, p. 531 e nota 10.

7 – Vide Javier Lomas, 1994, p. 527-533.

No que se refere à Península Ibérica, essa exaltação da *bona femina* pode ser analisada através do estudo dos adjectivos presentes nos epitáfios. O uso do adjectivo laudativo e afectivo na epigrafia funerária, documentado na época augustana, desenvolve-se a partir de finais do século I d. C., generalizando-se entre meados do século II e inícios do III⁸. Em 1982, Curchin⁹ traçou a primeira panorâmica dos adjectivos mais utilizados na Península Ibérica, chamando a atenção para a sua importância na análise dos sentimentos e da vida no seio da família, na época romana.

No *conventus Scallabitanus* detectamos 90 exemplos de adjectivos, gravados em 81 epitáfios¹⁰. Os adjectivos documentados (gráfico 1), apresentados por ordem decrescente, são os seguintes: *pius* / *pietissimus* / *piissimus* / *p(?)* (68)¹¹; *optimus* (9); *carissimus* (4); *merentissimus* (3); *indulgentissimus* (2); *desiderantissimus*, *dulcissimus*, *infelix*, *opsequentissimus* (1). Nota-se uma esmagadora preferência pelos adjectivos relacionados com a *pietas* (75,5% do total), seguindo-se *optimus* (10%), *carissimus* (4,5%), *merentissimus* (3,3%); os restantes cinco (*desiderantissimus*, *dulcissimus*, *indulgentissimus*, *infelix*, *opsequentissimus*) documentam-se residualmente (6,7% em conjunto).

A expressão da *pietas* relaciona-se fundamentalmente com a família (gráfico 2); dos 71 defuntos cuja *pietas* é memorada, apenas 1 não pertence ao círculo familiar: trata-se de um *patronus*, considerado *pietissimus*¹². Tal como foi verificado noutras áreas do império romano¹³, *pius/pietissimus/piissimus* assumem principalmente o sentido de devoção filial: de 70 parentes com tais epítetos, 26 (38,5%) são filhos e 18 (24,6%) são filhas, ou seja, 63,1% do conjunto, com uma predominância masculina, que se verifica também no conjunto dos graus de parentesco atestados: 40 defuntos do sexo masculino (58,5%) e 29 do sexo feminino (41,5%)¹⁴. A devoção familiar é também atribuída com alguma frequência à mãe (10,8%) e ao pai (9,2%), bem como ao irmão (6,2%), mas não à irmã. Residualmente, surge ainda a esposa (4,6%), o marido (1,5%), o neto (3,1%) e a neta (1,5%).

As percentagens da expressão da *pietas* estão de acordo com a análise efectuada por Curchin para a Península Ibérica: *pius* é raramente utilizado, e os seus compostos, *pietissimus* e *piissimus*, ambos com um uso muito difundido, são associados mais frequentemente aos pais (44 vezes em 79 ocorrências de epítetos relativos a *mater*), filhos, irmãos e irmãs (13 vezes em 23 ocorrências de *frater* e 5 vezes em 14 ocorrências de *soror*), mas menos aos esposos¹⁵.

Quanto a *optimus*, trata-se de um adjectivo, aparentemente, mais relacionado com homens (63,6%) do que com mulheres (36,4%), embora a amostra seja talvez insuficiente para o demonstrar (9 inscrições, com 11 defuntos). O epíteto é aplicado ao marido (2), à esposa (2), ao pai (2), ao filho (2), bem como à filha (1); surgem ainda dedicatórias ao *cognatus* (1) e à *nutrix* (1). A nível peninsular, é um dos epítetos atribuídos com grande frequência ao esposo e à esposa, à mãe e ao pai, bem como ao *patronus* ou ao *amicus*¹⁶.

8 – Cf. Desaye, 1989, p. 66; Berthet e Pagnon, 1989, p. 44-47; Encarnação, 1991(a), p. 177.

9 – Curchin, 1982, p. 179-182.

10 – Não foram tidos em consideração os adjectivos das inscrições ERC 10, Vaz, 1987 45, FE 35 1990 161. Nos dois primeiros casos a presença dos adjectivos propostos é conjectural, ainda que possível; quanto à terceira inscrição, a falta de metade do texto permite apenas levantar hipóteses. Relativamente a EO 61, Lambrino, 1951, nº 8, propôs acertadamente a reconstrução do adjectivo *pien/[tiss]mo* (linhas 5/6), que aceitamos, e a restituição de *[b(ene) m(erenti)]* (linha 7), que não tomamos em consideração, pelo seu carácter hipotético.

11 – Note-se que, neste grupo, *pius* tem uma utilização residual (2), enquanto *pietissimus* apresenta uma ligeira vantagem (29) relativamente a *piissimus* (25), que não é suficiente para servir como critério no desdobramento da sigla *p.* (= *pietissimus* ou *piissimus* ?) como epíteto (12).

12 – HEp 3, 1993, 483.

13 – Desaye, 1989, p. 60, por exemplo.

14 – A ligeira vantagem percentual de defuntos masculinos na expressão da *pietas* pode dever-se aos acasos da sobrevivência das inscrições com adjectivos, pois, de um total de 85 defuntos registados neste conjunto de inscrições, 46 (55,1%) são do sexo masculino e 39 (44,9%) são do sexo feminino, verificando-se assim uma certa superioridade do sexo masculino na nossa amostra (cf. gráfico 3).

15 – Curchin, 1982, p. 180.

16 – Curchin, 1982, p. 181.

Carissimus e *merentissimus* qualificam maioritariamente, no *conventus Scallabitanus*, as mulheres, principalmente a esposa. O primeiro é atribuído à esposa (2), à *mamma* (1) e ao filho (1), estando, a nível peninsular, associado preferencialmente ao pai e à mãe, aos filhos e filhas, tal como a irmãos e irmãs¹⁷ e ainda às esposas¹⁸; o segundo qualifica a esposa (2), assim como o marido (1).

Relativamente aos restantes adjectivos, percentualmente pouco significativos, *dulcissimus* refere-se a uma filha, falecida com cinco anos, sendo mais um exemplo da atribuição preferencial deste adjectivo a filhos, nomeadamente, àqueles falecidos com poucos anos de vida¹⁹; *opsequentissimus* qualifica um filho, enquanto o adjectivo *infelix*, presente numa inscrição muito fragmentada (FC 38), documenta certamente o estado de espírito do/a dedicante do epitáfio²⁰; algumas esposas são descritas como *indulgentissima* (2) e *desiderantissima* (1).

As combinações de epítetos não são frequentes e consistem habitualmente na associação de dois (3) ou três (2) superlativos, com ou sem a partícula *et*²¹. A maioria das combinações ocorre nos territórios de *Conimbriga* e de *Aeminium*. Em *Conimbriga*, uma mãe recorda o filho *carissimo et pientissimo et opsequentissimo* (FC 71), enquanto um marido manda fazer o epitáfio da sua esposa *indulgentissima* e *desiderantissima* (FE 24, 1987, 109). Em *Aeminium*, pai e marido associam-se na dedicatória à filha *piissima* e esposa *indulgentissima [et] mere(n)tissima* (Le Roux e Fabre, 1971, nº5). Mais a sul, em Almourol (ILER 3439), o pai considera os seus *liberi optumi e piissimi*²²; em *Olisipo* (CIL II 245), o marido recorda a *uxor optima et sibi carissima*²³.

Do ponto de vista do parentesco dos defuntos, a expressão da *pietas* (vide gráfico 4) relaciona-se sobretudo com o pai (7 em 9 dedicatórias), a mãe (7 num total de 7), o filho (29 num total de 32), a filha (16 num total de 18), o neto (2 num total de 2), a neta (1 num total de 1) e o patrono (2 num total de 3); a esposa é recordada com um maior leque de adjectivos, relativamente aos outros graus de parentesco: *pious* e seus compostos (3), *optima* (2), *carissima* (2), *merentissima* (2), *indulgentissima* (2) e *desiderantissima* (1). A *pietas* é bastante valorizada pela maioria dos dedicantes, com especial relevo para a mãe (32 em 32 dedicatórias²⁴), o pai (16 em 20), o filho (7 em 8), a filha (7 em 7), o irmão (2 em 2) e a irmã (2 em 2), a avó (2 em 2), bem como pelos libertos (1 em 1)²⁵.

Relativamente à distribuição geográfica dos adjectivos, cerca de 89,5% das inscrições pertence à faixa litoral do *conventus* (territórios de *Olisipo*, *Eburobrittium*, *Collippo*, *Conimbriga* e *Aeminium*), destacando-se os territórios de *Olisipo* (25 inscrições) e de *Conimbriga* (24 inscrições); no interior, nenhum dos restantes centros urbanos (e respectivos territórios) ultrapassa 5 inscrições com adjectivos (ver gráfico 12). No que respeita à quantificação dos adjectivos, atendendo ao facto de algumas inscrições registarem mais do que um epíteto, nota-se o aumento da importância de *Conimbriga*, que alcança os valores do território olisiponense (ver gráfico 13)²⁶.

Quanto à variedade de adjectivos, documentam-se 9 adjectivos diferentes (tomando-se *pientissimus*, *piissimus* e *p.* como variantes do mesmo adjectivo) no *conventus* (ver gráfico 1), salientando-se novamente *Conimbriga*, com 8 adjectivos diferentes (gráfico 15), o território olisiponense (gráfico 13) e o de *Aeminium* (gráfico 16), ambos com 4; cada um dos restantes núcleos não documenta mais de dois adjectivos diferentes.

Embora a variedade de adjectivos, em cada região, decorra naturalmente da quantidade de inscrições que os regista, é curioso verificar que *Eburobrittium* e *Collippo*, os dois conjuntos

17 – Curchin, 1982, p. 180-181.

18 – Curchin, 1982, p. 181.

19 – Cf. Desaye, 1989, p. 60.

20 – Curchin, 1982, p. 181, assinala 10 ocorrências de *infelix/infelicissimus*, entre os epítetos relativos a dedicantes.

21 – Na Península Ibérica, são raras as combinações de três adjectivos, cf. Curchin, 1982, p. 181.

22 – Só existe mais uma dedicatória no *conventus Scallabitanus* com os filhos e o adjectivo mencionados no plural (FC 54); segundo Curchin, 1982, p. 181, os plurais são raros na epigrafia peninsular.

23 – Curchin, 1982, p. 181, regista duas ocorrências de *carissimus*, relativo ao dedicante.

24 – Note-se que numa das dedicatórias (FC 71), a mãe associa os superlativos *carissimus* e *opsequentissimus* a *pientissimus*. Em 10 epitáfios, o pai associa-se à mãe na dedicatória.

25 – Comparem-se estes valores com a sua ocorrência da *pietas* entre o marido (3 em 9) e a mulher (1 em 5), que preferem os adjectivos que exprimem afecto (*carissimus*) ou mérito (*merentissimus/a*, *optimus/a*).

26 – Note-se que, no território olisiponense, apenas 50% das inscrições e dos adjectivos são oriundos da própria cidade, enquanto a amostra do território conimbricense provém totalmente de *Conimbriga*.

quantitativamente mais importantes, a seguir a Olisipo e Conimbriga (cf. gráficos 12 e 13), apresentam apenas variantes de *pius* (cf. gráficos 17 e 18). É certo que, como vimos, o grau de parentesco do defunto condiciona o adjectivo a utilizar. Efectivamente, nas inscrições com adjectivos destes dois territórios, comemoram-se maioritariamente familiares associáveis à *pietas* (pai / mãe, filho / filha, cf. gráficos 19 e 20); mas, em 3 das 16 inscrições, memoram-se igualmente esposas, tratando-se das 3 únicas ocorrências da associação *pietas* - esposa, no que respeita ao *conventus Scallabitanus* (cf. gráfico 5). Parece-nos que a utilização do adjectivo nos epitáfios destes dois territórios, demonstra sobretudo uma vontade de imitar uma novidade que se começava a impôr nos formulários epigráficos, ganhando contornos de “moda” cultural na produção epigráfica local. Reforça-se a ideia de que a inclusão de adjectivos nos epitáfios, além do âmbito cronológico e da reprodução da moral vigente, é também uma questão cultural.

Não pretendemos negar que a utilização destes adjectivos tenha também motivações de índole afectiva (como pretendia Curchin), mas tão só sublinhar o cariz “publicitário” dessa utilização. As mães registadas nos epitáfios do *conventus* foram todas consideradas pelos filhos e filhas, *pietissimae* ou *piissimae* (gráfico 7), numa exposição pública de cumprimento de deveres que a sociedade esperava de qualquer mãe. Tal como se esperava que os filhos e filhas cumprissem os seus deveres filiais para com os progenitores: a *pietas*, está esmagadoramente assinalada nos epitáfios do *conventus* colocados pelos pais quer ao filho (cf. gráfico 8), quer sobretudo, à filha (cf. gráfico 9). Quanto à esposa, de quem se esperava sempre muito (como nos demonstra Ausónio, entre outros), salienta-se a sua dedicação (*pietissima*, *piissima*, *p.*), a sua excelência (*optima*), o seu merecimento (*merentissima*) e a sua compreensão (*indulgentissima*), manifestando-se, por vezes, estima (*carissima*) e saudade (*desiderantissima*) pela esposa ausente; refira-se que, na epigrafia do *conventus*, os epitáfios de esposas apresentam a maior variedade de qualificativos (ver gráfico 5)²⁷. Relativamente às mulheres comemoradas em inscrições com adjectivos (cf. gráfico 11), há ainda a referência carinhosa à *mamma* (*carissima*), o reconhecimento da excelência da *nutrix* (*optima*) e da dedicação (*piissima*) da neta (cf. gráfico 10).

Por outro lado, o carácter estereotipado dos adjectivos de louvor (e afecto) não se deve apenas a uma moda cultural ou à intenção de apontar um modelo de conduta aos vivos. Como José d'Encarnação amiúde tem sublinhado²⁸, o elogio do defunto obedecia também a um imperativo mágico-simbólico: pretendia-se apaziguar o espírito do defunto, de modo a evitar que este agredisse o mundo dos vivos.

Assim, verifica-se que o uso epigráfico dos adjectivos, geralmente no superlativo, é um costume estereotipado, mas nem por isso menos rico, como fonte de informação sobre a mentalidade romana.

B) HOMENAGENS ÀS FLAMINICAE.

Alguns monumentos epigráficos do *conventus Scallabitanus* registam homenagens a mulheres integradas no culto imperial, pelo que se impõe uma análise cuidada dessas dedicatórias.

Em *Olisipo*, numa inscrição cuja tipologia se ignora, mas que poderá ser um pedestal²⁹, os decuriões prestaram homenagem a *Servilia L. f. Albini, flaminica provinciae Lusitaniae*³⁰; num dos lados do monumento, surge uma segunda inscrição, na qual se memora *Lucceia Q. f. Albina Terentiani*, também por decreto dos decuriões³¹. Étienne, 1974, p. 166, sugeriu que *Servilia* poderia ser filha de *Albinus Albi f.* (CIL II 473: *Emerita Augusta*), indígena da época claudiana, que exerceu as funções de *flam(en) provinc(iae)*. No entanto, há que ter em conta que o *cognomen Albinus*, em que o genitivo, foi colocado após a sigla F, que indica a filiação, sendo a sigla precedida pelo

27 – Compare-se com o gráfico 4.

28 – Vide, por exemplo, IRCP, p. 786 e Encarnação, 1991(a), p. 177.

29 – A ausência de fórmulas funerárias e a intervenção da *ordo decurionum* sugerem essa hipótese.

30 – *Servilius/a* é um *nomen* bem documentado na Península Ibérica (ILER, p. 748), registando-se em Tróia, numa elegante ara funerária, *C. Servilius Claranus* (IRCP 220) e em Alfeizerão, num epitáfio, *Q. Servilius Avitus* e *G. Servilius Laurus* (CIL 11359).

31 – EO 36 = RAP 538 (na frente): *Flaminicae / provinciae / Lusitaniae / Serviliae . L(ucii). f(iliae) / Albini (uxori?) . d(ecreto). d(ecurionum)*; (no lado): *Lucceiae / Q(uiinti). f(iliae). Albinae / Terentiani (uxori?) / d(ecreto). d(ecurionum)*.

praenomen paterno, em sigla, conforme as regras (L. f.); a mesma situação está presente na inscrição lateral, com a particularidade de o *cognomen* em genitivo estar colocado após o *cognomen* da personagem memorada, que apresenta uma estrutura onomástica conforme as regras romanas: *Lucceiae Q(uiti) f(iliae) Albinæ Terentiani*. Assim, os dois *cognomina* em genitivo — *Albinus*³² e *Terentianus*³³ — não poderão ser considerados parte integrante da estrutura onomástica dos pais das mulheres homenageadas. Tendo em conta os paralelos peninsulares, deverão ser considerados *cognomina* dos maridos das duas mulheres: em Zalamea de la Serena, *Tongilia T. f. Maxuma Scaevini* mandou fazer um epitáfio *sibi et L. Granio L. f. Pap. Scaevino viro*³⁴; em Alcalá del Rio, dois filhos memoram a mãe, *Maria Q. f. Nympe M. Aureli uxori*³⁵.

A inscrição lateral do monumento permite, pelas alianças familiares que sugere, entrever alguns aspectos do processo de ascensão social e política dos notáveis indígenas da faixa litoral do *conventus Scallabitanus*.

Em *Olisipo*, registam-se escravos e libertos dos *Lucceii*³⁶ e, em *Conimbriga*, *Lucceius Severi(nus)*, recorda o seu filho *Q. Lucceius Rufinus*, num dispendioso e elegante cipo, enquanto [*Q.*] *Lu[cceius?] Max[imus]* protagoniza uma dedicatória à *Pietas Aug(usta)*³⁷, o que comprova o poder económico dos *Lucceii do conventus Scallabitanus*. Mas *Lucceia Q. f. Albina* é ainda identificada como esposa de *Terentianus*, o que aponta para uma ligação familiar aos *Terentii*, abundantes no território olisiponense³⁸. Em *Olisipo*, registam-se *L. Terentius Furnus* e o seu filho *L. Terentius Rufus*³⁹, *C. Terentius*⁴⁰ e mais um *Terentianus*⁴¹.

No *ager olisiponensis*, existem dois núcleos importantes — um na área de Sintra, outro na zona de Alenquer. Os epitáfios da área de Sintra demonstram o elevado estatuto social e económico dos *Terentii olisiponenses*: *Terentia L. f. Maxuma*, mandou fazer o epitáfio da sua filha *Iulia C. f. Amoena (Colares)*⁴²; *G. Terentius Celer* e a *mater Decia Ulana* mandaram fazer, também a expensas suas, a estela de mármore de *Q. Terentius L. f. Gal. Tanginus*⁴³; o epitáfio de *M. Terentius P. f. Gal. Priscus (Odrinhas)*⁴⁴; o monumento funerário de *C. Terentius C. f. Rufus*, colocado pelo seu pai *C. Terentius Maxumus Terentianus (Morelino)*⁴⁵; o epitáfio inédito de *Terentia Amoena (Faião)*⁴⁶. Essa importância é confirmada pelos epitáfios da zona de Alenquer: *M. Terentius Tuscus* memora os “seus”

32 – *Albinus* é um *cognomen* romano (cf. Kajanto, 1982, p. 227) muito popular na Península Ibérica (cerca de 40 registos, com especial concentração na Lusitânia e a norte do Douro), principalmente em meios indígenas, devido à sua homofonia com um dos nomes indígenas formados a partir do radical * *albo* - «branco» -, como sugere a existência dos étnicos *Albini* (cf. Silva, 1985, p. 206-208 e 212, Santa Comba de Basto: *Artifices / Calubrigens/es . e<x>s . Albinis / f. c.)* e *Albiones* (cf. Albertos Firmat, 1885, p. 262-263 e 279, Vegadeo, Oviedo: *Princeps Albionum*), bem como a sua frequente associação a antropónimos indígenas: *Albinus Albur* (EE VII 132), *Albinus Arconis f.* (FC 35), *Albinus Tangini f. Iancie(n)sis oppidanus* (Almeida, 1956, nº 27), *Albinus Albur* f. (CIL II 473) e *Albinus Proculi f.* (Encarnação, 1993(a), nº 1), por exemplo (cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 27-28; Albertos, 1964, p. 217; Untermann, 1965, mapa 4 e p. 23; Albertos Firmat, 1985, p. 262-263 e 279; Silva, 1985, p. 206 e 215, com mapa; Lörincz e Redö, 1994, 1985, p. 67-69, com mapa - assinalam cerca de uma centena de testemunhos nas províncias europeias).

33 – *Terentianus* é um *cognomen* romano, derivado de gentílico, habitualmente usado por homens (cf. Kajanto, 1982, p. 157, que refere 48 homens e 3 senadores com este *cognomen*, no CIL).

34 – *Tongilia T. f. Maxuma Scaevini / emeritensis annorum LX sibi et / L. Granio L. f. Pap. Scaevino viro / ann. LXXXV d. s. p. f. c. h. s. s. v. t. levis* (ILER 6844). Refira-se também CIL II 275 (Alenquer): *Atiniae . L . f. Amoena . Tusci (uxori?) / M. Terentio . M. f. Gal. Aquilae / Terentiae . M . f . Tuscae / M . Terentius . Tuscus . suis . f . c.*

35 – *Dis Manibus / Maria Q. f. Nympe / M. Aureli uxori / vixit an. XXXV / Maria Tertulla / Rectina et M. Aurelius Nympho / filii matri piissi/mae h. s. e. / t. r. p. d. s. t. l.* (ILER 3778).

36 – EO 37: *Graptus Lucceiae Cinnamidis ser.*; EO 47: *G. Lucceius Philogenes*, provável liberto.

37 – FC 57 e FC 17, respectivamente. Os *Lucceii*, alguns sem *praenomen*, estão também presentes em Mérida (cf. FC, p. 82, nota 74).

38 – Cf. FE 37, 1991, nº 170, nota 4. Está bem documentado na Península Ibérica (cf. ILER, p. 754-755 e Knapp, 1978, p. 221).

39 – EO 139 = CIL II 5227.

40 – EO 59=CIL II 247.

41 – EO 97=CIL II 248.

42 – CIL II 318.

43 – Cardozo, 1958, nº 1.

44 – CIL II 5023 = Cardozo, 1958, nº 2.

45 – CIL II 320 = Cardozo, 1958, nº 12.

46 – Informação de Cardim Ribeiro.

— *Atinia L. f. Amoena Tusci (uxori?)*, *M. Terentius M. f. Aquila* e *Terentia M. f. Tusca* — (Alenquer)⁴⁷, *Terentia Maxsuma* coloca o epitáfio da filha *Sallvia* (sic) *P. f. Amoena* (Olhalvo)⁴⁸, enquanto *L. Terentius Primitivus* é chorado por *lunia Festina*, sua mãe (Cadafais)⁴⁹. Refira-se ainda o epitáfio de *Terentia C. f. Stacte*, oriundo do termo de Torres Vedras e actualmente desaparecido⁵⁰.

O epitáfio de Cadafais demonstra uma aliança familiar entre *Terentii* e *lunii*, também atestada no território da vizinha *Eburobrittium*: em Reguengo da Parada (Tornada, Caldas da Rainha), foi encontrada a placa funerária de *Terentia Lauri f.*, cuja dedicante é *lunia*, sua mãe⁵¹. *Terentia* apresenta uma filiação de tipo indígena, indicando o *cognomen* do pai; descende, portanto, de um indígena romanizado, que poderá ter casado com uma descendente de colonos⁵². O nome do seu pai (*Laurus*) é um *cognomen* latino raro⁵³ (usado por indígenas romanizados, na Península Ibérica)⁵⁴, que permite algumas conexões interessantes: em Alfeizerão, provável *vicus* do território de *Eburobrittium*⁵⁵, documentam-se *Q. Servilius Avitus* e o seu pai, *G. Servilius Laurus*⁵⁶, o que vem reforçar a hipótese de uma aliança de um ramo dos *Servilii* com os *Terentii*; igualmente na *civitas* de *Eburobrittium*, numa placa funerária da igreja de S. Lourenço dos Francos (Miragaia, Lourinhã), regista-se *Gaius Iulius Laurus C. f.*, presumivelmente um dos *quattuorviri* de *Eburobrittium*⁵⁷. Em Alfeizerão, estão ainda documentadas *Terentia Q. f. Camira* e a sua mãe, *Terentia Docquiri f. Maxuma*, igualmente ligadas ao estrato indígena⁵⁸.

Pela análise das prováveis relações familiares de *Servilia L. f.*, verifica-se que a sua nomeação para o flaminato provincial foi uma consequência lógica do processo de ascensão social de indígenas abastados que, mediante uma cuidadosa política de alianças matrimoniais com indígenas e descendentes de colonos⁵⁹, terão conseguido integrar as estruturas políticas locais, aderindo à ideologia oficial.

47 – CIL II 275.

48 – CIL II 316 = Teixeira e Sousa, 1924, nº 5. Em *Olisipo*, documenta-se *Q. Iulius Q. f. Gal. Salvianus* (EO 43).

49 – CIL II 319. Note-se a existência de uma *Iulia Festa* num epitáfio de Goilão, Cascais (RERC 12).

50 – Vide Mantas, 1982, p. 78 e nota 321.

51 – FE 37, 1991, nº 170.

52 – Cf. comentário de FE 37, 1991, nº 170, onde se salienta a raridade do gentílico *lunius* na zona ocidental da Lusitânia, particularmente em *Olisipo* onde se documentam *[I]unia Tusca* (EO 115) e *L. Iunius L. f. Gal[us]* [*C]andidus* (EO 45). No território de *Eburobrittium*, regista-se mais uma *lunia*, associada a *[Ca]lssia Turran[ia?]* (FE 44, 1993, nº 199: Columbeira, Bombarral?) Num epitáfio procedente de Funchal (Sintra), talvez se possa restituir o gentílico *lunius* na forma feminina: *[Iu.]nia . M. f. Amoena / [an]n. VIII . h. s. e.* (cf. Cardozo, 1956, nº 71); no entanto, o vestígio de uma barra horizontal no vértice superior da barra do 1º N da linha 1, que parece sugerir o nexo NT, a paginação e o espaço disponível, permitem também a leitura *[Tere]ntia*.

Na faixa litoral do *conventus Scallabitanus*, *lunius* ocorre mais duas vezes: *lunia Peculiaris*, mãe de *L. Iunius Rufus*, em Coimbra (IRMMC 6); *M. Iunius Latro, conimbrige(m)sis, flamen provinciae Lusitaniae*, documentado em Mérida, numa homenagem ao Imperador Tito (FC 24 = CIL II 5264).

53 – Kajanto, 1982, p. 334, refere apenas 30 ocorrências no conjunto do CIL.

54 – Na Lusitânia, fora do território de *Eburobrittium*, regista-se ainda num epitáfio de Mileu, Guarda (ILER 4577: *Fronto Lauri f. taporus*) e numa base de estátua de Mérida: *[[Iovi Aug (usto)]] / [[sacrum]] / in honorem / M(arci) Arri Reburri / lanciensis) transc(ludani) / filii optimi / M(arcus) Arrius Laurus et / Paccia Flaccila / posuerunt* (CIL II 5261 = HEp 2, 1990, 36, com nova leitura); em *Olisipo*, documenta-se o *augustal C. Arrius Optatus*, numa dedicatória a *Divus Augustus* (EO 74) e *Arria Avita*, recordada pelo seu filho *Q. Cassius Arrianus* (EO 106).

55 – Cf. Alarcão, 1990(b), p. 381, que sugere que Alfeizerão teria sido o porto da capital da *civitas*, suspeitando que poderia tratar-se da *Araducta* referida por Ptolomeu.

56 – CIL II 359: epitáfio de *Sulpicia L. f. Avita*, relacionável com os *Sulpicii* de *Collippo*.

57 – Cf. Alarcão, 1990(b), p. 382; um dos promotores de uma homenagem da *civitas* a Marco Aurélio terá sido *C. Iulius Laurus* (vide RAP 508: ara de calcário de S. Tomás de Lamas, Cadaval); Jorge de Alarcão sugere que o magistrado teria a sua *villa* perto de S. Lourenço dos Francos, em cuja igreja, além da placa de *G. Iulius Laurus C. f.*, colocada pela sua filha *Iulia Maxsuma*, existe ainda a placa de *Iulia C. f. Maxima*, colocada pelos seus progenitores, *C. Iulius Severus* e *Paterna* (Moreira, 1976, nº 1 e 2). Estamos assim perante um núcleo de *Caii Iulii*, proprietários fundiários, que terão pertencido a *ordo decurionum* de *Eburobrittium*, no século II.

58 – CIL II 360. *Camira* é um antropónimo indígena, que ocorre unicamente na Lusitânia (cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 58). O avô materno de *Camira* apresenta também um nome indígena, *Docquirus*, característico da Lusitânia, com alguns registos ocasionais no norte peninsular (cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 70; Albertos Firmat, 1985, p. 282; Albertos Firmat, 1976, p. 80: mapa *Doquirus* e variantes).

59 – A existência de imigrantes itálicos, e seus descendentes, durante o século I, foi já assinalada, no que se refere aos territórios de *Olisipo* (RERC, p 71), de *Eburobrittium* (Lopes e Encarnação, 1991, nº 170) e de *Collippo* (Ruivo, 1992, p. 125-126; Encarnação, 12 de Janeiro de 1994).

Numa inscrição incompleta de *Olisipo*⁶⁰, *M. Gellius Rutilianus* homenageia a sua mulher, [...?]*lia Vegeta*, flaminia municipal⁶¹; o dedicante é identificável com o duúnviro que aparece em duas inscrições olisiponenses, datadas de 121 d. C.⁶².

O *cognomen* do duúnviro documenta a sua relação com os *Rutilii*, atestados no território de *Olisipo*⁶³ e ligados a gente influente em *Balsa*, cidade onde se regista claramente a sua associação com os *Gellii*⁶⁴. Quanto à base económica destas burguesias regionais, Manuela Alves Dias, ao analisar as relações entre famílias de *Balsa* e de *Olisipo*, sugeriu o comércio de longo curso, por via marítima, provavelmente relacionado com a *oliva nigra* e o *oleum*⁶⁵.

No que respeita ao gentílico de *Vegeta*, têm sido sugeridas várias hipóteses de reconstituição: *[Ae]lia[e]*⁶⁶, *[Cae]lia[e]*⁶⁷, *[Gell]ia[e]*⁶⁸ e *[Iul]ia[e]*⁶⁹. Embora os dados conhecidos actualmente não permitam uma solução definitiva, parece-nos que a hipótese de estarmos perante uma flaminia da gens *Iulia* tem alguma consistência:

— O marido de *Vegeta* identifica-se com o duúnviro *M. Gellius Rutilianus* que exerceu o cargo juntamente com o duúnviro *L. Iulius Avitus*; ambos se encarregaram de duas homenagens, uma ao Imperador Adriano e outra à Imperatriz Sabina, no ano de 121⁷⁰.

— No *ager olisiponensis*, numa inscrição funerária datável do século II, *G. Iulius Ulp[...?]* memora *Gellia Grata, mater pientissima*⁷¹.

— Os *Iulii* olisiponenses, pelo menos no século I, são predominantes no culto imperial, a nível municipal⁷²: *Q. Iulius Plotus, flamen Germanici Caesaris e flamen Iuliae Augustae*; *L. Iulius Maelo Caudicus, flamen divi Augusti*; *C. Iulius [...]*, *C. Iulius Eutichus*, *M. Iulius Tigrannus* e *[.] Iulius Italicus, augustales*.

60 – Segundo Lambrino, 1951, p. 39, trata-se de um cipo de calcário, com 69 cm de altura; 44,5 cm de largura; e 46,5 cm de espessura. A sua reutilização danificou a parte superior e o lado esquerdo da pedra, provocando o desaparecimento de várias letras do texto. A linha 1 foi a mais afectada, restando, do gentílico da flaminia, duas letras completas e vestígios de outras duas; note-se que, face à paginação cuidada do texto, só há espaço disponível para duas ou três letras, no início da linha (cf. EO, p. 184). Tendo em conta as medidas apontadas, o monumento poderá ser um pedestal.

61 – RAP 539 = CIL II 197 = CIL II 5218 = Vasconcelos, 1913, p. 320 = EO 83 = Lambrino, 1951, nº 2: [...?]*lia[e] / Vegeta[e] / flaminic[ae] / M. Gellius / Rutilianu[s] / maritus*.

62 – RAP 501 e 502; cf. Étienne, 1974, p. 239 e nota 1. No entanto, Lambrino, 1951, p. 40-41, coloca reservas a essa identificação, salientando que a paleografia poderá apontar para uma datação anterior ao reinado de Adriano.

63 – RERC 19: *L. Rutilius L. f. Gal. Severus, Rutilia mater*.

64 – Cf. Dias, 1988-1989, p. 251-255; RERC, p. 55, nota 1. Relativamente ao *corpus* dos *Gelli* peninsulares (vide Dias, 1988-1989, p. 255, nota 36), note-se a referência a um *[V]erna Cellianis*, num grafito de *Conimbriga* (FC 332).

65 – Vide Dias, 1988-1989, p. 257-259, esp. nota 47.

66 – Cf. Vasconcelos, 1913, p. 320. Os *Aelii*, bem documentados no território peninsular (cf. IRCP, p. 56 e nota 3), estão presentes numa placa funerária de Odrinhas (Cardozo, 1956, nº 4), associados a *Cassii* e a *Iulii* por laços familiares.

67 – Cf. CIL II 5218; EO, p. 194, onde se refere que tal leitura já tinha sido proposta pelo *Anónimo Napolitano*.

Após a publicação de EO, esta proposta tem suscitado uma adesão quase geral: Étienne, 1974, p. 239; Étienne, 1990, p. 223; RAP, p. 489-490; RERC, p. 55. Note-se que Étienne tem analisado esta inscrição sem ter em conta que Hübnér publicou uma primeira leitura em 1869 (CIL II 197), tendo corrigido essa leitura em 1892 (CIL II 5218); assim, Étienne tem referido um *flamen* de *Olisipo*, [...?] *Vegeta [...?]* (Étienne, 1974, p. 200; Étienne, 1990, p. 222), baseado em CIL II 197, e a flaminica de *Olisipo*, *Caelia Vegeta* (Étienne, 1974, p. 239; Étienne, 1990, p. 223), baseado em CIL II 5218. Refira-se que *Caelius* é um antropónimo bem documentado na Península Ibérica (cf. ILER, p. 672; Untermann, 1965, mapa 21), mas inexistente na epigrafia de *Olisipo* e seu território, sendo raro na Lusitânia ocidental: no *conventus Pacensis*, regista-se apenas *Blandus Caeliae Rufinae servus*, no santuário de Endovélcio (IRCP 489); no *conventus Scallabitanus*, documentam-se *Calaitus Caieli (filius)*, da Figueira da Foz (Encarnação, 1993(a), p. 221 e 223) e *Fabricius Caeli (filius)*, de Vila Nova de Ourém (Ponte e Fernandes, 1993, p. 188).

68 – CIL II 5218 e Lambrino, 1951, p. 40 (*[Gell]iae Q. f. / Vegeta[e]*), que apoia a sua opção na leitura de Venturini (autor citado em CIL II 5218, p. 812), por esta ser a mais antiga (1572): *Celliae*. Embora Lambrino parta da suposição de que Venturini teria visto o texto ainda completo, tal suposição carece de confirmação. Além disso, seria estranho que a esposa de *Rutilianus* tivesse o mesmo gentílico que o marido, visto que este pertence à *ordo decurionum* de *Olisipo* e a flaminia não apresenta vestígios de estatuto libertino na estrutura onomástica.

69 – Embora Vieira da Silva (EO, 194) tivesse referido *[Iul]ia[e]* como uma hipótese admissível, só recentemente se voltou a encarar essa solução: M. Manuela Alves Dias, 1988-1989, p. 254-255, sugere que a flaminia seja uma *Iulia*, tendo em conta que o seu marido partilhou o duúnvirato com *L. Iulius Avitus* e que o gentílico *Iulius* é um dos que estão mais bem representados na sociedade olisiponense.

70 – RAP 501 e RAP 502.

71 – Cardozo, 1961, nº 10 (Granja dos Serrões): *D. m. / Gelliae Gra/tae . ann. XXXVII/G. Iulius Ulp[...?] / (...?) matr[i] / [p]ientissim[ae]*.

— Nos séculos I e II, os *Iulii* participam regularmente na administração municipal⁷³: *Q. Iulius Q. f. Gal. Plotus, aedilis* e duúviro; *L. Iulius Avitus, duúviro*; *C. Iulius C. f. Gal. Rufinus, aedilis designatus*; *L. Iulius L. f. Caler(ia) Iustus, aedilis*⁷⁴. Durante esse período, aliam-se com frequência a famílias pertencentes ao escol de *Olisipo* (*Aelii, Licinii, Cassii, Terentii* e *Valerii*, por exemplo)⁷⁵, e a notáveis da *ordo decurionum*: o *aedilis Q. Caecilius Q. f. Gal. Caecilianus* casou com *Iulia M. f. Marcella*⁷⁶; recorde-se que, em *Olisipo*, está documentado o *aedilis C. Caecilius Q. f. Gal. Gallus*, possivelmente irmão de *Caecilianus*⁷⁷.

— Finalmente, os *Iulii* estão abundantemente documentados em *Olisipo* e seu território⁷⁸.

Embora a hipótese defendida não possa ser plenamente confirmada na pedra, parece-nos bastante plausível, face aos dados apresentados. De qualquer modo, é clara a relação familiar da *flaminica* com burguesias regionais, ligadas à comercialização do azeite.

Em *Collippo*, a *ordo decurionum* pagou as despesas do funeral, deu o local da sepultura e mandou fazer uma estátua a *Laberia L. f. Galla, flaminica ebore(n)sis* e *flaminica prov(inciae) Lusitaniae*⁷⁹. *L. Sulpicius Claudianus* encarregou-se da homenagem; infelizmente o texto está incompleto, pelo que não sabemos qual a ligação entre a *flaminica* e o responsável pela homenagem⁸⁰, que poderá estar presente numa outra inscrição de *Collippo*⁸¹. Os *Sulpicii* coliponenses, ligados ao estrato indígena local e à vida militar⁸², uniram-se aos *Claudii*⁸³, tendo

72 – Vide Étienne, 1990, p. 222 e 225. Recorde-se que *um flamen provinci[a]e Lusitani[a]e*, de *Ammaia* (IRCP 617) se chamava *C. Iulius Vege[ti]us*, embora não seja possível relacioná-lo com *Olisipo*.

73 – Cf. Curchin, 1990(b), p. 174-175.

74 – Cf. Ribeiro, 1994, p. 85.

75 – Cf. Ribeiro, 1982-83, p. 346-355; RAP 460; CIL II 318; IRMMTV 4.

76 – CIL II 261 (Carvoeira, Torres Vedras); relativamente às relações entre *Caecilii* e *Iulii*, vide Cardim, 1982-83, p. 358-363 e 397.

77 – Cf. Curchin, 1990(b), p. 175, nº 375 (EO 33) e nº 376 (por lapso, Curchin identifica uma *Iunia Marcella* como esposa de *Caecilianus*, e não *Iulia Marcella*).

78 – Vide Ribeiro, 1982-83, p. 449-451. Refira-se ainda *Q. Iulius Maximus Nepos, orator* residente no termo de *Olisipo*, mas originário de África (cf. Fernandes, 1991, com nova leitura; em CIL II 354, atribui-se erradamente o epitáfio do *orator* ao território de *Collippo*).

79 – RAP 547 = ERC 4 = CIL II 339: *Laberiae L(ucii) . f(iliae) . Gallae flaminicae ebore(n)si/flaminicae prov(inciae) Lusitaniae impensam fune/ris . locum sepulturae / et statuam . d(ecreto) d(ecurionum) . colli/pon(e)nsium datam L(ucius)/ Sulpicius Claudianus [...] . Laberia L. f. Galla* estaria ainda documentada numa inscrição de Évora (CIL II 114), classificada por Encarnação, 1991, p. 202-203, como uma invenção do humanista André de Resende (ver também, IRCP, p. 442, onde se sugere que a referida “invenção” teria sido inspirada por CIL II 339); no entanto, Étienne, 1990, p. 221, nota 26 (cf. Étienne, 1974, p. 167 e 168, nota 4), continua a aceitar a sua autenticidade. Quanto à dedicatória de *Collippo*, consulte-se também ERC, p. 61 66; Encarnação, 1991(b), p. 203; Étienne, 1974, p. 167 e 168, nota 4; Étienne, 1990, p. 221 e 223.

80 – Étienne, 1974, p. 170, nota 2, sugeriu que *L. Sulpicius Claudianus* poderia ser marido da *flaminia*.

81 – ERC 5 = CIL II 340: *[S]acrum dis Manibu[s]/Q. Naevidi(i) Quir. Rufin[i]/collip. ann. [...] . Clau[di]a/Silvanilla et L. Sulp[ici]us Claudianus / [...] .* Registe-se a presença de *Naevidia Q. f. Maxima* numa placa oriunda de *Collippo*, colocada por *Avita*, sua mãe (ERC 14, placa fragmentada, completada por ERC 23, fragmento recentemente redescoberto—vide Teixeira e Silva, 23/07/92); José Ruivo considera que *Maxima* e *Avita* poderão ser, respectivamente, filha e esposa de *Q. Naevidius Rufinus* (cf. Ruivo, 27/08/92). *Naevidius*, gentílico documentado na *Gallia Cisalpina* (CIL V 1445) e em África (CIL VIII 2564), deriva de *Naevius* (Brandão, 1972, p. 70 e 97), *nomen* presente na Península Ibérica (Almeida, 1956, nº 36, *Idanha-a-Velha: Naevia Silonis f. Clara*; ILER 3391, *Sevilha: Naevius Africanus*; RIT 55, *Tarragona: P. Naevius Adiutor*, RIT 609, *Tarragona: N<a>evia Trypher<a>*) e em África (Lassère, 1977, p. 184). Saliente-se o epitáfio incompleto de *Sulpicia N<a>evia* (ILER 3297: *Carmona, Sevilha*). No concelho de *Odemira* (IRCP 135), está documentado *Cn. Naevidius Rufus* (não muito longe, está atestada uma *Laberia*: IRCP 131, *Aljustrel*), cujo *nomen* é relacionável com *Naevidius* (cf. IRCP, p. 199) que, no território peninsular, apenas surge em *Collippo*.

82 – ERC 28 (Porto de Mós): *C. Sulpicius Pelius Celti f., miles co(ho)rtis Lusitanorum*. Refira-se ainda *Sulpicia colippone(n)sis*, mulher de *Gallaecus R(eipublicae) s(uae) l(ibertus)* (ERC 7, *Salir de Matos*). Note-se ainda a presença, na *civitas de Eburobritium*, de *Sulpicia L. f. Avita*, cujo epitáfio foi colocado *ex t(estamento) suo* (Alfeizerão, CIL II 359).

83 – O *cognomen* de *L. Sulpicius Claudianus* e a sua associação com *Claudia Silvanilla*, na mesma inscrição, indicam claramente uma aliança entre as duas famílias. Os *Claudii* estão bem documentados no território coliponense, geralmente em monumentos de mármore, o que atesta o seu poder económico: *Claudia Silvanilla* (ERC 5, *Collippo*); *Claudia* (ERC 11, *Collippo*); *Claudia Sosuma emeritensis* (ERC 21, *Reguengo do Fetal*); *Claudius Iulianus* (ERC 27, *Porto de Mós*); *[C][l]audius Cassian[us]* (ERC 36, *Leiria*); *Tiberius Claudius Maximus* (ERC 43, *Maceira*); *[. ?] [Claudius] [D]omnus*, filho de *[T]iberius [C]laudius [T]iberianus* (ERC 40, *Maceira*), que poderá ser o mesmo *Claudius Tiberianus*, marido de *Tolia Maxima* (ERC 44, *Maceira*); note-se a concentração de *Tiberii Claudii* em *Maceira*, local onde teriam a sua *villa*, sendo possível a sua ligação a notáveis de territórios vizinhos, como sugere a existência, em *Amoreira de Óbidos*, do epitáfio de [...] *Tolius Maximinus*, duúviro de *Eburobritium* (Curchin, 1990(b), nº 321). Relativamente aos *Claudii* do território de *Collippo*, vide Encarnação, 1990(b), p. 404 e Ruivo, 1992, p. 124.

integrado a *ordo decurionum*, pelo menos durante o século II⁸⁴. É pois possível que *L. Sulpicius Claudianus* fosse um dos duúviro de *Collippo*, devendo-se, nesse caso, a sua intervenção na homenagem a *Laberia Galla*, às suas funções de magistrado e não necessariamente ao seu parentesco com a *flaminica*. No vizinho território de *Conimbriga*, onde estão bem documentados ⁸⁵, os *Sulpicii* ⁸⁶ relacionaram-se com os *Turranii*⁸⁷, uma importante família local⁸⁸. Aliás, os *Turranii* estão ligados aos *Laberii*⁸⁹, sendo ainda de salientar uma provável relação entre estes e os *Aurelii*⁹⁰, igualmente ligados com os *Turranii*⁹¹.

Quanto a *Laberia L. f. Galla*, é interessante aproximá-la de *Laberia Galli f. Catulla* (IRCP 456, placa funerária de mármore, proveniente da necrópole de Silveirona, Estremoz), possivelmente ligada ao estrato indígena⁹². Na Lusitânia, o gentílico *Laberius*⁹³ está bem documentado no *conventus Pacensis*⁹⁴ e, no *conventus Scallabitanus*, regista-se nos territórios de *Olisipo*⁹⁵ e de *Collippo*⁹⁶ e em *Conimbriga*⁹⁷. Os *Laberii* aliaram-se aos *Turranii* de *Conimbriga* e, talvez, aos *Sulpicii* de *Collippo*, numa teia de relações que poderia estender-se ao *conventus Pacensis*, em cujo território estão documentados *Laberii*, *Sulpicii*, *Turranii* ⁹⁸ e onde *Laberia Galla* teria iniciado as suas funções no culto imperial.

Neste conjunto de dedicatórias a flaminias, não se mencionam motivos específicos para a homenagem, nem se inclui qualquer tipo de louvor, ao contrário de homenagens documentadas noutras partes do Império⁹⁹. De qualquer modo, a intervenção da *ordo decurionum* nas homenagens das duas flaminias provinciais exprime provavelmente um agradecimento a essas destacadas mulheres (devido a actos de benemerência ou a influências movidas na capital provincial?), mas também a predisposição para homenagear personagens pertencentes às famílias mais influentes a nível local ou regional, que controlam precisamente os órgãos municipais. Por outro lado, a participação destas mulheres nas estruturas oficiais é um corolário do processo de ascensão social e política de indígenas abastados e influentes, frequentemente unidos a descendentes de colonos por alianças matrimoniais.

84 – Uma dedicatória ao *divus Antoninus* (ERC 2, castelo de Leiria), datada de 167 d. C., regista *G. Sulpicius Silonianus* como um dos duúviro de *Collippo*, podendo encarar-se a hipótese de existirem laços de parentesco (atendendo ao *cognomen Silonianus*) com o autor da dedicatória, *Q. Talotius Q. f. Allius Silonianus, evocatus cohortis VI praetoriae* e, eventualmente, com *Q. Allius Maximus*, duúviro igualmente presente na inscrição, como notou Curchin, 1990(b), p. 170.

85 – FC 37, 66, 67, 68.

86 – Dyson, 1980 / 1981, p. 292-295, regista 54 *Sulpicii*. Cerca de 50% das inscrições são da Lusitânia e da *Gallaecia*, salientando-se a elevada concentração nos territórios de *Collippo* e de *Conimbriga* (vide Encarnação, 1990, p. 405); no *conventus Pacensis* estão bem documentados (IRCP 197, 198, 276, 361, 432, 523 ?, 524 ?). Refira-se ainda uma certa concentração ao longo do *Baetis* e em *Tarraco*.

87 – FC 15: *M. Turranius Sulpici[anus ou filius]*.

88 – Cf. Étienne et alii, 1976, p. 91-93.

89 – FC 72: *D. M. / Valeri / Rufini / ann. XXIII / Turranius / Primitivus / et . Laberia / Stercusia / parentes . fil. / piissimo / . p.*

90 – FC 44: *M. Aurelius Laberianus*.

91 – Para uma análise das relações entre as famílias mais importantes de *Conimbriga*, ver Étienne et alii, 1976, p. 99.

92 – Cf. IRCP, 1984, p. 538, que sugere mesmo uma relação com a Gália.

93 – Para a sua distribuição na Península Ibérica, vide ILER, p.709.

94 – IRCP 131 («Barrada», Messejana, Aljustrel): *Laberia M. f. Coimia*; Calisto, 1993, p. 77-78 (Herdade do Alamo Meio, Messejana, Aljustrel *villa* ou casal): *C. Laberius Meducenus*; IRCP 309 (Boavista, Beja - *villa*): *Laberia Caletyche*; IRCP 426 (Quinta de S. Margarida, Montemor-o-Novo): *Lab(eria?) Nigra, martetera de G. Aurelius(?) Victorinu(s)*; IRCP 456 (Silveirona, Estremoz): *Laberia Galli f. Catulla*.

95 – RERC 15 (Alcabideche, Cascais): *Laberia [...] f. Mater[na]*; ILER 3988 (Odrinhas, Sintra): *Laberia Procula*. Na igreja de Fermedo, Arouca, numa lápide de mármore, regista-se *Laberius Exoratus, olisipon(en)sis* (EO 144—D = ILER 3741); *Exoratus* surge ainda como *cognomen* de um *flamen*, atestado no território olisiponense (RAP 542).

96 – ERC 4 (Leiria): *Laberia L. f. Galla, flaminica*; ERC 25 (capela da Torre, Reguengo do Fetal): *Laberia L. f. Maxuma*; CIL II 355 (Aljubarrota): *Lab(eria) Q. f. Flava*, filha de *Arruntia Montani f.* É possível que *Q. Laerius Quirinae Scipio*, memorado por *Quintilla Q. f.*, sua mãe (ERC 13, *Collippo*), seja um *Laberius*—o seu gentílico foi considerado um *hapax* no mundo romano, pelo que, devido as reservas que um *unicum* sempre suscita, é admissível a hipótese de um erro do lapicida, reconstituindo-se o gentílico *Laerius* (vide Ruivo, 1992, p. 126).

97 – FC 72: *Laberia Stercusia*.

98 – IRCP451: *Turrania Maxsuma*.

99 – Vide Forbis, 1990, p. 508-510, por exemplo.

C) DEDICATÓRIAS *IN HONOREM* / *IN MEMORIAM*.

No território do *conventus Scallabitanus* registam-se algumas dedicatórias com expressões como *in honorem*, *in memoriam*, ou similares. Para facilitar o seu estudo, foi elaborado um quadro analítico (vide quadro II), que contém igualmente dedicatórias semelhantes do *conventus Pacensis*, como termo de comparação; algumas dessas dedicatórias são também votivas — aquelas cujos dedicantes são do sexo feminino serão analisadas no capítulo II.

Em *Seilium*, uma inscrição, actualmente desaparecida, documentava uma dedicatória a Marte, colocada por *Allia Amoena*, *in honorem T. Aemili Martiani filii*¹⁰⁰; num cipo de granito, proveniente de S. Pedro do Sul, a dedicatória a *Mercurius Augustor(um) Aguaecus*, foi feita por *Magius Reburrus* e *Victoria Victorilla*, em honra de *Magius Saturninus*, seu filho¹⁰¹; na cidade de Viseu, um bloco, reutilizado na parede da antiga cadeia, documenta a dedicatória a uma divindade, cujo nome se perdeu, colocada por *Memmia*, em honra de *Strabo*¹⁰². Em *Conimbriga*, *Flaccinus* mandou fazer uma ara de calcário, em honra da sua filha *pietissima*, *Valeria Flaccinia*¹⁰³. Na *civitas* de Bobadela, a *flamínia Iulia Modesta* colocou uma placa de granito, consagrada à *Pietas*, em honra da *gens* do seu marido e da *gens* dos seus pais¹⁰⁴.

Assinale-se ainda a existência de uma inscrição fragmentada, de granito, proveniente do castelo de Lamego, dedicada a *Avita*, onde talvez se possa reconstituir a expressão *[in h]onorem [et pie]tatem*¹⁰⁵.

Em *Conimbriga*, *Murrius Felix* e *Vitellia Protilla* mandaram fazer um elegante cipo de calcário, *in honorem memoriae* da filha, *Murria Capratina*¹⁰⁶. Num cipo de calcário de *Aeminium*, *Allia Vagellia Avita* é memorada com idêntico formulário, pelo pai, *G. Allius Avitus*, e pelo marido, *Silvanus Silvanus*¹⁰⁷.

100 – Ponte e Fernandes, 1993, nº 2 = RAP 394 = CIL II 5026: *Marti sacrum /Allia Amoena / in honorem / T(iti) Aemili Martiani/fili fecit*. Vide análise no capítulo II.

101 – RAP 228: *Mercurio / [A]ugustor(um) / [A]guaeco / [s]acr(um) / [in] honorem / [...] Magi / [Sat]urnini / [...] [M]agius / [Reb]urrus / [p]ater et / Victoria / Victorilla / mater*. Ver análise da inscrição no capítulo II.

102 – RAP 639a = Vaz, 1993, p. 732-734: *[...]sacrum i[...] / [...] in ? hon]orem / [...] Strabonis / [...] Memmia*. Os *Memmii* peninsulares, documentados em cerca de duas dezenas e meia de inscrições (cf. ILER, p. 720) estão associados, de um modo geral, a um estrato sócio-económico elevado (cf. IRCP, p. 175).

103 – FC 73 (2ª metade do século II): *D. m. s. / [i]n honorem Val[er]iae / [Fl]accinae an / norum XXIII/Flaccinus p[ro]p[ri]et[ar]ia filiae [pi]et[is]sime / f. c.*

104 – RAP 547. Vide análise da inscrição no capítulo II.

105 – Vaz, 1982(c), nº IX, p. 15 = CIL II 5254: *[D.] m. s. / [in] honorem / [et pie] tatem / [. .] a Avitae / [. .] a Avita f. c.*

106 – FC 60 (2ª metade do século II): *D m./in honorem / memoriae / Murriae / Capratinae / filiae.ann (orum). XXVI / pietissimae / Murrius Felix / pater et / Vitellia / P[ro]tilla / [mat]er / [f. c. ?]*

A onomástica sugere uma família alheia ao meio local. Os *Murrii*, atestados na Campânia (cf. Isanto, 1993, p. 175), estão pouco documentados na Península Ibérica (cf. ILER, p. 723): *L. Murrius Rufinus* (ILER 2533: Ibahernando, província de Cáceres), *Murria Crescentina ilurconensis* (ILER 5329: Granada) e *Q. Murrius Thales* (ILER 5718: Tarragona); refira-se ainda, *M. Aemilius Murrianus Carbili f. uxamensis* (ILER 5426: Clunia). A *gens Vitellia*, frequente na Campânia, de onde seria originária (cf. Lassère, 1977, p. 193; Isanto, 1993, p. 264-265), regista apenas mais uma ocorrência no território peninsular, precisamente na Lusitânia, num pedestal (?) de mármore (ILER 3968 = CPILC 220, Coria, província de Cáceres): *Vitelliae / Silonis f. / Tertullae / Antistia / Vitalis / matri* — recorde-se o importante proprietário rural do território conimbrigense, *M. Antistius Agrippae f. Quir. Agrippinus* (FC 30). Os *cognomina* da mãe e da filha, perfeitamente latinos, são igualmente raros na Península Ibérica (cf. FC, p. 85 e notas 85-86).

107 – Le Roux e Fabre, 1971, nº 5 (meados do século II): *[D.]m.s. / [in] honorem / memoriae Alliae / Vagelliae Avitae / ann. XXVI / G. Allius Avitus / pater filiae / piissimae et / Q. Silvanus / Silvanus maritus / uxori / indulgentissimae / [et] meritissimae / f. c.*

O pai pertence a uma família oriunda da população local, que atingiu uma importante posição socio-económica em *Aeminium* e em *Conimbriga* (vide análise dos *Allii Aviti*, no capítulo IV e Le Roux e Fabre, 1971, p. 129, por exemplo). Quanto ao marido, o seu gentílico, embora desconhecido na epigrafia peninsular (ILER, p. 750), talvez se possa relacionar com *Silvanus*, *cognomen* latino frequente na Península Ibérica e em territórios célticos (cf. ILER, p. 750; Le Roux e Fabre, 1971, p. 129 e notas 4-5). A defunta apresenta, além do *nomen* paterno, o *nomen* da mãe, que nos remete para a possibilidade de uma aliança com emigrantes itálicos (ou seus descendentes): no território peninsular, o gentílico *Vagellius/a* apenas está presente em *Aeminium* (cf. Le Roux e Fabre, 1971, nº 4 e nº 5; ILER, p. 760), estando pouco documentado em Itália, onde se concentra na região meridional (sobretudo em Locri) e, residualmente, em Roma; um dos *Vagellii* ascendeu ao consulado (cf. Le Roux e Fabre, 1971, p. 130, nota 1; Schulze, p. 376; Buonocore, 1987, p. 31-32).

Em *Olisipo*, *Q. Cassius Arrianus* prestou homenagem à memória de *Arria Avita*, sua mãe; a inscrição estava gravada num monumento (ara ou cipo) de mármore, desaparecido no século XVIII¹⁰⁸. Em *Seilium*, num provável pedestal de calcário (reutilizado no castelo de Tomar), documenta-se a dedicatória de *Vallerius Maxim(us) à Pietas Aug(usta)*, feita em sua memória e na das suas filhas¹⁰⁹. Numa *villa* do território de *Collippo*, consagrou-se uma inscrição a *Minerva*, *in memoriam Carisiae G. f. Quintillae*¹¹⁰. Registam-se ainda dedicatórias na Fonte Nova, próximo de *Collippo*, e em Soure, colocadas pelo pai em memória do filho¹¹¹.

As expressões *in honorem*, *in honorem memoriae* e *in memoriam* situam-se portanto no âmbito da comemoração e da manutenção da memória dos defuntos; esse cariz funerário é aliás reforçado pela sua associação à consagração aos Manes (FC 73; CIL II 5254; FC 60; Le Roux e Fabre, 1971, nº 5), com referência pontual à idade em que faleceu a defunta (FC 73; FC 60; Le Roux e Fabre, 1971, nº 5). A comemoração do defunto é frequentemente reforçada pela inclusão das supracitadas expressões em dedicatórias votivas (cerca de 50% das dedicatórias do *conventus Scallabitanus* e a quase totalidade das dedicatórias do *conventus Pacensis* - cf. quadro II): a divindade tinha protegido determinada pessoa durante a sua vida, continuaria a fazê-lo após a sua morte... A divindade invocada ganha assim uma conotação funerária. É de salientar a importância da *pietas*, divinizada (RAP 421 e RAP 410) ou não (CIL II 5254), no conjunto das dedicatórias *in honorem / in memoriam* do *conventus Scallabitanus*, facto intimamente ligado com o protagonismo da família nuclear e conjugal, nestas dedicatórias: os dedicantes são pais (RAP 394; FC 73; RAP 228; FC 60; RAP 419; ERC 24; FE 24, 1987, nº 108), filhos (RAP 421; EO 106) ou cônjuges (RAP 421; Le Roux e Fabre, 1971, nº 5), verificando-se idêntica situação no *conventus Pacensis* (cf. quadro II).

A amostra do *conventus Scallabitanus* não permite afirmar, por si só, se existe uma associação preferencial entre alguma das expressões analisadas e as dedicatórias votivas; no entanto, a maioria das dedicatórias simultaneamente votivas e funerárias (4 em 6) contém a expressão *in honorem*; recorrendo à comparação com o *conventus Pacensis* (cf. quadro II) e com as dedicatórias registadas por Vives no seu *corpus* peninsular¹¹², verifica-se que a expressão *in honorem* se utiliza preferencialmente nas dedicatórias simultaneamente votivas e funerárias, registando-se, nesse âmbito, uma ocorrência residual de expressões como *in memoriam*¹¹³, e *in*

108 – Cf. EO 106: *In memo[riam] /Arriae . Avitae / matr[is] Q. Cassius /Arrianus [?]*. Os *Arrii*, pouco frequentes na Península Ibérica (cf. ILER, p. 662), fazem parte dos estratos privilegiados de *Olisipo*: numa dedicatória ao divino Augusto, regista-se o augustal *C. Arrius Optatus* (EO 74) e, num cipo de mármore, o epitáfio de *L. Lucretius Gal. Nepos*, colocado por *Arria Q. f. Quintilla* e *Lucretia L. f. Avita* (EO 102, datável do século II).

109 – Ponte e Fernandes, 1993, nº 3 = RAP 419 = CIL II 332 (inícios do século II): *Pietati / Aug(ustae) sacr(um) / Val(erius) Maxim(us) in memo[riam] / suam ei (sic) filiarum suar[um] / haec signa p(osuit)*. O gentílico do dedicante é frequente no território peninsular (ILER, p. 760-762), tal como o seu cognomen (cf. ILER, p. 719-720).

110 – CIL II 351: Valado, Alcobaça (ver texto e análise da inscrição no capítulo II).

111 – Na Fonte Nova (Freguesia de Reguengo de Fetal, Batalha), uma estela de calcário, com o seguinte texto: *Tongio / Apaionis / pater/im (sic) memo[riam]* (ERC 24).

Tongius e *Apaiio* são dois antropónimos indígenas: *Tongius / Toncius* surge exclusivamente na Lusitânia; *Apaiio* documenta-se, na forma feminina, no território da Lusitânia (vide Palomar Lapesa, 1957, p. 36).

Em Soure, um cipo de calcário com uma dedicatória semelhante: *Im (sic) me[mori]am Aquil[i] Aebici / filii Aebicus/paterp. [c.]* (FE 24, 1987, nº 108).

Aquilus é um cognomen latino (Kajanto, 1982, p. 227), já conhecido na Península Ibérica (cf. ILER, p. 661) e *Aebicus* é um antropónimo indígena, cujo radical *Aeb-* está atestado na Lusitânia e no norte peninsular (Lourdes Albertos, 1964, p. 214-215); conhece-se apenas mais uma ocorrência, em Idanha-a-Velha (Almeida, 1956, nº 58): *Cilea Aebici f.*, mulher de *Celer Bol[oj]si f. Tector*.

112 – Vide ILER: *Parte Primera: Inscriptioes Votivas*. Quanto às dedicatórias deste tipo, que registam dedicantes e defuntos do sexo feminino, saliente-se, no território português, uma dedicatória de Idanha-a-Velha (ILER 422 = Almeida, 1956, nº 15): *Veneri / aug. / sacrum / in honorem / Rufinae / Reburriini f. / Severa mater / filiae*; um outro interessante exemplo é um pedestal de estátua de *Acci*, na Bética (CIL II 3386), colocado por *Fabia L. f. Fabiana*, em honra da sua neta *Avita*, com oferta de uma estátua de prata e *ornamenta a Isis* (relativamente a restituição do texto completo, vide Alföldy, 1988, p. 10-12).

113 – ILER 461 e 465, por exemplo.

*honorem et memoriam*¹¹⁴; as expressões *in memoriam*, *memoriam*, e *memoriae*¹¹⁵ são usadas preferencialmente em contexto funerário.

A expressão *in honorem et memoriae*, documentada nos epitáfios de *Murria Capratina* (*Conimbriga*) e de *Allia Vagellia Avita* (*Aeminium*), é rara no mundo romano, sendo desconhecida na Gália e na Germânia¹¹⁶, onde estão bem documentados epitáfios com *D. m. s. et Memoriae*, *D. m. s. et Memoriae Aeternae*, ou *Memoriae* e *Memoriae Aeternae*¹¹⁷. É, pois, uma expressão que denuncia hábitos culturais alheios ao meio local — recorde-se que a onomástica do epitáfio de *Murria Capratina* e o gentílico materno de *Allia Vagellia Rufina* apontam para emigrantes itálicos (ou descendentes / libertos de emigrantes)¹¹⁸. Relativamente aos dedicantes e defuntos envolvidos nas dedicatórias *in honorem* e *in memoriam* do *conventus Scallabitanus*, tanto encontramos indivíduos com posses modestas (FC 73, por exemplo), como aqueles que ocuparam altos cargos (RAP 421); e se a estrutura onomástica latina predomina nas dedicatórias *in honorem*, a expressão *in memoriam* encontra aceitação nas dedicatórias de *peregrini*, com nomes tipicamente indígenas (ver quadro II).

José d'Encarnação chamou a atenção para a questão da localização atribuída aos monumentos contendo as expressões *in honorem* e *in memoriam*: relativamente ao *conventus Pacensis* (cf. quadro II), sugeriu que tais monumentos estariam colocados em recintos de culto, já que as dedicatórias estudadas apresentavam o teónimo no início do texto, não registando qualquer fórmula funerária ou a consagração aos Manes; a tipologia dos monumentos que analisou não é suficientemente esclarecedora — IRCP 231 foi reutilizado (ara ou cipo?), IRCP 145 e 147 são cópias dos originais, pelo que só nos resta IRCP 60, pedestal de estátua consagrado a I. O. M., certamente colocado num recinto cultual¹¹⁹.

No *conventus Scallabitanus*, regista-se, nos casos conhecidos, uma certa variedade tipológica: das dedicatórias *in honorem* e *in memoriam* consagradas a divindades conhece-se o cipo de granito dedicado a *Mercurius Augustorum Aguaecus* (RAP 228), um fragmento da placa monumental de granito colocada por *Iulia Modesta à Pietas* (RAP 421), que se destinava certamente a um recinto cultual, e o provável pedestal de mármore consagrado por *Valerius Maximus à Pietas Augusta*, com referência à colocação de *signa* (RAP 419); as dimensões de um bloco reutilizado (RAP 639a), talvez indiquem mais um cipo votivo. Existem também monumentos *in honorem* (FC 73: ara de calcário) *in honorem et pietatem* (CIL II 5254: estela? de granito) e *in honorem memoriae* (FC 60: cipo de calcário; Le Roux e Fabre, 1971, nº 5: cipo de calcário) consagradas aos Manes, com menção ocasional da idade do defunto; registam-se ainda três monumentos *in memoriam* sem essa consagração (EO 106: ara ou cipo?; ERC 24: estela de calcário; FE 24, 1987, nº 108, cipo de calcário), mas de cariz nitidamente funerário. Le Roux e Fabre sugeriram que o monumento de *Allia Vagellia Avita* (Le Roux e Fabre, 1971, nº 5) poderia ser a base de uma estátua, atendendo ao carácter honorífico da dedicatória¹²⁰. No entanto, o cipo não apresenta actualmente vestígios da colocação de uma estátua, acontecendo o mesmo com o cipo de *Murria Capratina* (FC 60).

Assim, verifica-se que vários monumentos *in honorem* e *in memoriam* seriam destinados a locais de culto. Pensamos que, para além da invocação da protecção de uma determinada divindade,

114 – RIT 47 (Tarraco): *Neptuni / Aug. sacrum / in honorem / et memoriam / Aemil. Augustalis / Aemil. Nymphodote / fil. et / conliberto / s. p. f.*; ILER 424 (Almenara-Valencia): *V[e]neri san[ctae] / in h[onorem] m[em]oriamque[?]* / *[Postum]iae C. f. / [Marcell]linae / an. LV/Cor[nelius] Myrismus / uxori.*

115 – Cf. ILER, p. 347-349

116 – Cf. Le Roux e Fabre, 1971, p. 127.

117 – Cf. Vives Gatell, 1956, p. 490; Le Roux e Fabre, 1971, p. 127. Audin e Burnand, ao analisar a epigrafia funerária de Lyon, verificaram que o culto funerário da *Memoria*, documentado localmente desde finais do século I / inícios do século II, desenvolveu-se nos séculos II e III, sendo uma manifestação da vontade de prolongar o mais possível a recordação do defunto entre os vivos (cf. Audin e Burnand, 1959, p. 322-326).

Esta expressão está presente na epigrafia de Roma, onde se regista no epitáfio de *Claudia Gazza* (ILS 8039 = CIL VI 15446), por exemplo: *D. m. / Cl. Hagni f. Gazzae / privignae suavissi/mae in honorem memo[ri]ae Gazzae matris / eius Cl. Pyrrichus / vitricus consecravit.*

119 – Vide IRCP, p. 811. Refira-se ainda IRCP 81, de carácter exclusivamente funerário, com uma fórmula pouco habitual: *d. m. s. honori*; CIL VIII 8395 (= ILS 2122) apresenta um possível paralelo: *d. m. s. honori et memoriae.*

120 – Cf. Le Roux e Fabre, 1971, p. 127.

esta poderia ser uma forma oculta de prestar uma homenagem pública a um familiar, sem a necessária autorização da *ordo decurionum*¹²¹. Quanto aos monumentos *in honorem*, *in honorem memoriae* e *in memoriam*, o facto de, a par do cipo e da ara, surgir pelo menos uma estela sugere a sua colocação em recintos funerários.

Em termos quantitativos, existe um certo equilíbrio entre o sexo masculino e o sexo feminino, quer ao nível dos dedicantes, quer ao nível dos defuntos. Curiosamente, as únicas menções da idade no conjunto de dedicatórias que analisamos são precisamente de mulheres. Se é certo que, perante uma amostra de inscrições tão reduzida, não pode ser atribuída especial importância a tal facto¹²², é interessante analisar sucintamente essas ocorrências, pela sua raridade no conjunto das dedicatórias. *Valeria Flaccinia*, memorada pelo pai, faleceu com 22 anos de idade; *Murria Capratina* e *Allia Vagellia Avita* faleceram com 26 anos: a primeira é recordada pela mãe e pelo pai; a segunda é homenageada pelo pai e pelo seu marido. Curiosamente, no *conventus Pacensis*, a única menção da idade, neste tipo de dedicatórias, refere-se a uma esposa, falecida com 27 anos, 6 meses e 15 (?) dias. O facto de terem morrido com idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos talvez explique, por si só, o registo da sua idade: no *conventus Pacensis*, José d'Encarnação verificou que, nos epitáfios com menção de idade, os testemunhos registando defuntos do grupo etário dos 20 aos 39 anos eram mais frequentes, com especial relevo para o grupo dos 20 aos 29 anos, o mais representado¹²³. O pesar geralmente sentido pelo desaparecimento de entes queridos desse grupo etário seria então uma justificação possível.

II: A INTERVENÇÃO DA MULHER NO DOMÍNIO DA RES SACRA

A epigrafia votiva do *conventus Scallabitanus* é constituída por 144 inscrições, das quais 18 foram dedicadas por mulheres (4 delas relacionadas com homens e 2 em associação com dedicantes masculinos), registando-se ainda 13 casos em que o sexo do dedicante é desconhecido ou duvidoso. Assim, excluindo os casos incertos, obtém-se um universo de 132 epígrafes, no qual a percentagem de dedicatórias votivas protagonizadas por mulheres é de apenas 13,6% (sem contar com duas inscrições relacionadas com mulheres, mas cujos dedicantes são homens). Quanto às inscrições do *conventus* que registam indivíduos ligados ao culto imperial, num total de 19, quatro monumentos documentam flâmias¹.

A) DIVINDADES INDÍGENAS.

As dedicatórias femininas a divindades indígenas são raras no *conventus*, concentrando-se no território de *Olisipo* e no distrito de Viseu. Além das quatro divindades indígenas atestadas nesta área, em S. Pedro do Sul documenta-se ainda o deus Mercúrio, com epíteto indígena. Os teónimos são apresentados por ordem alfabética e não geográfica.

Aracus Arantus Niceus

Em Carrascal de Manique, junto das ruínas da ermida de S. Paulo (Alcabideche, Cascais), em cuja área apareceram fragmentos de *imbrices* e de *dolium*², foi encontrada uma ara de mármore róseo de S. Domingos de Rana, dedicada a *Aracus Arantus Niceus*³ por uma indígena romanizada,

121 – No *conventus Pacensis*, documenta-se uma dedicatória *in honorem* com a intervenção expressa da *ordo decurionum* (IRCP 231), talvez devido à sua monumentalidade (cf. IRCP, p. 303-304).

122 – Note-se que se verifica a mesma situação nas dedicatórias do *conventus Pacensis* (ver quadro II).

123 – Vide IRCP, p. 781: de 246 testemunhos, 52 referem-se ao grupo etário dos 20 aos 29 anos e 50 referem-se ao grupo dos 30 aos 39 anos.

1 – Cf. RAP, cujo *corpus* epigráfico e respectivos comentários foram completados pela consulta das obras e artigos citados nas notas deste capítulo.

2 – Cardoso, 1991, nº 27, p. 37.

3 – RAP 10: *Araco . Aranto / Niceo . I(ulia) . Maxuma / Auvi (filia) . v. a. s. l. s.*. Todos os autores seguiram a leitura *Aranius* até 1986, ano em que a limpeza e tratamento da árula no Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga permitiu detectar a existência de um T, com uma barra muito curta, no segundo vocábulo do teónimo, corrigindo-se assim um lapso cometido até essa altura (cf. Encarnação, 1994, p. 27-28).

l(ulia) Maxuma Auvi (filia). Segundo José d'Encarnação⁴, trata-se de uma divindade de características desconhecidas, talvez relacionada com as águas, tendo em conta o radical *ar-* e a proximidade da Ribeira de Manique⁵. Os dois primeiros vocábulos do teónimo (*Aracus* e *Arantus*) são relacionáveis com os antropónimos pré-romanos, *Aracus/a* e *Aranta*; no *ager olisiponensis* registam-se, por exemplo, uma *lulia M. f. Aranta* e uma *Minucia Aranta lib(erta)*, o que nos permite pensar numa ligação de carácter étnico de *Aracus* aos *Aranti* desta zona⁶. Quanto ao terceiro vocábulo (*Niceus*), José d'Encarnação salienta a sua equivalência a *Nicaeus*, quer como antropónimo de origem grega, quer na função de sobrenome de Júpiter, em relação com *Niquê*, deusa grega da Vitória⁷.

Cat(?)

No castro romanizado de Mogueira (concelho de Resende), numa fraga granítica, próxima de estruturas que poderão pertencer a um santuário rupestre⁸, existe uma inscrição, aparentemente votiva (RAP 598): *Quiatia Cumi (filia) / Rotamus. Tri[?]t[?]ei (filius) / Cat[...] / v(otum) m(erito)*⁹. Os dois dedicantes apresentam uma denominação de tipo peregrino, sendo portadores de antropónimos pré-latinos, relacionados com regiões exteriores à Península Ibérica (*Quiatia*, *Cumius*, *Rotamus*), ou habituais em contextos indígenas peninsulares (*Triteus*)¹⁰. Embora o estado da inscrição não permita uma leitura completamente fiável do teónimo proposto, possivelmente abreviado, Vasco Mantas propõe, sob reserva, que, tendo em conta o radical *catu-*, com conotações bélicas (luta, batalha) e frequentemente atestado em antropónimos da área luso-galaica, a divindade adorada se relacione com a guerra, ou mesmo com o carácter solar do Marte céltico¹¹.

Lurunis

Em Vendas de Cavernães (concelho de Viseu), foram encontradas quatro ámulas dedicadas a *Lurunis*, divindade cujas características se desconhecem¹²; essa concentração de ámulas permite supor a existência de um templo a este deus, embora ignoremos se estaria isolado ou, pelo contrário, faria parte de um *vicus*¹³. Das quatro dedicatórias¹⁴, uma, datada do século III¹⁵, foi protagonizada por uma mulher, *Vall(eria) (?) Cattia*, provavelmente pertencente ao estrato indígena local¹⁶.

Mandiceus

Numa ámula de mármore, oriunda da Madre de Deus (Sintra), *Cassia Mater(na)* cumpre o seu voto a *Mandiceus*, deus de características desconhecidas¹⁷. O gentílico da dedicante está bem

4 – ENCARNÇÃO, 1987, p. 16.

5 – RERC, 1994, p. 29.

6 – RERC, 1994, p. 28-29, 53, nota 1.

7 – RERC, 1994, p. 29.

8 – Ver Mantas, 1984, p. 361-364.

9 – Idem, p. 365.

10 – Vide Mantas, 1984, p. 368-369; Palomar Lapesa, 1957, p. 106-107.

11 – Idem, p. 369 e notas 47-52; Palomar Lapesa, 1957, p. 61-62. Vasco Mantas salienta que um dos epítetos do Marte céltico era *Caturix* (vide nota 50), colocando-se assim a hipótese de se tratar de Marte, representado pelo seu epíteto *Cat[urix]*.

12 – Encarnação, 1987, p. 27.

13 – Cf. Alarcão, 1989, p. 307.

14 – RAP 163: *L. Allius Severus*; RAP 164: [...] *Tangin[i] (filius)*; RAP 165: *Val(erius) C[at]u[ro] Sa[t]jeili f.*; RAP 166: *Vall(eria) (?) Cattia*.

15 – RAP 166: *Luruni / sac(rum) . Vall(eria) ? Cattia / a. l. v. s.*

16 – Cf. A. I. de Sá Ferreira, 1986, nº 71, que relaciona o *cognomen* com a onomástica indígena (*Cattus*, *Catta*, *Catta*).

17 – Encarnação, 1987, p. 27. Juan Carlos Búa e Amílcar Guerra defenderam uma nova interpretação do texto, durante o II Colóquio Internacional de Epigrafia Divindades Indígenas e *Interpretatio Romana*, numa comunicação intitulada *Algumas anotações à epigrafe da ámula da Madre de Deus, Sintra: Cassia Me / rman / diceio / v(otum) s(oluit) l(ibens)*; os autores rejeitaram os nexos *Ma* e *te*, propostos por Mário Cardozo (Cardozo, 1958, p. 375), na primeira linha, que permitiam a reconstituição do *cognomen* *Mate / r (na)*, preferindo ler simplesmente *Me*, como início do teónimo, propondo um possível nexo *ei* na terceira linha. Quanto ao nome da dedicante, os autores da comunicação defenderam que, num contexto indígena, *Cassia* deveria ser encarado como um antropónimo indígena, relacionável com *Casia* e *Casa / Qasa*. Um dos participantes no Colóquio colocou ainda a hipótese de estarmos perante uma dedicatória a Mercúrio com epíteto – *Mer(curio) Mandiceo* –, sem que se tivesse chegado a um consenso acerca da leitura mais adequada para esta inscrição.

documentado na Península Ibérica¹⁸, nomeadamente no território olisiponense, município onde os *Cassii* atingiram alguma notoriedade¹⁹.

Mercurius Augustor(um) Aguaecus

No antigo *balneum* romano de Lafões, termas de S. Pedro do Sul, local onde teria existido um *vicus*²⁰, foi encontrado um cipo de granito que contém uma dedicatória a *Mercurius [A]ugustor(um) [A]guaecus*, colocada por [...] *[M]agius [Reb]jurrus e Victoria Victorilla, [in] honorem [...] Magi [Sat]urnini*, seu filho²¹. Nesta inscrição, Mercúrio é associado à casa imperial, bem como às águas salutíferas do local, através do epíteto indígena *Aguaecus*; as expressões *sacrum* e *in honorem* atribuem à divindade um cariz tópico, a exemplo de outras dedicatórias peninsulares a divindades augustas²².

Os *Magii* não são muito frequentes na Península Ibérica²³, pertencendo a camadas modestas da população²⁴, relacionadas ocasionalmente com o estrato indígena²⁵; é provável que estejam ligados às clientelas de *Magii* que, durante o século I d. C., ocuparam importantes cargos na Tarraconense²⁶. Neste caso, estamos em presença de *Magii* de origem indígena, como atesta o antropónimo *Reburrus*²⁷, *cognomen* do pai. Quanto a *Victoria Victorilla*, o seu gentílico é bastante raro no território peninsular, existindo apenas na Lusitânia²⁸; o seu *cognomen* (*Victorilla*), derivado do gentílico²⁹, é tipicamente latino, tal como o do seu filho (*Saturninus*)³⁰. A família documentada nesta inscrição, de origem indígena, estaria num avançado grau de romanização, como comprova a estrutura onomástica latina e o formulário da dedicatória.

B) DIVINDADES CLÁSSICAS.

Os teónimos são apresentados por ordem alfabética e não geográfica. Relativamente ao culto imperial, as inscrições que documentam flamínias foram já analisadas no capítulo I, exceptuando *Iulia Modesta*, pelo que apenas se analisa a inscrição RAP 421 no presente capítulo.

Aesculapius Aug(ustus)

Numa ara de Lisboa, consagrada a Esculápio Augusto e oferecida por *M. Cossutius Macrinus*, faz-se referência aos cultores *Larum Maliae et Malioli*³¹. No que se refere aos cultores *Larum*, segundo Santero Santurino, trata-se de uma designação que identifica collegia com finalidade religiosa e cultural, formados normalmente por confrades de origem servil ou libertina³².

18 – Vide ILER, p. 676.

19 – Cf. EO, p. 278. Salienta-se naturalmente a inscrição CIL II 911 (= EO 22), de *Olisipo*, que documenta a reconstrução das *Therm(ale) Cassiorum*, bem como AE 1984, 528, registando *M. Cassius M. f. Gal. Sempronianus, diffusor olearius*, natural de *Olisipo*, que se estabeleceu na área do Bétis (para a contextualização deste comerciante, vide González Fernández, 1983, p. 183-186).

20 – Cf. Alarcão, 1989, p. 307.

21 – RAP 228: *Mercurio / [A]ugustor(um) / [A]guaeco / [s]acr(um) / [in] honorem / [...] Magi / [Sat]urnini / [...] [M]agius / [Reb]jurrus / [p]ater et / Victoria / Victorilla / mater*. Vide Encarnação, 1987, p. 27.

22 – Vide Encarnação, 1989, p. 318. Ribeiro, 1982-83, p. 189-190, refere-se à associação ocasional de Mercúrio a votos de cariz salutífero e às águas, analisando a etimologia do epíteto *Aguaeco* (= *Acuaeco* = *Aquaeco*).

23 – Cf. ILER, p. 715.

24 – Cf. Encarnação, 1989, p. 318.

25 – CIL II 916 (*Caesarobriga*): *C. Magius Tonginus*. A propósito de *Tonginus*, ver Palomar Lapesa, 1957, p. 105.

26 – *Carthago Nova*: *L. Magius Cn. f. Fab. Sabellus, aedilis* e duúviro (Curchin, 1990, nº 580); *Clunia*: *C. Magius L. f. Gal. Silo, legatus* em 40 d. C., participou, com *T. Aemilius Flaccus*, no *hospitium* realizado entre *Clunia* e *C. Terentius Bassus* (Curchin, 1990, nº 657); *Uxama*: *M. Magius M. f. Gal. Antiquus, praefectus fabrum* e, posteriormente, *praefectus cohortis*, cerca de 40 d. C. (Gil Garcia, 1993, nº 25).

27 – Cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 94.

28 – Se o epítáfio de *M. Victorius L. f. Pap. Galba* (oriundo do *conventus Emeritensis*: ILER 6319) pode sugerir uma origem extrapeninsular, pela sua raridade do seu *cognomen* na Península (mais um exemplar em ILER 3072), remetendo-nos para um ambiente intensamente romanizado, já a dedicatória a *Ataegina* (ILER 737) se filia no âmbito das crenças indígenas.

29 – Cf. Kajanto, 1982, p. 278.

30 – Idem, p. 213.

31 – RAP 233 = EO 31 = Santero Santurino, 1978, nº 11 = CIL II 174: *Aesculapio / Aug(usto) / sacrum . cul/tores . Larum / Maliae . et . Malioli / M. Cossutius / Macrinus / donavit*. Hübner propõe uma datação próxima de 108 d. C. (cf. CIL II 174).

32 – Cf. Santero Santurino, 1978, p. 45-46.

Relativamente a esta inscrição, Santero Santurino considera que se trata de mais um exemplo do culto doméstico dos *Lares*, frequente na epigrafia, protagonizado, neste caso, pelos escravos e libertos da família de *Malia*; estes teriam invocado *Aesculapius* devido a uma doença³³.

O desaparecimento deste texto, em meados do século XVIII, provoca algumas dificuldades na identificação dos indivíduos aí documentados. O nome do responsável pela dedicatória não oferece dificuldades: *Cossutius*, gentílico de origem etrusca³⁴, regista-se apenas nesta inscrição, na Península Ibérica³⁵; quanto a *Macrinus*, trata-se de um antropónimo que está documentado quer com a função de gentílico³⁶, quer com a função de *cognomen*³⁷, fazendo parte da onomástica presente na epigrafia do território olisiponense³⁸. No que respeita aos nomes registados na linha 5, a proposta de Vieira da Silva — *Maliae et Malioli* — segue a leitura dos autores que transmitiram o texto da inscrição, mas não é certo que os dois nomes estivessem separados por *et*³⁹. Se aceitarmos a existência de *et*, teremos de admitir uma referência aos *Lares* de duas pessoas: *Malia* e *Maliolus*. *Mal(l)ius-a* é um gentílico conhecido no mundo romano e ocorre apenas em Mérida, no que se refere ao território peninsular⁴⁰. *Mal(l)iolus* é um *cognomen* latino, desconhecido em outras inscrições peninsulares, relacionado com *Mal(l)ius*⁴¹. Embora não possamos ter a certeza do estatuto de *Malia* (liberta ou *ingenua* ?), esta devia pertencer certamente a uma família abastada, cujos escravos e libertos se associaram na manutenção do culto doméstico.

Apollo

Numa árula de calcário, proveniente de *Conimbriga*, *Caecilia Avita* cumpriu o seu voto *Apollini Aug(usto)*⁴². Segundo Étienne, na Península Ibérica, o culto a Apolo Augusto, surgido em finais do século I, expandiu-se durante o século II⁴³. A dedicante usa um *nomen* latino frequente na Península Ibérica, sendo de salientar, no *conventus Scallabitanus*, a abundância em *Olisipo* e seu território⁴⁴; o *cognomen Avitus/a*, é muito usado pela população do *conventus Scallabitanus*⁴⁵. Note-se a

33 – Vide Santero Santurino, 1978, p. 45, que indica vários exemplos: *Cultores Larum Sex. Antoni Mansueti* (CIL XII 2677); *Collegium Larum in domo Iuliana* (CIL XIII 1747); *Collegium Larum Marcellini* (CIL IX 2481). Vasconcelos, 1913, p. 292-293, admite, com pouca convicção, a possibilidade de estarmos perante um exemplo de *Lares publici* e não *domestici*, devido à presença do epíteto *aug(ustus)*. Em Ampúrias, regista-se mais uma ocorrência do culto doméstico dos *Lares*: *M. Cornelio / M. fil. Gal. / Saturnino Pat(erno?) / aed. Ilvir. flam. / cultores Larum* (ILER 1566 = Hep 4, 1994, nº 408, com nova proposta de desdobramento na linha 3: *pat(ri?)*).

34 – Schulze, 1966, p. 67, 110 e 159. Está documentado em Pisa (CIL XI 1415) e em *Tarquinius* (CIL XI 3374).

35 – Cf. ILER, p. 684.

36 – Cf. Solin e Salomies, 1988, p. 109; Schulze, 1966, p. 61, nota 7: *Macrina Verina* (CIL V 5459), por exemplo.

37 – Cf. Solin e Salomies, 1988, p. 355; Schulze, 1966, p. 61, nota 7: *Minicius Macrinus*, *Brixianus* referido por Plínio (Plin. ep. 1, 14, 5). Segundo Vasco Mantas (IRMMTV, p. 64), é uma variante do *cognomen* de *Macer*.

38 – CIL II 303 = Cardozo, 1956, nº 10 (S. Miguel de Odrinhas): *L. Iulius M. f. Gal. Macrinus*. Na Península Ibérica está escassamente representado, sempre como *cognomen* (vide ILER, p. 714).

39 – Vide a este propósito as variantes de leitura indicadas em EO 31, p. 131, as observações de RAP, p. 370, bem como a análise de Monteiro, 1992, p. 136, relativamente às leituras deste texto, em duas cópias da obra de Coelho Gasco, autor do século XVIII, que ainda viu a inscrição. A proposta de Hübner (vide CIL II 174) quanto à reconstituição dos nomes da linha 5 (*Manlia et Manlioli*) não é aceitável, tendo em conta a leitura registada nos manuscritos que referem a inscrição, bem como pelo facto que *Malia* e *Maliolus* estão documentados na epigrafia (cf. notas 40 e 41).

40 – Solin e Salomies, 1988, p. 111, referem a sua ocorrência, quer na forma *Malius*, quer na forma *Mallius*. ILER, p. 715, cita dois testemunhos de Mérida, relacionados com libertas: *Mallia Galla, mulieris lib(erta)*, falecida aos 41 anos (CIL II 558 = ILER 5808); *Mallia Macaria*, que recorda *Ap(h)rodite*, sua mãe (ILER 6215). Note-se que *Macarius-a* também é um antropónimo raro na Península Ibérica (cf. ILER, p. 714), identificando mais uma liberta (ILER 3586, Martos: *Iulia Q. I. Macaria*) e ainda uma *ingenua* (ILER 6476, Cartagena: *Clodia C. f. Macaria*); Solin e Salomies, 1988, p. 109, incluem-no apenas entre os *nomina*, com a grafia *Maccarius*.

41 – Cf. Solin e Salomies, 1988, p. 356, que registam a sua ocorrência na forma masculina (*Malliulus*, CIL V 997) e na forma feminina (*Malliola*; *Maliola*, PIR M 150).

42 – RAP 238 (datável do século II): *Apollini / Aug(usto) / Caecilia / Avita / v. s.*

43 – Étienne, 1974, p. 340.

44 – Cf. Ribeiro, 1982-83, p. 451, notas 86 e 87. Note-se que, exceptuando *Caecilia Avita*, os *Caecilii* estão ausentes da epigrafia dos territórios de *Conimbriga* e dos municípios mais próximos: *Aeminium*, *Bobadela*, *Collippo* e *Seilium* (cf. FC; Le Roux e Fabre, 1971; IRMMC; Anacleto, 1981; ERC; Ponte e Fernandes, 1993).

45 – *Avitus/a* está abundantemente documentado nos territórios de *Olisipo*, *Seilium*, *Collippo* e *Conimbriga* (Cf. IRMMTV, p. 75 notas 308 a 310; Ponte e Fernandes, 1993, p. 181-182).

existência, no território olisiponense, de um *M. Caecilius Q. f. Gal. Avitus*, filho de um *aedilis*; aliás, os *Caecilii* fizeram parte da burguesia do território olisiponense, pelo menos durante o século I d. C.⁴⁶. É, pois, no contexto dos actos político-religiosos das burguesias municipais, que se enquadra esta dedicatória a Apolo Augusto ⁴⁷.

Fons

Na Ericeira, *Atilia Pub[li] ou lic(ii) f.] Amo[ena]* colocou, no século II, uma árula à «fonte»⁴⁸. Cardim Ribeiro relaciona a fonte consagrada por *Atilia Amoena* com as águas de qualidades terapêuticas da Ericeira, localizadas perto da ermida de Santa Marta; coloca também a hipótese de, perante a tradição termal desse local e os vestígios arqueológicos da área envolvente, ter aí existido um complexo termal, abastecido pelas nascentes hidrominerais que motivaram a inscrição votiva de *Atilia Amoena*⁴⁹. O gentílico da dedicante está documentado no território olisiponense⁵⁰, sendo frequente na Península Ibérica⁵¹; o seu *cognomen*, também documentado no *ager olisiponense*, é abundante na Península Ibérica, concentrando-se na Lusitânia⁵².

Fortuna

Na freguesia de Assentis, concelho de Torres Novas, foi encontrada uma inscrição dedicada a *Fortuna*, actualmente desaparecida⁵³. A dedicante identifica-se somente com o *cognomen* geográfico latino, *Sabinus/a*⁵⁴, bem documentado na Península Ibérica⁵⁵; a denominação de tipo peregrino poderá denunciar uma indígena⁵⁶.

Genius

Em Poço de Cortes, Lisboa, foi encontrada uma árula votiva de calcário, datada de finais do século II, e dedicada ao *Genius*, cujo texto foi objecto de várias interpretações; seguimos a leitura, bem fundamentada, de Cardim Ribeiro⁵⁷. A dedicante, *Aponia Nicopolis*, é uma liberta, como nos indica uma outra inscrição do território de *Olisipo*, na qual *P. Aponius Iulianus* e *Aponia Nicopolis* memoram a sua filha, *Aponia P. f. Iuliana*⁵⁸.

Estamos perante uma dedicatória ao génio pessoal de uma mulher, facto que pode ser explicado por uma actuação relevante da dedicante, no âmbito do núcleo familiar documentado na inscrição funerária, que tenha conduzido, por exemplo, ao início da mudança de estatuto jurídico do agregado familiar; assim, não seria de estranhar a dedicatória feminina ao Génio, «oficialmente» masculino, que assumiria, neste caso, a conotação de *genius familiae*⁵⁹.

46 – Cf. Cardim Ribeiro, 1982-83, p. 362 e 363; CIL II 192 (*C. Caecilius Q. f. Gal. Gallus aed.*). Vide IRMMTV, p. 75.

47 – Vide IRMMTV, p. 75.

48 – RAP 249 = FE 5, 1983, 16 = Ribeiro, 1983, p. 338-340: *Atilia . Pub[li] ou lic(ii)] / [f(ilia)] . Amo[ena]*. / *Fonti / a(nimo) l(ibens) p(osuit)?*; na linha 3 poderia estar *fonti[bus]*, forma no plural, atestada em CIL II 446, por exemplo.

49 – Cf. Ribeiro, 1983, p. 341-346.

50 – CIL II 274 (*Q. Atilius M. f. Fundanus*); Cardozo, 1958, nº 4 (*Atilia M. f. Maxuma*) e nº 7 (*[...] Atilius [...] Aper*). Refira-se ainda CIL II 263 (*C. Cominius Atilianus eques romanus*).

51 – Cf. ILER, p. 664.

52 – Untermann, 1965, mapa nº 8.

53 – RAP 252 = CIL II 331: *Fortunae / Sabina / v. s. l. a.*; é possível que a inscrição provenha de uma das *villae* romanas detectadas na área da freguesia de Assentis, concelho de Torres Novas, ou da vizinha freguesia da Madalena, concelho de Tomar (Cf. Batata et alii, 1993, p. 535 e 543).

54 – Cf. Kajanto, 1982, p. 186.

55 – ILER, p. 743.

56 – Alföldy, 1966, p. 37. O facto de existir em *Seilium*, uma *Sabinula*, peregrina casada com um indígena romanizado (CIL II 333 e 334), parece reforçar essa suposição, já que este voto a *Fortuna* foi encontrado no território *seiliense* (Cf. Ponte e Fernandes, 1993, p. 177).

57 – Ribeiro, 1987, p. 311-325, esp. p. 320-323 = RAP 255 = HEp 2 1990 812: *G(enio) s(uo) / Aponia Nico/polis Genio sacrum / a(nimo) l(ibens)*. Para as diversas interpretações da inscrição, vide Ribeiro, 1987, p. 312-315.

58 – HEp 2 1990 814, Santa Maria, Loures, finais do século II / inícios do século III: *D(is) M(anibus) / Aponiae P(ublii) f(iliae) Iulianae / P(ublius) Aponius Iulianu[s] / et Aponia Nicopo/lis filiae*. Vide Ribeiro, 1987, p. 320, 322-323.

59 – Cf. Ribeiro, 1987, p. 319-321.

Iuppiter

No *conventus Scallabitanus*, há várias dedicatórias a *Iuppiter*⁶⁰ protagonizadas por mulheres. Em Fornos de Algodres, uma indígena, *Prociila* (sic) *Camali f.*⁶¹, cumpriu o voto a Júpiter Ótimo Máximo, através de uma ara de granito⁶². Em Arrifana, Feira, uma árua de granito, cujo texto apresenta algumas dificuldades de interpretação, testemunha mais um voto a Júpiter⁶³. A dedicante, *Valeria Marcella*, apresenta um gentilício vulgar em território peninsular⁶⁴, tal como o seu *cognomen*⁶⁵.

Existe uma árua de calcário, oriunda de Santarém, que tem sido objecto de várias leituras, sem que se tenha atingido ainda uma solução incontroversa quanto ao teónimo aí registado⁶⁶. Foi publicada pela primeira vez, em 1966, por Mendes de Almeida e Bandeira Ferreira, que propuseram na 1ª linha a seguinte leitura: *lovi C(onservatori) I(unioni) R(eginae)*⁶⁷. No entanto, os editores do *Année Épigraphique*, baseando-se na fotografia publicada, preferiram a leitura *Loucir*, divindade desconhecida⁶⁸. Manuel Garcia concorda com a hipótese do *Année Épigraphique*, defendendo a existência de um *l* no final da 1ª linha, o que permitiria ler *Louciri*, uma nova divindade indígena⁶⁹. No entanto, tendo em conta as dificuldades de leitura da 1ª linha, o carácter predominantemente actuário das letras e a dúvida metódica que um *hapax* sempre suscita, preferimos, sob reserva, incluir esta inscrição entre as dedicatórias femininas a *Iuppiter*⁷⁰. A dedicante, *Aemilia Vitalis*, identifica-se com um *nomen* abundante na Península Ibérica⁷¹, e um *cognomen* latino, bem documentado⁷².

Mars

Numa inscrição, actualmente desaparecida, proveniente de Tomar, registava-se uma dedicatória a Marte, efectuada por *Allia Amoena*, *in honorem* do seu filho, *T. Aemilius Martianus*⁷³. A dedicatória votiva associa-se a um contexto funerário, buscando-se a protecção do defunto pela divindade invocada, tal como na inscrição de Mercúrio de Lafões (RAP 228) e numa placa votiva de granito, encontrada em Viseu, cujo teónimo se desconhece⁷⁴.

60 – Para uma análise do culto de Júpiter na Península Ibérica, consulte-se Ribeiro, 1982-83, p. 234-251.

61 – Garcia, 1991, p. 393, sugere a leitura *Procela*, como variante de *Prociila* (ILER 5043 e 5518). *Camalus* é *cognomen* indígena bem documentado (Cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 57-58). Relativamente à questão da difusão do culto a I. O. M. em contextos pouco romanizados, vide Alarcão, 1988, p. 167-168, por exemplo.

62 – RAP 309: I. O. M. / *Prociila* / *Camali* / f. vot/um s.

63 – RAP 314: *lovi* . *Optimo* . *Victori?* . *Conservatori?* . *Prestabili?* . / vot(um) ex m/ente con/ceptum / *Valeria* / *Marcella* / *solvit* / *libens* / *t(itulum?) v(otum)*. É possível que na 1ª linha se deva ler apenas *lov(i)*, se não tivermos em conta os *puncta* (Cf. RAP, p. 395).

64 – Segundo Knapp, 1978, p. 221 (quadro X), *Valerius* está entre os 20 gentilícios mais documentados na Península Ibérica, ocupando o segundo lugar.

65 – *Marcella* é um *cognomen* latino, derivado de *praenomen* e abundante no mundo romano (cf. Kajanto, 1982, p. 173), assim como no território peninsular (ILER, p. 716).

66 – RAP 162 (atribuída à segunda metade do século I, sob reserva): *Louciri* / *Aemilia* / *Vitalis* / I. a. v. s.; a leitura das linhas 2, 3 e 4 é segura.

67 – Almeida e Ferreira, 1966, p. 27-33, que sugerem a existência do nexa VI. A sua leitura foi seguida em ILER 68; Cardim Ribeiro também aceitou a hipótese de se tratar de uma consagração a *Iuppiter Conservatori* (Cf. Ribeiro, 1982-83, p. 249, nº 138).

68 – AE, 1966, 176, p. 49. Os editores acharam que a primeira letra seria um *L* e não um *I*, pondo ainda a hipótese de existir um *A*, e não um *R* no fim da 1ª linha.

69 – Cf. RAP, p. 336; este autor considera inseguro o nexa VI, defendendo também que a primeira letra é um *L*. José d'Encarnação não faz nenhuma referência a este teónimo na atualizada lista de divindades indígenas da Lusitânia, que publicou recentemente na revista *Conimbriga* (Cf. Encarnação, 1987, p. 5-37).

70 – A associação de Júpiter com Juno Regina, no mesmo texto votivo, está documentada na Península Ibérica (Cf. HEp 1, 1989, 457; HEp 2, 1990, 85) e outras áreas do mundo romano (CIL XI 1545 e 6050, por exemplo).

71 – Cf. Knapp, 1978, p. 221, quadro X.

72 – Segundo Kajanto, 1982, p. 274, está abundantemente representado no mundo romano, tendo mais de um milhar de registos no CIL.

73 – RAP 394 = CIL II 5026: *Marti sacrum* / *Allia* . *Amoena* / *in honorem* / *T. Aemili* . *Martiani* / *fili* . *fecit*.

74 – RAP 639a: [... *s*] *iacrum* [...] / [in ? *hon*] *orem* / [...] *Strabonis* / [...] *Memmia*. O gentilício da dedicante, frequente na Itália e em África (Lassère, 1977, p. 183), bem documentado na Península Ibérica (ILER, p. 720), só surge mais uma vez no *conventus Scallabitanus*, em Casal das Vivas, Sintra (Cardozo, 1961, p. 269-270) : [*D.*] *m.* / [*Memmi*] *ae* / [...] *an* [*norum*] / [...] *Mem* / [*m*] *ia* *Arant* [*a*] / *mater* *f* [*iliae*] *p* [*ientissimae*] *p* [*osuit*]. Na Bética, está associado a indivíduos de elevado estatuto social e económico (Cf. ILER 1446, 1459, 1460 e 1756).

A dedicante, *Allia Amoena*, usa um gentílico que atinge cerca de três dezenas de registos na Península Ibérica, com especial concentração na Lusitânia⁷⁵. Trata-se de um nome fortemente ligado a contextos indígenas, em território peninsular, tendo ocorrido, provavelmente, uma assimilação com a forma indígena deste nome⁷⁶. Os *Allii* da vizinha *Conimbriga* tiveram um certo peso económico na região⁷⁷. *T. Aemilius Martianus* apresenta os *tria nomina*, com ausência de filiação e de menção de *tribus*, pelo que poderá ser um *civis latinus*⁷⁸.

M(ens?) B(ona?)

Em Paranhos da Beira, concelho de Seia, foi encontrada uma ara de granito, datada de finais do século I, com o seguinte texto: *M. B. S. / lunia Firmina / a. l. v. s.* (RAP 567). A indicação do teónimo através de siglas pode estar relacionada com a colocação da ara no santuário da divindade⁷⁹. Patrício Curado colocou várias hipóteses para o desdobramento das siglas da 1ª linha⁸⁰, tendo em conta possíveis paralelos na epigrafia votiva das Beiras: *M(arti) B(oro)*⁸¹; *M(ercurio) B* (= epíteto)⁸²; *M(unidi) B* (= epíteto)⁸³; *M(atri) B(onae)*⁸⁴. Mais recentemente, Francesca Cenerini propôs uma outra interpretação — *M(enti) B(onae)*⁸⁵ —, salientando a possível ligação de *Mens Bona* com a *gens lunia*⁸⁶.

Tendo em conta que o culto de *Mens Bona* está atestado sobretudo em Itália, Francesca Cenerini coloca a hipótese de *lunia Firmina* ser de origem itálica⁸⁷. O seu gentílico está bem representado na Península Ibérica, com especial concentração na Lusitânia e na Bética, facto que está certamente relacionado com a acção de *D. Iunius Brutus Callaicus* na *Hispania Ulterior*, no século II a. C., entre outros *lunii* que governaram a *Hispania*, até aos inícios da época imperial⁸⁸.

As fontes literárias referem vários *lunii* hispânicos, sendo o mais ilustre o escritor *L. Iunius Moderatus Columella*, oriundo de *Gades*, porto bético onde abundam os *lunii*⁸⁹. Na Lusitânia, os *lunii* estão bem documentados em *Emerita Augusta*, bem como no *conventus Pacensis*⁹⁰, onde, a par de *lunii/ae* ligados ao culto imperial⁹¹, se regista um senador de *Ebora*, *Q. Iulius Cordus Iunius Ma(u)ricus*, adoptado por *Iunius Mauricus*, senador exilado pelo imperador Domício, em 93 d. C.⁹².

75 – ILER, p. 656.

76 – Cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 30. Aliás o seu *cognomen* é também frequente em contextos indígenas.

77 – A marca *Allia* aparece em pesos de tear de *Conimbriga* (FC 298 a-b), cidade onde se registam duas aras funerárias e uma placa funerária documentando *Allii/ae* (FC 36 e 63; FE 24, 1987, 109). Assinale-se ainda a sua provável relação com os *Allii/ae* de *Aeminium* (Le Roux e Fabre, 1971, nº 4 e nº 5), e as ligações destes a *Emerita Augusta* – ILER 3314: *G. All(ius) M. li[b.] Aeminiens[is]*.

78 – Alföldy, 1966, p. 47-50.

79 – Cf. Encarnação, 1985/86, p. 307.

80 – Curado, FE 17, 1986, nº 76, considerou que a sigla S corresponderia a *s(acrum)* ou *s(ancto/a)*, no que foi seguido por Manuel Garcia (RAP, p. 504). Encarnação, 1985/86, p. 308, chamou a atenção para a possível relação desta inscrição com uma ara de Cristelo, Paredes de Coura, cujo texto, segundo a interpretação de Manuel Garcia (RAP 574), é o seguinte: *Se(xtus) . Q(uiinti) / f(ilius) M (?) B (?) . v(otum) l(ibens) / so(lvit)*.

81 – RAP 223: *Marti Boro* (Monsanto).

82 – Refere RAP 408: *Deo Mercurio* (Infias, Fornos de Algodres); *Mercurius* com epíteto está documentado em S. Pedro do Sul (RAP 228) e em Idanha-a-Nova (RAP 227).

83 – CIL II 424 (corrigido), sem epíteto, em Celorico da Beira.

84 – Não está documentado na zona.

85 – Cenerini, 1989, p. 115. Quanto à indicação do nome da divindade em sigla, a investigadora sugere que a dedicante deseja, psicologicamente, uma relação privilegiada com a divindade invocada, não necessitando, nem querendo, desvendar o seu nome publicamente; Cenerini não nega a possibilidade de a ara ter sido colocada num santuário da divindade, sem que essa possibilidade altere o tipo de relação proposto (idem, p. 115, nota 8).

86 – Segundo Macróbio, o mês de Junho (*Iunius*) recorda o primeiro cônsul de República romana, *M. Iunius Brutus*, que instituiu o culto de *Carna*, cuja festa se celebra em Junho, tal como *luno* (*Moneta*) e *Mens* (*Bona*), divindades relacionadas com a protecção da saúde; além disso, o *magister Iunius*, de Carsoli, foi relacionado com o culto de *Mens* (Cf. Cenerini, 1989, p. 115-116 e notas 10-16).

87 – Vide Cenerini, 1989, p. 119.

88 – Cf. Dyson, 1980/81, p. 276-280.

89 – Dyson, 1980/81, p. 276 e notas 40-42.

90 – Idem, p. 276; IRCP, p. 862.

91 – IRCP 11 e 186.

92 – Cf. IRCP, p. 493 e nota 1; Cenerini, 1989, p. 118-119 e notas 24-29.

No *conventus Scallabitanus*, como vimos no capítulo I, registam-se *lunii/ae* em *Olisipo* e seu território⁹³ e em *Aeminium*⁹⁴, salientando-se *M. Iunius Latro, conimbrige(n)sis, flamen provinciae Lusitaniae*⁹⁵.

Minerva

Em Valado de Frades, concelho de Alcobaça, encontrou-se uma dedicatória a Minerva, *in memor[i]am Cari[s]iae G. f. Qui[n]tillae*; o nome do dedicante desapareceu, restando somente três letras, que não permitem sequer determinar com exactidão o sexo do autor da dedicatória⁹⁶.

Na Lusitânia, a *gens Carisia* concentra-se no território de *Collippo*: além da inscrição a Minerva, documenta-se em Leiria, no epitáfio incompleto de *Diadumenus Carisiae Avitae lib.* (CIL II 5233)⁹⁷. *Carisia G. f. Quintilla* usa um *cognomen* latino, derivado de *Quintus*⁹⁸, frequente na Península Ibérica⁹⁹ e especialmente bem documentado na Lusitânia, nomeadamente no *conventus Scallabitanus*¹⁰⁰. Este *cognomen* está relacionado, de um modo geral, com ambientes de elevado grau de romanização, em termos culturais e sociais¹⁰¹, situação que se verifica certamente em Valado dos Frades. Aí teria existido uma *villa* romana, pelo que Jorge de Alarcão considera a possibilidade de que a dedicatória a Minerva seja um exemplo de devoção particular de uma família culta, com gostos literários, tendo em conta o achado de um sarcófago com representações de musas, nesse local¹⁰².

Pietas

Na *splendidissima civitas* de Bobadela (concelho de Oliveira do Hospital), documenta-se uma dedicatória à *Pietas*¹⁰³. A dedicante, *Iulia Modesta*, tal como o seu marido *Sex. Aponius Scaevus Flaccus*, participou no culto imperial como *flaminia*, e actuou como *benemérita* na *civitas* de Bobadela (cf. CIL II 397); a *flaminica* seria parente dos *Iulii Modesti* da *civitas Igaeditanorum*, pertencentes à burguesia local do século II¹⁰⁴.

Esta dedicatória constitui mais um exemplo de devoção à família¹⁰⁵, apresentando a particularidade de homenagear publicamente a *gens* dos pais da *flaminica*, em simultâneo com a *gens*

93 – ILER 745, 4239, 5208; RERC 14.

94 – ILER 3995.

95 – FC 24 = CIL II 5264, dedicatória imperial, oriunda de Mérida.

96 – RAP 410 = CIL II 351: *Minerva[e] / sacrum / in memor[i]am Cari[s]iae . G. f. Qui[n]tillae [...] / [...] nia[...]* . No *conventus Scallabitanus*, existe apenas mais uma dedicatória a Minerva, possivelmente com o epíteto *Sangra*, registada numa árua de calcário, proveniente de *Conimbriga*, cujo estado de conservação não permite identificar nem o nome, nem o sexo do dedicante (Cf. García, 1987, p. 50 = RAP 410a).

97 – Relativamente a *Carisius*, vide Palomar Lapesa, 1957, p. 60; Schulze, 1966, p. 147; ERC, p. 105, com mais bibliografia. *Carisius* está também documentado (por vezes como *cognomen*) na Tarraconense, sobretudo no Noroeste peninsular (Untermann, 1965, mapa nº 30), facto que poderá estar remotamente ligado às campanhas de *Publius Carisius*, nessa área (relativamente às campanhas, vide Alarcão, 1988, p. 28): CIL II 2583 (Lugo), 2592 (Lugo), 2740 (Segóvia), 2802 (Clúnia); EE VIII 118 (Braga); HEp 2, 1990, 118 ? (Peñalba de Castro) e 183d (cueva de Román, *Clunia*). Saliente-se a inscrição CIL II 2583, datável do século I, que regista um *miles* da *Legio VII Gemina*, que pertenceu à centúria de *Carisius Rufus*; Le Roux, 1972, p. 126, nota 1, propõe uma origem peninsular para o centurião, tendo em conta que Holder atribui uma origem céltica a este gentílico (cf. Holder, 1961-1962, I, p. 788, cit. por Le Roux); sugere ainda que a família do referido centurião terá recebido a cidadania romana de *Publius Carisius*. Segundo, Lassère, 1977, p. 175, os *Carisii* são frequentes na Campânia e estão representados em África.

98 – Cf. Kajanto, 1982, p. 78.

99 – ILER, p. 739.

100 – Cf. IRMMTV, p. 52-53.

101 – IRMMTV, p. 53.

102 – Cf. Alarcão, 1988, p. 172. Estes achados, juntamente com o registo de um liberto de *Carisia Avita*, vêm reforçar a ideia de que os *Carisii* do território coliponense seriam gente abastada, com possíveis relações com o estrato indígena, já que o *cognomen Avitus/a*, na Península Ibérica, é abundante na Lusitânia, documentando-se predominantemente em contexto indígena (cf. Untermann, 1965, mapa nº 14; ERC 20, 30 e 31, por exemplo).

103 – RAP 421: *Pietati sacrum / Iulia Modesta ex patrimonio suo / in honorem gentis Sex. Aponi Scaevi Flacci mariti sui flaminis / provinc. Lusit. et in honorem / gentis Iuliorum parentum suorum*.

104 – Ver capítulo IV- a).

105 – Neste âmbito, saliente-se a dedicatória à *Pietas Aug(usta)*, feita por *Valerius Maximus* à sua memória e à das suas filhas (RAP 419 = CIL II 332: Tomar). Na Lusitânia documenta-se mais uma dedicatória à *Pietas Aug(usta)* em *Conimbriga* (FC 17).

do seu marido¹⁰⁶. O culto da *pietas* não conheceu grande expansão em território peninsular, sendo habitualmente invocada com o epíteto *Aug(usti/usta)*¹⁰⁷, num claro contexto de devoção a uma virtude cardeal do Imperador¹⁰⁸. Aliás, atendendo ao facto de que *Iulia Modesta* é uma flâmnia do culto imperial, é possível que na dedicatória de Bobadela haja uma sobreposição entre a virtude imperial e a divindade protectora da família¹⁰⁹. Quanto aos dedicantes, o culto da *Pietas Aug.* e da *Pietas* restringiu-se a indivíduos de elevado estatuto jurídico¹¹⁰. De qualquer modo, esta dedicatória é reveladora quanto à importância dos círculos familiares no acesso às estruturas oficiais de poder¹¹¹, observação extensível às restantes flâmnicas documentadas no *conventus*, como se deduz da análise (efectuada no capítulo I) das alianças familiares dessas flâmnicas e dos seus parentes.

Successa

No século XVIII, perto de Santarém, foi encontrado um «cipo elegantissimo», com uma dedicatória aos deuses Sucessos, tendo sido levado para Lisboa por D. Tomás Caetano de Bem, clérigo e historiador, que o mandou «enclavar no muro da cerca do seu Convento de S. Caetano (actualmente Conservatório Nacional)»; em 1782, D. Francisco Perez Bayer, teólogo e historiador espanhol, ainda viu a inscrição no referido local, também indicado por Fr. Vicente Salgado, frade franciscano e antiquário, num manuscrito de finais do século XVIII¹¹². Actualmente, ignora-se o paradeiro da inscrição¹¹³, conhecendo-se apenas o seu texto:

Dibus / Successis / Rubria / Sabina (CIL II 325 = ILER 653).

Leite de Vasconcelos considera que se trata da divinização de uma ideia abstracta, situação similar à que sucede com *eventus*, “o acontecimento”, objecto de culto como *Bonum Eventum*¹¹⁴. *Successis* (no dativo), participio passivo, está substantivado, sendo o seu nominativo *successa*, no plural (“coisas sucedidas, êxitos, sucessos”), tal como *Fata*, de *Fatum*¹¹⁵; *dibus* surge como aposto sintático a *Successis*. Assim, a tradução de *dibus Successis* deverá ser “aos deuses Sucessos”, ou seja, “aos Sucessos, que são deuses”; o nominativo de *dibus Successis* é, portanto, *dii Successa*¹¹⁶; Segundo A. M.^a Vázquez Hoys¹¹⁷, esta é a única dedicatória a tais divindades conhecida no mundo romano.

No que se refere à dedicante, a ausência de filiação poderia levar-nos a atribuir-lhe uma origem libertina; no entanto, há que ter em conta que, na Lisboa do século XVI, «junto, ou por cima da Porta do Sol»¹¹⁸ existia uma inscrição (CIL II 249 = ILER 5127), hoje desaparecida, com o seguinte texto:

Rubriae. Q(uinti) / f(iliae). Sabinae / Q(uintus). Aemilius / Flaccus / [posuit] ?

Embora o desaparecimento dos dois monumentos nos impeça de saber se têm uma cronologia aproximada, tanto mais que a estrutura dos textos é muito sucinta, sem fórmulas votivas ou funerárias, a hipótese de as duas inscrições se referirem à mesma pessoa parece-nos bastante plausível. A única objecção, face à ausência dos monumentos, poderia ser o facto de as inscrições não terem vindo da mesma localidade. Analisemos então as possíveis relações entre os locais de achado das inscrições.

106 – Relativamente à importância da *gens Aponia* na Península Ibérica, vide capítulo IV.

107 – Cf. ILER, p. 55-56 e FC 17.

108 – Étienne, 1974, p. 320-321.

109 – FC, p. 38.

110 – Étienne, 1974, p. 329.

111 – Gallego Franco, 1995, p. 455.

112 – Cf. EO, p. 235 (nº 119), 236, 289-292, 315 e 322-324.

113 – Idem, p. 236.

114 – Por exemplo, CIL II 3095; 4612; CIL XI 5371; 6716, 4.

115 – Cf. CIL II 89 e 4314.

116 – Vide Vasconcelos, 1913, p. 311-312; cuja douta análise segui de perto nestas observações. Vázquez Hoys, 1990, p. 143-166, no essencial, concorda com a interpretação de Vasconcelos, relacionando esta dedicatória com as dedicatórias peninsulares a *Fortuna*, a *Bonus Eventus* e ao *Fatum* e a sua ligação a ritos propiciadores da fecundidade.

117 – Cf. Vázquez Hoys, 1982-83, p. 118 e p. 141, nº 109. A propósito desta inscrição, na nota 26, da p. 117, do artigo citado, Vázquez Hoys refere um trabalho seu, intitulado *A los dioses que son éxitos*, a ser publicado em 1984, na revista *Mainake*; no entanto, tal artigo foi efectivamente publicado na revista *Dianum*, V, 1990, p. 143-166.

118 – Segundo Jacobo Strada, antiquário e editor italiano de Mântua, que publicou, no ano de 1575, entre outras da Península Ibérica, 15 inscrições de Lisboa, que foram coligidas por vários autores, cf. EO, p. 187 (nº 77), 301 e 317.

Admitindo o termo de *Scallabis* como origem da dedicatória de *Rubria Sabina*, há que passar em revista a epigrafia da capital conventual e seu território. Em *Scallabis*, documentam-se sobretudo *Antonii* (4)¹¹⁹, uma *Iulia*¹²⁰, uma *Aemilia*¹²¹ e um possível *Pomponius*¹²². No seu território¹²³, registam-se mais dois *Iulii/ae*¹²⁴, a referida *Rubria* (CIL II 325) e, sintomaticamente, um *Aemilius*, cidadão romano, inscrito na tribo Galéria, tribo dos cidadãos de *Olisipo*¹²⁵. A este conjunto epigráfico, podemos juntar *scallabitanii* que se deslocaram para outras regiões do Império¹²⁶: [L. *Lucretius Sjerg(i) tribu*] *Robustus Scallabi*, soldado falecido em *Lambaesis*, aos 30 anos¹²⁷; *M. Paecius Avitus* e *L. Valerius*, soldados documentados numa inscrição de Roma, datável de finais do século I ou inícios do século II¹²⁸; o legionário *Lovesius Placidus, domo Sergi[a] Scallabi*, falecido aos 36 anos, em Tarragona, entre o final do século I e inícios do século II¹²⁹. Verifica-se, pois, que o gentílico dominante é *Antonius/a*, seguido de *Iulius/a* e de *Aemilius/a*.

Dos gentílicos atestados em *Scallabis* e seu território, só *Paecius* e *Pomponius* estão ausentes da epigrafia de *Olisipo*¹³⁰. Quanto aos restantes gentílicos, tomando em consideração os dados do CIL II para *Olisipo*, *Iulius/a* ocupa uma destacada primeira posição (6,59%), *Aemilius/a* ocupa a sexta posição (1,86%), juntamente com *Pompeius/a*, *Antonius/a* a sétima posição (1,24%), com mais quatro gentílicos, e *Lucretius/a*, como outros, não chega a 1%¹³¹. Se a proximidade das duas *civitates*, com limites confinantes, e a presença da quase totalidade dos gentílicos de *Scallabis* na epigrafia de *Olisipo* permitem supôr relações estreitas entre a população dos dois territórios, o facto de vários *Antonii* e *Iulii* presentes na epigrafia de *Scallabis* serem cidadãos romanos oriundos de *Olisipo*, confirma tais relações¹³². No que se refere aos *Aemilii/ae*, na Lusitânia¹³³ têm uma especial concentração em *Emerita* (10 registos), situando-se Cáceres (4 registos) e *Olisipo* (3 registos) na segunda e terceira posições, respectivamente. Note-se que, no *conventus Scallabitanus*, os *Aemilii/ae*

119 – CIL II 327: *M. Antonius M. f. Gal. Lupus olisiponesis*; 328: *Q. Antonius M. f. Gal. Celer olisipone<n>sis*; 329: *Antonia M. f. Marciana*; 330: *Antonia Modesta*.

120 – CIL II 330: *Iulia Rufina*.

121 – RAP 162: *Aemilia Vitalis*.

122 – Cf. AE 1966, 177 = RAP 546 = Cruz, 1986, p. 115-121: [L. Pom]ponius [M. f. C]apito.

123 – Quanto aos seus limites, vide Alarcão, 1988, p. 48; Ribeiro, 1994, p. 80-81.

124 – AE 1965, 266, em Santa Iria, Vila Franca de Xira: [Iul]ia P. filia [M]arcellina [s]joror, [P.] Iulius Rufinus [G]al. olisip. frater.

125 – CIL II 326: *M. Aemilius M. f. Gal. Tuscus*. Relativamente à atribuição da tribo Galéria a *Olisipo*, vide Ribeiro, 1994, p. 77 e Alarcão, 1988, p. 47.

126 – Cf. García Martínez, 1991, p. 292-293; García Martínez, 1994, p. 459-460.

127 – CIL VIII 3182, cuja leitura foi revista por Marcillet-Jaubert, 1987, p. 205-208 = AE, 1990, 1041.

128 – CIL VI 2614. Curiosamente, em *Olisipo*, documenta-se *L. Valerius Gal. Severus*, num epitáfio datável do século I (cf. EO 125).

129 – AE 1987, 736 = HEp 3, 1993, nº 368. *Lovesius* é um antropónimo de origem pré-romana, relacionado com nomes peninsulares como *Lobessa*, *Lobesa*, *Lovesus*, *Lovessa*, *Lovessius*, sendo característico da Lusitânia e da área galaica (Cf. Albertos Firmat, 1985, p. 286; IRCP, p. 549; Palomar Lapesa, 1957, p. 77-78; Untermann, 1965, mapa nº 48). A sua ocorrência como gentílico é rara (cf. Schulze, 1988, p. 105); além do *Scallabitanus* referido, conhece-se *C. Lovesius Cadarus, miles* originário de Mérida, que prestou serviço em Deva (*Britannia*) na 2ª metade do século I (García Martínez, 1991, p. 292; RIB 501 = EE IX, 1063).

130 – EO, p. 276-283.

131 – Cf. Ribeiro, 1982-83, p. 449-451, notas 85 e 86.

132 – Vide notas 119 e 124.

133 – Cf. mapa *Aemilius/a*, que ilustrou a comunicação de J. Cardim Ribeiro, intitulada *O territorium de Felicitas Iulia Olisipo municipium civium Romanorum – contributos para a definição dos seus limites*, apresentada ao Seminário «O Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o Seu Território (17-19 Março de 1989)», mas que não foi incluída nas actas. A inscrição (AE 1987, 566) localizada no mapa em Viseu, é originária de Miranda do Douro, distrito de Bragança, embora esteja depositada no Museu Grão Vasco de Viseu (cf. HEp 3, 1993, nº 448).

Assim, documentam-se *Aemilii/ae* no *conventus Emeritensis* em *Emerita* (10 inscrições), Cáceres (CPILC 23, 94, 376; HEp 2, 1990, 376) e *Idanha-a-Velha* (CIL II 438), num total de 15 registos; no *conventus Pacensis*, em Faro (IRCP 10), Quinta de Marim, Olhão (IRCP 38), em Silves (IRCP 71), em Tavira (IRCP 81), em Mértola (IRCP 101 e 114) e em Beja e arredores (IRCP 286; FE 24, 1987, 11: *Aemi[...]*, provavelmente como *cognomen*), num total de 8 registos; no *conventus Scallabitanus*, em *Olisipo* (CIL II 200: [...] *Aemilius [...] Gal. Niger*; CIL II 249: *Q. Aemilius Flaccus*), na Granja dos Serrões, Sintra (HAE 2123: *Aemilia C. f. Boutia*), em *Scallabis* e arredores (CIL II 326; RAP 162), em *Seilium* (CIL II 5026) e em *Conimbriga* (CIL II 369), num total de 7 registos.

localizam-se preferencialmente em *Olisipo* e em *Scallabis*, com 5 inscrições, num total de 7134, ou seja, nas áreas onde foram encontradas as epígrafes referentes a *Rubria Sabina*¹³⁵. Assim, reforça-se a hipótese de que a *Rubria Q. f. Sabina* que surge associada a *Q. Aemilius Flaccus*, em *Olisipo*, é a mesma *Rubria Sabina* que mandou fazer uma dedicatória aos deuses Sucessos, no território de *Scallabis*. A dedicante da inscrição votiva analisada seria então de condição livre, estando relacionada, por via masculina, com a *gens Aemilia*, que conta maioritariamente com cidadãos romanos, inscritos na *tribu Galeria*, nos territórios de *Olisipo* e *Scallabis*¹³⁶.

Quanto à cronologia das inscrições que registam *Rubria Sabina*, para além da simplicidade dos seus textos, a analogia com outras inscrições dos territórios de *Olisipo*, *Scallabis* e da vizinha *Salacia*, permite-nos chegar a uma datação, que será sempre uma mera hipótese de trabalho, perante o desaparecimento dos referidos monumentos. Em primeiro lugar, a simplicidade do texto da dedicatória aos deuses Sucessos (teónimo + nome do dedicante), sem qualquer fórmula votiva, parece indicar uma datação alta, que talvez não ultrapasse os meados do século I, tendo em conta os pressupostos cronológicos relativos à epigrafia votiva, a nível peninsular e os paralelos locais¹³⁷. O texto funerário de *Olisipo* é igualmente sucinto (nome do defunto no dativo + filiação + nome do dedicante no nominativo), sem qualquer fórmula, embora a reconstituição de Vieira da Silva, que sugere a existência de uma 5ª linha, contendo uma fórmula final, seja plausível; de qualquer modo, a estrutura deste texto situa-o no século I¹³⁸. Os outros textos funerários de *Olisipo* e seu território, que documentam *Aemilii/ae*, pela sua estrutura¹³⁹ são igualmente datáveis do século I¹⁴⁰. Quanto ao epitáfio do *ager Scallabitanus*¹⁴¹, a paleografia e o formulário sugerem uma datação entre finais do século I e inícios do século II. Finalmente, é de salientar que, além de *Rubria Sabina*, o único membro da *gens Rubria*, conhecido na Lusitânia ocidental, terá vivido no território de *Salacia*, no século I¹⁴². De acordo com as conexões epigráficas propostas, pensamos que a dedicatória aos deuses Sucessos e o epitáfio de *Rubria Q. f. Sabina* podem ser atribuídos ao século I.

134 – Além das inscrições de *Olisipo* e de *Scallabis*, conhece-se uma dedicatória a Marte em honra de *T. Aemilius Martianus*, proveniente de *Seilium* (CIL II 5026), assim como uma inscrição funerária de *Conimbriga*, em que um dos dedicantes é *Fortunata Aemiliae lib.* (CIL II 369 = FC 46).

135 – Aliás, é interessante notar que as poucas inscrições documentando membros da *gens Rubria*, na Península Ibérica, surgem em locais onde estão presentes *Aemilii/ae*, exceptuando *Salacia: Emerita, Olisipo, Scallabis, Saguntum* (CIL II 3899, 6025, 6028; EE IX 368; HAE 511, 560), e *Valentia* (CIL II 3740). No entanto, esse facto, por si só, não nos permite afirmar que a relação de *Aemilii/ae* com *Rubrii/ae*, atestada em *Olisipo*, se verifica em outras áreas, tanto mais que *Aemilius/a* é um gentílico muito documentado na Península Ibérica (cf. nota 19 e Dyson, 1980 / 81, p. 267-270 e mapa *Aemilii*).

136 – Vide nota 125. A utilização pelos *Aemilii/ae* destes territórios de antropónimos pré-latinos como *Boutia* (Palomar Lapesa, 1957, p. 50-51) e de antropónimos latinos como *Tuscus*, com elevada concentração nesta área (cf. mapa *Tuscus/a*, que ilustrou a comunicação de J. Cardim Ribeiro citada na nota 133; vide também, Untermann, 1965, mapa nº 79: *ager olisiponensis* com 45,2% dos testemunhos registados na Península Ibérica, representando os testemunhos da Lusitânia 76,2% do total), denuncia, aparentemente, uma relação estreita com os estratos indígenas locais.

137 – Cf. Vázquez Hoys, 1982-1983, p. 108, nota 3. Uma outra ara votiva de Santarém (RAP 162), cuja dedicante é *Aemilia Vitalis*, foi datada da segunda metade do século I.

138 – Cf. Encarnação, 1995, p. 256.

139 – CIL II 200: [...] *Aemilius* [.. f. ?] / *Gal. Niger* / h. s. e. ; HAE 2123: *Aemilia* / C. f. *Boutia* / h. s. e.

140 – Cf. Encarnação, 1995, p. 256 e 262.

141 – CIL II 326: *D. m. / M. Aemilius. M. f. / Gal. Tuscus. an. XLV / i. t. f. c. h. s. e.*

142 – IRCP 196 (cipo funerário de lumachela cretássica rosada, oriundo da freguesia de Torrão, Alcácer do Sal): *L. Rubrius / Priscinus / ann. XXVI h. s. e.*; datável de inícios do século I, de acordo com o formulário e a paleografia (cf. IRCP, p. 269). Vide também Encarnação, 1995, p. 260.

Segundo IRCP, p. 269, o defunto poderá ser um indígena romanizado, devido à utilização dos *tria nomina*, com omissão da filiação. O seu *cognomen*, *Priscinus*, derivado de *Priscus* (cf. Kajanto, 1982, p. 288, que refere apenas 26 homens e 4 mulheres, documentados no CIL; na Península Ibérica está pouco documentado: ILER, p. 736 — *L. Rubrius*, 2524; *M. Cornelius*, 4782; FE 8, 1984, 34 — *Priscinus Prisci f.*), parece apoiar uma origem indígena. Embora, *Priscus/ca*, no território peninsular, seja frequente em contexto latino, surge associado a indígenas, com alguma frequência, na Lusitânia: *Prisca Frontonis f.* (ILER 4855, Idanha-a-Velha); *Priscus Maxillonis f.* (ILER 3475, Idanha-a-Velha); *Antubelliscus Priscus* (IRCP 487, Alandroal); *Priscus Lupi* (FE 23, 1987, 105, Nisa); *Priscus Arronis* (ILER 2615, Salamanca); *Calaetio* (ILER 3916). No *conventus Pacensis*, *Priscus/ca* e seus derivados (ILER, p. 736: *Priscianus/a*, *Priscilla*, *Priscinus*, *Priscion*. Vide Kajanto, 1982, p. 288) estão bem documentados (IRCP 86, 196, 231, 261, 391, 435, 484, 487; FE 23, 1986, 105; FE 26, 1988, 118), sendo de salientar a sua ligação a elementos de origem itálica (IRCP 391).

A gens *Rubria* está pouco documentada na Península Ibérica¹⁴³. Na Lusitânia, além de *L. Rubrius Priscinus (Salacia)* e de *Rubria Q. f. Sabina (Olisipo / Scallabis)*, encontramos, em *Emerita Augusta*, *C. Rubrius Proculus*, cidadão romano, inscrito na tribu *Papiria*, filho ou neto de uma liberta da gens *Numeria*¹⁴⁴ e, já no século II d. C., *C. Rubrius Flaccus tuccitan(us)*, filho de *Rubria Nais*¹⁴⁵. Pela sua *origo*, *C. Rubrius Flaccus* seria originário da Bética, província onde está também atestada *Rubria Fau[st]ina*¹⁴⁶.

Na Tarraconense, os *Rubrii* concentram-se no litoral, numa área situada entre Sagunto e a margem esquerda do rio Júcar. Em *Saguntum* e seu território, documentam-se *M. Rubrius M. I. Firmanus*¹⁴⁷ e *L. Rubrius Polybius*, *amicus* de *L. Antonius L. f. Gal. Numida*, no início da carreira equestre¹⁴⁸. Em *Valentia*, durante o século II d. C., *T. Rubrius T. f. Restitutus* manda fazer, de *suo*, uma ara de mármore, dedicada a *Fortuna*¹⁴⁹; na mesma cidade, *L. Rubrius Eutyches* presta homenagem ao *amicus* *L. Scribonius Euphemus*, sêxviro augustal¹⁵⁰. Um pouco mais a sul, em Villavaliante, província de Albacete, um cipo funerário memora dois prováveis libertos da gens *Rubria*¹⁵¹. Finalmente, assinale-se *Q. Rubrius Un[...]*, no território de Tortosa, entre o Ebro e o eixo viário *Tarraco/Saguntum*¹⁵².

Os *Rubrii/ae* estão presentes nas proximidades dos principais eixos viários peninsulares¹⁵³, concentrando-se sobretudo em importantes cidades portuárias da Península Ibérica (*Saguntum*, *Valentia*, *Olisipo*, *Salacia*), ou em áreas próximas de grandes rios (*Scallabis* - Tejo, *Emerita* - Guadiana, *Corduba* - Bétis, Villavaliante - Júcar, Tortosa - Ebro). Deste modo, é possível que os *Rubrii/ae* estivessem ligados a actividades comerciais ou industriais¹⁵⁴, tanto mais que a maioria dos peninsulares que se identificam com este *nomen* são libertos. Nesse âmbito, destacam-se os *Lucii Rubrii* da Tarraconense, libertos que procuraram ligar-se a gente influente do litoral valenciano, através da *amicitia*¹⁵⁵. Aliás, na Tarraconense, *T. Rubrius T. f. Restitutus* é o único *Rubrius* que não apresenta vestígios de estatuto libertino. Na Lusitânia, como vimos, *Rubria Sabina* e *L. Rubrius*

143 – Cf. ILER, p. 741, cujos índices devem ser corrigidos: onde se lê *Rubia Sabina* deve ler-se *Rubria Sabina* (nº 5127); *Rubrius M. I. Firmanus* corresponde ao nº 3699 e não ao nº 3647; no nº 1688, onde se lê *Mico* deve ler-se *amico* (cf. IRCP, p. 269, nota 1). Quanto ao nº 6225, de Mérida, a leitura correcta é *Rufria Quintill[ia]* e não *Rubria Quintill[ana]* (cf. AE 1982, nº 481). Acrescente-se a este conjunto de inscrições, mais um *Rubrius* de Mérida (AE 1982, nº 483), outro de Valencia (HEp 2, 1990, nº 730 = AE 1991, nº 1090) e ainda um cipo funerário de Villavaliante, Albacete (AE 1990, nº 621 = HEp 4, 1994, 45 = HEp 1, 1989, 39). Segundo Lassère, 1977, p. 188, a gens *Rubria* está documentada em África, sendo frequente na Campânia, no Lácio e na Úmbria.

144 – AE 1982, 483 (placa de mármore fragmentada, com moldura em forma de *tabula ansata*): *Numeria Q. I. Pri/ma sibi et suis / posterisque C. Rubrius / Proculus Pap. an. VI / h. s. e. s. t. t. I.*; o formulário da inscrição aponta para o século I.

145 – ILER 3647 = 5418: *D. m. s. / C. Rubrius / Flaccus / tuccitan(us) ann. XXXIII h. s. e. s. t. t. I. / Rubria Nais / mater filio pien/tissimo fecit*. A consagração aos deuses Manes e o superlativo situam a inscrição no século II. A dedicante, provavelmente *tuccitana*, deverá ser uma liberta, visto que tem um *cognomen* grego; *C. Rubrius Flaccus* usa o gentílico da sua mãe: será um filho ilegítimo ou os seus pais eram libertos do mesmo patrono? Não se pode excluir a hipótese de a *origo* indicar a *Tucci* ou *Tusci* que terá existido no *conventus Emeritensis* e não a *Tucci* (Martos) bética (cf. Perez Almoguera e Prieto Arciniega, 1979, p. 258, nota 25).

146 – CIL II 2303 (*Corduba*): *Rubria / Fau[st]ina / vixit ann. XXVIII / pia in suis / s. t. t. I.*

147 – ILER 3699 (século I): *[M. R]ubrius / M. I. Firmanus / Baebia / Cn. I. Quieta / h. m. h. n. s.*

148 – ILER 1688: *L. Antonio L. f. Gal. / Numidae praefect. / fabrum tribuno milit. / leg. primae Italicae / L. Rubrius Polybius amico*; numa outra inscrição de *Saguntum* (ILER 1696), *L. Antonius L. f. Gal. Numida* é homenageado por *M. Sergius T[...]* et *Sergia [...]* *Serg[...]*?

149 – HEp 2, 1990, 730 (ara de mármore, datada do século II): *Fortunae / T. Rubrius / T. f. / Restitutus / d. s. f.*

150 – ILER 5569: *L. Scribonio / Euphemo / seviro aug. / L. Rubrius / Eutyches / amico*.

151 – HEp 4, 1994, 45 = AE 1990, 621 (corrige a leitura e a proveniência de HEp 1, 1989, 39, que indicava Jorquera como local de achado), cipo trapezoidal de granito fragmentado, com decoração e campo epigráfico dividido em duas cartelas — cartela esquerda: *Rubria / Caliti/ce h. s. e. / s. t. t. I.*; cartela direita: *Malnius) Rubrius Ma/rtilialis sibi?) / s. t. t. I.* Os editores de AE sugerem a leitura *M(arcus)* para a l.1, bem como *s(ibi)* e não *s(uis)*, na l. 3, embora admitam a hipótese de um erro de duplicação de sigla pelo lapicida. A ausência de filiação e os *cognomina* utilizados denunciam um estatuto libertino.

152 – Cf. Vázquez Hoys, 1990, mapa *Rubrius/Rubria*.

153 – Vide mapa das principais vias romanas na *Hispania*, in Blázquez Martínez, 1986, p. 484.

154 – Neste âmbito, saliente-se a existência da marca *P. Rubri Abascanti metalli Lutudares*, num lingote de chumbo, oriundo da região do Derbyshire, Inglaterra (ILS 8711a).

155 – Cf. notas 148 e 150. Acerca da *amicitia*, como vínculo de apoio, colaboração e, especificamente, como relação de dependência, nomeadamente entre *liberti* e *ingenui*, propiciadora de vários benefícios económicos e sociais, vide Serrano Delgado, 1989, p. 175-183, esp. p. 177-179.

Priscinus estão, aparentemente, ligados com os estratos indígenas locais, mas os *Caii Rubrii* de *Emerita*, cidadãos romanos dos séculos I e II, são claramente descendentes de libertos. O êxito no mundo dos negócios ou a ascensão social podem, pois, ter motivado a devoção de alguns *Rubrii/ae* à deusa Fortuna e aos deuses Sucessos; de qualquer modo, a hipótese de Vázquez Hoys de que a dedicatória aos deuses Sucessos se deve ao êxito de *Rubria Sabina* na sua luta contra a esterilidade (questão fundamental para a posição da mulher na sociedade romana) é bastante sugestiva¹⁵⁶.

C) DIVINDADES ORIENTAIS.

Cybele

Em Lisboa, no ano de 108 d. C., *Fl(avia) Tyche*, dedicou uma ara à Grande Mãe dos Deuses, com os epítetos *Idaea* e *Phrygia*, em favor de *M. lul(ius) Cass(ianus)* e de *Cass(ia) Sev(era)*¹⁵⁷. A dedicante, possivelmente de estatuto libertino, desempenha o cargo de *cernophora*, cuja função no culto era transportar o *kernos*, bandeja ritual¹⁵⁸. *M. lulius Cassianus* e *Cassia Severa* poderão ser devotos ligados à burguesia local, ou à sua clientela, tendo em consideração a importância dos *Cassii* e dos *lulii* em *Olisipo*¹⁵⁹.

A inscrição de *Flavia Tyche* demonstra que o culto a Cibele estava organizado em *Olisipo*¹⁶⁰, sendo mais um exemplo da participação das mulheres no desempenho de cargos relativos a este culto¹⁶¹. O estatuto libertino da dedicante insere-se perfeitamente no domínio dos libertos entre os devotos da *Magna Mater*¹⁶², cujo culto está bem documentado na Lusitânia, nomeadamente no *conventus Pacensis*¹⁶³.

III. RELAÇÕES FAMILIARES, SOCIAIS E JURÍDICAS

A) METODOLOGIA.

Em 1961, Marcel Durry sentiu a necessidade de apelar à reabilitação das inscrições funerárias, como importante fonte de estudo: “Qual era a situação destas gentes, quais eram as suas relações de parentesco? (...) Quando se quer tirar partido de todos os elementos de um destes epitáfios, ele fornece-nos frequentemente revelações surpreendentes. As *funerariae* merecem a sua reabilitação”¹. Nos últimos 35 anos, essa reabilitação tem sido uma realidade entre os estudiosos da civilização romana. No que respeita à Península Ibérica, foi dada uma certa ênfase ao contributo dos epitáfios para o estudo da aculturação das populações locais, da onomástica, da prosopografia, das correntes migratórias, do estatuto jurídico e origem étnica dos indivíduos presentes na epigrafia de uma cidade ou de uma determinada região. No entanto, sente-se a falta de estudos regionais relativamente a questões como as relações familiares e os padrões de comemoração dos defuntos. Richard Saller e Brent Shaw fizeram já uma interessante abordagem dessas questões, tomando como objecto de estudo os epitáfios das várias províncias romanas². Obviamente, uma análise tão vasta dificilmente

156 – Vázquez Hoys, 1990.

157 – RAP 460: *Matri . De/um . Mag(nae) . Id[e]ae . Phryg(iae) . Fl(avia) . / [Tyche . cernophor(a) . per . M(arcum) . lul(ium) Cass(ianum?) . et . [C]ass(iam) . Sev(eram) / M(arco) At(ilio) . et . An[fnio] co(n)s(ulibu)s . Gal(lo)*.

158 – Cf. Ortiz Ayala, 1988, p. 452.

159 – Vide p. 138 e notas 73-74 do capítulo I, bem como Ribeiro, 1994, p. 87.

160 – A propósito do culto de *Cybele* em *Olisipo* e seu território, vide Encarnação, 1985-1986, p. 305-310; Ortiz Ayala, 1988, p. 442 e 452; Ribeiro, 1994, p. 87.

161 – Cf. Ortiz Ayala, 1988, p. 449-450.

162 – Ortiz Ayala, 1988, p. 451.

163 – Relativamente à difusão do culto de *Cybele*, em território português, vide Alarcão, 1988, p. 172-175; Encarnação, 1990, p. 458; RAP 459 e 564. Quanto ao conjunto do território peninsular, vide Ortiz Ayala, 1988, p. 446-449.

1 – Durry, 1961, p. 21.

2 – Vide Saller e Shaw, 1984, p. 124-156.

revela, ou salienta, características regionais de cada província. Assim, pensamos que seria útil uma análise das relações familiares, sociais e jurídicas expressas nos epitáfios do *conventus Scallabitanus*, com especial relevo para o papel da mulher nessa teia de relações.

No que se refere às inscrições analisadas, excluímos os epitáfios que não registavam dedicantes ou aqueles que não indicavam qual a relação entre o dedicante e o defunto, bem como aqueles cujo estado de conservação não permitia determinar com segurança o tipo de relação documentada.

A falta de uniformidade das dedicatórias seleccionadas conduziu à utilização de uma metodologia específica³, que permitisse reduzi-las a um conjunto de dados quantificáveis e comparáveis. Em primeiro lugar, construiu-se o quadro IV, reunindo as informações fornecidas pelos 249 monumentos epigráficos seleccionados. A análise desse quadro permitiu constatar que a maioria das inscrições continham apenas um dedicante e um defunto; no entanto, existiam inscrições com vários dedicantes e/ou vários defuntos. Por outro lado, verificou-se a ocorrência de vários tipos de relações: de parentesco, de amizade, de clientela, de servidão.

Assim, tendo em conta a necessária uniformização dos dados, construiu-se um outro quadro (Quadro V), no qual se quantificaram as relações expressas nas inscrições. Cada relação corresponde a um registo nesse quadro. Várias relações do mesmo tipo numa só inscrição correspondem a um só registo — por exemplo, a dedicatória de dois filhos ao pai (Vaz, 1993, 43), ou a dedicatória de um pai a dois filhos (EO 142), regista-se como uma única relação; no entanto, tendo em conta a importância da proporção de cada sexo nesta contagem, quando ocorrem relações do mesmo tipo, com indivíduos de sexos diferentes, numa mesma inscrição, procede-se a dois registos distintos — por exemplo, a dedicatória de um irmão e de uma irmã ao seu irmão (FC 63) é desdobrada em dois registos: irmão / irmão + irmã / irmão. Por outro lado, houve a necessidade de desdobrar as dedicatórias mais complexas, com vários dedicantes e/ou vários defuntos com diversos tipos de relações, para evitar a multiplicação de registos mistos, que dificultariam a comparação dos dados, com um acréscimo infrutífero de complexidade na análise a efectuar. Assim, uma dedicatória da irmã, do cunhado e do sogro de um mesmo indivíduo (FC 70) deu origem a três registos: irmã / irmão + cunhado / cunhado + sogro / genro.

Os vários tipos de relações foram agrupados em categorias. A família nuclear, com as dedicatórias de esposos, pais, filhos e irmãos; a família extensa, com as dedicatórias dos parentes não incluídos na família nuclear (avós, netos, cunhados e sogros, por exemplo); os amigos, categoria que agrupa as dedicatórias não só de *amici* propriamente ditos, mas também de confrades de *collegia* e de militares; os dedicantes que são expressamente referidos como *heres*, ou tratam do monumento *ex testamento*, são registados como herdeiros, exceptuando aqueles que têm laços de parentesco com o defunto — por exemplo, um liberto que mandou fazer o epitáfio do seu patrono *ex testamento* (Le Roux e Fabre, 1971, nº 3) foi registado como herdeiro; a mãe e o marido de *Antonia Modesta* (CIL II 335), que trataram do seu epitáfio *ex testamento*, foram registados na família nuclear (mãe / filha + marido / mulher). As dedicatórias dos patronos, libertos e escravos foram incluídas na categoria das relações servis. A família nuclear, como categoria mais documentada (238 registos num total de 285), foi subdividida em sub-categorias: a família conjugal (dedicatórias entre marido e mulher), a família nuclear descendente (dedicatórias do pai e da mãe aos seus filhos), a família nuclear ascendente (dedicatórias dos filhos aos pais) e os irmãos. No interior de cada categoria e sub-categoria, subdividiram-se os registos consoante o sexo dos dedicante e dos defuntos.

As ocorrências de epitáfios colocados em vida (*sibi*, *se vivo*, *viva se*, *viva*) foram contabilizadas separadamente, na categoria *se vivo-a / sibi* (ver quadro VI). Porém, nos casos em que o dedicante manda fazer o epitáfio para si e para outra(s) pessoa(s), cujo parentesco é indicado, regista-se a ocorrência de uma dedicatória *se vivo-a / sibi* no quadro VI e as restantes nas respectivas categorias do quadro V - por exemplo, a dedicatória de um pai ao filho e a si mesmo (Vaz, 1993, 67 = CIL II 422) originou dois registos: *se vivo-a / sibi* (sexo masculino), no quadro VI, + pai / filho, no quadro V.

3 – A metodologia utilizada é largamente devedora do modelo apresentado por Saller e Shaw, no trabalho citado na nota anterior.

Quanto à organização do quadro V, a coluna encabeçada por «Nº» regista o número de relações de cada categoria e sub-categoria; a coluna encabeçada por «%», contém a percentagem (entre parênteses rectos) de cada tipo de relação, no conjunto de todas as relações; a necessidade de distinguir a importância relativa dos vários tipos de relações no âmbito da família nuclear (a categoria mais bem representada), levou à inclusão de uma terceira coluna, designada «{%}», contendo a percentagem (entre chavetas) de cada tipo de relação familiar, no conjunto dos registos da família nuclear. Saliente-se que, face ao peso esmagador da família nuclear no conjunto das relações (83,5%) e ao carácter residual das restantes categorias (ver quadro VII), a nossa análise privilegiou as relações no âmbito da família nuclear.

A metodologia utilizada permitiu uma interessante comparação com dados referentes à Península Ibérica e a outras regiões do Império Romano⁴. No entanto, tendo em conta o carácter regional da nossa análise, entendemos que seria necessário comparar os dados do *conventus Scallabitanus* com os dados de um outro *conventus* peninsular. Escolhemos o *conventus Pacensis*, não só pela sua proximidade geográfica, mas também porque, em termos culturais, apresenta algumas diferenças relativamente ao *conventus Scallabitanus*. Os critérios de selecção e o tratamento dos dados do *conventus Pacensis* e do *conventus Scallabitanus* foram os mesmos; o quadro XI, com a mesma estrutura que o quadro V, reúne o conjunto das relações familiares, sociais e jurídicas do *conventus Pacensis*.

B) PADRÕES DE COMEMORAÇÃO.

A análise dos dados do *conventus Scallabitanus* (ver quadro VII e gráfico 21) permite verificar de imediato que as relações no âmbito da família nuclear têm um peso esmagador no conjunto de relações atestadas (83,5%). Quanto às restantes categorias, note-se que nenhuma ultrapassa 7% do total de relações, verificando-se uma certa superioridade da família extensa (6,7%), seguida pelos herdeiros (5,3%); as relações incluídas na categoria das relações servis e dos amigos são perfeitamente residuais (2,8% e 1,8%, respectivamente).

Os dados do *conventus Pacensis* mostram uma imagem semelhante (ver quadro XIII e gráfico 23): preponderância das relações no âmbito da família nuclear (80,5%) e carácter residual das relações incluídas nas restantes categorias, nenhuma das quais ultrapassa 6% do total de relações — novamente se verifica uma relativa superioridade da família extensa (5,7%) e dos herdeiros (5%), face às relações servis (3,8%) e aos amigos (4,4%).

A epigrafia peninsular apresenta uma imagem semelhante (ver quadro XVII): as relações no âmbito da família nuclear atingem 83% do total de relações e as restantes categorias não ultrapassam 5% do total; note-se que a diferença percentual entre as categorias mais residuais é menor — a família extensa representa 5% do total, contra 4% de cada uma das restantes categorias. A preponderância da família nuclear no conjunto das relações é, aliás, extensiva a todos os territórios do Império Romano, verificando-se já na época republicana⁵.

Através do quadro XVI, podemos comparar os dados do *conventus Scallabitanus* com os dados do *conventus Pacensis* e da Península Ibérica. A nível das categorias, regista-se um paralelismo quase total, à excepção da categoria dos amigos, que apresenta valores na ordem dos 4% no *conventus Pacensis* e a nível peninsular (4,4% e 4%, respectivamente), não indo além de 1,8% no *conventus Scallabitanus*. De qualquer modo, a reduzida importância quantitativa das relações fora do âmbito da família nuclear, nos três conjuntos de dados, não permite encontrar tendências marcantes no interior das respectivas categorias, nomeadamente no que se refere ao sexo dos dedicantes (vide quadros V e XI); no entanto, assinala-se, no *conventus Scallabitanus*, a importância relativa da avó (21% do total da família extensa) nas dedicatórias da família extensa, embora o seu peso no total de relações do *conventus* seja irrisório (1,4%).

4 – Vide Saller e Shaw, 1984, p. 147-150, quadros 1-16.

5 – Vide Saller e Shaw, 1984, p. 147-150, quadros 1-16, onde se mencionam percentagens que oscilam entre 72% e 91%.

Quanto às sub-categorias da família nuclear (ver quadro VII e gráfico 21), o *conventus Scallabitanus* regista uma predominância das dedicatórias da família nuclear descendente, com 45,6% do total de relações e 54,6% das relações no âmbito da família nuclear⁶; seguem-se a família nuclear ascendente, com 16,1% do total (19,3% da família nuclear) e a família conjugal, com 13,7% (16,4% da família nuclear); finalmente, os irmãos com 8,1% do total (9,7% da família nuclear). No *conventus Pacensis* (ver quadro XIII e gráfico 23), a predominância das dedicatórias da família nuclear descendente é menos vincada (29, 6% do total de relações), sendo seguida pela família conjugal (27,7% do total de relações); a família nuclear ascendente e os irmãos (respectivamente, com 13,8% e 9,4% do total de relações) apresentam valores idênticos aos do *conventus Scallabitanus*. No conjunto da Península Ibérica (ver quadro XV), verifica-se a mesma hierarquia entre as diversas sub-categorias da família nuclear, embora diminua a diferença percentual a família nuclear descendente, família conjugal e a família nuclear ascendente (respectivamente com 30%, 24% e 21%).

Comparando os dados dos três conjuntos epigráficos em análise (vide quadro XVI), constata-se uma certa aproximação do peso percentual da família nuclear ascendente e dos irmãos. A nível da família nuclear descendente e da família conjugal verifica-se um certo paralelismo entre o *conventus Pacensis* e o conjunto da Península Ibérica, com os valores das duas sub-categorias próximos entre si, registando-se uma situação diversa no *conventus Scallabitanus*, onde a família nuclear descendente apresenta uma percentagem bastante maior do que a percentagem da família nuclear, ao nível das sub-categorias mais modestas da família nuclear.

Analisando as diferenças percentuais entre o sexo masculino e o sexo feminino, no que respeita às dedicatórias do *conventus Scallabitanus*, no âmbito da família nuclear (ver quadro VIII e gráfico 22), observa-se que os dedicantes são largamente maioritários na família nuclear ascendente e nos irmãos, superando por escassa margem as dedicantes na família conjugal; no âmbito da família nuclear descendente, o peso percentual da mãe excede largamente (26, 7% do total de relações) o do pai (11, 9% do total), ou o das dedicatórias conjuntas com o pai (7% do total)⁷. No *conventus Pacensis* (ver quadro XIV e gráfico 24), verifica-se uma situação semelhante, no que respeita à família nuclear ascendente, sendo quase imperceptível a superioridade masculina nos irmãos, superioridade essa que aumenta ligeiramente (5%) na família conjugal; o peso percentual da mãe continua elevado, embora menos distante do peso percentual do pai. No conjunto da Península Ibérica (ver quadro XVII), nota-se uma ligeira predominância masculina em todas as sub-categorias da família nuclear, salvo na família nuclear descendente, na qual a mãe continua a ser predominante (17, 5% do total de relações), com um peso percentual maior do que qualquer outro grau de parentesco da família nuclear (cf. quadro XVII) ou relação fora da família nuclear⁸.

Em resumo (vide quadro XVIII), os dados dos três conjuntos epigráficos testemunham o protagonismo do sexo masculino nas dedicatórias da família conjugal, da família nuclear ascendente e dos irmãos. Esse protagonismo é mais acentuado na família nuclear ascendente, sendo reduzido na família conjugal⁹; aliás, note-se que a percentagem de dedicatórias de esposas quase iguala a das dedicatórias de maridos (no *conventus Scallabitanus* e no conjunto do território peninsular verifica-se uma diferença de apenas cerca de 2%), ocorrência verdadeiramente atípica na epigrafia funerária romana¹⁰. Na família nuclear descendente, o protagonismo da mãe é bastante acentuado,

6 – No que respeita ao território da Lusitânia e da Bética, Saller, 1995, p. 31 e 35-37, notou a predominância do pai e da mãe como comemoradores de jovens falecidos, referindo que a sua gradual substituição pelo cônjuge se faz à medida que o filho ou a filha atinge idades em relação às quais é provável que o pai e a mãe já tenham falecido; essa preferência cultural pelos pais como comemoradores regista-se também no Sul de Itália, dificultando o estabelecimento da idade média de casamento nessas zonas.

7 – As percentagens referidas não reflectem obviamente as dedicatórias em que a mãe ou o pai se associam a um outro dedicante, parente ou não; no entanto, se contabilizarmos apenas as ocorrências da mãe e do pai como únicos dedicantes (vide quadros IX e X), verificamos que o peso percentual da mãe continua bastante elevado (23, 2%) e o peso percentual do pai (9,5%) aproxima-se mais das percentagens do *conventus Pacensis* e da Península Ibérica. Note-se ainda que a mãe e o pai, quando não são o único dedicante, surgem geralmente associados a parentes da família nuclear ou aos avós.

8 – Vide Saller e Shaw, 1984, p. 148, quadro 8.

9 – Cf. quadros V e XI, bem como Saller e Shaw, 1984, p. 148, quadro 8.

10 – Vide Saller e Shaw, 1984, p. 147-150, quadros 1-16.

particularmente no *conventus Scallabitanus*, onde supera em cerca de 10% a já elevada percentagem peninsular das dedicatórias maternas face às dedicatórias no âmbito da família nuclear e ao total de dedicatórias (vide quadro XIX e gráfico 25); além disso, o seu peso percentual é sempre maior do que qualquer parentesco no âmbito da família nuclear ou fora desta¹¹.

Quanto às dedicatórias *se vivo / sibi* (ver quadros VI e XII), a sua reduzida quantidade não permite obter um padrão preciso; no entanto, note-se a maior preponderância de dedicantes do sexo masculino no *conventus Pacensis*.

C) O PROTAGONISMO DA MATERFAMILIAS.

O protagonismo da mulher nas dedicatórias funerárias da Península Ibérica foi atribuído por Saller e Shaw aos vestígios de ginecocracia na sociedade peninsular, referidos pelas fontes clássicas¹². Segundo Estrabão, teria existido “*um regime de ginecocracia*” entre os Cântabros¹³, já que o marido dotava a mulher¹⁴, a herança era transmitida por linha feminina¹⁵, as irmãs escolhiam as esposas dos seus irmãos¹⁶, as mulheres tinham um papel fundamental na agricultura e na mineração¹⁷, acompanhavam os homens na guerra¹⁸, estando instituída a curiosa prática da covada¹⁹. Outros autores dos séculos I a III d. C., confirmam, com algumas deturpações, as observações de Estrabão²⁰.

Efectivamente, a epigrafia romana das regiões habitadas pelos Cântabros e pelos Astures forneceu testemunhos de uma sucessão matrilinear indirecta, através do protagonismo do *avunculus*, bem patente nas estelas dos Vadinienses; na área do Alto Pisuerga existem mesmo registos epigráficos de uma sucessão matrilinear directa²¹. No entanto, há que ter em conta que, exceptuando os dois núcleos apontados, a epigrafia do Norte peninsular apresenta um sistema de parentesco patrilinear²². Assim, é possível que as informações de Estrabão sejam cronologicamente anteriores às alterações sociais documentadas pela epigrafia, sendo de notar que a generalização da descrição de Estrabão a todos os povos e regiões do Norte peninsular pode não ser legítima²³. De qualquer modo, esta ginecocracia, assente na sucessão matrilinear e na herança por via feminina, não implica um monopólio da autoridade por parte da mulher, já que coexiste habitualmente com a autoridade masculina na esfera política, económica e mesmo doméstica²⁴.

No que diz respeito ao *conventus Scallabitanus*, registam-se apenas dois casos de sucessão matrilinear²⁵: numa placa funerária de Mouriscas (Abrantes), documenta-se *Decumus Placentiae filius*²⁶; numa estela de S. Maria de Almacave (Lamego), memora-se *Culua Paugendiae filia*²⁷. Refira-se ainda um epitáfio depositado no Museu de Lamego²⁸, que regista a dedicatória de *Cadus Ladroni*

11 – Cf. quadros V e XI, bem como Saller e Shaw, 1984, p. 148, quadro 8.

12 – Vide Saller e Shaw, 1984, p. 138-139.

13 – Estrabão, III, 4, 18.

14 – Estrabão, III, 4, 18: “ (...) entre os Cântabros é o marido que dota a mulher (...) ”.

15 – Estrabão, III, 4, 18: “ (...) são as filhas que herdaram (...) ”.

16 – Estrabão, III, 4, 18: “ (...) são as filhas (...) que escolhem a esposa dos seus irmãos ”.

17 – Estrabão, III, 4, 17: “ (...) estas mulheres (...) encarregam-se dos trabalhos agrícolas. ”; Estrabão, III, 2, 9: “ Entre os Ártabros (...) diz-se que a terra tem prata, estanho e um ouro branco (...). São arrastados da terra pelos rios. As mulheres remexem a terra (...), crivam-na em peneiras e recolhem-na em cestos. ”

18 – Estrabão, III, 4, 17: “ (...) na guerra contra os Cântabros, viram-se mães a matar os filhos antes de serem capturadas (...) ”; Apiano (Livro VI, 72), a propósito das campanhas de Bruto, referiu que as mulheres dos Brácaros combatiam juntamente com os homens e preferiam a morte ao cativo.

19 – Estrabão, III, 4, 17: “ (...) depois do parto, cuidam dos seus maridos, que as substituem na cama (...) ”.

20 – Vide Real y Ramos, 1979, p. 58-62.

21 – Cf. Silva, 1986, p. 271 e Bermejo Barrera, 1979, p. 76, por exemplo.

22 – Vide Silva, 1986, p. 271 e Javier Lomas, 1993, p. 136.

23 – Cf. Javier Lomas, 1993, p. 136 e Silva, 1986, p. 271.

24 – Cf. as observações de Silva, 1986, p. 271-272.

25 – Note-se que ainda não foi encontrada nenhuma inscrição registando tios maternos (*avunculi*).

26 – Encarnação e Silva, 1982, nº 4.

27 – Vaz, 1982(c), nº XI.

28 – Vaz, 1982(c), nº II.

filius), que mandou fazer o túmulo para si, para a sua mãe, *Amoena Cadi f.*, para a sua esposa, *Tongeta Aluqui f.*, e para a sua filha, *Caselea Cadi f.*; verifica-se que o dedicante recebeu o nome do seu avô materno. As três inscrições, atribuídas ao século I, têm em comum uma onomástica indígena e a menção de filiação típica dos *peregrini*.

O protagonismo da *materfamilias* no *conventus Scallabitanus* pode, portanto, estar relacionado com o importante papel da mulher, especialmente da mãe, na sociedade indígena. No entanto, as inscrições com dedicatórias da mãe surgem em todo o território do *conventus*, registando-se 43% dessas dedicatórias em *Olisipo* e seu território (ver quadro IV), ou seja, numa área litoral que regista forte afluxo de migrantes itálicos e africanos²⁹; por outro lado, a análise da onomástica e do estatuto social das mães que mandaram fazer os epitáfios dos seus filhos, permite perceber que esse protagonismo materno atingiu não só elementos indígenas mas também as famílias de origem extra-peninsular, não sendo exclusivo de qualquer estrato social³⁰; a cronologia das inscrições situa-se entre os inícios do século I e os finais do século II (vide quadro IV). Assim, é possível que a importância percentual da mãe na comemoração dos defuntos, tenha sido reforçada por motivos alheios às tradições locais.

Em 1987, Brent Shaw publicou um estudo sobre a idade de casamento das mulheres romanas³¹. Concluiu que, apesar de a idade legal mínima para casar ser de 12 anos para as raparigas e de 14 anos para os rapazes³², seria mais usual a mulher casar entre os 18 e os 19 anos³³; como a maioria dos homens casava entre os 27/28 e os 30 anos, existiria a tendência para um intervalo de cerca de 10 anos entre a idade da esposa e a do esposo³⁴. Tal facto deverá ter proporcionado a existência de elevado número de mulheres que sobreviveram aos seus maridos³⁵, apesar dos perigos que o parto implicava para a mulher romana³⁶. Saller notou que muitos pais faleciam antes dos seus filhos serem adultos³⁷. Assim, é natural que uma das maiores preocupações do *paterfamilias* que redigia o seu testamento antes dos seus filhos atingirem a idade adulta, fosse a escolha da pessoa responsável pelos seus bens, até à maioridade dos filhos³⁸. Neste contexto, saliente-se que, embora a mulher fosse tradicionalmente proibida de assumir o dever de *tutela* (relacionado com a protecção e gestão da herança dos filhos), o marido podia contornar a situação, deserdando os filhos a favor da mãe, que assumiria o compromisso de restituir o património aos filhos³⁹; o marido podia também deixar os seus bens aos filhos, atribuindo à viúva, juntamente com os filhos, o *usus* e o *usufructus* desses bens⁴⁰. Por outro lado, na época imperial, a relação mãe / filhos foi gradualmente reconhecida no que se refere à transmissão de bens, apesar de a lei continuar a privilegiar a linha agnática; além disso, a mãe participava tradicionalmente na escolha dos cônjuges dos seus filhos⁴¹. É, pois, possível que muitas viúvas, nomeadamente as viúvas pertencentes a famílias dos estratos superiores, tenham exercido, a partir do século I, uma prolongada autoridade maternal

29 – Vide capítulo IV.

30 – Cf., por exemplo, a análise das dedicantes dos epitáfios com a expressão *de suo*, maioritariamente mães, realizada no capítulo IV.

31 – Shaw, 1987, p. 30-46, que utilizou profusamente os dados da epigrafia funerária.

32 – Shaw, 1987, p. 42.

33 – Vide Shaw, 1987, p. 43, que chama a atenção para o facto de que a legislação augustana preconizava a idade de 20 anos como a idade a que a mulher deveria já ter dado à luz uma criança, para se eximir à multa aplicada aos casais sem filhos.

34 – Cf. Shaw, 1987, p. 43 e nota 47; no entanto, Shaw, 1987, p. 44, salienta que a idade de casamento das raparigas dos estratos superiores da sociedade, bem como os rapazes de famílias pertencentes ao escol político, deverá ter sido mais baixa (vide, por exemplo, Gourévitch, 1987, p. 188), acentuando esse intervalo de idades.

35 – Vide Shaw, 1987, 43 e Saller, 1995, p. 35.

36 – Cf. Gourévitch, 1987, p. 188-189 e 192.

37 – Cf. Saller, 1995, p. 174, que verificou que a probabilidade de uma criança ter perdido o pai e a mãe antes da puberdade era bastante reduzida (idem, 1995, p. 173 e nota 44).

38 – Saller, 1995, p. 173.

39 – Cf. Saller, 1995, p. 173-174; Dixon, 1988, p. 66.

40 – Vide Saller, 1995, p. 174. Note-se que a lei previa restrições para as viúvas que quisessem contrair um novo matrimónio (cf. Saller, 1995, p. 175).

41 – Cf. Dixon, 1988, p. 65-66; Saller, 1995, p. 175.

sobre os seus filhos, gerindo o seu património e participando da escolha das melhores alianças matrimoniais⁴². Saliente-se ainda a legislação augustana, nomeadamente o *ius liberorum*, que concedeu vários privilégios às mulheres com vários filhos, numa tentativa de encorajar a maternidade, bem como a glorificação das mães da família imperial, no século I⁴³. A preponderância da mãe na epigrafia do *conventus Scallabitanus* pode então dever-se a tradições indígenas, reforçadas por questões demográficas e pela maior valorização social e relativa autonomia financeira da *materfamilias* na sociedade romana, a partir do século I.

D) NUTRIX E MAMMA.

A epigrafia do *conventus Scallabitanus* forneceu dados relativos à prestação de serviços domésticos por mulheres que poderão ser de origem servil. Em *Conimbriga*, os fragmentos de uma placa funerária de calcário permitem reconstituir uma dedicatória à *nutrix optima*, cujo nome se perdeu⁴⁴. Na Península Ibérica, as referências epigráficas à *nutrix* não são muito frequentes: na Lusitânia, *Clovia C. I. Irene* (Mérida); na Bética, *Secundilla* (Cádiz) e *Briseis* (Badolatos, Sevilha); na Tarraconense, *[Ponti]ena [N]ovell[ia]* (Valera de Arriba, Cuenca), *FabiaTertulla* (Barcelona) e *[L]asciva* (Alcaraz, Albacete)⁴⁵. A análise das inscrições aponta para amas com estatuto servil e libertino, facto habitual nos estratos privilegiados da sociedade romana: os bebés e as crianças eram habitualmente entregues aos cuidados de escravas domésticas e de libertas, durante os primeiros anos de vida, apesar dos preconceitos de vários escritores⁴⁶.

No território da *civitas de Seilium*, foi encontrada uma árula de mármore, dedicada a *Marcella, amma carissima*⁴⁷. Tendo em conta que *amma*, termo hipocorístico, não se encontra registado em mais nenhuma inscrição do mundo romano e que se trata de um termo equivalente a *mamma* (ou seja, “mamã”), preferimos a reconstrução <m>amma, supondo um possível erro de interpretação da minuta pelo canteiro⁴⁸. Embora o termo *mamma*, frequente nos epitáfios do século II d. C., possa designar não só a mãe, mas também a mãe adoptiva, a *patrona* ou a ama, parece-nos que, neste caso, identifica uma ama pois *Marcella* usa apenas um nome, sem filiação, pelo que será uma escrava ou uma liberta, tal como a *nutrix* de *Conimbriga*⁴⁹.

E) PATRONAS, LIBERTAS E ESCRAVAS.

O estatuto social dos indivíduos documentados nos textos epigráficos nem sempre é fácil de determinar, quando não são indicados elementos como a tribo, cargos ou profissões; no que respeita aos libertos e aos escravos, a dificuldade aumenta na medida em que estes, habitualmente, não têm vantagem em expôr publicamente o seu estatuto; assim, as menções expressas de estatuto servil ou libertino na epigrafia são quase sempre escassas, no território português⁵⁰, situação que se verifica igualmente na epigrafia do *conventus Scallabitanus*. Em *Olisipo*, cidade onde os *Lucceii* se relacionaram com o escol local (vide capítulo I, p. 15-16), um escravo de *Lucceia Cinnamis* (EO 37). Em *Collippo*, *Helvia Maxsuma* foi memorada pelo seu *cliens*, *Valerius Severus* (ERC 12), que poderia ser um antigo liberto do

42 – Cf. Dixon, 1988, p. 66-67.

43 – Cf. Dixon, 1988, p. 97-98.

44 – FC 41 (datada da 1ª metade do século II): *n[ut]ri[ci] / opti[mae] / Avit[us/a]?*.

45 – Respectivamente, CIL II 545 = Gallego Franco, 1993, nº 14; Jiménez Cisneros, 1962, nº 28 = Gallego Franco, 1993, nº 17; HÉp 1, 1989, nº 525; Balil, 1961, p. 98 = Gallego Franco, 1993, nº 15; AE, 1990, 606.

46 – Vide Kampen, 1981, p. 108-110, que salienta a dificuldade em distinguir o estatuto jurídico das amas que se identificam com *nomen* e *cognomen*, mas sem filiação explícita, situação que também ocorre em território peninsular: *[Ponti]ena [N]ovell[ia]* (Valera de Arriba, Cuenca) e *FabiaTertulla* (Barcelona).

47 – Fernandes, 1992, p. 118 (com nova leitura) = HÉp 1, 1989, 690: *D. m. s. / S (?) . A (?) . C (?) . / Marcell(a)e / <m>amm(a)e ca/ressim(a)e (sic) / an. LIII p/o(suit) . s. t. t. I.*; vide ainda Almeida, 1986, p. 21-27.

48 – Vide Fernandes, 1992, p. 118-119. IRCP 508 (Alandroal) regista igualmente um texto em o termo *mamma* foi mal compreendido pelo lapicida: *L. Iulius Novatus / Endovellico / pro salute / Vivenniae Venustae / maniliae (sic) sua(e) votum solvit*. AE 1971 nº 206 (Carmenes) regista mais uma *mamma* em território peninsular.

49 – Cf. Fernandes, 1992, p. 119.

50 – Cf. Encarnação, 1990 (b), p. 401, que refere os principais elementos que permitem, ao analisar o texto de uma inscrição, suspeitar do estatuto servil ou libertino de um indivíduo.

marido; de qualquer modo, os *Helvii* de *Collippo* possuíram escravos⁵¹. No território coliponense, documenta-se um liberto de *Carisia Avita*, patrona de origem indígena (ERC 32, Leiria). A epigrafia de *Conimbriga* documenta várias patronas: *Aemilia* (FC 46), *Materna* (FC 46), *Boutia* (FC 51), *Coela* (FC 61) e <*Gallia*> *Grata* (FC 53). Na *civitas* de Bobadela, *Iulius Rufus* tratou do epitáfio da sua patrona, *Iulia Cn. Flavina* (CIL II 399). Quanto às libertas, registam-se em *Conimbriga Fortunata* (FC 46), *Gallia Praepusa*, memorada pela sua patrona (FC 53), e *Ti(beria) Claudia Cale*, que mandou fazer *de suo* o túmulo do marido, liberto imperial (FC 26); verifica-se ainda a ocorrência de uma liberta e herdeira, *Tarf...Ja* (FE 32, 1989, nº 145) e de libertas relacionadas com estratos indígenas: *Proclia Rufi liberta* (CIL II 421 = Vaz 64, Penalva do Castelo) e *Minucia Aranta lib(erta)* (Cardozo, 1956, nº XVI: Montelavar, Sintra). Saliente-se a presença de *Heia Primi [lib(erta)] Elpis* entre os promotores da homenagem a um *Augustal Perpetuo de Olisipo* (EO 71 = RAP 543); note-se que numa inscrição incompleta de *Olisipo*, datável de 57 d. C., se alude à renovação do *proaescenium*, da *orchestra*, com os respectivos *ormamenta*, pelo *Augustalis Perpetuus C. Heius Primus [C. I. ?]* (EO 70 = RAP 490; Ribeiro, 1994, p. 84). Refiram-se ainda algumas mulheres com provável estatuto servil: *Voluptas*, mãe de *Pultarus Flaviani ser(vus)* (CIL II 314, Santa Cruz de Ribamar, Torres Vedras); a *contubernalis* memorada em *Conimbriga* por *Atimetus* (FC 40); *Amoena*, *uxor* de um escravo de *Allius Avitianus* (IRMMC 18) e *Chrysis* (IRMMC 13), ambas de *Aeminium*.

IV: IMPENSA, NEGOTIUM E PECULIUM NO FEMININO

“ No campo financeiro, as mulheres mantêm-se legalmente submetidas a uma qualquer forma de tutela; na prática, em todas as lojas de *Suburra* é normalmente a vendedeira de aves ou de fruta quem se empertiga ao balcão. A esposa de *Atiano* administrava os bens da família com um admirável génio de homem de negócios. As leis deveriam diferenciar os usos o menos possível: concedi à mulher uma liberdade aumentada de administrar a sua fortuna, de testar ou herdar.”

in Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*, p. 102

A) ACTOS DE BENEMERÊNCIA.

A epigrafia do *conventus Scallabitanus* é parca em referências expressas a actos de benemerência protagonizados por mulheres. Apenas se conhece em Bobadela uma dedicatória incompleta à *splendidissima civitas*, realizada pela flaminia *Iulia Modesta* (CIL II 397), que teria mandado reedificar as portas, provavelmente do recinto do *forum* de Bobadela, à sua custa, de acordo com a reconstituição bem fundamentada de Maia do Amaral¹. Esta *impensa* decorre naturalmente da obrigatoriedade legal (e moral) de realizar os actos de benemerência que o exercício de tais cargos implicava, tanto para mulheres como para homens, como salientou Curchin².

A mesma *flaminica* mandou fazer uma dedicatória *ex patrimonio suo* à *Pietas*, em honra da *gens* do seu marido, *Sex. Aponius Scaevus Flaccus*, *flamen* da província da Lusitânia, e da sua própria *gens*³. Neste caso, a devoção à família assume também um carácter eminentemente público e honorífico (*in honorem gentis*), sendo salientada a vinculação da *flaminica* não só à *gens* dos seus pais, mas também à *gens* do seu marido, igualmente *flamen*⁴, atitude concordante com a importância do círculo familiar no acesso às estruturas oficiais de poder.

51 – Em Roma, regista-se o epitáfio de *Corintho Helvii(i) Philippi ser(vo) ex Lusitania municip(io) collipponensi*, colocado pelos irmãos *Victor* e *Celer* (ERC 1 = CIL VI 16100). Os *Helvii* fizeram parte da oligarquia da Bética, salientando-se, na Lusitânia, a concentração de *M. Helvii* em Mérida, onde faleceu *Helvia M. [f.] flamin(ica) Provinc(iae) [Lusitaniae]* (vide Velazquez Jimenez, 1988, p. 125-132, esp. p. 127-128); refira-se uma possível ocorrência na área de *Seilium: Hel[via?] Av[ita?]* (FE 35, 1990, 161, S. Pedro do Castro, Ferreira do Zêzere).

1 – Amaral, 1982, p. 106-117: *Splendidissimae Civitati Iulia Modesta / flaminica [ex patrimonio portas refecit]*.

2 – Vide Curchin, 1983(b), p. 236 e nota 60.

3 – CIL II 396: *Pietati sacrum / Iulia Modesta ex patrimonio suo / in honorem gentis Sex. Aponi Scaevi Flacci mariti sui flaminis / provinc. Lusit. et in honorem / gentis Iuliorum parentum suorum*.

4 – Gallego Franco, 1995, p. 455.

A fórmula ex patrimonio suo está associada a actos de benemerência. C. Cantius Modestinus mandou construir, provavelmente em Bobadela⁵, um templo ao Génio do Município e outro à deusa Vitória, ambos ex patrimonio suo (CIL II 401 e 402); a mesma fórmula pode ser reconstituída numa outra inscrição do mesmo município⁶. O referido C. Cantius Modestinus mandou ainda construir ex patrimonio suo um templo a Vénus e outro a Marte na civitas Igaeditanorum, de onde seria originário, já que aí dedicou uma epígrafe ao pai, C. Cantius Modestus⁷. Esta fórmula é extremamente rara na epigrafia romana⁸: além das referidas inscrições de Bobadela / Coito de Midões e de Idanha-a-Velha, na Península Ibérica está documentada mais uma vez, em *Italica*, numa placa de mármore, datada do século I, sendo o dedicante L. Herius L. f., duúviro e pontífice dessa cidade⁹. Foi ainda detectada a expressão ex patrimonio meo num elogio fúnebre de Roma, da época augustana (CIL VI 10230 = ILS 8394)¹⁰. Assim, a fórmula analisada, de ressonância jurídica, parece ser apanágio da burguesia peninsular¹¹ e não um tique epigráfico ou simples moda local¹², relacionando-se com actos de benemerência.

Os actos do benemérito C. Cantius Modestinus demonstram estreitas relações entre a civitas Igaeditanorum e a civitas localizada em Bobadela, pelo menos no século I, tendo em conta que Vasco Mantas atribui uma datação flávia às inscrições de Modestinus¹³. Semelhante datação é também atribuída às inscrições de Bobadela dedicadas por Iulia Modesta¹⁴, dando consistência à hipótese de que esta flaminica seria parente dos Iulii Modesti da civitas Igaeditanorum¹⁵: em finais do século I, L. Iulius Quir. Modestus mandou fazer uma estátua (com a respectiva base) à esposa, Iulia Varillae Celeris f., cuja mãe, Iulia Amoena Sabini f., dourou a estátua¹⁶. Modestus poderá ser pai de L. Iulius L. f. Q(uir.) Modestinus, presente num epitáfio incompleto de Idanha-a-Velha¹⁷; assinala-se ainda o epitáfio de Iulia Q. f. Modesta e de L. Iulius Rufini f. Quir. Fraternalis, colocado pelo seu herdeiro L. Iulius Cutaecus¹⁸. Em Idanha-a-Velha, documentam-se ainda Iulii em mais quatro inscrições funerárias: Iulia Nigri f. Severa mandou fazer um sepulcro para si e para as suas filhas, Iulia Severi f. Severina e Iulia P. f. Avita¹⁹; é possível que Iulia Severa tenha sepultado mais um filho: M. Iulius P. f. Quir. Avitus²⁰; Iulia Iuli f. casou com um liberto, cujo nome se desconhece²¹; finalmente, Q. Iulius Marianus mandou fazer um monumento funerário para si, para a sua mãe Aunia, liberta de Avelia e para a sua esposa, Iulia Felicula²².

5 – Mantas, 1990, p. 228, notas 6, 7 e 8.

6 – RAP 558, com nova leitura: [Mart] Aug(usto) Elav[us] ? / et s[ui] parente[s] / ex pa[tr]imonio / [pos]uerunt. Amaral, 1982, p. 114 (tal como Anacleto, 1981, nº 5), propôs uma outra hipótese para o teónimo: [Rom(ae) et] Aug(usto).

7 – Mantas, 1988, p. 427-432; Mantas, 1990, p. 232-234, nº 3 a 5; idem, 1990, p. 243 e nota 94.

8 – Mantas 1988, p. 432 e nota 88.

9 – AE 1983, 522 = CILA II (t. I) 1991, nº 382: L(ucius) Herius L(ucii) f(ilius) . Ilvir iter(um) Ilvirali / potest(ate) decr(eto) decur(ionum) tert(ium) pont(ifex) / creatus Augusto primus / municipio pollicitus ex / [p]atrimo[nio suo] ? arc[us] porticu[s] / ... sua] pecunia / [dedit idem]ue dedicavit.

10 – Em 1985, foi encontrado em Soure (conventus Scallabitanus) um fragmento de mármore com um baixo-relevo, representando uma cena de caça ao javali, e uma inscrição incompleta, pertencentes a um monumento funerário: [...] [tumul?]u suo cum marmori/[bus et] laquiaribus de suo / [patrimo]nio faciendum curavit (cf. Encarnação, 1993, p. 253-255, fig. 13-14). No entanto, este texto, atribuível ao século III, não se enquadra no contexto de benemerência das anteriores inscrições, sendo sobretudo um acto de ostentação individual de riqueza e cultura.

11 – Mantas, 1990, p. 242.

12 – Amaral, 1982, p. 114-115, nota 18.

13 – Mantas, 1988, p. 432.

14 – Vide Mantas, 1988, p. 432 e nota 89.

15 – Cf. Mantas, 1988, p. 432.

16 – ILER 1772 = Almeida, 1956, nº 93 = Mantas, 1988, p. 434 (pedestal de granito, datável de finais do século I): Iuliae / Varillae / Celeris f. / L. Iulius Quir. Modestus / uxori statuem / cum basi. f. c / Iulia Amoena / Sabini f. mater / auravit

17 – Almeida, 1956, nº 90: L. Iulius . L. f. / Q(uir.) . Modestino / L. Iulius / [...].

18 – Almeida, 1956, nº 88 (datável do século I): Iuliae . Q. fil. Modestae / L. Iulio . Rufini f. / Quir. Fraternalis / L. Iulius Cutaecus . h(eres) . ex t(estamento) f. c.

19 – Almeida, 1956, nº 92.

20 – Almeida, 1956, nº 91.

21 – Almeida, 1956, nº 89.

22 – Almeida, 1956, nº 37.

No que respeita aos *lulii* da *civitas Igaeditanorum*, a predominância da filiação de tipo peregrino, a utilização de *cognomina* indígenas (*Cutaecus*²³), bem como a preferência por *cognomina* latinos habituais em contexto indígena (*Amoena*, *Avitus/a*, *Modestus/a*, *Modestinus*, *Rufinus*, *Severa*, *Severina*) denunciam a sua origem indígena. O facto de vários *lulii* exporem o seu estatuto de cidadãos romanos demonstra a sua promoção social²⁴, apoiada num sucesso económico paralelo²⁵, cujo expoente máximo seriam os *lulii Modesti*, a julgar pela estátua dourada de *Iulia Varilla* (ILER 1772). Segundo Vasco Mantas, o património dos *lulii Modesti* seria, em parte, oriundo das explorações auríferas da região²⁶, nomeadamente a recolha do ouro em areias e cascalheiras em rios como o Ponsul²⁷; o louvor de *Tiberius Claudius Rufus* a Júpiter Ótimo Máximo, pela descoberta de 120 libras de ouro (contido numa inscrição da área de Monsanto), é um expressivo testemunho de que as explorações privadas de ouro terão enriquecido muitos proprietários nesta região²⁸.

Quanto a Bobadela, *Iulius* é o gentílico dominante²⁹: além de *Iulia Modesta*, regista-se ainda *Iulia Gn. f. Flavina*, memorada pelo seu libertos, *Iulius Rufus*³⁰, e *Iulia [...]*, cujo epitáfio foi colocado ex *testamento suo*³¹. Novamente encontramos *lulii* com recursos económicos consideráveis que, tal como na *civitas Igaeditanorum*, poderão ter tido na exploração aurífera uma das suas origens: os terraços fluviais do rio Alva apresentam vestígios de grandes remeximentos para obtenção de ouro, embora a sua cronologia não tenha ainda sido determinada³².

Assim, *Iulia Modesta* pertenceria a uma família, com representantes em Bobadela e Idanha-a-Velha (e, possivelmente, em Mérida³³), cujo estatuto social e económico a coloca entre as influentes burguesias locais do século I, na Península Ibérica.

Quanto à *gens*³⁴ do seu marido, na província da Lusitânia, encontra-se documentada³⁵ em *Emerita Augusta*³⁶, na *civitas Igaeditanorum*³⁷, em Ínfias - Fornos de Algodres (distrito de Viseu³⁸, no *ager Aeminiensis*³⁹, em *Conimbriga*⁴⁰, em *Olisipo* e respectivo *ager*⁴¹, bem como em

23 – Vide Palomar Lapesa, 1957, p. 243.

24 – Note-se que a epigrafia de Idanha-a-Velha forneceu apenas pouco mais de uma dezena de menções da tribo (*Quirina*, *Galeria* e *Papiria*), quatro delas referentes a *lulii* (cf. Almeida, 1956, p. 410).

25 – Os *lulii* de origem libertina são um sintoma desse sucesso. Note-se, a esse propósito, o epitáfio de uma outra *Iulia Modesta*, aparentemente filha de libertos (placa datável da 1ª metade do século I, oriunda da Aldeia do Souto da Casa, Fundão): *Iulia L. f. Modesta an. XIX / Livia Nympha an. XXXX / h. s. s. / L. Iulius Thymelicus sibi filiae et / uxori* (HEp 1, 1989, 673).

26 – Mantas, 1988, p. 434.

27 – Cf. Almeida, 1956, p. 146; Alarcão, 1988, p. 129; Mantas, 1988, p. 434 e nota 99.

28 – ILER 32 = CIL II 5132; vide Alarcão, 1988, p. 127.

29 – Vide CIL II, p. 45 e Anacleto, 1981, nº 1 a 8.

30 – Anacleto, 1981, nº 2.

31 – Anacleto, 1981, nº 8.

32 – Cf. Alarcão, 1988, p. 128 e nota 21.

33 – Mantas, 1990, p. 243 e notas 91-92.

34 – Ver ILER, p. 660-661. Lassère, 1977, p. 171 e 197: frequente na Campânia e atestado em Óstia.

35 – A pesquisa efectuada baseou-se fundamentalmente em CIL II, ILER, FE e IRCP, completados por AE, FC e HEp.

36 – ILER 3535: *Petronia Agilis / h. s. e. / Aponia Serana / familiari suae / locum sepulturae / et hoc [...]*.

37 – CIL II 445 = Almeida, 1953, nº 103, fig. 14 (século I): *Lucretia Avita an. III / M. Lucretius Onesumus / Aponia Fundana / fil.?*

38 – CIL II 425 = ILER 260 (com correcções) = RAP 408 = Vaz, 1993, p. 230-231 (ara de granito): *Deo / Mercurio / Aponeus / Sosumu[s] / a. l. v. s.*; João Inês Vaz apresenta a leitura *Aponeus*, sugerindo que se trata de uma variante de *Aponius*. *Sosumus* é um antropónimo indígena, derivado do radical ibérico *Sosin*, estando relacionado com nomes típicos dos ambientes indígenas do norte peninsular, como *Sosimilos* (CIL II 3295) e *Sosumilus* (EE IX 356), por exemplo (Albertos Firmat, 1966, p. 211-212; Palomar Lapesa, 1957, p. 98; Untermann, 1965, mapa 71; EO, p. 114-115). Trata-se de um antropónimo raro – além da presente inscrição, regista-se, em Alcalá de Henares, a forma *Sosumu* (CIL II 5856 = HEp 1, 1989, 462): *D. m. / Atil(iae) Senarior / Atil(ii) Sosumu / ux(ori) et lib(ertae) an. / XXX f. c. m(aritus) pl(iissimus) (et) f(ilius) / h. s. e. s. t. t. l. ; e numa ara incompleta de mármore, oriunda de Collippo (ERC 21): *D. m. / Claudiae / Sosum(a)le / emeriten[is] Sof[...]*.*

39 – Na Quinta de S. Silvestre (Assafarge, Coimbra), no local onde teria existido uma importante *villa*, foi encontrada uma sítula de bronze (datável do século III), com a seguinte inscrição pontilhada: *Aponiae . Cas. (cf. Pereira, 1971, 365-369).*

40 – FC 56 (século II): *[D. m.] / Lobessae . an. LX . / Aponia . lunia / matri . pientissimae / f. c. s. t. t. l. ; FC 62 (século II) : *D. m. / Rufinae / Rufi . fil. / ann. XXII / Aponia / Lobessa / avia . et / Aponia / lunia / mater / p.**

41 – Cardim Ribeiro, 1987, 311-325, esp. 320-323 = HEp 2 1990 812 (Lisboa, árula de finais do século II): *G(enio) s(uo) / Aponia Nico/polis Genio sacrum / a(nimo) l(ibens)*; HEp 2 1990 814 (Santa Maria, Loures, final do século II / inícios do III): *D(is) M(anibus) / Aponiae P(ublili) fil(iae) Iulianae / P(ublili) Aponius Iulianu[s] / et Aponia Nicopo/lis filiae.*

Tróia⁴² e no Monte do Passo, Elvas⁴³. Na Tarraconense, conhecem-se *Aponii* em León⁴⁴ e em *Clunia*⁴⁵.

Na Bética, registam-se *Aponii* desde a época republicana: *L. Apo[nius]* foi *aedilis* de *Baelo* em 47-44 a. C.⁴⁶; refira-se também *Quintus Aponius* que, juntamente com *Titus Quintus Scapulus*, comandou a sublevação das legiões hispânicas da *Hispania Ulterior*, favoráveis ao partido pompeiano, que expulsaram o legado *Caius Trebonius* e levantaram a província contra César, em 46 a. C.⁴⁷. Durante a época imperial registam-se *M. Aponius Saturninus* e o seu filho homónimo, *C. Dillius L. f. A. n. Aponianus* e *A. Platorius A. f. Nepos Aponianus*, cordubenses pertencentes à ordem senatorial, cuja origem poderá remontar ao pompeiano *Q. Aponius*, acima citado⁴⁸. Uma das fontes de riqueza dos *Aponii* seria, provavelmente, o comércio do azeite⁴⁹. Riqueza que seria considerável, pelo menos no(s) ramo(s) bético(s) desta gens, já que, em meados do século II, *Aponia Montana*, sacerdos *Divar(um) Augustar[um]* da *Colonia Augusta Firma Astigi*, oferece jogos de circo, *ob honorem sacerdotii*, e 150 libras de prata, *d(e) s(ua) p(ecunia)*, pela dedicatória de uma estátua a *Bonus Eventus*⁵⁰; numa inscrição oriunda do *forum* de *Astigi*, a mesma sacerdotisa gasta 100 libras de prata numa homenagem, *ex testamento*, ao seu filho *Caesius Montanus*⁵¹.

Quanto à distribuição geográfica do *nomen Aponius* na Península Ibérica, apesar da notoriedade dos *Aponii* béticos, é na Lusitânia que encontramos a maioria das inscrições documentando indivíduos com este *nomen*. Na Bética, concentram-se no vale do Guadalquivir; na Tarraconense estão presentes no norte interior, com *cognomina* habituais em indígenas romanizados (*Maternus, Paterna*). Na Lusitânia, encontramos-os um pouco por todo o seu território, sobretudo no *conventus Scallabitanus* (7 num total de 11): na capital da província, onde *Sex. Aponius Scaevus Flaccus* deverá ter residido, por inerência do seu cargo, *Aponia Serana* oferece (?) o local de sepultura e, presumivelmente, o monumento funerário, a uma sua *familiaris*. Na *civitas Igaeditanorum*, *Aponia Fundana* manda fazer, juntamente com o marido (possivelmente um liberto), o epitáfio da filha, falecida em tenra idade, no século I. Ainda no interior, no distrito de Viseu, assiste-se à devoção de *Aponeus Sosumus*, um indígena romanizado, ao deus Mercúrio. Caminhando para o litoral, encontramos no *ager Aeminiensis* uma sítula que pertenceu a uma *Aponia* e, em *Conimbriga*, dois epitáfios, atribuíveis ao século II, registam para a posteridade três gerações de mulheres: *Aponia Lobessa avia, Aponia Iunia mater* e <*Aponia?*> *Rufina Rufi fil(ia)*. Curiosamente, também em *Conimbriga*, está presente um *Scaevinus*, que, juntamente com seu irmão *Silo*, mandou fazer um

42 – IRCP 214 (placa em lumachela cretássica, posterior a meados do século I): *D. m. / Licinia[e?] [...] / annorum [...]* / *Aponius [Chry?] / seron [...] / h. [s. e. ?] [s. t. t. l.]?*

43 – FE 15, 1985, nº 65 = AE 1985 501 (placa de mármore, dos finais do século I): *Aponia Narcissa / h. s. e. s. t. t. l. / [...] b [...] N[ai]r[c]i[ss]o [?] / [...] Jos (?) [...]*

44 – ILER 4383: *D m. Licini(a)e Att(a)e uxori ano. / XXXVIII G. Aponius Maternus; ILER 5159: Aebutiae Atte / Aebuti fil. / an. XL Aponius Pr/imitivus; ILER 6720: D. m. / C. Aponio [...]*

45 – HEp 2 1990 113 (estela rectangular com remate semicircular e círculo com estrela de seis pontas na parte superior, datada do século I): *Atilio Cas/tori an. IIII / Aponia Pa/terna lib(erto)*. Curchin, 1987, p. 78, prefere a leitura *lib(erto)*, sugerindo que a diferença dos *nomina* se deve ao facto de *Aponia* ser casada com um *Atilius*, presumivelmente falecido, tendo a esposa herdado os seus clientes.

46 – Cf. Curchin, 1990, p. 140, nº 28.

47 – Ver Ferreiro López, 1993, p. 407-409.

48 – Rodríguez Cortés, 1993, p. 772, nota 4; Castillo Garcia, 1984, p. 248-249, ao analisar os senadores da Bética com nomes compostos, refere *A. Platorius Nepos Aponianus Italicus Manilianus C. Licinius Pollio* (da época de Adriano), representando o segundo elemento da sua nomenclatura – *C. Licinius Pollio* – a linha materna, relacionada com a Tarraconense. Será mera coincidência o facto de se verificar a associação de dois *Aponii*, um de León (ILER 4383) e um de Tróia (IRCP 214), com *Licinia*? Este senador é identificado por Angeles Alonso y Santos Crespo, 1992, p. 183, como *A. Platorius Nepos Aponius Italicus Manilianus C. Licinius Pollio*, da Bética, talvez cordubense, que exerceu os cargos de legado da legião, legado pr. pr. da província da Trácia, legado aug. pr. pr. na *Germania Inferior* em 120-122 e legado pr. pr. na *Britannia*, entre outros postos (note-se uma variante no seu nome: *Aponius* e não *Aponianus*).

49 – Cf. Rodríguez Cortés, 1993, p. 772, nota 4 (inscrição do Testaccio, com o seguinte texto: *M. APONI? PI() TI() DI() ET M... ITI SABINI*).

50 – ILER 432; CIL II 1471: *Boni Eventus / Aponia Montana sacerdos Divar(um) Augustar(um) col(oniae) Aug(ustae) Fir(mae) / editis ob honorem sacerdotii circiensibus et / ob dedicationem aliis ex arg(enti) libris CL d(e) s(ua) p(ecunia) d(ono) d(edit)*.

51 – HEp 3, 1993, 344; vide também Rodríguez Cortés, 1993, p. 772, notas 2 e 3.

epitáfio a seu pai, *Scaeva Dautonis f.*, no século I⁵². Ora, os *cognomina* *Scaevus*, *Scaeva* e *Scaevinus*⁵³ são raros na Lusitânia⁵⁴, e no *conventus Scallabitanus* apenas se registam na referida inscrição de *Conimbriga*, na nomenclatura do *flamen* de Bobadela e, talvez, em *Olisipo*⁵⁵. Há pois fortes indícios de que em *Conimbriga* (e, aparentemente, no *ager* da *civitas* vizinha) se instalaram descendentes e dependentes de *Sex. Aponius* ou de parentes seus. Aliás, as relações de *Conimbriga* com o leste lusitano são igualmente atestadas pela presença de um *conimbr[i]gensis* na *civitas Igaeditanorum*, durante o século I⁵⁶.

O *flamen* de Bobadela apresenta ainda um segundo *cognomen* — *Flaccus* é um nome latino, relacionado com características físicas («orelhudo»), preferencialmente aplicado a mulheres⁵⁷. É um antropónimo bem documentado no território peninsular, principalmente na região estremenha, onde surge frequentemente associado a contextos indígenas⁵⁸. Essa difusão estremenha de *Flaccus* e dos seus derivados (*Flaccillus/la*⁵⁹ e *Flaccinus*⁶⁰), relaciona-se certamente com a influência regional do procurador *C. Norbanus Flaccus* (e da sua clientela), responsável pela fundação da *Colonia Norba Caesarina*⁶¹. Note-se que a epigrafia de Idanha-a-Velha documenta o maior núcleo peninsular de *Flacci*, registando ocorrências de *Flaccilla* e *Flaccinus*⁶². Um dos epitáfios de Idanha-a-Velha (FC 29), documenta *Valgia C. f. Flaccilla*, memorada por *M. Allacarius Celer Paullianus*, originário de *Conimbriga*, cidade onde se regista *Flaccinus*, pai de *Val. Flaccinia*⁶³.

As referidas conexões a nível de correntes migratórias e da onomástica permitem assim definir como prováveis áreas de influência de *Sex. Aponius* e / ou seus parentes e dependentes, *Conimbriga / Aeminium*, *Bobadela / civitas Igaeditanorum* (ou seja, numa série de *civitates* com territórios confinantes e com relações entre si, atestadas pela epigrafia local) e, finalmente, a capital provincial, foco de atracção de migrações várias e destino natural de membros das burguesias municipais. Quanto aos *Aponii* do *conventus Pacensis* e do *ager Olisiponensis*, estamos perante libertos, talvez relacionados com a Bética, ou com *Aponii* béticos, tendo em conta as relações comerciais daquelas zonas com o Sul peninsular⁶⁴.

Tal como *Sex. Aponius Scaevus Flaccus* e *C. Cantius Modestinus*, *Iulia Modesta* é pois uma representante das burguesias locais que, em pleno processo de municipalização da Lusitânia,

52 – FC 64: *Scaevinus . et / Silo . Scaevae / Dautonis . f. / patri . suo / f. c.*

53 – Segundo Kajanto, 1982, p. 105-106 e 243, *Scaeva* é um dos *cognomina* latinos do género masculino, terminados em – a, que podem ser de origem etrusca (a este respeito, vide Schulze, 1966, p. 369-370); no CIL registam-se 41 pessoas com este *cognomen* (6 são escravos ou libertos), desde a época republicana, incluindo vários cônsules e, curiosamente (ver nota 55), um *M. Cassius Scaeva*, centurião de César (Schulze, 1996, p.370, refere ainda CIL X 5728: *Q. Casius Q. f. Rom. Scaeva*). *Scaevus* e *Scaevinus*, são também *cognomina* relacionados com a mão, ocorrendo com menos frequência – Kajanto, 1982, p. 243, refere apenas um poeta do tempo de Domiciano e o *flamen* de Bobadela para o primeiro; para o segundo, regista duas ocorrências, sendo um dos indivíduos senador.

54 – Note-se a existência de *Scaevinus*, possivelmente originário de *Emerita*, em Zalamea de la Serena – Badajoz (ILER 6844): *Tongilia T. f. Maxima Scaevini / emeritensis annorum LX sibi et / L. Granio L. f. Pap. Scaevino viro / ann. LXXXV d. s. p. f. c. h. s. s. v. t. levis*. Quanto a *Scaeva*, regista-se em Puerto de la Cruz – Cáceres (CPILC 407): *Apana / Ebur / f. an. XV / h. s. e. s. t. / t. I. Lanc / ius Sc(a)e/vae f. f. c.*

55 – ILER 2389 = CIL II 207 (século I): *Q. Cassius / Scaeva / h. s. e.*; refira-se que a leitura da linha 2 não colheu a unanimidade dos autores que referem a inscrição – Vieira da Silva preferiu o *cognomen* *Calvus*, apesar da maioria dos autores seguirem a leitura *Scaeva*, nomeadamente os três primeiros autores a apresentarem a leitura deste epitáfio (Cf. EO, p. 208-209, nº 95).

56 – FC 29 = Almeida, 1956, nº 143: *Valgiae C. f. / Flaccillae / M. Allacari[us] / Celer . Paullia/nus . conimbr[i]gensis*.

57 – Cf. Kajanto, 1982, p. 240.

58 – Vide IRCP, p. 636 com mais bibliografia e ILER, p. 693-694.

59 – *Flaccillus/la* é um *cognomen* pouco difundido no império romano, ocorrendo sobretudo como nome feminino; está bem documentado na Lusitânia, nomeadamente em contexto indígena (cf. Kajanto, 1982, p. 240; FC, p. 57; ILER, p. 693-694; IRCP, p. 636).

60 – *Flaccinus* é um *cognomen* raro no mundo romano, possivelmente característico do território peninsular (cf. Kajanto, 1982, p. 240; FC, p. 96 e notas 144-145).

61 – Cf. Mantas, 1988, p. 418-419 (com mais bibliografia).

62 – Vide Mantas, 1988, p. 419 e Almeida, 1956, p. 401: *Flaccus / Flacus* (nº 42, 46, 82, 183), *Flacilla* (nº 107, 120, 143), *Flaccinus* (nº 139).

63 – FC 73.

64 – Recorde-se, a título de exemplo, o *diffusor olearius* de *Olisipo*, *M. Cassius M. f. Gal. Sempronianus*, que se estabeleceu na zona do Bétis (AE 1984, 528).

contribuíram decisivamente para a coesão política do território, aderindo aos cultos oficiais, mormente ao culto imperial⁶⁵. Mas as funções de *Iulia Modesta* ao serviço do culto imperial, que constituem mais um exemplo da adesão das mulheres das burguesias peninsulares à ideologia imperial⁶⁶, podem também ser encaradas como um meio privilegiado de intervenção feminina na esfera pública, numa época em que o mundo da política estava vedado às mulheres.

B) DE SUO: O REGISTO ESCRITO DA IMPENSA.

Embora as referências epigráficas a mulheres beneméritas sejam escassas no *conventus Scallabitanus*, por vezes as dedicantes indicam, através da expressão *de suo*, que os gastos para a edificação de um determinado monumento foram da sua responsabilidade.

Em *Olisipo*, a memória de *Curia Sex. f. Fundana* foi perpetuada pelo marido, *Trebonius Tuscus* e pela mãe, *Amoena, de suo*⁶⁷. A defunta poderá ser filha ou irmã de um dos *Sex. Curii* registados num epitáfio incompleto de Odrinhas (Sintra)⁶⁸; o seu *cognomen*, frequente no território olisiponense, parece denunciar uma origem africana, tendo em conta a sua difusão no Norte de África⁶⁹. O marido identifica-se com um gentílico raro no território peninsular⁷⁰ e um *cognomen* latino, frequente na Península Ibérica, sobretudo no território olisiponense⁷¹. A mãe identifica-se com um *cognomen* latino, particularmente bem representado no *conventus Scallabitanus* (sobretudo no território olisiponense), frequente em contexto indígena⁷². É assim provável que esta inscrição documente uma associação entre descendentes de indígenas romanizados com descendentes de emigrantes, sendo a posse de terras uma possível fonte de rendimentos⁷³.

Numa inscrição, infelizmente desaparecida, *Vibia Maxima, avia, e Maria Procula, mater, honore contentae*, pagaram *de suo* a homenagem ao *aedilis L. Cantius Marinus*⁷⁴. O gentílico da avó está bem representado no território peninsular⁷⁵. A mãe apresenta um gentílico abundantemente documentado na Península Ibérica⁷⁶, com várias ocorrências no *ager olisiponense*⁷⁷, e um *cognomen* tipicamente latino⁷⁸. Quanto ao edil, este identifica-se com um gentílico pouco frequente na Península

65 – Mantas, 1990, p. 235-237.

66 – Gallego Franco, 1995, p. 452-454.

67 – EO 30 = CIL II 212 («cipo» datável do século I): *Curia (hedera) Sex. f. Fundana h. s. e. / Trebonius / Tuscus. vir . et / Amoena . m(ater) / d. s. f. c. (hedera)*.

68 – Cardozo, 1956, nº 5 = ILER 6453 (estela; século I): *[S]ex(tus) . Curius / Silvanus . et / Sex(tus) . Curius / s [.] f [...?]*. Segundo Ribeiro, 1982-83, p. 344, um epitáfio inédito, oriundo do Funchal (Terrugem, Sintra), poderá documentar mais um *Curius*. Na Península Ibérica, regista-se ainda um núcleo de *Curii* no *conventus Emeritensis* (ILER 60, 288, 2691 = 6203a, 3630, 4600, 4852, 5125; CIL II 76; FE 34, 1990, nº 154; Encarnação, 1993-94, p. 299, nº 2) e um registo isolado, em Segóvia (CIL II 5783). Trata-se de um gentílico frequente na Campânia e no Lácio (cf. Lassère, 1977, p. 177), estando bem documentado em África (CIL VIII 4255, 6345a, 8953, 14823 = 1316, 19552, 24903, por exemplo; cf. Fernandes, Maio de 1991).

69 – Cf. Kajanto, 1982, p. 182; Ribeiro, 1982-83, p. 259-262 e figura 40; RERC, p. 37 e nota 1.

70 – Cf. ILER, p. 757, que regista mais uma ocorrência; *Trebonius* é frequente no Lácio, estando documentado em África (cf. Lassère, 1977, p. 191); tal como *Curius*, regista-se em Óstia (cf. Lassère, 1977, p. 197), porto onde, em 198 d. C., um *Trebonius* e dois *Curii* surgem como membros da mesma corporação, numa dedicatória a Septímio Severo (CIL XIV 4569).

71 – Vide Kajanto, 1982, p. 188; Untermann, 1965, p. 179-180, mapa nº 79; Mantas, 1982, p. 59-60.

72 – Cf. Kajanto, 1982, p. 282; Untermann, 1965, p. 55-56, mapa nº 8; Lourdes Albertos, 1964, p. 219.

73 – Recordem-se as pertinentes observações de Ribeiro, 1982-83, p. 262, a propósito da eventual relação entre o *cognomen Fundanus* e o substantivo *fundus*, – i.

74 – EO 75 = CIL II 193 (século I / II?): *D. [m.] / L. Cantio . L. f. / Gal. Marin[o] / aedili / Vibia Maxima / avia et / Maria Procul[aj] / mater honor[e] / contentae / d(e) . s(uo) p(osuerunt?)*.

75 – Cf. ILER, p. 765.

76 – Vide ILER, p. 717; está bem documentado em África (cf. Lassère, 1977, p. 187). Regista-se frequentemente em zonas marítimas (cf. IRCP, p. 58).

77 – EO 68 (Lisboa; século I): *Maria Ursa*; RERC 18 (Quinta da Bela Vista, Alapraia, Cascais; século I): *Q. Marius [...]* f. *Gal. Tan[g]l[us]*; RERC, p. 49, nota 1 (estela inédita de Paço de Arcos, Oeiras): *Maria Boutia*. Refira-se ainda um possível proprietário rural, *Marius Max(imus)* que, juntamente com a esposa, *[Iul]ia Rufina*, tratou do monumento do seu filho, *Mar(ius) Q. f. Quintilian(us), ulisiponensi(is)* (IRCP 415, Coruche; século II d. C.).

78 – Cf. Kajanto, 1982, p. 236. Está bem representado na epigrafia peninsular (vide ILER, p. 737).

Ibérica⁷⁹ e no mundo romano em geral; a sua área de difusão corresponde à Gália Cisalpina, sendo de notar uma especial concentração no porto de Aquileia⁸⁰. Os *Cantii* fizeram parte da activa burguesia municipal, tendo mesmo ingressado na ordem equestre⁸¹; no que respeita aos *Cantii* peninsulares, saliente-se a influência regional, no século I d. C., do benemérito *C. Cantius Modestinus*, filho de *C. Cantius Modestus*⁸², e a ligação ao comércio bético de *C. Cantius Sulpicianus*⁸³. Aliás, note-se que estes três *Cantii* são, juntamente com *L. Cantius Marinus*, os únicos *Cantii* peninsulares a possuir a cidadania romana, o que aponta para uma origem itálica⁸⁴, hipótese reforçada relativamente ao edil de *Olisipo*, devido à importância dos *L. Cantii* em Aquileia, porto adriático cujas relações comerciais com o território peninsular estão documentadas em material anfórico⁸⁵. Assim, e tendo em conta a ligação do *cognomen Marinus* ao mar⁸⁶, é bastante provável que a principal fonte de rendimentos desta família de burgueses municipais fosse o comércio marítimo.

Em *Olisipo*, *Sempronia Rufina* mandou fazer a expensas suas um *maesolium*, para si, para o seu filho, *Fabius Iusti f. Gal. Rufus*, originário de *Clunia*, e para a mulher deste, *Caecilia Scapulae f. Gemina*, olisiponense⁸⁷. Note-se que as referências expressas a mausoléus são raras na epigrafia peninsular⁸⁸, registando-se apenas mais uma ocorrência na Lusitânia⁸⁹. O gentílico da dedicante é um dos mais frequentes na Península Ibérica⁹⁰; está bem representado em *Clunia*, onde surge associado ao meio indígena e aos notáveis locais⁹¹. *Fabius Iusti f. Gal. Rufus*, embora seja cidadão romano, indica a filiação à maneira indígena, mencionando o *cognomen* do pai⁹²; além disso, usa um *cognomen* latino muito popular em contexto indígena, o que reforça a ideia de que estamos perante gente oriunda dos estratos indígenas de *Clunia*. Quanto ao seu *nomen*, abundante em território peninsular⁹³, ocorre entre libertos, no porto de *Olisipo*⁹⁴, identificando ainda dois clunienses⁹⁵. A sua esposa, *Caecilia Scapulae f. Gemina*, é identificada como filha de um *Scapula*, *cognomen* latino raro

79 – Cf. Mantas, 1990, p. 239-240 e mapa da p. 249. Refiram-se mais três *Cantii* peninsulares, dados a conhecer após o estudo de Vasco Mantas: *Cant(ia) Kara* (CIRG I, nº 54; Santa Comba, *conventus Lucensis*); *T. Cantius Nasonis f. mil(es) Ot<h>onianus* (HEp 2, 1990, nº 119; *Clunia*); *Cantia Celtibera emeritensis* (HEp 4, 1994, nº 156; Mogacela, Badajoz).

80 – Vide Mantas, 1990, p. 239, nota 73.

81 – Cf. Mantas, 1990, p. 240.

82 – Vide Mantas, 1990, p. 234-237, por exemplo.

83 – Cf. Mantas, 1990, p. 240 e nota 76.

84 – Vide observações de Mantas, 1990, p. 240-241.

85 – Cf. Mantas, 1990, p. 241, nota 77 e p. 244. Curiosamente, em Aquileia estão presentes alguns libertos dos *Curii* (CIL V 1183), família que regista uma ocorrência em *Olisipo* (EO 30) e que está bem documentada em Idanha-a-Velha (ILER 2691, 4600, 4852, 5125, FE 34, 1990, nº 154), onde viveu o pai de *C. Cantius Modestinus* (Mantas, 1990, nº 5).

86 – Cf. Kajanto, 1982, p. 308. ILER regista cerca de duas dezenas de ocorrências na Península Ibérica; regista-se mais uma vez em *Olisipo*: *M. Aurelius M. f. Gal. Marinus* (EO 112).

87 – EO 35 = CIL II 214 (inscrição desaparecida, datável do século I): *[F]abius . Iusti . f. Gal. / Rufus . cluniens(is) (hedera) an. XXXX / Caecilia (hedera) Scapulae . f. Gemina / an. XVIII . uxor . olisipone<nsi?>s . s(i)bi i<=e(t)?> s(uis?) / hoc . maesolium . Sempronia / Rufina . mater . d(e) . suo . faciend[um] / curavit.*

88 – Cf. ILER, p. 346-347.

89 – IRCP 16 = ILER 3528 (Faro?), monumento desaparecido, atribuído ao século II, pelo formulário, contendo a seguinte expressão: *hoc misolia (sic) sub ascia est*. No que se refere à existência de outros mausoléus na Lusitânia (nomeadamente em Mérida e *Olisipo* e seu território), vide Ribeiro, 1974-77, p. 291-296 e notas 123-136.

90 – Segundo Knapp, 1978, quadro X, p. 221, ocupa a 7ª posição. Está documentado num epitáfio de *Olisipo*: *C. Sempronius Pacatus* (EO 117, século I).

91 – Vide, por exemplo, HEp 2, 1990, nº 97a: *[[a]edilis*); nº 99 (*cursus honorum* incompleto); nº 142; nº 143; nº 144; nº 167; nº 169; nº 178. Curiosamente, um dos *edis* de *Clunia*, na 1ª metade do século I, foi *L. Sempronius Rufus* (cf. Curchin, 1990, nº 654, p. 200), sendo de notar que a dedicante da inscrição de *Olisipo* identifica-se com o *cognomen Rufinus*, -a.

92 – *Iustus* é um *cognomen* latino, documentado em *Olisipo* e seu território: EO 60, EO 143 e o epitáfio inédito de um *aedilis* (cf. Ribeiro, 1994, p. 85).

93 – Cf. ILER, p. 690-691 e Knapp, 1978, quadro X, p. 221 (4ª posição). Documenta-se sobretudo no litoral da Bética e da Tarraconense (cf. Dyson, 1980-81, p. 274-275).

94 – EO 84 e EO 103.

95 – CIL II 2790 (*Clunia*) e Almeida, 1956, nº 81. É interessante verificar que, em *Clunia*, estão documentados gentílicos como *Cantius* (HEp 2, 1990, 119) e *Aponius* (HEp 2, 1990, nº 113), raros na Península Ibérica, que também ocorrem em *Olisipo*; será uma mera casualidade, ou terá a ver com a existência continuada de correntes migratórias entre as duas cidades?

na Península Ibérica⁹⁶; *Geminus/a* é um *cognomen* latino pouco documentado no território peninsular⁹⁷. Quanto a *Caecilius*, trata-se de um gentílico frequente quer na Península Ibérica⁹⁸, quer em *Olisipo*⁹⁹. A *origo* de *Caecilia Gemina* relaciona-a com os *Caecilii* olisiponenses, uma das famílias dominantes em *Olisipo* e seu território, durante o século I d. C.¹⁰⁰.

Num outro epitáfio do *ager olisiponensis*, oriundo da Serra de S. Julião (Carvoeira, Torres Vedras), onde teria existido uma *villa*¹⁰¹, atesta-se um esclarecedor exemplo da política matrimonial dos *Caecilii*: *Iulia M. f. Marcella* mandou fazer, *de suo*, o monumento funerário do marido e *aedilis*, *Q. Caecilius Q. f. Gal. Caecilianus*, e do seu filho, *M. Caecilius Q. f. Gal. Avitus*¹⁰². A dedicante apresenta uma onomástica bem latina: *Iulius* é o gentílico mais documentado na Península Ibérica¹⁰³, bem como no território olisiponense¹⁰⁴, onde os *Iulii*, relacionados com o estrato indígena local¹⁰⁵, dominaram a administração municipal e o culto imperial durante o século I e inícios do século II¹⁰⁶; *Marcellus/a* é um *cognomen* latino¹⁰⁷, bem documentado na Península Ibérica, onde se conhecem várias homónimas desta *ingenua* olisiponense¹⁰⁸. O marido de *Iulia Marcella* apresenta o *cognomen* latino *Caecilianus*, derivado do gentílico paterno e habitualmente usado por gente com elevado estatuto social¹⁰⁹. *Q. Caecilius Q. f. Gal. Caecilianus* foi um dos edis de *Olisipo*, tal como *C. Caecilius Q. f. Gal. Gallus*¹¹⁰, que poderá ser seu irmão¹¹¹. Além dos dois edis, registam-se vários *Caecilii* (habitualmente inscritos na tribo Galéria) quer em *Olisipo*¹¹², quer nas zonas de Sintra¹¹³ e de Torres Vedras¹¹⁴. A sua onomástica perfeitamente latina poderá indicar uma origem extrapeninsular¹¹⁵; no entanto, atendendo à frequência do *praenomen Quintus* entre os *Caecilii* do século I, há que ter em conta a possibilidade de estarmos perante descendentes de uma

96 – Cf. ILER, p. 745 (ILER 5059: *Sex. Pompeius Scapula*; ILER 5291: *L. Aelius Scapula*). Trata-se de um *cognomen* masculino em -a, que Schulze considera ser de origem etrusca e que se documenta entre indivíduos da ordem senatorial (vide Schulze, 1966, p. 370).

97 – Kajanto, 1982, p. 294; ILER, p. 699, refere apenas uma vintena de ocorrências.

98 – Cf. Knapp, 1978, quadro X, p. 221 (8ª posição). Segundo Dyson, 1980-81, p. 284-287, regista-se uma forte representação do gentílico em Tarraco e três importantes concentrações, relacionadas com as acções de *Q. Caecilius Metellus Pius*, procônsul da *Hispania Ulterior* (79-71 a. C.), durante as guerras sertorianas: *Olisipo* e seu território, a área entre *Norba* e Mérida e a zona litoral entre *Saguntum* e *Valentia*.

99 – Segundo Knapp, 1978, quadro III – 2, p. 214, o gentílico *Caecilius* ocupa, em termos quantitativos, a segunda posição, logo a seguir a *Iulius*. Note-se existência de uma povoação denominada *Caeciliana*, situada perto de *Olisipo*, certamente relacionada com *Q. Caecilius Metellus Pius* (vide Mantas, 1982, p. 74-75, por exemplo).

100 – Cf. Encarnação, 1990(a), p. 405 e nota 30; Cardim Ribeiro, 1982-83, p. 362-363.

101 – Segundo Mantas, 1982, p. 78, além de referências ao achado, na ermida, de uma outra inscrição e de um sarcófago, já desaparecidos, têm sido encontrados fragmentos de ânforas e tesselas de vidro na encosta de S. Julião.

102 – IRMMTV 12 (tampa de arca cinerária de calcário lioz, oriunda da ermida da Serra de S. Julião, Carvoeira, Torres Vedras; meados do século II?): [*Dis . manibus*] / *Q. Caecili Q. f. Gal. Caeciliani . aedilis* / *an. XXXX .* / *M. Caecili Q. f. Gal. Aviti* / *an. XVIII* / *Iulia . M. f. Marcella . marito . optumo* / *filio . piissimo . de . suo . fecit*.

103 – Cf. Knapp, 1978, quadro X, p. 221.

104 – Cf. Knapp, 1978, quadro III – 2, p. 213.

105 – Ver, por exemplo, Mantas, 1982, p. 11-12; Ribeiro, 1982-83, p. 362; Ribeiro, 1994, 85; RERC, p. 52-53.

106 – Ver capítulo I, p. 23 e notas 73-75.

107 – Kajanto, 1982, p. 173.

108 – Vide ILER, p. 716. ILER, p. 706-707, regista 5 *Iuliae* com o *cognomen Marcella* e 3 *M. Iulii* com o *cognomen Marcellus*; no século I, um dos membros da *ordo decurionum* de *Mirobriga* chamava-se *M. Iulius Marcellus* (IRCP 150).

109 – Vide Kajanto, 1982, p. 142 e Mantas, 1982, p. 74.

110 – *Aedilis* documentado num epitáfio de *Olisipo*, colocado pela sua esposa *Peticia P. f. Tusca* (EO 56 = CIL II 192; datável do século I).

111 – Cf. Curchin, 1990(b), p. 175, nº 375 e 376.

112 – EO 3 = Ribeiro, 1982-83, p. 345, com correções (século I): *Caecilius C. f. Ma[ç]er*; EO 56 (século I): *Caecilia Calimis* (liberta?); EO 98 (século I): *Q. Caecilius Gal. Rufus*, filho de *Antistia Q. f. Maela*; EO 129 (século I): *Q. Caecilius Gal. Maxsumus*; EO 65 (século II): *Caecilius Optatinus*, *cognatus de Iulia* Orne (libertos?).

113 – Cardozo, 1956, nº 21 (S. Miguel de Odrinhas; século I): *Caecilia L. f. Maxuma*; Cardozo, 1958, nº 2 (S. Miguel de Odrinhas; século I): *T. Caecilius Gallus*; Cardozo, 1961, nº 7 = Ribeiro, 1982-83, p. 333-346, com correções (Granja dos Serrões; século I): *Q. Caecilius Q. f. Gal. [...]* e *[...] Iulius G. f. Gal. M[aelo]*.

114 – IRMMTV 2 = CIL II 280 (S. Gião; século I): *C. Caecilius Gaetulicus*; Ribeiro, 1982-83, p. 360-361 (Praia de Santa Cruz; cupa de finais do século I): *Caecilia Q. f. Maxuma*, filha de *Iulia Boutia*.

115 – Pelo *cognomen*, *C. Caecilius Gaetulicus* deverá ser de origem africana (cf. Mantas, 1982, p. 19-20, notas 56, 60 e 61).

clientela local de *Q. Caecilius Metellus Pius*¹¹⁶. De qualquer modo, durante o século I, os *Caecilii* foram membros da *ordo decurionum*¹¹⁷ e importantes proprietários fundiários¹¹⁸, tal como os *Iulii* olisiponenses¹¹⁹, com os quais se aliaram através do casamento com mulheres dessa importante família de indígenas romanizados¹²⁰.

Em S. Gião (Torres Vedras), uma jovem indígena, *Iulia L. f. Amoena*, foi memorada numa cupa, que a mãe de *suo f(ecit)*¹²¹; nesse local terá existido uma *villa*¹²².

Na zona de Cascais, o epitáfio de *L. Rutilius L. f. Gal. Severus* foi colocado, de *suo*, por *Rutilia*, sua mãe¹²³. Os *Rutillii* foram gente influente em *Balsa*, onde se associaram aos *Gellii*¹²⁴, associação essa que também se verifica em *Olisipo*, onde está documentado o duúnviro *M. Gellius Rutilianus*¹²⁵. O comércio por via marítima deverá ter sido a principal fonte de rendimentos dos *Rutillii* e dos *Gellii*¹²⁶.

Na área de Sintra, regista-se, no Almarjão (S. Miguel de Odrinhas), o epitáfio de *Iulia C. f. Tonceta*, que a mãe, *Cassia Boutia*, mandou fazer *d(e) s(uo)*¹²⁷. Em S. Miguel de Odrinhas, os pais de *Q. Terentius L. f. Gal. Tanginus*, mandaram fazer, de *suo*, o epitáfio do filho¹²⁸. Uma estela de mármore, oriunda do Faião, regista *Atilia L. f. Avita* e a sua mãe, *Terentia Amoena*, que a mandou fazer *d(e) s(uo)*¹²⁹. As três dedicatórias registam famílias de origem indígena, como atesta a onomástica aí documentada¹³⁰.

116 – Cf. Ribeiro, 1982-83, p. 362. Note-se a ligação ao estrato indígena de *M. Caecilius Caeno*, provável proprietário de uma *villa* dos arredores de *Olisipo*, autor de uma dedicatória a *Iupiter Assaecus* (EO 144 E = RAP 208; vide Ribeiro, 1994, p. 85; Encarnação, 1987, p. 25); o seu *cognomen* é um antropónimo indígena, típico da Lusitânia (vide Palomar Lapesa, 1957, p. 55). Curiosamente, perto do território olisiponense (Monte da Serranheira, concelho de Montemor-o-Novo), um epitáfio regista *P. Caecilius M. f. Niger* e *Caecilia M. f. Aranta* (cf. RERC, p. 53, nota 1, onde José d'Encarnação analisa o antropónimo indígena *Aranta*, a propósito do epitáfio de *Iulia Aranta*).

117 – Ribeiro, 1982-83, p. 363, sugere uma possível decadência económica dos *Caecilii* e dos *Iulii*, no século II. De qualquer modo, perante a importância dos *Caecilii* olisiponenses, Ribeiro, 1994, p. 85, coloca a hipótese de que *L. Caecilius Celer Rectus*, questor da Bética homenageado em Lisboa, no início do século II (EO 28 = CIL II 190), seja originário de *Olisipo*.

118 – Saliente-se que a quase totalidade dos locais de proveniência dos epitáfios de *Caecilii* encontrados no *ager olisiponense* foram classificados como *villae*: S. Miguel de Odrinhas, Sintra (Byrne, 1993, p. 43); Granja dos Serrões, Sintra (Byrne, 1993, p. 43 e nota 4); S. Gião, Torres Vedras (Mantas, 1982, p. 88); vide ainda nota 114 deste capítulo. Curchin, 1990(b), p. 105, dá vários exemplos peninsulares de magistrados municipais com importantes domínios fundiários, salientando que alguns artigos das leis municipais como a *Lex Irnitana* apontam para a preponderância das actividades agrícolas no tempo disponível dos magistrados municipais da Bética.

119 – *L. Iulius Maelo Caudicus, flamen Divi Augusti* e abastado proprietário rural do território olisiponense, constitui um notável exemplo da importância económica, social e política dos *Iulii* de *Olisipo*, durante o século I (Vide Ribeiro, 1982-83, p. 396-400).

120 – Vide notas 102, 113 e 114 deste capítulo, bem como Ribeiro, 1982-83, p. 358-363.

121 – IRMMTV 1 (cupa de calcário lioz, encontrada na ermida de S. Gião, Santa Maria, Torres Vedras; século I/II): *Iulia . L. f. Amoena . an. XII . h. s. e. / ma(ter) . d. s. f.*; no que respeita à relação das *Iuliae Amoena* com o estrato indígena e à sua concentração na área de *Olisipo*, vide Mantas, 1982, p. 12 e p. 90-91.

122 – Cf. Mantas, 1982, p. 16, que refere o achado de várias inscrições, duas lucernas de bronze e a base e o coroamento de uma grande ara, entre outros vestígios.

123 – RERC 19 = CIL II 315 (Carrascal de Manique, Alcabideche, Cascais; meados do século I): *Dis M. / L. Rutili(i). L. f. Gal. / Severi an. XXX / Rutilia mater. / d. s. f. c.*

124 – Cf. Dias, 1988-1989, p. 251-255 e RERC, p. 55, nota 1. Aliás, a identidade entre o gentílico do filho e o gentílico da mãe talvez se deva à importância dos *Rutillii* (cf. RERC, p. 19).

125 – Vide RAP 501 e 502.

126 – Cf. Dias, 1988-1989, p. 257-259.

127 – A estela (MASMO 118 - Almarjão, S. Miguel de Odrinhas), datável do século I, foi referida por Ribeiro, 1974/77, p. 283 e 309-311, notas 56 e 62, embora o seu texto, ao qual tivemos acesso graças à amabilidade do Dr. Cardim Ribeiro, permaneça inédito.

128 – Cardoso, 1958, nº 1 (MASMO 85 – estela de mármore, encontrada em S. Miguel de Odrinhas; século I): *Q. Terentio / L. f. Gal. Tangino / G. Terentius . C[el]ler et De[c]ia . Ulana . mat[er] . d. s. f. c.*; S. Miguel de Odrinhas terá sido uma *villa* (Byrne, 1993, p. 43 e Ribeiro, 1994, p. 83, por exemplo).

129 – MASMO / Faião: estela, oriunda do Faião – Sintra. Trata-se de uma inscrição datável do século I, referida por Ribeiro, 1982-83, p. 274 (nº 8) e 276, cujo texto, ainda inédito, nos foi dado a conhecer pelo Dr. Cardim Ribeiro, a quem agradecemos a informação. A tipologia e as dimensões do monumento são semelhantes a MASMO 85 e a MASMO 118. Os vestígios romanos do Faião foram atribuídos a uma *villa* (cf. Byrne, 1993, p. 43 e nota 6).

130 – Além da presença dos *cognomina* latinos *Avita* e *Amoena*, habituais em contexto indígena, registam-se ainda *Boutia*, *Tanginus*, *Tonceta* e *Ulana*, antropónimos indígenas (cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 50-51, 101-102, 104 e Albertos, 1972, p. 318, respectivamente). Relativamente aos *Terentii* olisiponenses, vide capítulo I; no capítulo II, a propósito de uma ara votiva da Ericeira (RAP 249), analisaram-se os *Atilii* olisiponenses.

A análise efectuada indica que a posse de terra, tradicional base da riqueza dos estratos superiores da sociedade romana¹³¹, foi uma das principais fontes dos rendimentos que permitiram as despesas efectuadas pelas mulheres que dedicaram monumentos funerários *de suo*, nomeadamente no caso das viúvas de membros da *ordo decurionum*; a herança do património dos seus maridos terá sido uma das razões da sua autonomia financeira.

Relativamente às actividades agrícolas destes(as) proprietários(as) de *villae*, na área de Torres Vedras os vestígios da época romana e as características dos solos apontam para a cultura da oliveira, não sendo de rejeitar a prática da viticultura, perfeitamente adequada às condições naturais dos terrenos locais¹³². Na zona de Cascais, salientam-se os vestígios romanos da exploração da oliveira: vários pesos de lagar, ânforas e o lagar azeiteiro na *villa* de Freiria¹³³. Quanto à zona de Sintra, além da produção de azeite, a exploração das pedreiras de mármore da área de Lameiras e de Armês, a par de oficinas de corte e afeição de mármore, seria uma das fontes de rendimentos dos proprietários locais¹³⁴. De um modo geral, os férteis campos do território olisiponense produziam cereais, vinho e azeite¹³⁵, constituindo uma das zonas de abastecedoras dos mercados regionais, como parece documentar a multiplicação das produções regionais de ânforas oleárias no vale do Tejo¹³⁶.

Os proprietários fundiários poderiam participar igualmente na comercialização da sua produção, nomeadamente no comércio do azeite, facilmente escoável através do porto de *Olisipo*¹³⁷, que, no século I, era já um grande centro de cabotagem¹³⁸. A provável ligação dos *Gelli* e *Rutilii*, bem como de *L. Cantius L. f. Gal. Marinus*, ao comércio marítimo e o caso do *diffusor olearius M. Cassius M. f. Gal. Sempronianus*, olisiponense documentado na Bética (AE 1984, 528), podem testemunhar a importância do comércio de azeite em *Olisipo*. Note-se a importância dos *Cassii* no território olisiponense, onde o gentílico está abundantemente representado¹³⁹; aliás, é provável que os *Cassii* olisiponenses estejam relacionados com ilustres membros de burguesias provinciais: em finais do século XVI, existia em Lisboa uma inscrição "*embutida numa parede, defronte da porta da igreja da Sé*" de Lisboa, registando uma mulher pertencente a uma família senatorial — *Iulia Decimi filiae Cas[s]iana, clarissima femina*¹⁴⁰. A sua *origo* (*castrensi*) sugere uma ligação a notáveis do *conventus Emeritensis*: *Castra Caecilia* estava localizada próximo de *Norba Caesarina*¹⁴¹, onde se regista, em finais do século II, o duvíviro *D. Iulius Celsus*¹⁴². Os *Decimi Iulii* são raros em território peninsular¹⁴³, documentando-se igualmente em contexto indígena, durante o século II¹⁴⁴; alguns *Decimi Iulii* do *conventus Pacensis* poderão estar

131 – Cf. Curchin, 1990(b), p. 104-105, que refere o carácter de investimento seguro e honroso atribuído pela sociedade romana à agricultura, salientando que a estrutura socio-económica do mundo romano dependia de uma aristocracia fundiária. Aliás, a posse da terra representa uma segurança que permite, simultaneamente, manter a própria posição social e resistir a uma crise política ou económica (cf. Veyne, 1993, p. 130-136). Relativamente ao testemunhos epigráficos de importantes proprietárias de terras na Península Ibérica, vide Henar Gallego, 1993, p. 113.

132 – Vide Mantas, 1982, p. 88-89.

133 – Cf. Cardoso, 1991, nº 125 e nº 137, por exemplo; Ribeiro, 1994, p. 88-89; Ponte, Guimarães, Pessoa e Marques, 1993, p. 415.

134 – Ribeiro, 1994, p. 89-90; Ribeiro, 1982-83, p. 157.

135 – Cf. Ribeiro, 1994, p. 88-89, com mais bibliografia. As abundantes referências dos autores latinos ao aurifer Tagus (vide Guerra, 1995, p. 130-131) e também as suas informações relativamente à existência de pedras preciosas no Tejo (cf. Guerra, 1995, p. 140 e Ribeiro, 1994, p. 82, que referem a existência de uma mina de pedras semi-preciosas – granadas – em Suímo, Belas, Sintra) sugerem que a actividade mineira poderá ter constituído uma fonte complementar de rendimentos.

136 – Cf. Ponte, Guimarães, Pessoa e Marques, 1993, p. 414-416.

137 – Ribeiro, 1994, p. 88-90.

138 – Cf. Mantas, 1976, p. 19. Relativamente à importância do estuário do Tejo no escoamento de produtos lusitanos como o vinho e o azeite, vide, por exemplo, Ponte, 1988, p. 52-53 e p. 55-57.

139 – Vide Loyzance, 1988, p. 276-278; RERC, p. 38, notas 1 e 2; Le Roux, 1986, p. 267.

140 – EO 69 = CIL II 4994 = ILER 4035 (finais do século II / inícios do século III?): *Iuliae . Decimi . filiae . Cas[s]ianae . clarissima . femina / castrensi . Florica Sabina / et . Iulia . Cas[s]iana . matri / piissimae . filiae . obsequenti/ssimae posuerunt*.

141 – Vide Dyson, 1980-81, p. 284 e nota 65 e Blázquez Martínez, 1986, mapa da p. 109.

142 – Cf. Curchin, 1990(b), nº 364, p. 174 = ILER 1153.

143 – Vide ILER, p. 705-708.

144 – ILER 2408 (Lisboa): *Iulius D. f. Tanginus*; ILER 5019 (Barcelona): *D. Iulius Docilonis l. Faustus* e *D. Iulius D. f. Vernus*; ILER 6094 = IRCP 306 (Herdade da Amendoeira, Beja): *D. Iulius D. f. Gal. Navus* e *D. Iulius D. f. Gal. Saturninus*, que terá exercido funções municipais pois, numa inscrição de Beja (IRCP 240, século I), *D. Iulius D. f. Gal[.] Sat[ur]ninus* foi memorado por libertos públicos.

eventualmente relacionados com um dos ramos familiares dos senadores eborenses¹⁴⁵. As dedicantes, *Florica Sabina*¹⁴⁶ e *Iulia Cassiana*, serão filhas da *clarissima femina*, segundo Vieira da Silva; a dedicatória foi colocada pela filha e pela mãe, que transmitiu o seu *nomen* à *clarissima femina*, sintoma de superioridade da linha feminina. A presença do *cognomen Cassiana* no nome da *clarissima femina* e no nome da sua mãe permite supôr uma aliança familiar com os *Cassii*.

No território olisiponense registam-se ainda duas inscrições funerárias com a expressão de *suo*, cujos dedicantes são do sexo masculino: em S. Gião (Torres Vedras), *Attius Montanus* mandou fazer um cipo a *L. Anicius Optatus*, sem indicar qualquer laço de parentesco¹⁴⁷; em Faião (Sintra), durante o reinado de Nero, um magistrado municipal e sacerdote do culto imperial, terá mandado construir, possivelmente em vida, um pequeno mausoléu, do qual restou um bloco paralelepípedo¹⁴⁸. No *ager olisiponensis*, são pois as mulheres, principalmente as mães¹⁴⁹, a dominarem nas dedicatórias funerárias que incluem a referida menção de *impensa*.

No território do *conventus Scallabitanus*, há ainda a considerar outras inscrições com a expressão de *suo*: uma honorífica de *Collippo*¹⁵⁰; uma de Soure, pertencente a um luxuoso monumento funerário¹⁵¹; três fragmentos de placas funerárias de calcário, em *Aeminium*¹⁵²; em *Conimbriga*, a cupa de *P. Aelius Ianuarius*, liberto imperial, feita a expensas da mulher, *Tiberia Claudia Cale*, e do filho, *P. Aelius Ephesius*¹⁵³.

A primeira, possivelmente uma base de estátua, é uma homenagem a *M. Gurtius Cassianus*, que desempenhou todas as funções públicas em *Collippo*, homenagem essa promovida pelo pai e por um sobrinho. Relativamente ao monumento de Soure, apenas sabemos que alguém, cujo nome e sexo desconhecemos, pagou à custa do seu património um monumento funerário em mármore, decorado com cenas de caça e com ornamentos em relevo no tecto. Quanto às placas de *Aeminium*, só podem ser lidas com alguma segurança as respectivas fórmulas finais. A dedicatória de *Conimbriga* é a única protagonizada por uma mulher, fora do território olisiponense.

Note-se que, no conjunto de 18 inscrições do *conventus Scallabitanus* com a expressão de *suo*, só três mencionam concretamente a natureza do donativo: a inscrição CIL II 214, dedicada por *Sempronia Rufina*, que refere um *maesolium*; o bloco de mármore¹⁵⁴ reutilizado numa casa de Murches, concelho de Cascais (RERC 23; século I), que contém a parte final do texto: [...] / [ar]am. d(e). suo f. c.; o túmulo de Soure (Encarnação, 1993, p. 253-255), *cum marmoribus et laquiaribus*. Em 12 inscrições funerárias, sete das dedicatórias são protagonizadas por mulheres, três associam dedicantes masculinos e femininos e duas registam só dedicantes masculinos. Assinale-se ainda que,

145 – Saliente-se a existência do senador de Eborá (documentado numa inscrição da Herdade da Igreja, Montemor-o-Novo – IRCP 414) *Q. Iulius D. f. Gal. Cordus Iunius Ma<u>ricus*, adoptado por *Iunius Mauricus*, senador exilado pelo imperador Domiciano, em 93 d. C. (Cf. IRCP, p. 493 e nota 1; Cenerini, 1989, p. 118-119 e notas 24-29). Refira-se ainda que uma inscrição do termo de Reguengos de Monsaraz (IRCP 423, 2ª metade do século II) regista *D. Iulius D. [filius?...] ebor[ensis]*, sendo de notar, no território de Évora, a presença de uma *gens Iulia* pertencente à ordem senatorial e documentada em inícios do século III (IRCP 382 e 383).

146 – Trata-se de um gentílico terminado em *-icus*, que apresenta apenas mais um registo no conjunto do CIL (cf. IRCP, p. 332): IRCP 259 (Beja; 2ª metade do século II) – *[F]lorica Agata*, memorada pelo marido *Oriclus (=Oriculus)*.

147 – IRMMTV 3 = CIL II 269 (cipo de calcário lioz, atribuível ao século II): *L. Anicio Optato / Attius Montanus / [d. s. f. c.] / [h. s. e.]*. Vide Mantas, 1982, p. 23-27, acerca do estatuto libertino dos dois indivíduos e a sua possível relação com actividades comerciais e marítimas.

148 – Cf. Ribeiro, 1982-83, MASMO 152 (1ª metade do 3º quartel do século I): *[Diis manib(us)] / [< praenomen + nomen > / < co/gnomen >] aed(ilis) [li ?]/v(ir) fla(men) aug(ustalis) / d(onum) p(osuit) / d. s. f. c. / [an.] XL [h. s. e.]*.

149 – EO 30; EO 35; EO 75; Cardozo, 1958, nº 1; MASMO 118; MASMO / Faião; IRMMTV 1; IRMMTV 12; RERC 19.

150 – ERC 3 (base de estátua de calcário lioz): *M. Gurti[fo (sic)] / Qujir. Cassian[is] an. XXXIII / [om]nibus ho[m]inibus in R(e) [P]ublica / Cj[olipone]n[si] flunc[is] / [...< linhas 8 a 12 >...] / [R]ufinus pater cum / [C]assiano nepote / p[ro]nendum d. s. curaverunt*.

151 – Ver nota 10 deste capítulo.

152 – Carvalho, 1993, nº 2: [...] d(e). s(uo). flaciendum). [c(uravit)] [...]; Carvalho, 1993, nº 3 (MNM 7664): [...] C [L uel F] [...]O / [...] [de] suo pos(uit) [...]; inédita (informação de Pedro Carvalho): [...] / a . c[...] / de . s[uo] [...].

153 – FC 26 = AE 1954, 86 = AE 1972, 239 (cupa de calcário; 130 d. C.): *D. m. / P. Aeli Ianuari Augustor(um) / liberti ann. XXXX / T[iberia] Claudia Cale uxor marito / optimo et / P. Aelius Ephesius patri / piissimo / d. s. f. c.*

154 – Provavelmente pertencente a uma ara funerária, constituída por vários blocos sobrepostos; relativamente à tipologia deste monumento, vide RERC, p. 62, nota 1, e p. 63, notas 1 a 5.

em oito das inscrições, a mãe aparece como dedicante, sózinha (5 vezes) ou acompanhada pelo *vir* (CIL II 212), pela avia do homenageado (CIL II 193) e ainda por um possível filho (MASMO 85).

Apesar desta predominância feminina, os dedicantes das epígrafes que documentam expressamente donativos mais dispendiosos são homens, à excepção do *maesolium* pago por *Sempronia Rufina*: um possível mausoléu, pago por um *flamen*, um depósito fontanário oferecido por um outro *flamen* e uma homenagem, provavelmente materializada numa estátua, a um magistrado municipal de *Collippo*¹⁵⁵.

Ora, este facto levanta de imediato uma questão: estará a expressão de *suo* associada sobretudo a dedicantes femininas quando o donativo se refere à sepultura e respectiva inscrição, sendo usada por dedicantes masculinos quando se trata de um donativo de maior vulto ou de um acto de benemerência? Mas a expressão em apreço suscita ainda outras interrogações. Trata-se de uma expressão que surge predominantemente em contextos funerários ou não? E a preponderância das dedicantes femininas é uma característica meramente local ou verifica-se noutras áreas da Península Ibérica?

Para tentar responder a estas questões, entre outras possíveis, há que analisar a ocorrência da expressão *de suo* a nível da Península Ibérica. A pesquisa que efectuamos nesse sentido permitiu-nos detectar um conjunto de 162 inscrições (ver quadro XX)¹⁵⁶. A esmagadora maioria das inscrições com a expressão *de suo* localiza-se na Lusitânia, onde se regista 56,2% do total, quedando-se as províncias da Bética e da Tarraconense pelos 19,8% e 24%, respectivamente. No que se refere ao âmbito da sua utilização, a expressão surge predominantemente associada a dedicatórias funerárias (72,8%), embora também seja empregue em dedicatórias votivas 13,6%)¹⁵⁷, honoríficas (4,9%) e inscrições monumentais (3,1%), existindo ainda alguns casos indeterminados (6,8%); a nível das províncias, as dedicatórias funerárias representam 79,1% na Lusitânia, 71,9% na Bética e 60% na Tarraconense.

Relativamente aos dedicantes, dividimos as inscrições em quatro grupos: a) dedicadas apenas por mulheres; b) dedicadas por mulheres associadas a homens; c) dedicadas por homens, individualmente ou em grupo; d) dedicantes indeterminados. No conjunto das inscrições, as percentagens são as seguintes: a) 25,9%; b) 10,5%; c) 52,5%; d) 11,1%. A nível das províncias, registam-se os seguintes valores: Lusitânia — a) 26,4%; b) 9,9%; c) 47,3%; d) 16,5%; Bética — a) 40,6%; b) 9,4%; c) 46,9%; d) 3,1%; Tarraconense — a) 12,8%; b) 12,8%; c) 69,2%; d) 5,1%. Constata-se assim que a preponderância das dedicantes femininas não se verifica a nível peninsular, embora haja um certo equilíbrio entre dedicantes femininos e dedicantes masculinos na Bética e uma forte presença feminina na Lusitânia.

O carácter fragmentário das inscrições ou o laconismo do seu texto, a ausência de contexto arqueológico, a falta de descrições pormenorizadas e de fotografias em alguns dos corpora consultados, ou o desaparecimento dos próprios monumentos, de que apenas conhecemos o respectivo texto, impediu o conhecimento do tipo de donativo a que a expressão de *suo* se referia, na maioria dos casos; a predominância de dedicatórias funerárias permite pensar que a maioria dos donativos se referia ao epitáfio e/ao túmulo, por modesto que fosse.

De qualquer modo, em alguns casos, o texto, a tipologia do monumento, ou o contexto arqueológico forneceram indicações seguras sobre a natureza de donativos dispendiosos: Lusitânia — *maesolium* (EO 35); depósito fontanário (CIL II 260); estátua (ERC 3); mausoléu com os respectivos ornamentos (Encarnação, 1993, p. 253-255); mosaico (AE 1987, 475); estátua (IRCP 92); estátua (IRCP 237); *studium cum cratera* (IRCP 339); Bética — estátua (CIL II 1063); *sportulis* (CIL II 1047); estátua, jóias e ornamentos da estátua (CIL II 2326); *imago* (CIL II 1569); estátua (HEp 1, 1989, 215); Tarraconense — estátua (AqFl 72); *exedra cum basi* (CIL II 2915); estátua (CIL II 4143); estátua e ornamentos (CIL II 4268); estátua (RIT 590); *exhedra cum fronti templi* (CIL II 4085); estátua (CIL II

155 – Vide ainda RERC, p. 56, nota 2.

156 – Realizamos uma análise muito geral deste conjunto de inscrições, tendo em conta os limites da investigação em que se insere, deixando para uma próxima oportunidade uma análise mais específica da expressão *de suo* na epigrafia peninsular.

157 – A este respeito vide Iglesias Gil, 1993, p. 279-320.

3559). Os dedicantes dos donativos que acabamos de referir são maioritariamente homens: em 20 inscrições, 15% foram protagonizadas por mulheres, 20% por mulheres associadas a homens e 60% por homens, registando-se um caso (5%) em que não foi possível determinar o sexo do dedicante. Apesar da reduzida quantidade de donativos de maior vulto, parece confirmar-se que estes se relacionam fundamentalmente com dedicantes do sexo masculino; a intervenção feminina neste tipo de dedicatórias restringe-se, naturalmente, à esfera de actuação das burguesias municipais e regionais (EO 35; CIL II 1047; CIL II 4268).

No que respeita à cronologia de utilização da expressão *de suo* na epigrafia peninsular, os testemunhos apontam para um período entre os primórdios da época imperial e o século III.d. C.¹⁵⁸.

C) OUTROS INDICADORES DE *IMPENSA*.

Nas alíneas anteriores analisamos inscrições com menções expressas de *impensa*, que terá atingido montantes consideráveis em alguns casos. No entanto, tendo em mente que o simples acto de mandar fazer um epitáfio implica uma despesa que não estava ao alcance de toda a população, há monumentos epigráficos no *conventus* que, por si só, indicam um esforço económico importante por parte das dedicantes. Passemos a analisar dois importantes exemplos: uma placa funerária decorada, colocada por *Albura* e um pedestal funerário que *Cornelia T. f. Boutia* mandou fazer em vida.

No território da *civitas* de Bobadela, no lugar de Chãs (Beijós, Carregal do Sal), foi encontrada, nos anos 70, uma placa funerária fragmentada (apenas foi recuperada a parte esquerda), aparentemente de pedra de Ançã¹⁵⁹. Trata-se de uma placa muito bela (estampa 1, in Silvestre, 1976, p. 133), com uma moldura decorada com motivos vegetais estilizados e um friso exterior de pérolas, sendo o campo epigráfico rebaixado. O texto parece estar alinhado segundo um eixo de simetria; as letras, do tipo capital quadrada, estão bem gravadas, são elegantes e simétricas, tendo sensivelmente o mesmo tamanho. Existem *puncta* triangulares nas linhas 1 e 5. O texto incompleto da inscrição¹⁶⁰ não nos permite saber com precisão o nome completo e o estatuto de *Aurelius*¹⁶¹, mas a dedicante e esposa identifica-se com o *cognomen* *Albura*, um dos antropónimos indígenas formados a partir de **albho-*, «branco», e do sufixo *-ura*, *-urus*; trata-se de um nome pouco frequente, documentado apenas na Península Ibérica¹⁶². O casal seria proprietário de uma *villa* e *Albura*, como viúva, mandou fazer a placa para o mausoléu destinado ao seu marido e a si mesma.

No *conventus Scallabitanus*, existe mais uma placa funerária com decoração semelhante (estampa 3, in Vaz, 1982(c), nº XIII); trata-se de um monumento de granito de grão muito fino, embutido na fachada lateral da Igreja de Santa Maria de Almacave, concelho de Lamego¹⁶³. Apresenta uma moldura de gola directa, com motivos vegetais estilizados e um friso exterior de

¹⁵⁸ – Refira-se a presença da expressão *de suo* em mosaicos, datáveis de finais do século II / inícios do século III, pertencentes a *stationes* do *forum* corporativo de Óstia (cf. Blázquez Martínez e García-Gelabert Pérez, 1990-91, p. 113).

¹⁵⁹ – Cf. Silvestre, 1976, p. 133; segundo Vaz, 1987, p. 45, o monumento foi esculpido em mármore. É possível que esta placa provenha da necrópole de uma *villa*.

¹⁶⁰ – Silvestre, 1976, p. 133 (inscrição datável de fins do século I / inícios do século II): *Aurelio [His?] / paniano [.....] / Albura [.....] / marito [optimo?] / et sibi [f(aciendum) c(uravit)]*.

¹⁶¹ – *Aurelius* é um dos gentilícios latinos mais frequentes na Lusitânia (cf. Knapp, 1978, p. 221), assim como na Península Ibérica (vide ILER, p. 665-666). A nível do *conventus Scallabitanus*, note-se uma certa concentração de *Aurelii* nos territórios mais próximos da *civitas* de Bobadela: *Conimbriga* (FC 31, 44, 45, 46), *Aeminium* (ILER 4174) e Viseu (Vaz, 1993, nº 38 e nº 70).

¹⁶² – Cf. Untermann, 1965, mapa nº 5, Palomar Lapesa, 1957, p. 28; Albertos Firmat, 1972, p. 7; Albertos Firmat, 1976, p. 71, mapa *Albu – Albo*; Albertos Firmat, 1985, p. 263 e 304 e ILER, p. 655. Além da presente inscrição, regista-se, com segurança, mais 9 vezes em território peninsular – IRCP 306 = ILER 6094 (Herdade da Amendoeira, Beja): *Iulia T. f. Albura*; ILER 3439 (castelo de Almourol, Vila Nova da Barquinha): *Cornelia Albura*; ILER 4070 = CIL II 73 (Rio de Couros, Vila Nova de Ourém): *Albura mater*; ILER 4336 (Leiria): *Albura Titi f.*; Untermann, 1965, p. 49, nº 5 (Robledillo de Trujillo): *Alburus*; Dias, 1985-1986, p. 196, nota 8 (Cárquere): *Albura*; Tranoy e Le Roux, 1989-90, p. 194 (Braga): *Albura Caturonis f. (castello?) Letiobri?*; Brandão, 1960, p. 189-192 (Várzea do Douro): *Pom(pei) ? Albura*, mãe de *Pompeius Maternianus*; ILER 2553a (Santa Colomba de Somoza, Astorga): *Albinus Alburus*. Note-se a concentração de testemunhos na Lusitânia, embora não seja um antropónimo exclusivamente lusitano. Albertos Firmat, 1985, p. 263, refere *Arbura* como variante de *Albura*; está documentado na Lusitânia: CIL II 853 (próximo de Plasencia): *Arbura ?*; IRCP 66 (Fronteira, Lagos): *Arbura Bolbi*.

¹⁶³ – Vaz, 1982(c), nº XIII (século I ?): *Iuliae Marci f. / Marcellae / Q. Scaevius / Vegetus uxori*.

pérolas; tem o campo epigráfico rebaixado; as letras, capitais com tendência actuária, não foram bem gravadas, verificando-se o desaparecimento quase total das barras horizontais das letras E, F e L. Provavelmente, o dedicante, *Q. Scaevius Vegetus*, é um colono ou descendente de colonos itálicos, tendo em conta o seu *nomen*¹⁶⁴, unicamente atestado nesta inscrição, na Península Ibérica¹⁶⁵; o seu *cognomen*, *Vegetus*, embora latino, documenta-se, ocasionalmente, em meios indígenas, no território peninsular¹⁶⁶. A estrutura onomástica da sua esposa, *Iulia Marci f. Marcella*, é perfeitamente latina¹⁶⁷.

Estas duas placas, em termos tipológicos e decorativos, podem ser relacionadas com quatro placas funerárias, encontradas na área portuguesa do *conventus Emeritensis*.

Em Idanha-a-Velha, *Curia Vitalis* mandou fazer, para si e para o seu marido *C. Curius Pulli f. Quir. Firmanus*, uma placa funerária de mármore de Estremoz / Vila Viçosa, semelhante à placa de Beijós (estampa 2, in Almeida, 1956, fig. 134): tem uma moldura de gola directa, decorada com motivos vegetais estilizados e rodeada exteriormente por um friso de pérolas; o campo epigráfico foi rebaixado; o texto está alinhado segundo um eixo de simetria; as letras, bem gravadas e simétricas, são do tipo capital quadrada; existem *puncta* triangulares nas linhas 2, 3 e 5¹⁶⁸. O defunto e a dedicante pertencem à *gens Curia*, bem documentada na área da *civitas Igaeditanorum*, onde alguns dos seus membros integraram a burguesia local¹⁶⁹. O *cognomen* do pai de *C. Curius Firmanus* sugere uma possível origem indígena para este cidadão romano¹⁷⁰; a sua esposa, *Curia Vitalis*, poderá ser uma liberta da *gens Curia*¹⁷¹.

Em Castelo Branco, foi encontrada uma placa funerária fragmentada, de mármore (estampa 6, in Garcia, 1979, foto 3): tem uma moldura de gola directa, decorada com palmas estilizadas e um friso exterior de pérolas; o campo epigráfico foi rebaixado; o texto parece estar alinhado segundo um eixo de simetria, sendo de notar a *ordinatio* cuidada: procurou-se destacar o nome da mãe do dedicante — gravando-o com letras de maiores dimensões —, tornando mais discreta a indicação da filiação da mãe e do nome do dedicante — inscritos com letras de dimensões equivalentes — e subalternizando as relações de parentesco e a fórmula final — expressas através de letras com dimensões reduzidas; as letras, bem gravadas, são do tipo capital quadrada; nas linhas 3 e 5, existem *puncta* triangulares. *C. Ammius Avitus* dedica o monumento aos seus pais¹⁷²: o nome do pater perdeu-se mas o da mãe, *Camira Apanonis f.*¹⁷³, remete-nos para uma família de indígenas, cujo filho seria já um *civis latinus*, a julgar pelos *tria nomina* com que se identifica.

164 – Segundo Schulze, 1966, p. 226 e 369, *Scaevius* é um *nomen* de origem etrusca, documentando-se em Roma (CIL VI 25969; CIL VI 2958: *Sceuius*) e em *Clusium* (CIL XI 2424: *L. Scaevius L. f. Arn. Laevinus*); assinala-se ainda a referência a um *fundus Scaevianus* em Veleia (CIL XI 3805).

165 – Cf. ILLER, p. 745. Em Roma, *Q. Scaevius Maximus, mil(es) frum(entarius)* da legião VII Gémina, mandou fazer, como *heres*, o epitáfio de *L. Pontius Nigrinus*, originário de *Bracara* e *frumentarius* da mesma legião (CIL VI 3349 = Santos Yanguas, 1988, nº 13 e 16). Pela datação atribuída à inscrição (2ª metade do século II), talvez não seja possível estabelecer uma relação com *Q. Scaevius Vegetus*; no entanto, o *praenomen* é o mesmo e *Q. Scaevius Maximus*, tal como o seu colega *Nigrinus*, poderá ser originário de *Bracara* ou de uma zona próxima (cf. Santos Yanguas, 1988, p. 224).

166 – Vide ILLER, p. 763. Assinala-se que, no mesmo local, um *Vegetus* (o mesmo dedicante da placa de *Iulia Marcella*?) encarregou-se do túmulo de *Doqirus Turei f.* e de *Ibdoena Talotis f.* (Vaz, 1982, nº XII); ainda no concelho de Lamego, *Camala Argi f.* mandou fazer um monumento funerário para si e para *Rufinus* e *Vegetus*, possivelmente seus filhos (Vaz, 1982, nº III).

167 – Note-se a indicação do patronímico por extenso, de que existem outros exemplos no território peninsular: vide HEp 3 1993 nº 206 (Berrocal, Huelva) e Encarnação, 1993-94, nº 3 (Tornada, Caldas da Rainha: *Marcus Allius Balbus, filho de Avita Marci f.*). Há que ter em conta a possibilidade de *Marcus* não ser um *praenomen* por extenso, mas sim o «nome individual» ou o *cognomen* (cf. CIL II 2757: *Rufina Marcella Marci f.*) do pai de *Iulia Marcella*; a esse respeito, vide Cardim Ribeiro, 1982-83, 319-324 e p. 446, notas 77-78.

168 – CIL II 442 (inscrição datável do final do século I): *C. Curio Pulli f. / Quir. Firmano / ann. LXIII . Curia / Vitalis marito / optimo et sibi . f. c.*

169 – Cf. Fernandes, Maio de 1991; em Idanha-a-Velha, regista-se mais um cidadão romano desta *gens*: *C. Curius C. f. Q(uirina tribu) Clementinus* (ILLER 5125).

170 – *Pullus* é um *cognomen* latino utilizado em contexto indígena (cf. Fernandes, Maio de 1991).

171 – Vide Fernandes, Maio de 1991.

172 – Garcia, 1979, p.157-160 (século I / II):[...] / [pa]tri / Camirae / Apanonis f. / matri / C. Ammius Avitus / f.

173 – *Camira* é um antropónimo indígena que se regista exclusivamente na Lusitânia (cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 58 e Albertos Firmat, 1976, p. 78, mapa *Camira*). Segundo Mantas, 1985, p. 130 e mapa I (com a distribuição de *Apano/a* e suas variantes na Península Ibérica) e Palomar Lapesa, 1957, p. 36, *Apano/a* é um antropónimo indígena, documentado apenas na Lusitânia.

Na povoação de Orjais, concelho da Covilhã, foi encontrado o fragmento de uma placa funerária de mármore, cuja moldura, de gola directa, tem uma decoração de folhas de acanto, com um friso exterior de pérolas, sendo o campo epigráfico rebaixado (estampa 4, in FE 6, 1983, nº 21). Do texto, apenas se conservam letras — do tipo capital quadrada — da primeira e segunda linhas, com o nome incompleto do defunto¹⁷⁴; na primeira linha notam-se vestígios de um ponto triangular.

No Mosteiro de Santa Maria de Aguiar (Figueira de Castelo Rodrigo), guarda-se o fragmento inferior de uma placa de mármore branco, cuja origem se desconhece; apresenta vestígios de moldura com motivos vegetais estilizados, delimitada exteriormente por um friso de pérolas (estampa 5, in Curado, 1985, nº 7, p. 651). Do texto, apenas restam vestígios do que parece ser a última linha, com o *cognomen* da dedicante, [*Flac*]cilla, seguido de um ponto e um M, que poderá indicar o parentesco com o(a) defunto(a)¹⁷⁵. *Flaccilla* é um antropónimo latino, bem documentado como *cognomen* feminino (especialmente na Lusitânia), nomeadamente em contextos indígenas.

No território português da Lusitânia, existem ainda duas placas funerárias com algumas semelhanças formais com este conjunto de placas molduradas e decoradas. No *conventus Pacensis*, na Herdade da Chainha (freguesia de N.ª S.ª da Graça do Divo, concelho de Évora), foi encontrada uma placa funerária de calcário (Encarnação, 1986-87, foto 3) com moldura de gola directa, decorada com folhas de acanto estilizadas; na parte superior apresenta três concavidades para encaixe no monumento funerário¹⁷⁶. Tem o campo epigráfico rebaixado; as letras — do tipo capital quadrada — estão muito bem gravadas; o texto está alinhado segundo um eixo de simetria quase perfeito; aparentemente houve a preocupação de salientar o nome da defunta, através da altura das letras das linhas 1 e 2¹⁷⁷; existem *puncta* triangulares em todas as linhas do texto. A defunta, *Cornelia L. f. Maxuma*, certamente *ingenua*, pois indica a filiação, tem o mesmo *nomen* que o seu marido, *Cornelius Valens*, enquanto a sua irmã, *Valeria Amoena*, se identifica com um gentílico diferente. É possível que o marido pertença a um ramo diferente dos *Cornelii*¹⁷⁸, ou seja um parente afastado de *Maxuma*; quanto às irmãs, uma delas terá adoptado o gentílico da mãe¹⁷⁹.

Em Montemor-o-Velho, foi encontrada uma placa de calcário¹⁸⁰, apresentando uma moldura de gola directa, decorada com folhas de acanto estilizadas e rodeada, exteriormente, por um filete com volutas (Lucas, 1989, est. IV). O texto, inscrito num campo epigráfico rebaixado, está orientado segundo um eixo de simetria quase perfeito; as letras são do tipo monumental quadrada e estão bem gravadas¹⁸¹; existe pontuação em todas as linhas, sendo de notar a elegância das *hederae* das linhas 1, 2 e 6. *L. Cadius Carus* e *Valeria Rufina*, pais de *L. Cadius Cella*, falecido aos 27 anos, poderiam ser os proprietários de uma *villa* do *ager Aeminiensis*, pertencendo a placa ao jazigo familiar¹⁸². A nível peninsular, os *Cadii* estão documentados apenas no *conventus Scallabitanus*, especialmente na *civitas* de *Aeminium*, nas proximidades de importantes vias de comunicação fluviais e terrestres; terão pertencido à burguesia municipal da Lusitânia, ostentando o seu poder económico e o seu elevado nível cultural em elegantes monumentos funerários¹⁸³.

174 – FE 6, 1983, nº 21 (final do século I): *M. lu[lius] [...] / S[...]* / [...].

175 – Curado, 1985, nº 7, p. 651-652 (final do século I): [...*Flac*]cilla . m[at(er) uel arita?]; o autor assinala a existência do ápice superior do primeiro C, na linha de fractura do lado esquerdo.

176 – IRCP 393 (fins do século I, princípios do século II): *D. m. Corneliae / L. f. . Maxumae / Cornelius Valens / maritus. Valeria / Amoena . soror . f. c.*

177 – Note-se que a altura das letras vai decrescendo gradualmente da 1.ª linha para a última linha : l.1: 6; l. 2: 5,5 / 5,7; l. 3: 5,5; l. 4: 5; l. 5: 4,5; não será uma tentativa consciente de conseguir um melhor efeito visual para um texto que estaria colocado num plano superior ao olhar de quem passava junto do sepulcro ?

178 – Os *Cornelii* estão bem documentados no *conventus Pacensis* (cf. IRCP, p. 861), destacando-se, naturalmente, os *Cornelii Bocchi* de *Salacia* (IRCP 185, 188, 189).

179 – Vide IRCP, p. 471.

180 – ILER 4082 = Lucas, 1989, nº 3 (século I / II ?): *D. m. s. / L. Cadio Cellae ann. / XXVII L. Cadius Carus / et Valeria Rufina / parentes f. optimo / f. c.*

181 – Assinale-se a semelhança, a nível do ductus, com o monumento de *Cadius Carianus*, encontrado em *Aeminium* (cf. Lucas, 1989, p. 180).

182 – Lucas, 1989, p. 179, refere que a placa não foi encontrada *in situ*, sugerindo que poderia ser originária da Senhora do Desterro, local próximo de Montemor, onde teria existido uma *villa*, pois foram aí descobertos alicerces, mosaicos, sepulturas e moedas romanas.

183 – Cf. Lucas, 1989, 193-202, que assinala a existência de dois grupos distintos de *Cadii*, fora da Península Ibérica: os *Cadii* da ordem senatorial e os *Kadii/Cadii* libertos, documentados na Campânia.

A semelhança, a nível do tipo de moldura e de decoração, entre as placas de Beijós e de S^a M^a de Almacave e as quatro placas do *conventus Emeritensis* é notável; exceptuando o texto de S^a M^a de Almacave, as letras deste conjunto de placas são bastante elegantes e estão bem gravadas. A sua qualidade e a sua distribuição geográfica, aponta para produções da capital provincial, pelo menos no caso das placas em mármore, material alheio às zonas de achado. Aliás, no Museu Nacional de Arte Romano, em Mérida, encontra-se exposta a ara funerária de *L. Iulius Amoenus* (ILER 4246), cuja decoração e qualidade de execução se aproximam bastante das placas analisadas (estampa 7, in Lasheras Corruçaga, 1991, p. 57). O facto de só existirem mais duas placas molduradas e decoradas no *conventus Scallabitanus* e no *conventus Pacensis* reforça a possibilidade de se tratar de uma produção de uma oficina emeritense.

Quanto aos elementos decorativos em análise, eles derivam dos modelos da Península Itálica¹⁸⁴, existindo vários paralelos em monumentos epigráficos do território peninsular: no *conventus Pacensis*, em Mértola, regista-se o fragmento do cipo funerário de *Aurelius Asclepiades* (FE 20, 1996, nº 91), cuja moldura apresenta uma faixa com uma representação simplificada de quadrifólios; em Alcácer do Sal documenta-se o imponente cipo honorífico de mármore (IRCP 187) de *L. Porcius L. f. Gal. Himerus*, duúviro prefeito substituto do duúviro e flâmine por duas vezes o culto imperial (IRCP 187); em Évora, a elegante ara funerária de mármore de *Canidia Albina*, colocada pela sua mãe, *Catinia M. fil. Aciliana*, regista a aliança de duas famílias senatoriais (IRCP 381). Finalmente, o grandioso mausoléu dos *Atilii* de Sádaba (Zaragoza) (in Fatas e Martin Bueno, 1977, fig. 29) constitui um excelente exemplo da utilização arquitectónica deste tipo de elementos decorativos, que atrai essencialmente uma clientela de notáveis, possuidora de um certo nível cultural.

Verifica-se assim que, a placa que *Albura* mandou colocar no túmulo que iria partilhar com o marido é de um tipo raro na Lusitânia, sendo, provavelmente, oriunda de uma oficina da capital provincial; trata-se não só de algo dispendioso, mas também de mais um índice da aculturação das populações indígenas.

No *ager olisiponensis*, documenta-se o raro testemunho epigráfico de um retrato funerário: *Cornelia T. f. Boutia* mandou fazer em vida um pedestal funerário monumental, encimado pelo seu retrato, para si, para *Licinia P. f. Maxsuma* e para *M. Antistius M. f. Gal. Facundus*¹⁸⁵. Segundo Vasco Mantas, a inscrição seria proveniente de uma *villa*, situando-se o local de achado numa zona de elevada densidade de “vestígios da implantação rural romana”, com solos férteis e próxima de antigas vias de comunicação¹⁸⁶; esta *villa* estaria provavelmente relacionada com a cultura da oliveira, ou mesmo com a viticultura¹⁸⁷.

A relação entre os vários defuntos, com gentílicos diferentes, não é clara, podendo tratar-se de uma relação familiar, do tipo mãe - filho/a e sogra - genro / nora¹⁸⁸. De qualquer modo, a estrutura onomástica dos defuntos denuncia personagens de elevado estatuto social. O gentílico de *Licinia P. f. Maxsuma* está bem documentado na Península Ibérica¹⁸⁹, e em Olisipo e seu território, onde surge associado ao estrato indígena local, identificando cidadãos romanos e libertos¹⁹⁰; note-

184 – Vide, por exemplo, o fragmento de uma inscrição monumental de Itália (in Cenerini, 1988, p. 103-104).

185 – IRMMTV 7 (pedestal funerário de calcário lioz, encontrado na Quinta da Macheia, Matacães, Torres Vedras, 1^a metade do século II): *Licinia . P. f. Maxs/uma . M. Antisti/us . M. f. Gal. Facundus . h. s. s. / Cornelia . T. f. Boutia / quius . posita . est / in prima . parte . ima/go . viva . se f. c.*

186 – Vide Mantas, 1982, p. 48-49.

187 – Vide Mantas, 1982, p. 88.

188 – A este respeito, vide Ribeiro, 1982-83, p. 355-357.

189 – Dyson, 1980/81, p. 280-284, refere 130 testemunhos peninsulares, assinalando dois fortes núcleos em Tarraco e em Olisipo; a concentração de testemunhos de *Licinii* em Olisipo e seu território poderá estar relacionada com a acção de *P. Licinius Crassus*, governador da Hispania Ulterior (96-93 a. C.), no litoral português (vide Dyson, 1980/81, p. 281).

190 – EO 7 (Lisboa): *Licinia M. f. Maela*; EO 26 (Lisboa): *T. Licinius Amaranthus*; EO 46 (Lisboa): *M. Licinius M. f. Gal. Quadratus*; *C. Licini[us] Decimi[nianus]?*; EO 114 (Lisboa): *Licinia Helene*; Cardozo, 1956, nº 8 (S. Miguel de Odrinhas): *G. Licinius Afer* e *M. Licinius Licinianus*; Cardozo, 1956, nº 12 (S. Miguel de Odrinhas): *Licinia Maxuma*; Cardozo, 1956, nº 14 (S. João das Lampas): *[?] Licinius [?] f. Gal. Fusc[us]*; Cardozo, 1956, nº 69 (Almorquim, Sintra): *Licinia L. f. Tusca*; Cardozo, 1958, nº 5 (Faião, Sintra): *Licinia L. f. Boutia*; Cardozo, 1958, nº 6 (Faião, Sintra): *C. Liciniu[s] C. f. [...]*; Cardozo, 1961, nº 3 (Odrinhas): *M. Licinius Domesticus*; Cardozo, 1961, nº 5 (Faião): *[Li]cinius Nf[iger]?*; RERC 16 (Caparide, Cascais): *L. Licinius L. f. Gal. Rufus*; IRMMTV 13 (Quinta do Caracol, Alenquer): *L. Licinius Temporanus*.

se a existência, em S. Miguel de Odrinhas, de um imponente cipo de mármore, de finais do século I, colocado por *Licinia Maxuma* ao seu filho *M. Valerius M. f. Gal. Gallio* (Cardozo, 1956, nº 12). *M. Antistius M. f. Gal. Facundus* é um cidadão com um gentílico usado, no mundo romano, por membros da ordem senatorial e da ordem equestre¹⁹¹; gentílico pouco documentado na Península Ibérica, *Antistius / Antestius* identifica alguns membros da burguesia municipal, possuindo um importante núcleo na Lusitânia¹⁹². Em Olisipo regista-se em ambiente indígena¹⁹³. *Cornelia T. f. Boutia* identifica-se com um gentílico¹⁹⁴ pouco documentado no *conventus Scallabitanus*, com um importante núcleo no território olisiponense, ligado ao estrato indígena¹⁹⁵; aliás, o *cognomen Boutia*¹⁹⁶ indica que a dedicante da inscrição deverá descender de indígenas romanizados.

D) A PROPRIETÁRIA E A TRABALHADORA.

Em *Conimbriga*, há vários exemplos de mulheres como proprietárias de oficinas de produção cerâmica. Em 1992, no decurso de uma campanha de escavações, foi encontrado um fragmento de peso de tear com a marca *Boutiae* (FE 47, 1994, nº 211), datável de finais do século I ou inícios do século II, pela paleografia. É provável que os grafitos gravados antes da cozedura em outros dois pesos de tear, em mau estado de conservação, com a leitura *Bouti[...]*, documentem a mesma proprietária; ambos foram datados do século I, pela paleografia, tendo um deles sido encontrado em contexto estratigráfico da época trajânica¹⁹⁷. Tendo em conta a datação sugerida pelas marcas dos pesos, é possível que *Felix Boutiae lib.*, documentado num epitáfio de *Conimbriga* (FC 51), datado do século II, seja um liberto desta proprietária indígena de finais do século I. Outros grafitos, gravados em pesos de tear antes da cozedura, que registam nomes femininos latinos (FC 389: *Apta ?*), gregos (FC 390: *Aretusa*), ou indígenas (FC 392: *Avela*; FC 393: *Bol(osea)*; FC 395: *Cas(a/ina?)*; FC 397: *Cese(a)*; FC 399: *Cil(ea)*; FC 400: *Cilea*; FC 419: *[Pus]inica*), poderão igualmente documentar proprietárias de oficinas de produção cerâmica¹⁹⁸.

Ainda em *Conimbriga*, foram encontrados vários pesos de tear com a marca *Alliae* (7 pesos) ou *All[iae]* (2 pesos)¹⁹⁹; recentemente, foi publicado o fragmento de um peso de tear, com a marca *Allia (sic) [A]vita[e]*²⁰⁰. Este novo documento sugere uma relação com outras marcas documentadas em *Conimbriga*: *Avit.* (2 pesos)²⁰¹, *Avitae* (2 pesos)²⁰² e *[Alli?]i Aviti* (fragmento de tijolo)²⁰³. Embora a ausência de contexto estratigráfico dificulte a datação destas marcas, os *Allii/ae* estão representados em *Conimbriga* por inscrições funerárias atribuídas ao século II: *Allia Avita*, falecida aos 23 anos, é memorada pelos pais, *Valerius Ursacius* e *Allia [Ruf]ina*, numa ara funerária de calcário, datada de finais

191 – Cf. IRMMTV, p. 45-46.

192 – Vide IRMMTV, p. 46 e mapa III, p. 98-99, com os testemunhos de *Antistii / Antestii* no território peninsular; relativamente aos cargos municipais, vide Curchin, 1990(b), nº 85, 350 e 522.

193 – EO 98 (Lisboa): *Antistia Q. f. Maela*, mãe de *Q. Caecilius Gal. Rufus*; FC 30 (Tentúgal): *M. (anius) Antistius Agrippae f. Quir. Agrippinus*, proprietário fundiário do território de *Conimbriga*.

194 – Segundo Knapp, 1978, p. 221 e quadro X, o gentílico *Cornelius* ocupa a 3ª posição na Península Ibérica e a 2ª posição na Lusitânia.

195 – EO 131 (Lisboa): *L. Cornelius Avitus*; Cardozo, 1956, nº 11 (S. João das Lampas, Sintra): *[?] [C]ornelius [f. ?] [Gall. Severus]*; RERC 9 (Caparide, Cascais): *Cornelia Gamice* e o seu irmão *L. Cornelius Victorinus*; Lucas, 1989, nº 4 (castelo de Almourol, Vila Nova da Barquinha, Praia do Ribatejo): *Cornelia Frontonis f. Albura*, esposa de *M. Cadius Rufus*. Recorde-se ainda o monumento (ainda inédito) dedicado pela cidade de Olisipo a *L. Cornelius Bocchus* (cf. Ribeiro, 1994, p. 84).

196 – *Boutius/ia* é um antropónimo indígena, derivado de * *bhoudhi* – vitória –, bastante frequente na Península Ibérica (cerca de 60 registos), particularmente na Lusitânia; fora do território peninsular, documenta-se em Promona (Dalmácia, CIL III 9834), como patronímico de *Flavos*, militar do século I, oriundo de *Lucus Augusti* (cf. Palomar Lapesa, 1957, p. 50-51; Albertos, 1964, p. 231; Albertos Firmat, 1985, p. 282; Lörincz e Redö, 1994, 315-317, com mapa).

197 – FC, p. 179-180, nº 395 e estampa XXX. Assim, o proprietário *Boutius* deve ser retirado do dossier epigráfico de *Conimbriga*.

198 – Vide FC, p. 218.

199 – FC 298 a-b, est. XXIII.

200 – FE 47, 1994, nº 210.

201 – FC 299, est. XXIII.

202 – FC 387, est. XXX.

203 – FC 294, est. XXIII.

do século II ou inícios do século III²⁰⁴; curiosamente, na segunda metade do século II, *Rufus* e *Calliope* colocaram uma ara de calcário ao irmão *C. Allius Avit[us]*, falecido aos 29 anos²⁰⁵; foi atribuída a mesma datação a uma placa de calcário, encontrada na capela da Quinta de S. Tomé, freguesia de Condeixa-a-Velha, e provavelmente oriunda de *Conimbriga*, que regista *Allius Alexander* e a sua esposa *Marcia Italica*²⁰⁶. Assim, estamos perante um ramo dos *Allii*, que usava predominantemente o cognomen *Avitus*²⁰⁷, ligado ao fabrico de pesos de tear e cerâmica de construção, cujos libertos, ou os seus descendentes, estão presentes em inscrições funerárias, durante o século II d. C.²⁰⁸.

Na vizinha *Aeminium*, uma elegante ara de calcário²⁰⁹ e um imponente cipo de calcário²¹⁰, datados de meados do século II, documentam *G. Allius Avitus*, casado com *Vagellia Rufina*, cuja filha, *Allia Vagellia Avita*, foi esposa de *Q. Silvanus Silvanus*, e faleceu aos 26 anos, provavelmente ao dar à luz a sua filha *Vagellia Rufina Iunior*²¹¹. Uma cupa de calcário fragmentada, igualmente datável de meados do século II, regista ainda um escravo de *Allius Avitianus*²¹². A ligação dos *Allii* de *Aeminium* a *Emerita Augusta* é atestada pelo epitáfio de *G. All(ius) M. li[b.] aeminien[sis]*²¹³.

A relação entre os *Allii*²¹⁴ de *Conimbriga* e os de *Aeminium* é bastante provável, atendendo à cronologia dos monumentos, à utilização do *praenomen Caius/Gaius* e do *cognomen Avitus*²¹⁵ e seu derivado, *Avitianus*²¹⁶. Estes *C. Allii* terão sido proprietários agrícolas de origem indígena, com terras no território de *Aeminium* e de *Conimbriga*, que se dedicaram também ao fabrico de pesos de tear, de cerâmica de construção e, talvez, de cerâmicas domésticas²¹⁷.

Em *Conimbriga* há também um exemplo de mão-de-obra feminina na produção de cerâmica de construção; num tijolo incompleto, sem indicação cronológica, foi gravado, antes da cozedura, o seguinte grafito: *lul/ia C(entum) (lateres)*²¹⁸. Trata-se de uma trabalhadora que, singelamente, indica no tijolo mole que concluiu cem lateres, provavelmente a sua quota de produção diária²¹⁹; visto que se identifica com o *nomen*, será certamente uma *ingenua* ou uma *liberta*²²⁰.

204 – FC 36: *D. m. s. / Alliae Avit(a)e / an. XXIII Vale/rius Ursacius / pater et Allia / [Ruf]ina mater / filiae pientissi(m)a(e) f. c. / d[ic] rogo qui / transis (sic) / tibi terra / levis.*

205 – FC 63: *D. m. s. / Rufus et Callio/pe C. Allio Avi/[t]o fratri pien/[t]issimo ann. / p. m. XXVIII / [p]osuit.*

206 – FE 24, 1987, 109: *Marcia Italica an[n...]/ h. s. e. s. t. [t. l.] / Allius Alexande[r] [luxori?] / indulgentissimae [et desi]/derantis[simae] / fecit.*

207 – *Avitus* é um *cognomen* latino, bem documentado no território peninsular e possivelmente relacionado com um antropónimo indígena (cf. Untermann, 1965, mapa 14, p. 65-66; Albertos, 1964, p. 227).

208 – FC 36, FC 63 e, provavelmente, FE 24, 1987, 109.

209 – Le Roux e Fabre, 1971, nº 4: *D. m. s. / Vagelliae / Rufinae / Iuniori Allius / Avitus A(v)us / et Silvanus / Silvanus / pater / f. c.*

210 – Le Roux e Fabre, 1971, nº 5 (vide texto e análise no capítulo I, p. 141 e nota 107).

211 – Ver *stemma* in Le Roux e Fabre, 1971, p. 127.

212 – IRMMC nº 18 = ILER 5095: [...] *[Kaeso?]ni Allii Avitiani ser/[vo A]moena uxor / [f.] c.*

213 – ILER 4753 (Mérida): *G. All(io) M(arci) li[b(erto)] / aeminien[sis] / patris / Allia[e] [D]anae / gener[o] obsequentissim[o] / Vall(eria) Vegeta .*

214 – Na Lusitânia, o gentílico *Allius*, estreitamente relacionado com o estrato indígena (vide análise no capítulo II, p. 150 e notas 75-76), identifica alguns membros da burguesia municipal: no *conventus Scallabitanus*, destaque-se a dedicatória a Antonino Pio, existente no castelo de Leiria, feita no ano de 167 d. C. por *Q. Talotius Q. f. Quir. Allius Silonianus*, antigo pretoriano admitido na *ordo decurionum* de *Collippo*, sendo duúnviro *Q. Allius Maximus* e *G. Sulpicius Silonianus* (CIL II 5232 = ERC II); no *conventus Emeritensis* (Albuquerque), está documentado *C. Allius Quadratus, quaestor* e *octovir*, em inícios do século I (ILER 5561).

215 – Note-se que, das várias inscrições registando *Allii/ae* com este cognomen, apenas uma (ILER 4085) não pertence ao território de *Aeminium* e de *Conimbriga*.

216 – Relativamente a *Avitianus*, vide análise de Ribeiro, 1982-83, p. 414-417 e fig. 97: a nível peninsular, a maioria dos registos deste *cognomen* ocorre na Lusitânia, referindo-se a indivíduos cujos pais se identificam com o *cognomen Avitus*.

217 – Cf. FC, p. 67, e Encarnação, 1979, p. 178, por exemplo. Relativamente à produção de cerâmica de construção e de pesos de tear, vide Alarcão, 1988, p. 140.

218 – FC 364 e estampa XXVI.

219 – A este propósito, vide Curchin, 1986, p. 182-183 e notas 35 e 38; Fabre, 1974, p. 199 e notas 47—50.

220 – Curchin, 1986, p. 182, sugere que possa ser uma *liberta* imperial; o gentílico *Iulius* está bem representado em *Conimbriga* (FC 28, 33, 55, 70, 308, 404). Gallego Franco, 1993, p. 117 e p. 125, nº 13, coloca a hipótese de que *Iulia* poderia ser a própria proprietária da oficina de produção de tijolos; propõe uma datação entre o século I e o século III. Relativamente à participação de mão-de-obra livre nas oficinas de produção cerâmica, vide Fabre, 1974, p. 197 e 200, assim como Curchin, 1986, p. 182.

E) HERES / EX TESTAMENTO.

As heranças podem ter desempenhado um importante papel na obtenção de autonomia económica por parte das mulheres do *conventus*. No território de *Collippo*, uma liberta e um liberto mandaram fazer, como herdeiros, um monumento honorífico e funerário (base de estátua?) ao seu patrono (FE 32, 1989, nº 145). Em *Conimbriga*, *Severus e Ianuaria* (?), herdeiros de *Vibianus Vibi f.*, mandam fazer, juntamente com *Aprilis*, seu liberto, uma placa funerária de calcário (FC 74). Em *Lamego*, *Caturo*, *Virius Copori Cel. f.* e *Boutia* colocaram uma placa funerária de granito, por disposição testamentária (Vaz, 1982a, nº IV). Temos assim vários exemplos de mulheres de estratos modestos a cumprirem as suas obrigações como herdeiras de pecúlios que, em alguns dos casos apontados, poderão ter sido consideráveis.

Saliente-se o caso de uma herdeira pertencente à burguesia local de *Conimbriga*: *Turrana Rufina* foi executora do testamento do irmão, *C. Turranius Quir. Rufus*, juntamente com o seu marido, *M. Valerius Paulianus*, e o sogro do irmão, *L. Iulius Vernaculus* (FC 70); a monumentalidade da estela e o formulário do texto conferem a esta inscrição um carácter honorífico²²¹, próprio de uma personagem que terá obtido a cidadania através do exercício de cargos municipais e que pertencia a uma das famílias de origem indígena que integrava a burguesia culta de *Conimbriga*²²². Tendo em conta a importância social, e certamente política, dos *Turrani* de *Conimbriga*, é provável que a componente fundiária desempenhasse um importante papel na sua riqueza, mas as inscrições encontradas não nos esclarecem relativamente a essa questão²²³.

Registam-se também casos de mulheres que deixaram em testamento as quantias necessárias à perpetuação da sua memória. Em *Alfeizerão*, território de *Eburobrittium*, o epitáfio de *Sulpicia L. f. Avita* foi colocado *ex t(estamento) suo* (CIL II 359). No território de *Seilium*, a mãe e o marido de *Antonia Modesta* memoram-na numa placa de mármore, feita *ex testamento* (CIL II 335, S. Pedro do Castro, Ferreira do Zêzere). Em *Conimbriga*, a placa funerária de *Avita* foi colocada pelo *h(eres)* (FC 42). Em *Bobadela*, documentam-se o epitáfio de *Iulia [...]*, colocado *ex testamento suo* (CIL II 400), e o epitáfio de *Manlia Provisa*, igualmente *ex testam(ento) suo* (Anacleto 1981, nº 7).

CONCLUSÕES

“A investigação (...) tem por companheira essa angústia de não saber o mundo, de não entender totalmente os factos e os porquês, que muitas vezes se suspeitam, sem que a prova se alcance.”

Jorge de Alarcão, 1985, p. 101

Ao realizar esta investigação, propusemo-nos a dar a conhecer os dados da Epigrafia relativamente à vivência da mulher no território do *conventus Scallabitanus*, durante o domínio romano. Iniciámos o nosso percurso pela análise das dedicatórias funerárias ou honoríficas a mulheres. Verificou-se que no *conventus Scallabitanus*, principalmente na faixa litoral, os epitáfios registam frequentemente adjectivos de louvor (e afecto), sinceros ou não, que reproduzem sobretudo modelos de conduta: a mãe, a filha e a neta são habitualmente qualificadas como *pietissimae* ou *piissimae* — publicitava-se o exemplo que devia ser seguido por qualquer mãe, filha ou neta; o ideal republicano da virtuosa matrona romana está ainda patente nos epitáfios de esposas qualificadas como *pietissimae*, *optimae*, *merentissimae* ou *indulgentissimae*.

De qualquer modo, esse “culto” imposto das virtudes domésticas não foi incompatível com a intervenção das mulheres na esfera pública, nomeadamente nos estratos sociais privilegiados. As inscrições em honra de flâmias municipais e provinciais como *Servilia* (RAP 538), *Vegeta* (RAP 539) e *Laberia Galla* (RAP 547) ou os actos de benemerência de *Iulia Modesta* (RAP 548), mostram-nos

221 – A inscrição estaria colocada no *Forum*, segundo FC, p. 93.

222 – Cf. Étienne e Fabre, 1971, p. 196-203.

223 – FC 15, 70, 72 e 323 a-c.

que as mulheres pertencentes a famílias do escol municipal e provincial tiveram um papel activo na adesão e difusão da ideologia oficial, bem como na vida municipal. A análise onomástica e as conexões familiares efectuadas no capítulos I e IV, demonstraram que essa intervenção feminina no culto imperial e na vida municipal teve como pano de fundo a ascensão política de famílias notáveis indígenas; um dos pilares dessa ascensão foi a prossecução de alianças matrimoniais, que juntaram, frequentemente, indígenas romanizados e elementos itálicos ou africanos.

Alguns homens e mulheres foram memorados por dedicatórias com expressões como *in honorem*, *in memoriam* ou similares (cf. quadro II); no caso das mulheres, essas expressões surgem especialmente na comemoração de filhas falecidas em tenra idade (FC 60; FC 73; Le Roux e Fabre, 1971, nº 5).

No que respeita às inscrições votivas protagonizadas por mulheres, note-se que o número de divindades indígenas é reduzido, documentando-se, sobretudo, dedicantes com estatuto peregrino e onomástica indígena (RAP 598), ou com elementos onomásticos relacionáveis com ambientes indígenas (RAP 10 e 228). Quanto às divindades do panteão clássico, a maioria das dedicantes é oriunda de ambientes bem romanizados (RAP 249, 314, 394, 433, 567), cultos (RAP 410) e ligados às burguesias regionais (RAP 238, 421), embora surjam dedicantes com estatuto peregrino (RAP 309; 252 ?) e libertas (RAP 255). Em *Olisipo*, numa dedicatória a Esculápio Augusto, regista-se uma referência aos *cultores* dos *Lares* de uma mulher (RAP 233). Mais uma vez (cf. RAP, p. 447-451), está documentado o gosto feminino pelas divindades orientais, em cujo culto as mulheres, nomeadamente libertas, desempenham cargos (RAP 460). Saliente-se ainda a predominância de votos a divindades relacionadas com atributos ou em contextos salutíferos (RAP 10, 228, 249, 567) e a divindades relacionadas com a família (RAP 255, 421), ou invocadas *in honorem* (RAP 228, 394, 639a), e *in memoriam* de entes queridos (RAP 410). Afinal, a *pietas* e a *diligentia*, relativas ao lar, aos filhos e à família, atributos das *bonae feminae* de Roma (ILS 8393 e 8394), influenciam também a devoção das mulheres.

No domínio das relações familiares, a epigrafia revela uma relevante preponderância da *materfamilias* na comemoração dos defuntos. Essa preponderância materna, específica da Península Ibérica e com uma forte expressão no *conventus Scallabitanus*, pode relacionar-se com o importante papel da mulher na sociedade indígena — recordem-se as referências de Estrabão aos vestígios de uma sociedade matrilinear no noroeste peninsular. No entanto, há que ter em conta o elevado número de mulheres que terão sobrevivido aos seus maridos, devido à diferença existente entre a idade de casamento do homem e da mulher. Essas viúvas herdaram frequentemente o património do seu marido ou, pelo menos, beneficiaram do *usufructus* e *usus* desse património, juntamente com os filhos ou filhas. Além disso, Saller (Saller, 1995, p. 31 e 35-37) notou, na Lusitânia, a predominância do pai e da mãe como comemoradores de defuntos, salientando que a sua gradual substituição pelo cônjuge se faz à medida que o filho ou a filha atinge idades em relação às quais é provável que os progenitores já tenham falecido. Seria, pois, natural que a mãe surgisse com uma certa predominância entre os dedicantes dos epitáfios, erigidos a expensas suas. Assim, o papel relevante da mulher nas comunidades indígenas, a viuvez e hábitos culturais na comemoração dos defuntos, terão proporcionado a preponderância da *materfamilias* nos epitáfios.

A epigrafia do *conventus* não é rica em referências expressas a patronas, libertas ou escravas. Algumas mulheres (EO 37: *Luceia Cinnamidis*; FC 46: *Aemilia*; FC 53: *Grata*; FC 61: *Coela*; CIL II 399: *Iulia Cn. Flavina*), entre as quais várias indígenas (ERC 32: *Carisia Avita*; FC 51: *Boutia*), possuíram escravos do sexo masculino e do sexo feminino, que libertaram. *Helvia Maxsuma* tinha mesmo a sua clientela (ERC 12). Várias libertas (EO 71; FC 26 e FC 46) e escravas (CIL II 314, IRMMC 13 e IRMMC 18) reuniram o pecúlio suficiente para mandar fazer o seu túmulo ou o dos entes queridos e deixar o seu nome lavrado na pedra. Outras foram memoradas pelo companheiro de servidão (FC 40) ou pela patrona (FC 53); algumas seriam de origem indígena (Cardozo, 1956, nº XVI: *Minucia Aranta lib.*). Ocasionalmente, a antiga escrava tornou-se herdeira e liberta (FE 32, 1989, nº 145) do(a) amo(a). Conhecemos ainda duas mulheres, escravas ou libertas, que foram amas (FC 41; HEp 1, 1989, 690).

A epigrafia do *conventus* fornece numerosos testemunhos de que, tanto as mulheres de estratos superiores como as mais modestas, podiam dispôr do seu próprio pecúlio. Várias mulheres,

sobretudo no território de *Olisipo*, mandaram fazer epitáfios *de suo* (vide quadro IV). Salienta-se naturalmente a dedicatória de *Sempronia Rufina*, que mandou fazer, *de suo*, um *maesolium* para si, para o seu filho e para a sua nora (CIL II 214); mas surgem também dedicatórias mais modestas, como a mãe anónima que manda fazer, a expensas suas, a *cupa* de *Iulia Amoena* (IRMMTV 1). Ainda no território de *Olisipo*, *Cornelia T. f. Boutia* mandou fazer, em vida, um monumental pedestal funerário, encimado pelo seu retrato (IRMMTV 7). Mais para o interior do *conventus*, na *civitas* de Bobadela, *Albura* mandou fazer uma placa ricamente decorada para um mausoléu destinado ao seu marido e a si mesma (Silvestre, 1976, p. 133); a placa, de um tipo raro na Lusitânia, apresenta uma decoração própria da Península Itálica, com paralelos no Sul peninsular. Na mesma *civitas*, regista-se o acto de benemerência da flâmnia *Iulia Modesta* (Amaral, 1982, p. 106-107), que terá mandado reedificar as portas do recinto do *forum, ex patrimonio*, ou seja, à sua custa; a expressão *ex patrimonio*, pouco frequente na epigrafia, relaciona-se com actos de benemerência das burguesias municipais.

Procurámos saber quais as fontes de rendimentos destas mulheres. Verificámos que a herança foi uma dessas fontes, já que encontrámos várias mulheres como herdeiras (CIL II 335; FC 70), algumas das quais de estratos modestos (FE 32, 1989, nº 145; Vaz, 1982(c), nº IV). Aliás, as mulheres deixaram em testamento o pecúlio necessário à preservação da sua própria memória (CIL II 335; CIL II 359; CIL II 400; Anacleto 1981, nº 7). No que respeita às mulheres do escol municipal, a posse da terra teria sido a principal fonte de rendimentos, sendo provável que essas proprietárias participassem na comercialização da suas produções, nomeadamente no que se refere ao azeite. A produção cerâmica e a exploração aurífera constituíram igualmente parte dos rendimentos das mulheres do *conventus*. Em *Conimbriga*, temos provas directas de que *Boutia* (FE 47, 1994, nº 211) e *Allia Avita* (FE 47, 1994, nº 210), mulheres de origem indígena, foram proprietárias de oficinas de produção cerâmica, que fabricaram pesos de tear, em finais do século I ou inícios do século II. Nessa cidade, regista-se também *Iulia* (FC 364), uma trabalhadora assalariada, que participava na produção de cerâmica de construção.

É bastante provável que, apesar da ausência de testemunhos directos, parte da fortuna da flâmnia *Iulia Modesta* (CIL II 396 e CIL II 397) tenha vindo de explorações auríferas da região do Alva ou, em contrapartida, das explorações da vizinha *civitas Igaeditanorum*, onde existiram *Iulii Modesti* relacionáveis com a flâmnia e onde as explorações de ouro nas areias do Ponsul fizeram a fortuna de vários proprietários privados (CIL II 5132).

Ao longo desta deambulação pelas inscrições romanas do *conventus Scallabitanus*, sentimo-nos frequentemente como o viandante que se detém para corresponder gostosamente ao apelo do *titulus: Venisti, avel Legisti, vale* (FE 8, 1984, nº 34). Propusemo-nos “interrogar” essas pedras com letras relativamente às mulheres cuja memória aí foi fixada pelo cinzel do canteiro. Obtivemos fragmentos de vidas e de actos no feminino que, cruzados com as fontes arqueológicas e literárias, nos permitiram traçar uma imagem da vivência das mulheres do *conventus Scallabitanus*. Esperámos que este estudo possa contribuir, de algum modo, para uma melhor compreensão do lugar e da actuação da mulher na sociedade deste pedaço do imenso Império Romano.

BIBLIOGRAFIA

Siglas utilizadas:

AE = *L' Année Épigraphique*, Paris (indica-se o ano e o número da inscrição).

AqFI — ver Rodríguez Colmenero, 1987.

Belo V — ver Boneville, Dardaine, Le Roux, 1988.

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*.

CILA = *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucia*.

CIRG = *Corpus de Inscripciones Romanas de Galicia*.

EE = *Ephemeris Epigraphica*, Berlim.

ERC — ver Brandão, 1972.

ERE = ver Juan Castelló, 1988.

EO — ver Silva, 1944.

PORTUGALIA

- ETERA — ver Carlos Elorza, 1967.
 FC — ver Étienne e Fabre, 1976.
 FE = *Ficheiro Epigráfico*, suplemento da revista *Conimbriga*, Coimbra.
 HAEp = *Hispania Antiqua Epigraphica*, Madrid (indica-se o volume, o ano e o número da inscrição).
 HEp = *Hispania Epigraphica*, Madrid (indica-se o volume, o ano e o número da inscrição).
 HistAnt = *Historia Antiqua*.
 ILER — ver Vives, 1971 e 1972.
 ILS — ver Dessau, 1974.
 IRC — ver Fabre, Mayer e Rodà, 1991.
 IRCP — ver Encarnação, 1984.
 IRMMC — ver Rodrigues, 1960.
 IRMMTV — ver Mantas 1982.
 IRPP — ver Hernández Guerra, 1994.
 MCV = *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Madrid.
 RAP — ver García, 1991.
 RERC — ver Encarnação, 1994.
 RIT — ver Alföldy, 1975.
 STA — ver Moreira, 1992.
 UnOrg — ver González Rodríguez, 1986.

- ALARCÃO (Jorge), Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve (A propósito de uma obra de José d'Encarnação), *Arqueologia*, 11, 1985, 99-111
- ALARCÃO (Jorge), *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1988
- ALARCÃO (Jorge), Geografia política e religiosa da civitas de Viseu, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, 1989, 305-314
- ALARCÃO (Jorge), A conquista do território, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990, 345-351
- ALARCÃO (Jorge), O reordenamento territorial, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990(a), 352-382
- ALARCÃO (Jorge), O estado e o governo local, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990(b), 383-394
- ALARCÃO (Jorge), A produção e a circulação de produtos, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990, 409-441
- ALARCÃO (Jorge), A construção na cidade e no campo, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990, 462-489
- ALARCÃO (Jorge), Identificação das cidades da Lusitânia Portuguesa e dos seus territórios, *Actes de la table-ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hierarchies et territoires"* (Talence le 8-9 décembre 1988), Paris 1990(f) 21-34.
- ALARCÃO (Jorge), Recensão de Leonard A. Curchin, *Roman Spain. Conquest and assimilation*, Londres, 1991, in *Conimbriga*, XXX, 1991, 163-164
- ALARCÃO (Jorge), Alfidii e Aufidii de Collippo e Sellium, *Humanitas*, vol. XLV, 1993, 193-198
- ALBERTOS (Maria de Lourdes), Nuevos antropónimos hispanicos, *Emerita*, XXXII, fasc. 2, 1964, 209-252
- ALBERTOS (Maria de Lourdes), Nuevos antropónimos hispanicos, *Emerita*, XXXIII, fasc. 1, 1965, 109-143
- ALBERTOS (Maria de Lourdes), Nuevos antropónimos hispanicos, *Emerita*, XL, fasc. 1, 1972, 1-29
- ALBERTOS (Maria de Lourdes), Nuevos antropónimos hispanicos, *Emerita*, XL, fasc. 2, 1972, 287-318
- ALBERTOS FIRMAT (Maria de Lourdes), Correcciones a los trabajos sobre onomástica personal indígena de M. Palomar Lapesa y M^a Lourdes Albertos Firmat, *Emerita*, XLV, fasc. 1, 1977, 33-54
- ALBERTOS FIRMAT (Maria de Lourdes), *La onomástica personal primitiva de Hispania. Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966
- ALBERTOS FIRMAT (Maria de Lourdes), La antroponimia prerromana en la Península Iberica, *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Iberica* (Salamanca, 27-31 Maio 1974), Salamanca, 1976, 57-86
- ALBERTOS FIRMAT (Maria de Lourdes), La mujer hispanorromana a través de la epigrafía, *Homenaje a García Bellido III, Revista de la Universidad Complutense*, vol. XXVI, n^o 109, 1977, 179-198
- ALBERTOS FIRMAT (Maria de Lourdes), La onomástica personal indígena del noroeste peninsular (astures y galaicos), *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, (Lisboa, 5-8 Noviembre 1980), Salamanca, 1985, 255—310
- ALFÖLDY (Géza), Notes sur la relation entre le droit de cité et la nomenclature dans l'Empire romain, *Latomus*, tome XXV, 1966, 37-57
- ALFÖLDY (Géza), *Die römischen inschriften von Tarraco*, Berlin, 1975
- ALFÖLDY (Géza), *A História Social de Roma*, Lisboa, 1989

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO *CONVENTVS SCALLABITANVS*

- ALFÖLDY (Géza), Tarraco y la Hispania romana: cultos y sociedad, *Religio Deorum - Actas del Coloquio Internacional de Epigrafía Culto e Sociedad en Occidente* (Tarragona, 6/8-10-1988), Barcelona, 1990, p. 7-26
- ALMEIDA (Fernando de), *Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa, 1956
- ALMEIDA (Justino Mendes de), Ara lusitano-romana proveniente de Tomar (?), *Trebaruna*, II, 1986, 21-27
- ALMEIDA (Justino Mendes de) e FERREIRA (Fernando Bandeira), Varia epigraphica, *Revista de Guimarães*, LXXVI (1-2), 1966, 25-39
- ALONSO AVILA (Angeles) y ORTÍZ DE ZÁRATE (Santos Crespo), Contactos y relaciones entre las provincias de Germania e Hispania durante el Alto Imperio Romano, *Historia Antiqua*, XVI, 1992, 171-187
- AMARAL (A. E. Maia do), Sobre três inscrições perdidas da Bobadela (Oliveira do Hospital), *Conimbriga*, XXI, 1982, 101-126
- ANACLETO (Regina), *Bobadela Epigráfica*, Coimbra, 1981
- ARAÚJO (António de Sousa) e CARDOSO (José) (trad.), *História das Guerras da Ibéria, de Apiano* (Notas introdutórias e versão portuguesa do original grego do século II), Braga, 1991
- AUDIN (Amable) e BURNAND (Yves), Chronologie des épitaphes romaines de Lyon, *Révue des Études Anciennes*, tomo LXI, nº 3-4, 1959, 320-352
- BALDSON (J. P. V. D.), *Roman Women. Their History and Habits*, London - Sydney - Toronto, 1968
- BALIL (Alberto), *Las Murallas Romanas de Barcelona*, Anejos de *Archivo Espanol de Arqueologia*, II, Madrid, 1961
- BATATA (Carlos), BERNARDES (João Pedro), FERNANDES (Luis), MATOS (Olga de), PONTE (Salette), *Sellium* na história antiga peninsular, *II Congresso Peninsular de História Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 511-549
- BELO (Aurélio Ricardo), SERRÃO (Eduardo da Cunha) e VICENTE (Eduardo Prescott), Uma inscrição luso-romana inédita do Casal da Bexiga (Lamarosa), *Arqueologia e História*, 2ª série, 8, 1958, 133-143
- BERMEJO BARRERA (José Carlos), Tres notas sobre Estrabon: sociedad, derecho y religión en la Cultura Castreña, *Gallaecia*, 3/4, 1979, 71-90
- BERTHET (Jean François), PAGNON (Bruno), Le vocabulaire moral des inscriptions de Lyon et de Vienne, *La langue des inscriptions latines de la Gaule - Actes de la Table-ronde tenue au C.E.R.G.R. les 6 et 7 Octobre 1988* (Université Lyon III), Lyon, 1989, 43-57
- BISCARDI (Bianca Maria Comucci), *Donne di Rango e Donne di Popolo nell'Età dei Severi*, Firenze, 1987
- BLAY BOQUÉ (Mayte), Situación Legal de la Mujer Romana, *Roma. Siete Aspectos de la Cultura Latina*, Barcelona, 1990, 98-117
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ (José Maria), Economía Hispana en los comienzos del imperio, in *Historia de España*, vol. 3 - España Romana, cap. XV, Madrid, 1986, 445-485
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ (José Maria) e GARCÍA-GELABERT PÉREZ (M. P.), El transporte marítimo según las representaciones de los mosaicos romanos, relieves y pinturas de Ostia, *Lucentum*, IX-X, 1990-91, 111-121
- BONEVILLE (J.-P.), Le support monumental des inscriptions: terminologie et analyse, *Epigraphie hispanique. Problèmes de méthode et d'édition* (Table ronde tenue à l'Université de Bordeaux III, les 8, 9, 10 décembre 1981), Paris, 1984, 117-152
- BONNEVILLE (J.-P.), Le monument epigraphique et ses molurations, *Faventia*, 2/2, 1980, 75-98
- BONNEVILLE (J.-P.), DARDAINE (S.), LE ROUX (P.), *Belo V — L' épigraphie*, Madrid, 1988
- BORGES (Nelson Correia), Nova leitura da inscrição CIL 6275a (Penacova), *Conimbriga*, XV, 1976, 117-126
- BORGES (Nelson Correia), A inscrição romana de Lorvão, *Notícias de Penacova*, 02/09/1977
- BORGES (Nelson Correia), Lucêncio, bispo de Conimbriga e as origens do Mosteiro de Lorvão, *Conimbriga*, XXIII, 1984, 143-158
- BRANDÃO (Domingos de Pinho), Novas estelas de Várzea do Douro (Marco de Canaveses), *Revista de Guimarães*, LXX, 1-2, 1960, 185-200
- BRANDÃO (Domingos de Pinho), Lápide sepulcral luso-romana de Fermedo - Arouca, *Lucerna*, vol. I, nº 1, 1961, 9-19
- BRANDÃO (Domingos de Pinho), Epigrafia romana coliponense, *Conimbriga*, XI, 1972, 41-192
- BYRNE (Inês Nadal de Sousa), A rede viária da zona oeste do município olisiponense (Mafra e Sintra), *Al-madan*, IIª série, nº 2, 1993, 41-47
- BUONOCORE (Marco), Locri, in *Supplementa Italica*, nuova serie, 3, 1987, 11-36
- CAGNAT (René), *Cours d' Épigraphie Latine*, Paris, 1914
- CALISTO (Judite), Uma inscrição romana (Messejana - Aljustrel), *Vipasca*, 2, 1993, 77-78
- CARDOSO (Guilherme), *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 1991
- CARDOZO (Mário), *Catálogo das inscrições lapidares do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra)*, Sintra, 1956
- CARDOZO (Mário), Novas inscrições romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra), *Revista de Guimarães*, LXVIII, 1958, 355-376
- CARDOZO (Mário), Novas inscrições lusitano-romanas do Museu de S. Miguel de Odrinhas (Sintra), *Revista de Guimarães*, LXXI, 1961, 265-286

PORTUGALIA

- CARLOS BÚA (Juan) e GUERRA (Amílcar), Algumas anotações à epígrafe da árula da Madre de Deus, Sintra, a publicar nas actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia Divindades Indígenas e Interpretatio Romana (Sintra, 16, 17 e 18 de Março de 1995)
- CARLOS ELORZA (Juan), *Ensayo topográfico de epigrafia romana Alavesa*, Vitoria, 1967
- CASTILLO GARCIA (Carmen), Los senadores de la Bética: onomástica y parentesco, *Gérion*, 2, 1984, 239-250
- CASTILLO (Arcadio del), Apuntes sobre la situación de la mujer en la Roma Imperial, *Latomus*, t. XXXVIII, fasc. 1, 1-3 / 1979, 171-187
- CENERINI (Francesca), Caesena, in *Supplementa Italica*, nuova serie, 4, 1988, 103-104
- CENERINI (Francesca), Mens Bona: proposta por un' Iscrizione Lusitana, *Conimbriga*, XXVIII, 1989, 111-120
- CHIC GARCÍA (Genaro), Datos para el estudio del culto imperial en la colonia Augusta Firma Astigi, *Habis*, 18-19, 1987-1988, 365-381
- CORREIA (Vergílio), Arqueologia de Cárquere, *Obras*, vol. IV, Coimbra, 1972, 261-263
- CORTIJO CERESO (María Luisa), Ensaio sobre epigrafia rural y urbana de la provincia de Cordoba, II Congreso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 667-700
- CURADO (Fernando Patrício), Epigrafia das Beiras, *Conimbriga*, XVIII, 1979, 139-148
- CURADO (Fernando Patrício), Epigrafia das Beiras (Notas e correcções - 1), *Beira Alta*, XLIV (4), 1985, 641-655
- CURADO (Fernando Patrício), Epigrafia das Beiras (Notas e correcções - 1) — Corrigenda A, *Beira Alta*, XLV (1-2), 1986
- CURADO (Fernando Patrício), Ara votiva de Paranhos da Beira, *Ficheiro Epigráfico*, 17, 1986, nº 76
- CURCHIN (Leonard A.), Familial epithets in the epigraphy of Roman Spain, *Cahiers des Études Anciennes*, 14, 1982, 179-182
- CURCHIN (Leonard A.), Familial epithets in the epigraphy of Roman Britain, *Britannia*, 14, 1983(a), 255-256
- CURCHIN (Leonard A.), Personal wealth in Roman Spain, *Historia*, XXXII/2, 1983(b), 227-244
- CURCHIN (Leonard A.), Social relations in central Spain: patrons, freedmen and slaves in the life of a roman provincial hinterland, *Ancient Society*, 18, 1987, 75-89
- CURCHIN (Léonard A.), Demography and romanization at Tarraco, *Archivo Español de Arqueología*, 60, 1987, 159-171
- CURCHIN (Léonard A.), Élite urbaine, élite rurale en Lusitanie, *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 1990 (a), 265-276
- CURCHIN (Leonard A.), *The Local Magistrates of Roman Spain*, Toronto - Buffalo - London, 1990 (b)
- CRUZ (M das D. G. da) A propósito de uma inscrição honorífica do Museu de Santarém, *Arqueologia*, 14, 1986-115-121.
- DARDAINE (Sylvie), La formule epigraphique impensam remisit et l'evergetisme en Bétique, «Mélanges de la Casa de Velazquez», tome XVI, 1980, 39-55
- DESAYE (Henri), Les épithètes laudatives et affectives dans les épitaphes de la moyenne vallée du Rhône, *La langue des inscriptions latines de la Gaule - Actes de la Table-ronde tenue au C.E.R.G.R. les 6 et 7 Octobre 1988* (Université Lyon III), Lyon, 1989, 59-71
- DESSAU (Hermannus), *Inscriptiones Latinae selectae*, vol. II, pars II, Dublin/Zurique, 1974
- DIAS (Maria Manuela Alves), Da latinização onomástica à romanização onomástica no processo de aculturação dos Igaeditani, *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*, I, Vitoria, 1985, 557-562
- DIAS (Maria Manuela Alves), Antroponímia de Cárquere, Resende, Viseu (Lusitania Portuguesa), *Veleia* 2-3, 1985-1986, 195-203
- DIAS (Maria Manuela Alves), Inscrições romanas de Cárquere, Resende, *O Arqueólogo Português*, série IV, 4, 1986, 185-202
- DIAS (Maria Manuela Alves), Para um repertório das inscrições romanas do território português (1985), *Euphrosyne*, 16, 1988, 423-425; (1986), *Euphrosyne*, 17, 1989, 373-384; (1987), *Euphrosyne*, 18, 1990, 413-422
- DIAS (Maria Manuela Alves), A propósito de duas inscrições romanas da Quinta de Torre d' Ares (Luz de Tavira), *O Arqueólogo Português*, série IV, 6/7, 1988-1989, 239-260
- DIXON (Suzanne), *The Roman Mother*, London - Sydney, 1988
- DYSON (S. L.), The distribution of roman republican family names in the Iberian Peninsula, *Ancient Society*, 11/12, 1980/81, 257-299
- DUBY (Georges), PERROT (Michelle), *A Antiguidade, História das Mulheres*, vol. I, Lisboa, 1993
- DURRY (Marcel), Réhabilitation des funerariae, *Révue Archéologique*, t. I, 1961, 11-21
- ENCARNAÇÃO (José d'), Notas sobre epigrafia romana de Évora, *Humanitas*, vols. XXIX-XXX, 1977-1978, 75-97
- ENCARNAÇÃO (José d'), Notas sobre a epigrafia romana de Coimbra, Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra, 1979, 171-180
- ENCARNAÇÃO (José d') e SILVA (Joaquim Candeias da), Catálogo da epigrafia romana de Abrantes, *Abrantes- Cadernos para a História do Município*, 1, 1982, 21-38
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984
- ENCARNAÇÃO (José d'), Pinho Brandão, Epigrafista, *Lucerna - Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, Porto, 1984 (a), 203-211

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO *CONVENTVS SCALLABITANVS*

- ENCARNAÇÃO (José d'), Épigraphie funéraire du conventus Pacensis (Lusitanie), un essai de distribution géo-sociologique des types de monuments, *Épigraphie Hispanique — Problèmes de Méthode et d'Édition*, Paris, 1984 (b), 297—300
- ENCARNAÇÃO (José d'), Omissão de teónimos em inscrições votivas, *Veleia*, 2-3, 1985-1986, 305-310
- ENCARNAÇÃO (José d'), Inscrições romanas do Conventus Pacensis - Aditamento, *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, 1986 (a), 99-109
- ENCARNAÇÃO (José d'), Indigenismo e romanização na Lusitânia, *Biblos*, vol. LXII, 1986 (b), 451-464
- ENCARNAÇÃO (José d'), Religião e cultura na Évora dos Romanos, *Cidade de Évora*, nº 69-70, 1986-87, 5-19
- ENCARNAÇÃO (José d'), Divindades indígenas da Lusitânia, *Conimbriga*, XXVI, 1987, 5-37
- ENCARNAÇÃO (José d'), Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina, Coimbra, 1987 (2ª ed.)
- ENCARNAÇÃO (José d'), Indigenismo e romanização na epigrafia de Viseu, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, 1989, 315-323
- ENCARNAÇÃO (José d'), Religião e cultura na epigrafia de Liberalitas Iulia (Subsídios para o seu estudo), *Actes de la table ronde internationale du CNRS Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 1990 (a), 233-253
- ENCARNAÇÃO (José d'), A demografia, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990 (b), 395-408
- ENCARNAÇÃO (José d'), A religião, in *Nova História de Portugal*, vol. I (*Portugal das origens à romanização*), Lisboa, 1990 (c), 442-461
- ENCARNAÇÃO (José d'), Algumas achegas sobre a inscrição romana da Ribeira de Litém, *Diário de Leiria*, 24/01/1990
- ENCARNAÇÃO (José d'), Recensão bibliográfica de *La langue des inscriptions latines de la Gaule - Actes de la Table-ronde tenue au C.E.R.G.R. les 6 et 7 Octobre 1988*, Université Lyon III, Lyon, 1989, in *Conimbriga*, XXX, 1991 (a), 174-176
- ENCARNAÇÃO (José d'), Da invenção de inscrições romanas pelo humanista André de Resende, *Biblos*, vol. LXVII, 1991 (b), 193-221
- ENCARNAÇÃO (José d'), A propósito de um grafito romano achado no Castro de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, II, 1992, 7-14
- ENCARNAÇÃO (José d'), Monumentos epigráficos romanos no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, *Archeologie e ambiente naturale (Prospettive di cooperazione tra le autonomie locali nel sud dell'Europa)*, 1993 (a), 220-223
- ENCARNAÇÃO (José d'), L' épigraphie du village à l'extrême occident d' Hispania, *L'Epigrafia del Villaggio*, Faenza, 1993 (b), 237-259
- ENCARNAÇÃO (José d'), Arqueologia e epigrafia - uma complementaridade a potenciar, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 12-18 de Outubro de 1993), vol. I, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXIII (fasc. 1-2), Porto, 1993 (c), 313-327
- ENCARNAÇÃO (José d'), Monumentos epigráficos romanos no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, 1993-94, 295-302
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 1994
- ENCARNAÇÃO (José d'), Quem eram os romanos que viveram na região de Leiria, *Diário de Leiria*, 12/01/1994
- ENCARNAÇÃO (José d'), Vamos salvar as inscrições romanas da região de Leiria?, *Diário de Leiria*, 18/01/1994
- ENCARNAÇÃO (José d'), Roma e as primeiras culturas epigráficas da Lusitânia ocidental, *Actas del Coloquio Roma y las Primeras Culturas Epigráficas del Occidente Mediterráneo* (siglos II a. E. - I d. E.), (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992), Zaragoza, 1995, 255-270
- ENCARNAÇÃO (José d'), Inscrição romana de Caparide identificada em Lisboa, *Boletim de Estudos Clássicos*, 24, 1996, 155-156
- ÉTIENNE (Robert) e FABRE (Georges), C. Turranius Rufus de Conimbriga, *Conimbriga*, XI, 1972, 193-203
- ÉTIENNE (Robert), *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1974
- ÉTIENNE (Robert), Le culte impérial, vecteur de la hiérarchisation urbaine, *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 1990, 215-23
- ÉTIENNE (Robert) e FABRE (Georges), Épigraphie, in *Fouilles de Conimbriga*, II, Paris, 1976, 13—232
- FABRE (Georges), A propos d'une inscription sur brique inédite de Conimbriga, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 1974, 191-200
- FABRE (Georges), MAYER (Marc) e RODÀ (Isabel), *Inscriptions Romaines de Catalogne*, III. Gérone, Paris, 1991
- FANTHAM (Elaine), Women in Antiquity: a selective (and subjective) survey - 1979-1984, *Classical Views*, XXX, n. s., 5, 1986, nº 1, 1-24
- FATAS (Guillermo) e MARTÍN BUENO (Manuel A.), *Epigrafia romana de Zaragoza y su provincia*, Zaragoza, s/d
- FERNANDES (Luís da Silva), A estrutura da família indígena através das inscrições romanas do distrito de Viseu, comunicação apresentada ao *II Colóquio Arqueológico de Viseu* (Viseu, 26-29 de Abril de 1990)
- FERNANDES (Luís da Silva), Os Curii da Civitas Igaeditanorum — estudo de um gentílico romano no contexto peninsular,

- comunicação apresentada às *I Jornadas Arqueológicas da Beira Interior* (Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Guarda, 27-30 de Maio de 1991)
- FERNANDES (Luís da Silva), Júlio Máximo Nepo: um professor na época romana (notas sobre uma inscrição erroneamente atribuída a Colippo), comunicação apresentada ao *II Colóquio sobre História de Leiria e da Sua Região* (Leiria, 29-30 de Novembro de 1991)
- FERNANDES (Luís), Algumas achegas sobre uma inscrição romana da Ponte de Pau (Paialvo, Tomar), *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, nº 17, Outubro 1992, 115-120
- FERREIRA (Ana Isabel de Sá), Árula votiva de Vendas de Cavernães, *Ficheiro Epigráfico*, 16, 1986, nº 71
- FERREIRO LÓPEZ (Manuel), Los legados de César en España, *II Congreso Peninsular de Historia Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 399-411
- FINLEY (Moses I.), As mulheres silenciosas de Roma, in *Aspectos da Antiguidade*, Lisboa, 1990, 143-156
- FONTES (J.), *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, 1975
- FORBIS (Elizabeth P.), Women's public image in Italian honorary inscriptions, *American Journal Of Philology*, vol. III, 4, 1990, 493-512
- FORCELLINI (A.), *Lexicon Totius Latinitatis*, Pádua, 1940
- FRANCISCO MARTIN (Julián de), Los magistrados municipales en Lusitania durante el Alto Imperio, *Memorias de Historia Antigua*, 1, 1977, 227-245
- GALLEGO FRANCO (Maria del Henar), La consideración en torno a la mujer y su proyección en la sociedad de Hispania Antigua, *Historia Antiqua*, XVI, 1992, 345-362
- GALLEGO FRANCO (Maria del Henar), Romanización y pervivencia indígena en Hispania antigua: la condición femenina en la Meseta, *Historia Antiqua*, XVII, 1993 (a), 395-408
- GALLEGO FRANCO (Maria del Henar), La mujer hispanorromana y la actividad socioeconómica: las profesiones, *Minerva*, 7, 1993 (b), 11-127
- GALLEGO FRANCO (Maria del Henar), Integración de la mujer en las estructuras oficiales de Hispania altoimperial, *Homenaje al Profesor Presedo*, Sevilla, 1994, 451-456
- GARCIA Y BELLIDO (A.), Lapidas funerarias de gladiadores de Hispania, *Archivo Español de Arqueologia*, XXXIII, nº 101-102, 1960, 123-144
- GARCIA MARTÍNEZ (M^a Remedios), Caracteres y significación socio-económica de los movimientos de población hispana hacia las provincias imperiales en época romana, *Historia Antiqua*, XV, 1991, 263-301
- GARCIA MARTÍNEZ (M^a Remedios), Contribución de la provincia Lusitania al movimiento de población hispana hacia las provincias imperiales en época romana, *Homenaje al Profesor Presedo*, Sevilla, 1994, 457-462
- GARCIA (José Manuel), Epigrafia e romanização de Castelo Branco, *Conimbriga*, XVIII, 1979, 149-167
- GARCIA (José Manuel), *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984
- GARCIA (José Manuel), Da epigrafia votiva de Conimbriga - Observações e novos monumentos, *Conimbriga*, XXVI, 1987, 39-60
- GARCIA (José Manuel), Religiões Antigas de Portugal - Aditamentos e Observações às *Religiões da Lusitânia* de J. Leite Vasconcelos - Fontes Epigráficas, Lisboa, 1991
- GARDNER (Jane F.), *Women in Law and Society*, London - Sydney, 1986
- GIL GARCIA (Eduardo), Los praefecti fabrum en la Peninsula Iberica, *II Congreso Peninsular de Historia Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 753-765
- GLARE (P. G. W.) (ed.), *Oxford Latin Dictionary*, Oxford, 1988
- GÓMEZ-PANTOJA (Joaquín), La estación de Segisamo, *Gerion*, 10, 1992, 260-273
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ (Julián), Nueva inscripción de un diffusor olearius en la Bética, *Producción y comercio del aceite en la Antigüedad — Segundo Congreso Internacional* (Sevilla, 24-28 Febrero 1982), Madrid, 1983, 183-191
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ (Julián), *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía*, Vol. II: Sevilla, tomo I, Sevilla, 1991
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ (Julián), *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía*, Vol. II: Sevilla, tomo II, Sevilla, 1991
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, *Las unidades organizativas indígenas del area indoeuropea de Hispania*, Vitoria/Gasteiz, 1986
- GONZÁLEZ ROMÁN (Cristóbal) e MANGAS MANJARRÉS (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía*, Vol. III: Jaen, tomo I, Sevilla, 1991
- GONZÁLEZ ROMÁN (Cristóbal) e MANGAS MANJARRÉS (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía*, Vol. III: Jaen, tomo II, Sevilla, 1991
- GONZÁLEZ ROMÁN (Cristóbal), Onomástica y colonización: a propósito de las colonias Acci, Astigi, Tucci y Urso, *II Congreso Peninsular de Historia Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 551-566
- GOURÉVITCH (Danielle), La mort de la femme en couches et dans les suites de couches, in *La mort, les morts et l' au-delà dans le monde romain*, *Actes du Colloque de Caen* (20-22 Novembre 1985), Caen, 1987, 187-193
- GUERRA (Amílcar), Uma importante epígrafe proveniente do Cabeço do Castro (S. Romão, Seia), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu* (Viseu, 28 / 30-4-1988), Viseu, 1989, 425-430

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO *CONVENTVS SCALLABITANVS*

- GUERRA (Amílcar), *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, 1995
- HALEY (W. Haley), *Migration and Economy in Roman Imperial Spain*, Barcelona, 1991
- HAMMOND (N. G. L.) e SCULARD (H. H.), *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford, 1970
- HERNÁNDEZ GUERRA (Liborio), *Inscripciones Romanas en la Provincia de Palencia*, Palencia, 1994
- HIDALGO DE LA VEGA (M. J.), La imagen de la mujer en la magia como expresión de la diferencia de género, *Homenaje al Profesor Presedo*, Sevilla, 1994, 495-512
- HÜBNER (E.), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlin, 1869 e 1892
- IGLESIAS GIL (José M.), Las formulas en las inscripciones latinas votivas de la Hispania romana: ensayo logico estadístico, *Historia Antiqua*, XVII, 1993, 279-320
- ISANTO (Gennaro d'), *Capua romana. Richerche di prosopografia e storia sociale*, Roma, 1993
- JALHAY (E.), Lápides romanas da região de Cárquere (Resende), *Brotéria*, 52, 1951, 70-85
- JAVIER LOMAS (Francisco), Estructuras de parentesco en la sociedad indígena del norte peninsular hispanico, in *Las estructuras sociales indigenas del norte de la Peninsula Iberica*, Vitoria/Gasteiz, 1993, 117-137
- JAVIER LOMAS (Francisco), Ausonio. Prontuario de la mujer casada, *Homenaje al Profesor Presedo*, Sevilla, 1994, 527-541
- JIMÉNEZ CISNEROS (M^a Josefa), Miscelania epigrafica. Incripciones funerarias gaditanas ineditas, *Emerita*, tomo XXX, fasc. 2^a, 1962, 295-304
- JUAN CASTELLÓ (Jaime), *Epigrafia Romana de Ebusus*, Ibiza, 1988
- JULIA (Dolorès), Les monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarragonaise, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 1, 1965, 29-54
- KAJANTO (I.), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982
- KAMPEN (Natalie), *Image and Status: Roman Working Women in Ostia*, Berlin, 1981
- KLEINER (Diana E. E.), Women and family life on roman imperial funerary altars, *Latomus*, t. XLIV, fasc. 3, 7-9 / 1987, 545-554
- KNAPP (R. C.), The origins of provincial prosopography in the West, *Ancient Society*, IX, 1978, 187-222
- KNAPP (R. C.), *Roman Córdoba*, Berkeley - Los Angeles - London, 1983
- LAMBRINO (Scarlat), Incriptions latines du Musée Dr Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, nova série, I, 1951, 37-52
- LAMBRINO (Scarlat), Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos, *O Arqueólogo Português*, nova série, III, 1956, 5-73
- LASHERAS CORRUCHAGA (José María) (coord.), *Museo Nacional de Arte Romano - Merida*, Madrid, 1991
- LASSÈRE (Jean-Marie), *Ubique Populus. Peuplement et mouvements de population dans l'Afrique romaine de la chute de Carthage à la fin de la dynastie des Sévères (146 a. C. - 235 p. C.)*, Paris, 1977
- LASSERRE (François) (trad.), *Strabon, Géographie*, t. II (Livres III et IV), Paris, 1966
- LE ROUX (Patrick), Recherches sur les centurions de la Legio VII Gemina, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, t. VIII, 1972, 89-147
- LE ROUX (Patrick), L'huile de Betique et le prince sur un itineraire annonaire, in *Hommage a Robert Étienne*, *Revue des Études Anciennes*, tome LXXXVIII, 1986, 1-4, 247-271
- LE ROUX (P.) e FABRE (G.), Incriptions latines du Musée de Coimbra, *Conimbriga*, X, 1971, 117-130
- LOPES (Maria da Conceição) e ENCARNAÇÃO (José d'), Epitáfio romano achado em Tornada (Caldas da Rainha), *Ficheiro Epigráfico*, 37, 1991, n^o 170
- LÖRINCZ (Barnabas) e REDÖ (Franciscus), *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum — Vol. I: Aba - Bysanus*, Budapest, 1994
- LOSTAL PROS (Joaquín), Arqueología del Aragón romano (Continuación), *Caesaraugusta*, 45-46, 1978, 67-112
- LOYZANCE (Marie-France), A propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, diffusor olearius, in *Hommage a Robert Étienne*, *Revue des Études Anciennes*, tome LXXXVIII, 1986, 1-4, 273-284
- LUCAS (Maria Miguel), A gens Cadia em Aeminium, *Conimbriga*, XXVIII, 1989, 169-203
- MACMULLEN (Ramsay), Woman in public in the Roman Empire, *Historia*, XXIX, 2, 1980, 208-218
- MANGAS (Julio), Un capítulo de los gastos en el municipio romano de Hispania a través de las informaciones de la epigrafia latina, *Hispania Antiqua*, I, 1971, 105-146
- MANTAS (Vasco Gil), Notas acerca de três inscrições de Olisipo, *Conimbriga*, XV, 1976, 151-169
- MANTAS (Vasco Gil), Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras, *Conimbriga*, XXI, 1982, 5-99
- MANTAS (Vasco Gil), A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana de Mogueira (Resende), *Revista de Guimarães*, n^o 94, 1984, 361-370
- MANTAS (Vasco Gil), Três inscrições romanas do concelho de Torres Vedras, *Conimbriga*, XXIV, 1985, 125-149
- MANTAS (Vasco Gil), Orarium donavit Igaiditanis: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana, *Actas I.er Congreso Peninsular de Historia Antigua* (Santiago de Compostela, 1-5 Julio 1986), Santiago de Compostela, 1988, vol. II, 415-439

PORTUGALIA

- MANTAS (Vasco Gil), Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos C. Cantius Modestinus, *Religio Deorum - Actas del Coloquio Internacional de Epigrafía Culto e Sociedad en Occidente* (Tarragona, 6/8-10-1988), Barcelona, 1990, 227-250
- MANZELLA (Ivan di Stefano), *Mestiere di epigrafista (Guida alla schedatura del materiale epigrafico lapideo)*, Roma, 1987
- MARCOS (Rui M. F.), Em torno do ius sepulchri romano. Alguns aspectos de epigrafia jurídica, *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. LXIV (1988), Coimbra, 1990, 1-32
- MARCILLET-JAUBERT (Jean), Un soldat lusitanien de la Vlle légion Gemina à Lambèse, *O Arqueólogo Português*, série IV, 5, 1987, 205-208
- MARCOS POUS (Alejandro), Aportacion al estudio de las inscripciones funerarias gladiatorias de Cordoba, *Cordoba*, nº 1, vol. I, 1976, fasc. 1, Cordoba, 1977
- MARSHALL (Anthony J.), Roman women and the provinces, *Ancient Society*, 6, 1988, 109-127
- MARTÍNEZ LÓPEZ (Cándida), Reflexiones sobre la historia de la mujer en el mundo antiguo, *Actas 1.er Congreso Peninsular de Historia Antigua* (Santiago de Compostela, 1-5 Julio 1986), vol. III, Santiago de Compostela, 1988, 205-217
- MARTÍNEZ LÓPEZ (Cándida), Honores publicos recebidos por las mujeres en Hispania meridional, *II Congreso Peninsular de História Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 769
- MASSEY (Michael), *As mulheres na Grécia e Roma Antigas*, Lisboa, 1989
- MATTOS (Armando de), Inventário das inscrições do Douro-Litoral, *Douro-Litoral*, 3ª série, I, 1948, 65-70
- MIRÓN PÉREZ (Maria Dolores), El culto a las emperatrices en Hispania. Revision del tema, *II Congreso Peninsular de História Antiga* (18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 781-788
- MOLANO BRÍAS (Juana) y ALVARADO GONZALO (Manuel), La evolucion del ritual funerario de Augusta Emerita como indicador del cambio social, ideologico y religioso, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 12-18 de Outubro de 1993), vol. III, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXIV (fasc. 1-2), Porto, 1994, 321-350
- MONTEIRO (A. João Nunes), Um manuscrito com inscrições romanas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, *Biblos*, vol. LXVIII, 1992, p. 129-137
- MOREIRA (Álvaro Brito), Epigrafia romana no concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II, 1992, 15-33
- MOREIRA (José Beleza), Duas inscrições funerárias romanas na Igreja de S. Lourenço dos Francos, *Conimbriga*, XV, 1976, 127-133
- MOREIRA (José Beleza), Uma lápide romana inédita de Porto de Mós, *Conimbriga*, XXI, 1982, 143-149
- MROZEK (Stanislaw), A propos de la répartition chronologique des inscriptions latines dans le Haut-Empire, *Epigraphica*, 35, 1973, 113-118
- ORTIZ AYALA (Cayetano), El culto de Cibele en la Hispania romana, *Actas 1er Congreso Peninsular de Historia Antigua* (Santiago de Compostela, 1-5 Julio 1986), vol. II, Santiago de Compostela, 1988, 441-453
- PALOMAR LAPESA (M.), *La onomastica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957
- PANCIERA (Silvio) (a cura di), *La collezione epigrafica dei Musei Capitolini*, Roma, 1987
- PEREIRA (Mª Amélia Horta), Sítula com inscrição encontrada em S. Silvestre, Assafarge, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1971, II, 365-369
- PEREIRA (Mª Helena da Rocha), *Res Romanae. Antologia da cultura romana*, Instituto de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 1976
- PEREZ ALMOQUERA (A.), PRIETO ARCINIEGA (A.), Aspectos de los movimientos de poblacion en la provincia romana de la Betica, *Memorias de Historia Antigua*, III, 1979, 239-258
- PICO SOLER (Maria Teresa), La imagen de las mujeres ibéricas en las F.H.A.; Nuevas perspectivas, *II Congreso Peninsular de História Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 767
- POMEROY (Sarah B.), The relationship of the married woman to her blood relatives in Rome, *Ancient Society*, 7, 1976, 215-227
- PONTE (Salette da) e FERNANDES (Luís), Sellium Romana: sua história, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, nº 19, Outubro de 1993, 161-189
- PONTE (Salette da), O estuário do Tejo na rota do comércio romano, *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, 2ª Série, Vol. II, 1988, 49-57
- PONTE (M. S. da), GUIMARÃES (M.), PESSOA (M.), MARQUES (A. P.), La production de l'huile et du vin au Portugal durant l'Antiquité et le Moyen-Age, in La production du vin et de l'huile en Méditerranée, *Bulletin de Correspondance Hellénique*, Supplément XXVI, Paris, 1993, 413-421
- POSADAS (Juan-Luis), Mujeres en Tácito: retratos individuales y caracterización genérica, *Gerión*, 10, 1992, 145-154
- RAEPSAET-CHARLIER (Marie-Thérèse), Nouvelles recherches sur les femmes sénatoriales, *Xe Congrès Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine (Nîmes, 4-10 Octobre 1992) - Rapports Préliminaires / Résumés des Communications*, Nîmes, 1992, 195
- RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), Estructura demografica y económico-social de Augusta Emerita según se infiere de los colectivos mas humildes, *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 1990, 293-311

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO *CONVENTVS SCALLABITANVS*

- REAL Y RAMOS (C. Alonso del), Estrabon revisitado, *Gallaecia*, 3/4, 1979, 53-69
- RIBEIRO (José Cardim), Três novos monumentos epigráficos de época romana pertencentes à zona oeste do município olisiponense, *O Arqueólogo Português*, série III, nº 7-9, 1974-1977, 277—329
- RIBEIRO (José Cardim), Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus, *Sintria*, I - II (tomo 1), 1982-1983, 151-476
- RIBEIRO (José Cardim), Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do Município Olisiponense, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, IIIª série, nº 89, 1º tomo, 1983, 331-369
- RIBEIRO (José Cardim), O territorium de Felicitas Iulia Olisipo municipium civium Romanorum - contributos para a definição dos seus limites, Seminário *O Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o Seu Território* (17-19 Março de 1989), comunicação que não foi incluída nas actas.
- RIBEIRO (José Cardim), Aponianicus Poliscinius: Um falso teónimo, *Studia Palaeohispanica, Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas* (Vitoria / Gasteiz, 6-10 Mayo 1985), in *Veleia* 2-3, 1985-1986, Vitoria, 1987, 311-325
- RIBEIRO (José Cardim), O teónimo Vasegus, *Conimbriga*, XXVIII, 1989, 121-156
- RIBEIRO (José Cardim), Felicitas Iulia Olisipo. Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea, *Al-Madan*, IIª série, nº 3, Julho 1994, 75-95
- ROBERT (Louis), Discours d'ouverture, *Actes du VIIe Congrès International d'Epigraphie Grecque et Latine*, Bucarest-Paris, 1979, 31-42
- RODRIGUES (M. de Lurdes), Inscrições romanas do Museu Machado de Castro, *Humanitas*, vol. VIII, n. s., 1960, 112-132
- RODRÍGUEZ COLMENERO (Antonio), *Aquae Flaviae*. I - Fontes Epigráficas, Chaves, 1987
- RODRÍGUEZ COLMENERO (Antonio), *Aquae Flaviae*. I - Fontes Epigráficas. Apêndice Fotográfico. Recentíssima Adenda Epigráfica, Chaves, 1988
- RODRÍGUEZ CORTÉS (Juana), La religiosidad de las sacerdotisas de la Betica a traves de las inscripciones, *II Congresso Peninsular de História Antiga* (Coimbra, 18 a 20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, 771-780
- ROLDÁN HERVÁS (José Manuel), *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Valladolid, 1975
- RUBIO ALIJA (J.), Españoles por los caminos del Imperio Romano. Estudios epigráfico-onomásticos en torno de Reburus y Reburinus, *Cuadernos de Historia de España*, XXIX-XXX, 1959, 7-124
- RUIVO (José da Silva), Ainda a inscrição romana do Bico do Sacho (Golpilheira, Batalha), *Jornal de Leiria*, 27/08/92
- RUIVO (José da Silva), L. Antonio Urso liberti et familia, *Conimbriga*, XXXI, 1992, 119-154
- SAAVEDRA GUERRERO (Maria Daria), Manifestaciones del poder femenino en la vida colegial, *Studia Historica. Historia Antigua*, IX, 1991, 109-113
- SAAVEDRA GUERRERO (Maria Daria), *Constitutores collegiorum: el papel de las mujeres en la fundación de collegia en Roma*, *Polis*, 4, 1992, 209-214
- SALAS MARTIN (J.) e ROSCO MADRUGA (J.), Epigrafia latina de Abertura y Villamesias (Caceres), *Anas*, IV, 1993, 137-153
- SALLER (Richard P.) e SHAW (Brent D.), Tombstones and Roman family relations in the Principate. Civilians, soldiers and slaves, *The Journal of Roman Studies*, 74, 1984, 124-156
- SALLER (Richard P.), *Patriarchy, property and death in the Roman family*, Cambridge, 1995
- SANTERO SANTURINO (José Maria), *Asociaciones Populares en Hispania Romana*, Sevilla, 1978
- SANTOS YANGUAS (Narciso), *El ejercito y la romanizacion de Galicia*, Oviedo, 1988
- SCHULZE (Wilhelm), *Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlin / Zurich / Dublin, 1966
- SERRANO DELGADO (J. M.), La aportación de la epigrafía para el conocimiento de la amicitia-relación de dependencia en el Alto Imperio, *Habis*, 18-19, 1987-1988, 345-364
- SERRANO DELGADO (J. M.), Documentos adicionales relativos a la amicitia, *Habis*, 20, 1989, 175-183
- SHAW (Brent D.), Latin funerary epigraphy and family life in the Later Roman Empire, *Historia*, vol. XXXIII, 4, 1984, 457-497
- SHAW (Brent D.), The age of roman girls at marriage: some reconsiderations, *The Journal of Roman Studies*, 77, 1987, 30-46
- SILVA (Armando Coelho Ferreira da), Novos dados sobre a organização social castreja, *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, (Lisboa, 5-8 Noviembre 1980), Salamanca, 1985, 201-224
- SILVA (Armando Coelho Ferreira da), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986
- SILVA (Armando Coelho Ferreira da), Aditamento ao corpus das inscrições romanas de Viseu: a epígrafe de Couto de Baixo (Viseu), comunicação apresentada ao *II Colóquio Arqueológico de Viseu* (Viseu, 26-29 de Abril de 1990)
- SILVA (Armando Coelho Ferreira da), A segunda Idade do Ferro, in *Nova História de Portugal*, vol. I - Portugal das origens à romanização, Lisboa, 1990, 289-341
- SILVA (António Manuel S. P.), Ocupação proto-histórica e romana no Entre-Douro-e-Vouga Litoral: breve balanço de uma investigação em curso, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 12-18 de Outubro de 1993), vol. II, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXIII (fasc. 3-4), 1993, 427-443
- SILVA (A. Vieira da), *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944

PORTUGALIA

- SILVESTRE (Osvaldo), Uma lápide funerária encontrada em Beijós (Carregal do Sal), *Conimbriga*, XV, 1976, 133-134
- SOARES (Carmen Isabel Leal), *Vincitur hic fatus* — o epitáfio métrico de Couto de Baixo, *Conimbriga*, XXXI, 1992, 155-172
- SOLANA SAINZ (José María), *Los Turmogos durante la época romana — I. Las fuentes literarias*, Valladolid, 1976
- SORIA SANCHEZ (Valentín), Catalogacion de inscripciones recientes de Extremadura, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, vol. II, Vigo, 1993
- SYME (Ronald), La richesse des aristocraties de Bétique et de Narbonnaise, *Ktema*, 2, 1977, 373-380
- SUSINI (G.), *Epigrafia romana*, Roma, 1982
- THYLANDER (H.), *Étude sur l'épigraphie latine*, Lund, 1952
- TRANOY (Alain), *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981
- TRANOY (Alain), Ateliers lapidaires et niveaux de culture dans le Nord du Portugal, *Gallaecia*, 7 / 8, 1984, 269-274
- TRANOY (Alain) e LE ROUX (Patrick), As necrópoles de Bracara Augusta. — B. Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, 1989-90, 187-232
- TRANOY (Alain), L'Organisation urbaine dans le Conventus Scallabitanus, *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les villes de Lusitanie Romaine - Hierarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre, 1988), Paris, 1990, 11-20
- TRANOY (Alain) et alii, Appendice, *Actes de la Table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie romaine-hierarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 1990, 319-329
- TREGGIARI (Susan), Concubinae, *Papers of the British School of Rome*, 49, 1981, 59-81
- TREGGIARI (Susan), Contubernales in CIL 6, *Phoenix*, 35, 1981, 42-69
- ÜNTERMANN (J.), *Elementos de Un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965
- WULFF ALONSO (Fernando), Diosas y hombres, *Actas 1.er Congreso Peninsular de Historia Antigua* (Santiago de Compostela, 1-5 Julio 1986), Santiago de Compostela, 1988, vol. I, p. 219-229
- VASCONCELOS (José Leite de), Antiguidades de Cárquere, *Revista Archeologica e Historica*, II, 1898, 113-115
- VASCONCELOS (José Leite de), Antiguidades de Cárquere, *O Archeologo Português*, V, 1909, 206-212
- VASCONCELOS (José Leite de), *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, 1913
- VASCONCELOS (José Leite de), Inscrição romana de Lorvão, *O Archeologo Português*, XIX, 1914, 365-366
- VASCONCELOS (José Leite de), Epigrafia do Museu Etnológico (Belém), *O Archeologo Português*, XXVIII, 1929, 209-227
- VAZ (João L. Inês), Inscrições romanas do Museu do Fundão, *Conimbriga*, XVI, 1977, 5-31
- VAZ (João L. Inês), *Três inscrições romanas da Beira Alta*, Viseu, 1982a, 1-11
- VAZ (João L. Inês), Inscrições romanas de Balsemão (Lamego), *Beira Alta*, vol. XLI, fasc. 1, 1982b, 259-264
- VAZ (João L. Inês), Breve catálogo das inscrições romanas de Lamego, *Beira Alta*, vol. XLI, nº 3, 1982c, 497-526
- VAZ (João L. Inês), Epigrafia romana de Cárquere, *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*, 3, 1986, 285-308
- VAZ (João L. Inês), *Roteiro arqueológico do concelho de Viseu*, Viseu, 1987
- VAZ (João L. Inês), *Epigrafia romana da Assembleia Distrital de Viseu*, Viseu, 1988
- VAZ (João L. Inês), *A Civitas de Viseu — Espaço e Sociedade, dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1993
- VÁZQUEZ HOYS (Ana M^ª), La mujer en la epigrafia religiosa hispano romana, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, 9-10, 1982-83, p. 107-150
- VÁZQUEZ HOYS (Ana M^ª), A los Éxitos que son dioses, *Dianum*, 5, 1990, 143-166
- VELAZQUEZ JIMENEZ (Augustin), Una Helvia, flaminica en Augusta Emerita, *Anas*, I, 1988, 125-132
- VIVES GATELL (José), Características regionales de los formularios epigraficos romanos, *Actas del Primer Congreso Español de Estudios Clásicos*, Madrid, 1958, 485-492
- VIVES (José), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972
- VEYNE (Paul), O Império Romano, in *História da Vida Privada*, volume 1, Do Império Romano ao ano mil, Porto, Fevereiro de 1990, 19-223
- VEYNE (Paul), Mito e realidade da autarcia em Roma, in *A Sociedade Romana*, Lisboa, 1993, 127-155
- YOURCENAR (Marguerite), *Memórias de Adriano*, Lisboa, 1992

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

QUADRO I: Epítetos Familiares
Conventus Scallabitanus

Referência	Proveniência	Dedicante	DEFUNTO	ADJECTIVO	Idade	Datação	Obs.
IRCP 429	Coruche	mulher	marido	merentissimo	50 anos	s. III	lib. ?
CIL II 6271 = ILER 3439	Almourol, Vª Nova da Barquinha, Abrantes	pai e marido	filho filha mulher	optimis/ /piissimis optimae	25 a. 30 a. 23 a. (sic)	s. I/II ?	cid. ?
EO 5	Lisboa	mulher	marido	piissimo	28 a.	s. II ?	cid. ?
EO 49	Lisboa	?	?	piissimo	35 a.	in. s. II ?	?
EO 51	Lisboa	mãe	filho	p(?)	17 a.	s. II ?	?
EO 58 = CIL II 245	Lisboa	marido	mulher	optimae [e]t sibi carissimae	-	s. II	cid. ?
EO 61; Lambrino 1951, nº 8	Lisboa	filho	pai	plen[tiss]mo, b(ene) m(erenti)?]	60 a.	s. II	esc. ?
EO 65 = CIL II 206	Lisboa	cunhado	cunhado	opti(mo)	37 a.	s. II	cid. ?
EO 66 = CIL II 220	Lisboa	filho	mãe	pietissimae	55 a.	s. II	cid. ?
EO 107 = CIL II 4998	Lisboa	avó	neto	pio	22 a.	s. II	cid. ?
EO 116 = CIL II 354	Lisboa	pai	filho	piissimo	-	s. II	cid.
EO 118 = CIL II 246	Lisboa	irmão	irmão	pietissimo	35 a.	s. II	?
EO 143 = CIL II 210	Lisboa	filhos (c/ a mãe)	pai	optimo	-	s. II	lib. ?
Hep 3 (1993), nº 483	Lisboa	liberta/o ?	patrono	pietissimo	-	f. s. I / in. s. II	lib./ ?
CIL II 320	Quinta da Cabeça, Sintra	pai	filho	pio	18 a.	f. s. II	cid.
Cardozo, 1961, nº 1	Casal das Vivas, Sintra	mãe	filha	p(?)	-	f. s. II	livres
Cardozo, 1961, nº 10	Sintra	filho	mãe	pietissimae	37 a.	s. II	cid. ?
CIL II 288	Igreja de Cadafães	mãe ?	filho ?	pie[ntissimo]	22 a.	in. s. II ?	cid.
CIL II 319	Igreja de Cadafães	mãe	filho	pietissimo	32 a.	s. II	cid. ?
CIL II 317	Bucelas, Loures	filha/o ?	pai mãe	pietissimo ?	80 a. ?	s. II	?
FE 43.1993, nº 195	Alcainça, Mafra	mater	filho	pietissimo	51 a.	f. s. II	cid.
AE 1965, 266	Vª Franca de Xira	irmã	irmão	[pi]issimo	17 a.	in. s. II	cid.
IRMMTV nº 6	Sª Mª do Castelo, Torres Vedras	filho	pai	optumo	70 a.	f. s. II	cid.
IRMMTV nº 12	Sª S. Julião, Torres Vedras	mulher e mãe	marido filho	optumo piissimo	40 a. 18 a.	m. s. II	cid.
Mantas, 1985, nº 1	Igª de S. Pedro, Torres Vedras	marido	mulher	merentissimae	-	m. s. II	pereg.
CIL II 284	Aldeia de Dois Portos, Torres Vedras	pai	filho	piissimo	16 a.	in. s. II	cid. ?
CIL II 271	"Quinta de João Arraes", Alenquer	mãe	filha	pietissimae	32 a.	s. II	livres
CIL II 330	Sta. Maria da Alcáçova, Santarém	mãe	filha	pietissimae	40 a.	f. s. I / in. s. II ?	livres
Fernandes, 1992, p. 118	Ponte de Pau, Tomar	?	mãe adoptiva?	caressim(a)e	53 a.	s. II	esc. ?
CIL II 73	Rio de Couros, Vª Nª de Ourém	pai mãe	filha	pietissimo	26 a.	s. II	cid. ?
Moreira, 1976, nº 2	Miragaia, Lourinhã	filha	pai	p(?)	41 a.	2ª m. s. II	cid. ?
ERC nº 7 = CIL II 353	Saiz de Matos, Caldas da Rainha	marido	mulher	p(?)	35 a.	s. II	lib./?

PORTUGALIA

	Proveniência	Dedicante	DEFUNTO	ADJECTIVO	Idade	Datação	Obs.
FE 37,1991, nº 170	Tornada, Caldas da Rainha	mãe	filha	p(?)	-	1ª m.s. I? (s. II ?)	livres
CIL II 355	Ajubarrota (de Leiria?)	filha	mãe	pietissimae	60 a.	s. II	livres
CIL II 356	Serra de Minde, Alfeizerão	pai	filho	p(?)	17 a.	s. II	cid. ?
CIL II 358	Serra de Minde, Alfeizerão	pai	filho	p(?)	20 a.	s. II	?
CIL II 357	S. Mauro, Alfeizerão	filha	mãe	pietissimae	60 a.	s. II	livres
ERC 25	Capela da Torre Reguengo do Fetal	mãe	filha	pietissim[ae]	?	s. II	livre
ERC 27	Porto de Mós	filho	pai	piissimo	70 a.	s. II	livre
ERC 14 + 23	Bico do Sacho, Batalha	mãe	filha	piissimae	34 a.	s. II	livres
ERC 10	S. Sebastião do Freixo, Batalha	pais ?	f(liae?)	o(ptimae?)#	-	in. s. I ?	# O. F. = Q. f. ?
ERC 13	S. Sebastião do Freixo, Batalha	mãe	filha	pietissimo	30 a.	1ª m.s. I? (S. II?)	cid.
ERC 16	S. Sebastião do Freixo, Batalha	mãe	filha	p(?)	26 a.	s. II	per.?
ERC 19	S. Sebastião do Freixo, Batalha	marido	mulher	piissim(a)e	52 a.	s. II ?	pereg.
ERC 34	Castelo de Leiria	filho	pai	piissimo	-	s. II	cid. ?
ERC 38	Castelo de Leiria	mãe	filha	[pie]ntissim[ae]	15 a.	s. II	livres
ERC 44	Maceira, Leiria	marido	mulher	pietissimae	40 a.	s. II	cid. ?
FC 26	Conimbriga, Condeixa	mulher filho	marido * pai	*optimo piissimo	40 a.	130 d. C.: t. ante quem.	lib.
FC 31	Conimbriga, Condeixa	mãe	filho	piissimo	26 a.	2ª m.s. II	cid.?
FC 33	Conimbriga, Condeixa	mãe	filho	piissimo	32 a.	m. s. II	cid. ?
FC 36	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filha	pietissim(a)e	23 a.	f. I /in. II	cid. ?
FC 38	Conimbriga, Condeixa	? *	?	* [infe]lix	?	f. I /in. II	?
FC 39	Conimbriga, Condeixa	pai + mãe irmã	filho	pietissimo	40 a.	s. II	lib. ?
FC 41	Conimbriga, Condeixa	?	ama	opt[mae]	?	1ª m.s. II	?/esc.?
FC 42	Conimbriga, Condeixa	pai/mãe? e herdeiro?	filha	[pienti]ssimae	-	70/75 d.C.	?
FC 44	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filho	piissimo	21 a.	2ª m.s. II	cid. ?
FC 45	Conimbriga, Condeixa	pai	filha	dulcissim(ae)	5 a.	s. I ?	cid. ?
FC 46	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filho	pietissimo	23 a.	f. s. II	lib.
FC 54	Conimbriga, Condeixa	mãe	filho filhas	p(?)	33a. 18 a.; 15 a.	s. II	lib.
FC 56	Conimbriga, Condeixa	filha	mãe	pietissimae	-	s. II	livres
FC 59	Conimbriga, Condeixa	filha	mãe	piissimae	40 a.	s. II	per.
FC 60	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filha	pietissimae	26 a.	2ª m.s. II	cid. ?
FC 63	Conimbriga, Condeixa	irmão irmã	irmão	pien[t]issimo	29 a.	2ª m.s. II	lib.
FC 66	Conimbriga, Condeixa	mãe	filha	piissimae	25 a.	in. s. II	lib. ?

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proveniência	Dedicante	DEFUNTO	ADJECTIVO	Idade	Datação	Obs.
FC 67	Conimbriga, Condeixa	avó	neta	piissimae	16 a.	s. II	livres
FC 71	Conimbriga, Condeixa	mãe	filho	carissimo et pientissimo et opsequestissimo	–	2ª m.s. II	cid. ?
FC 72	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filho	piissimo	22 a.	2ª m.s. II	cid. ?
FC 73	Conimbriga, Condeixa	pai	filha	[pie]ntissim[ae]	23 a.	2ª m.s. II	livres
FC 75	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filho	[piissi]mo	–	1ª m.s. I	?
FC 78	Conimbriga, Condeixa	pai mãe	filho	[pientissi]mo	–	s. II ?	?
FE 24,1987, nº 109	Conimbriga?, Condeixa	marido	mulher	indulgentissimae desiderantissimae	–	2ª m.s. II	cid. ?
IRMMC nº 7	Coimbra	pai	filho	piissimo	17 a.	2ª m.s. II	cid. ?
IRMMC nº 11	Coimbra	filhas liberto	pai * patrono	*piissimo	64 a.	2ª m.s. II	lib.+cid.
Le Roux e Fabre,1971, nº 5	Coimbra	pai marido	filha * e mulher	*piissimae indulgentissimae [et] meretissimae	26 a.	s. II	cid. ?
ILER 5410	Lorvão, Penacova	irmão	irmão	piissimo	–	f. s. I ?	cid. ?
ILER 4082	Montemor-o-Velho	pai mãe	filho	optimo	27 a.	s. I/II ?	cid. ?
ILER 4488	S. Adrião de Vª S.ta Comba-Dão	marido	mulher	karissimae	26 a.	s. II	?
Vaz, 1993, 71; CIL II 410	Igreja de S. Miguel, Santa Maria, Viseu	filha genro	mãe e sogra	pientissimae	11 a. (sic)	s. II ?	per.
Vaz, 1993, 76	R. Augusto Hilário, Viseu	mãe	filho	p(?)	21 a.	2ª m. s. I	?
Encarnação, 1989, p. 319; Soares, 1992; Vaz, 1993, 44; Silva, 26-29/4 de 1990*	Couto de Baixo, Viseu	pai mãe	filho	p(?)	48 a.	s. III?	lib.? * Silva sugeriu que a inscrição seria do conventus Pacensis
Vaz, 1993, 62; FE 31, 1989, nº 141	Canas de Senhorim, Nelas	pai	filho	piissimo	14 a.	1ª m. s. I	per.
CIL II 5255; Vaz, 1982b, nº 6; AE 1983 nº 480*	Penude, Lamego	pai mãe	filho	p(?)	16 a.	s. II?	per.? *nova leitura

LEGENDA: Obs.= Observações; a= anos; s.= século; esc.= escravo; cid.= cidadão; lib.= liberto; per.= peregrino

QUADRO II: Dedicatórias *in honorem/in memoriam*

Referênc.	Proveniên.	Dat.	Dedicante	Est.	Defunto	Est.	Divindade	Fórmula	Monumento	Observaç.
RAP 394 = CIL II 5026	Tomar	?	Allia Amoena	livre	T. Aemili Martiani fili(i)	c. l.?	Marti sacrum	<i>in honorem</i>	?	Desapare- cido.
FC 73	Conimbriga	2ª m. s. II	Flaccinus p[a]t(e)r	c. r.?	Va[(eriae)] [F]laccinae (22 a.)*	livre	D. m. s.	[i]n honorem	ara de calcário	*[pie]ntissem [ae]
RAP 228	S. Pedro do Sul	?	[.] [M]agius [Reb]jurrus [p]ater, Victoria Victorilla mater	c. l.? livre	[.] Magi [Sat]urnini	c. l.?	Mercurio [A]ugustor (um) [A]guaeco [s]acr(um)	[in] honorem	cipo de granito	Incompleto.
RAP 639a	Viseu	?	Memmia	livre	[...] Strabonis	?	[?] [s]acrum	[in] honorem	cipo?	Incompleto.
Vaz, 1982, nº IX = CIL II 5254	Lamego	s. II?	[...]a Avita	livre	[...]ae Avitae	livre	[D.] m. s.	[in] h]onorem [et pie]tatem	estela (?) de granito	Incompleto.
RAP 421 = CIL II 396	Coja (Arganil)/ / Bobadela (Oliveira do Hospital) ?	s. I?	Iulia Modesta (flaminica)*	livre	gentis Sex. Aponi Scaevi Flacci mariti sul flaminis Provinc. Lusit. et... gentis Iuliorum parentum suorum **	—	Pietati sacrum	<i>in honorem gentis...**</i>	placa de granito	* Cf. CIL II 397; ex património suo
FC 60	Conimbriga	2ª m. s. II	Murrius Felix pater Vitellia Prjotilla mater	c.r.? livre	Murriae Capratinae (26 a.) *	livre	D. m.	<i>in honorem memoriae</i>	cipo de calcário	*pietissimae
Le Roux e Fabre, 1971, nº 5	Coimbra	m. s. II	G. Allius Avitus pater, Q. Silvanus Silvanus maritus	c. r.? c. r.?	Alliae Vagelliae Avitae (26 a.)*	livre	[D.] m. s.	<i>in honorem memoriae</i>	cipo de calcário	*filiae piissimae, uxori indulgen- tissimae [et] meritissimae
EO 106	Lisboa	?	Q. Cassius Arrianus	c. r.?	Arriae Avitae matris	livre	—	<i>in memo]riam</i>	ara ou cipo	Desapare- cido
RAP 419 = CIL II 332	Tomar	f. s. I / / in. s. II	Val(erius) Maxim(us) (pai) *	c. r.	filiarum sua(rum) **	livres	Pietati Aug(ustae) sacr(um)	<i>in memo]r(iam)] suam et **</i>	pedestal (?) de mármore	*haec signa p.
RAP 410 = CIL II 351	Valado, Alcobaça	?	[...] nia[...]	? c. r.?	Cari[s]iae G. f. Qui[n]tillae	livre	Minerva[e] sacrum	<i>in memor]iam</i>	?	Incompleto.
ERC 24	Fonte Nova, Batalha	?	(Apaio) pater	c. r. ?	Tongio Apaionis (f.)	per.	—	<i>im memoriam</i>	estela de calcário	—
FE 24, 1987 nº 108	Soure	1ª m. s. *	Aebicus pater	per.	Aquili Aebici f.	per.	—	<i>im memoriam</i>	cipo de calcário	* Cf. Hep 2, 1990, nº 777 (paleografia)
IRCP 145	Castelo Velho, Santiago do Cacém	2ª m. s. II	Pag(usica) Mariane (sic) (irmã)	livre	G. Pag(usici) Marini *	c. r.?	Marti sacrum	<i>in honorem</i>	[?]: cópia de mármore	Desapare- cido *fratri pietissimo
IRCP 147	Castelo Velho, Santiago do Cacém	s. II	Flavia Titia (mãe)	livre	Luciliae Lepidinae *	livre	Veneri Victrici Aug(ustae) sacr(um)	<i>in honorem</i>	[?]: cópia de mármore	Desapare- cido *filiae pietissimae
IRCP 231	Beja	1ª m. s. II	Stelina Prisca mater	livre	G. Mari Prisciani*	c. r.?	Serapi Pantheo sacrum	<i>in honorem</i>	ara de mármore**	*filii indulgentissi- mi **d(ecreto) d(ecurionum)
IRCP 81	Q. da Torre d'Ares, Tavira	2ª m. s. II	C. Flav(ius) Relatus (marido)	liberto?	Aemil(i)ae] Chaerdis uxori (27 a., 6 m., 15? d.)	liberto?	D. m. s.	<i>honori</i>	ara de mármore	—
IRCP 60	S. Bartolo- meu de Messines	f.s. II / in. s. III	L. Atil(ius) Atilianus, Artullia G. f. Severa (pais) *	c. r.? livre	L. Atili(i) Maximi Severiani **	c. r.?	I(ovi) (Optimo) M(aximo)	<i>in memoriam</i>	base de estátua de mármore	*ex (ar]genti lib(ris) **fil(ii) pietissimi

LEGENDA: F= Final; i.= inícios; m.= meados/metade; s.= século; c.l.= cidadão latino; c.r.= cidadão romano; per.= peregrino; a.= anos; m.= meses; d.= dias.

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

QUADRO III: Dedicatórias Votivas

Refer.	Proven.	Teónimo	Sac.	Dedicante	S.	Est.	Motivo	Objectivo	Fór.V.	Monum.	Datação	Observ.
RAP 10	Alcabideche, Cascais	Araco Aranto Niceo	—	I(ulia) Maxuma Avvi (filia)	F	livre	—	—	V.A.S. L.S.	ara em mármore	?	—
RAP 598	Mogueira, Resende	Cat? (...)	—	Quiatia Cumi (f.) Rotamus Tri(t)jei (f.)	F M	per. per.	—	—	V.M.	numa fragra granítica	?	—
RAP 166	Vendas de Cavernães, Viseu	Luruni	sac.	Val(eria)? Cattia	F	livre	—	—	A.L.V.S.	árua em granito	?	—
RAP 167	Madre de Deus, Sintra	Mandiceo	—	Cassia Mater(na)	F	livre	—	—	V.S.L.	árua em mármore	?	—
RAP 228	Lafões, S. Pedro do Sul	Mercurio [A]jugustor(um) [A]guaeco	[s]acr.	[...] [M]agius [Reb]jurus [p]ater et Victoria Victorilla mater	M F	c. l.? livre	—	[in] honorem [...] Magi [Sat]urnini	—	cipo em granito	?	—
RAP 233	Lisboa	Aesculapio Aug(usto)	sacrum	M. Cossutius Macrinus	M	c. l.?	—	—	Donavit	ara	?	cultores larum Maliae Malioi
RAP 238	Conimbriga	Apollini Aug(usto)	—	Caecilia Avita	F	livre	—	—	V.S.	árua em calcário	séc. II ?	—
RAP 249	Ericeira, Mafra	Fonti	—	Atilia Pub[li] uel [le(ii)] [f.] Am[er]na	F	livre	—	—	A.L. [P.]?	árua em calcário	séc. II ?	—
RAP 252	Beselga, Torres Novas	Fortunae	—	Sabina	F	?	—	—	V.A.L.S.	?	?	—
RAP 255	Lisboa	G(enio) S(uo), Genio	sacrum	Aponia Nicopolis	F	lib.	—	—	A.L.	árua em calcário	séc. II	—
RAP 309	Fornos de Algodres	I. O. M.	—	Proclia * Camali f.	F	per.	—	—	Votum S.	ara em granito	?	*Proclia será variante de Proclia?
RAP 314	Arrifana, Feira	I. O. V(ictori)? C(onservatori)? P(restabil)?	—	Valeria Marcella	F	livre	votu(m) ex mente conceptum	—	S.L. T(itulum?) V.	árua em granito	?	—
RAP 162	Santarém	Iovi C(onservatori) I(unioni) R(eginae) ? *	—	Aemilia Vitalis	F	livre	—	—	L.A.V.S.	árua em calcário	?	* Louciri?
RAP 394	Tomar	Marti	sacrum	Allia Amoena	F	livre	—	in honorem T. Aemii Martiani filii	Fecit	?	?	—
RAP 567; Cenerini, 1989	Paranhos da Beira, Seia	M(enti)? B(onae)? *	s.	Iunia Firmina	F	livre	—	—	A.L.V.S.	ara em granito	f. séc. I	*M(anti)? B(oro?), etc.
RAP 410	Valado, Alcobaça	Minerva[e?]	sacrum	[...]nia[...]	F	?	—	in memor[ia]m Car[is]iae G. f. Quin[ti]lliae	?	?	?	incompleta
RAP 421	Bobadela, Oliveira do Hospital	Pietati	sacrum	Iulia Modesta *	F	livre	—	in honorem gentis Sex. Aponi Scaevi Flacci mariti sui flaminis Provinc. Lusit(aniae) et in honorem gentis Iuliorum parentum suorum.	—	placa em granito	séc. I ?	*ex patrimonio suo
RAP 433	próximo de Santarém	Dibus Successis	—	Rubria Sabina	F	livre	—	—	—	cipo (?)	séc. I ?	—
RAP 460	Lisboa	Matri Deum Mag(nae) I[d]jae Phryg(iae) (=Cybele)	—	F(avia) [T]yche Cemopho-(a) per M. Iul(ium) Cass(ianum?) et [C]lass(iam) Sev(eram)	F	?	—	—	—	ara em calcário	108 d. C.	M. At(ilio) et An(nio) coss. Gal(lo) (sic)
RAP 639a	Viseu	?	[s]acrum	[...] Memmia	F	?	—	[in hon]orem [...] Strabonis	?	placa em granito	?	incompleta

LEGENDA: Sac.= sacrum; Est^o.= estatuto; c.l.= cidadão latino; esc.= escravo; lib.= libertado; per.= peregrino; s^o.= sexo; f.= feminino; m.= masculino; vot.= votiva; f.= final; séc.= século.

QUADRO IV: Relações familiares, sociais e jurídicas Conventus Scallabitanus

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observação
IRCP 429	Coruche	séc. III ?	mulher	F	lib.	marido*	50 a.	M	lib.	* merentissimo
IRCP 415	"Herdade de Diego Montero", Coruche	séc. II	mãe pai	F M	livre c. I.?	filho*	—	M	c. I.?	* ulisiponens.
IRCP 645	Quinta do Casal Branco, Chamusca	in. s. II	marido	M	per.?	mulher	21 a. ?	F	livre	—
Encarnação e Silva, 1982, nº 4	Mouriscas, Abrantes	séc. I	mãe ?	F F	livre livre	filho*	12 a.	M	per.	* filiação materna
CIL II 6271	Cast ^o Almourol, V. N. Barquinha, Praia do Ribatejo	s. I / II?	pai e marido	M	c. I.?	filhos* mulher*	25 a. 30 a. 23 a. (sic)	M F F	c. I.? livre livre	*optumis, piissimis; optumae (jazigo familiar)-
EO 5	Lisboa	s. I / II?	mulher	F	livre	marido*	28 a.	M	c. I.?	*piissimo
EO 10	Lisboa	séc. II	mãe	F	?	filha	—	F	?	(incompleta)
EO 11	Lisboa	séc. I ?	herdeiro	?	?	augustal	70 a.	M	?	(incompleta)
EO 30	Lisboa	séc. I	marido mãe*	M F	c. I.? livre	mulher filha	—	F	livre	* d. s. f. c.
EO 33	Lisboa	f. s. I?	mulher	F	livre	marido*	—	M	c. r.	* aed(ilis)
EO 35	Lisboa	s. I / II?	mãe e sogra **	F	livre	filho* nora*	40 a. 18 a.	M F	c. r. livre	*cluniens.; uxor ulisipon(e)ns. **maesolum d. suo ...
EO 38	Lisboa	séc. I	mãe	F	?	filha	—	F	livre	(incompleta?)
EO 44	Lisboa	s. I / II?	irmão*	M	c. r.	irmão	—	M	c. r.	* post mortem
EO 50	Lisboa	séc. II ?	mãe	F	livre	filha	—	F	livre	—
EO 51	Lisboa	séc. II ?	mãe	F	livre?	filho*	17 a.	M	?	*p(ientissimo?)
EO 52	Lisboa	in. s. II?	mulher	F	livre?	marido ? ...?? a	...? a. ...?? a	M	?	(incompleta)
EO 57	Lisboa	in. s. II?	libertos	?	lib.	patrono	—	M	c. r.	—
EO 58	Lisboa	séc. II	marido	M	c. I. ?	mulher*	—	F	livre	* optimae [e]t sibi carissimae
EO 61; Lambrino, 1951, nº 8	Lisboa	séc. II	filho	M	esc.?	pai*	60 a.	M	esc.?	* pien[tiss]imo, [b(ene)m(erenti)]
EO 62	Lisboa	séc. II ?	pai*	M	c. r.	filho filho?	— —	M M	c. r. c. r.?	* post mortem p. c. q. l.
EO 64	Lisboa	séc. II	mãe	F	?	filha	26 a.	F	livre	—
EO 65	Lisboa	séc. "II"	cunhado	M	lib.?	cunhado*	37 a.	M	lib.?	* opti(mo)
EO 66	Lisboa	séc. II	filho	M	lib.?	mãe*	55 a.	F	livre	* pientissimae
EO 67	Lisboa	séc. II	marido	M	?	mulher*	26 a.	F	?	—
EO 75	Lisboa	séc. II	avó mãe	F F	livre livre	neto e filho *	—	M	c. r.	* aedilis
EO 83	Lisboa	séc. I/II?	marido	M	c. r. ?	mulher*	—	F	livre	* flaminica
EO 84	Lisboa	séc. II	irmão	M	lib.?	irmão* irmão*	40 a. 30 a.	M M	lib.? lib.?	* si[t]is urbe Italic
EO 85	Lisboa	?	mãe	F	?	filho/a	—	?	?	(incompleta)
EO 89	Lisboa	séc. II	pai mãe	M F	lib.? lib.?	filha	37 a.	F	livre	—
EO 92	Lisboa	séc. II	irmã	F	?	irmão	—	M	?	—
EO 98	Lisboa	séc. I/II?	mãe	F	livre	filho	27 a.	M	c. r.	—
EO 100	Lisboa	séc. II	mãe	F	livre	filha*	—	F	livre	*unica fil. m(ea)
EO 106	Lisboa	séc. II ?	filho	M	c. I. ?	mãe*	—	F	livre	*in memo[riam]
EO 107	Lisboa	séc. II	avó	F	c. I ?	neto*	22 a.	M	c. I. ?	* pio
EO 110	Lisboa	séc. II	—	—	livre	v(iva) p(osuit)*	39 a.	F	livre	* t(itulum) v. p.
EO 112	Lisboa	séc. I/II?	herdeiros	?	—	—	—	M	c. r.	ex testamento
EO 113	Lisboa	séc. II	irmã/irmão?	?	?	irmã irmão	25 a. 15 a.	F M	lib. ? lib. ?	—
EO 115; Lambrino, 1951, nº 6	Lisboa	séc. II?	irmã e filha	F	livre	irmão mãe	22 a. —	M F	? livre	[Deo] Aturr[o] [sacr]um ?

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observação
EO 116	Lisboa	séc. II	pai	M	c. r.	filho*	—	M	c. r.	* orator, piissimo
EO 118	Lisboa	séc. II	irmão	M	c. l.?	irmão*	35 a.	M	c. l.?	* pientissimo
EO 125	Lisboa	f. s. I ?	filhos parente*	M? M	c. r.? c. l.?	pai e parente	50 a.	M	c. r.	* affinis (sic) = affinis.
EO 131	Lisboa	séc. I	mãe	F	?	filho	17 a.	M	c. l.?	(incompleta)
EO 137	Lisboa	séc. II ?	mulher	F	?	marido	70 ? a.	M	?	(incompleta)
EO 142	Lisboa	séc. II	pai	M	lib. ?	filho filho*	2 a., 10 m. e 17 d. 7 a., 3 m. e 7 d.	M M	lib.? lib.?	*idade do 1º P., nome e idade do 2º P., em linhas intercaladas
EO 143	Lisboa	séc. II	filhos (com a) mãe	M M F	esc.? esc.? lib.?	pai* e marido?	—	M	lib.?	* optimo
HEp 3, 483	Lisboa	f. II/in. III	liberto/a?	?	lib.	patrono*	—	M	?	* pientissimo
EO 133-134	Lisboa ?	séc. I	mãe	F	?	filha	18 a.	F	livre	—
EO 139	perto de Lisboa	s. I/II ?	marido ?	M M	c. l.? c. l.?	mulher e ?	—	F	lib. ?	—
CIL II 266	Ermida de S. Antonio (perto de Lisboa)	séc. I	—	—	—	se vivo	—	M	c. r.	*aquifer leg.
RERC nº 9	Caparide, Cascais	m. s. I	irmã/irmão	?	?	irmão irmã	30 a. 25 a.	M F	lib. ? lib. ?	—
RERC nº 16; Encarnação, 1996 *	Caparide, Cascais	1ª m. s. I	mãe	F	?	filho	30 a.	M	c. r.	*com correções
RERC nº 17	Caparide, Cascais	m. s. I	mãe	F	livre	filho	25 a.	M	c. r.	—
RERC nº 19	Carrascai de Manique, Cascais	m. s. I	mãe*	F	livre	filho	—	M	c. r.	* d. s. f. c.
RERC nº 21	Alapraia, Cascais	2ª m. s. I	?*	F	livre	?	—	M	c. r.	* a s(e?) f. c.
Cardozo, 1958, nº 1	Odrinhas, Sintra	séc. I/II	? mãe*	M F	c. l.? livre	filho	—	M	c. r.	* d. s. f. c.
Cardozo, 1958, nº 2	Odrinhas, Sintra	séc. II	pai	M	?	filho	—	M	?	(incompleta)
Cardozo, 1958, nº 12	Quinta da Cabeça, Sintra	f. séc II	pai	M	c. r.	filho*	18 a.	M	c. r.	* pio
Cardozo, 1961, nº 1	Montelavar, Sintra	séc. II	mãe	F	livre	filha*	—	F	livre	*p(ientissimae)
Cardozo, 1961, nº 10	(?) , Sintra	séc. II	filho	M	c. l.?	mãe*	37 a.	F	livre	* pientissimae
Cardozo, 1956, nº 1	Odrinhas, Sintra	séc. I	centurião ?	M	c. r.	soldado	—	M	c. r.	—
Cardozo, 1956, nº 9	Odrinhas, Sintra	séc. II	filha	F	livre	mãe	60 ? a.	F	livre	—
Cardozo, 1956, nº 12	Odrinhas, Sintra	séc. II	mãe	F	livre	filho	33 a.	M	c. r.	—
CIL II 272	Loures	séc. II	pai filha	M F	c. l.? livre	filha e mãe	—	F	livre	—
CIL II 288	Cadafães	in. s. II?	mãe?*	F	livre	filho?	22 a.	M	c. r.	*nº 5: TLIORIL= fil(io) pie[ntissimo]
CIL II 319	Cadafães	séc. II	mãe	F	livre	filho*	32 a.	M	c. l.?	*pientissimo
CIL II 317	Bucelas	séc. II	filha/o ?	?	?	pai* mãe	80 a. —	M F	? ?	*pientissimo
FE 43 (1993) nº 195	Alcainça, Mafra	f. s. II	mãe	F	livre	filho*	51 a.	M	c. r.	*pientissimo
Moreira, 1976 nº 1	Miragaia, Lourinhã	2ª m. s. II	pai mãe	M F	c. l.? per.?	filha	30 a.	F	livre	—
Moreira, 1976 nº 2	Miragaia, Lourinhã	2ª m. s. II	filha	F	livre	pai *	41 a.	M	c. l.?	* p(ientissimo)
IRMMTV 1	S. Gião, Torres Vedras	séc. I/II	mãe*	F	?	filha	12 a.	F	livre	* d. s. f.
IRMMTV 4	S. J. Baptista, Torres Vedras	f. séc. I	sogro	M	c. r.?	genro*	—	M	c. r.	*ex testamento

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
IRMMTV 5	Monte do Castelo, Torres Vedras	f. séc. I	mãe	F	livre	filho	19 a.	M	c. r.	—
IRMMTV 6	Sta. Maria do Castelo Torres Vedras	f. séc. I	filho	M	c. l.?	pai*	70 a.	M	c. l.?	* optumo
IRMMTV 7; Ribeiro, 1982-83, p. 354-357	Quinta da Macheia, Torres Vedras	1ª m. séc. I	viva se f. c.*	F	livre	? ? **	— —	F M	livre c. r.	* imago ** parentesco de tipo mãe-filho/a e sogra-genro/ nora? -cf. Ribeiro, p. 35
IRMMTV 8	Quinta do Juncal, Torres Vedras	2ª m. séc. II	mãe	F	livre	filho	17 a.	M	c. r.	—
IRMMTV 12	Serra de S. Julião, Torres Vedras	m. s. II	mulher e mãe*	F	livre	marido** filho***	40 a. 18 a.	M M	c. r. c. r.	*de suo fecit ** optumo, aediis *** piissimo
CIL II 321	Torres Vedras	f. s. I ?	genro	M	c. l.?	sogro	—	M	c. r.	—
Mantas, 1985, nº 1	Igª de S. Pedro, Torres Vedras	m. s. II	marido	M	per.	mulher*	—	F	per.	*merentissimae
Mantas, 1985, nº 2	Igª de S. Pedro, Torres Vedras	m. s. II	pai	M	lib.?	filho	26 a.	M	lib.?	—
CIL II 278	Igr. de Matações Torres Vedras	séc. I/II	mãe	F	livre	filha	27 a.	F	livre	—
CIL II 284	Aldeia Dois Portos Torres Vedras	in. s. II	pai	M	c. l.?	filho*	16 a.	M	c. l.?	* piissimo
CIL II 314	Sta Cruz de Ribamar, Torres Vedras	séc. II	mãe	F	esc.	filho	25 a.	M	esc.	—
IRMMTV 13	Quinta do Caracol, Alenquer	f. s. I	mãe	F	?	filho	35 a.	M	c. l.?	—
CIL II 316	Ilhavo, Alenquer	m. s. II	mãe	F	livre	filha	—	F	livre	—
CIL II 271	"Quinta de J. Arraes" perto de Alenquer	séc. II	mãe	F	livre	filha*	32 a.	F	livre	*pientissimae
AE 1965 266	Santa Iria, V. Franca de Xira	in. s. II?	irmã	F	livre	irmão*	18 a.	M	c. r.	* [pi]issimo olisip(onensis)
CIL II 330	Santarém	s. I/II?	mãe	F	livre	filha*	40 a.	F	livre	*pientissimae
CIL II 310	Almoster, termo de Santarém	séc. II	pai	M	c. l.?	filho	—	M	c. l.?	—
CIL II 5026	Tomar	séc. I ?	mãe	F	livre	filho*	—	M	c. l.?	* in honorem
CIL II 332	Tomar	séc. II	pai*	M	c. l.?	filhas	—	F	livres	*in memor(iam) suam ei (sic) filiarum suar(um)
CIL II 334	Tomar	séc. I	sibi*	-	—	marido e mulher *	—	M F	c. l.? per.	—
CIL II 334	Tomar	séc. I	mãe*	F	per.	filho	—	M	c. l.?	* presente na inscrição anterior
Belo e Vicente, 1958, p. 131-143	Casal da Bexiga Tomar	séc. II	mulher, mãe e filha	F	livre	marido filha e mãe	— 26 a. —	M F e F	per. per., livre	—
Fernandes, 1992, 115-120	Ponte de Pau, Tomar	séc. II	?	?	?	<m>amm(a)e *	53 a.	F	esc.?	*caressim(a)e (sic)
CIL II 335	S. Pedro do Castro, Ferreira do Zêzere	f. l/in. II	mãe marido	F M	livre c. l.?	filha e mulher*	—	F	livre	*ex testamento
FE 35 (1990) nº 161	S. Pedro do Castro, Ferreira do Zêzere	séc. II	mulher	F	livre	marido	? a.	M	c. l.?	(incompleta)
FE 45 (1993) nº 202	Domes, Ferreira do Zêzere	2ª m. séc. II	mãe	F	per.	filho	30 ? a.	M	per.	—
FE 8 (1984) nº 34	Rio de Couros, V. Nº de Ourém	2ª m. séc. II	colegas	M	?	colega	-	M	per.?	—
CIL II 73	Rio de Couros, V. Nº de Ourém	séc. II	pai mãe	M F	per? per.	filho*	26 a.	M	c. l.?	*pientissimo
AP V, 1900, p. 173	Columbeira, Bombarral	f. s. I ?	mãe	F	per.	filho	5 a.	M	c. l.?	—
ERC 7; CIL II 353	Salir de Matos, Caldas da Rainha	séc. II	marido	M	lib.	mulher*	35 a.	F	livre	*p(iissimae)
ILER 4234	Tornada, Caldas da Rainha	f. s. I / in. s. II ?	mãe	F	per.?	filho	30 a.	M	c. l.?	—

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
FE 37 (1991) nº 170	Tornada, Caldas da Rainha	s. I / II ?	mãe	F	per.?	filha*	—	F	per.?	*p(ientissimae)
CIL II 355	Aljubarrota (de Leiria?)	séc. II	filha	F	livre	mãe*	60 a.	F	per.	*pientissimae
CIL II 356	Sª de Minde, Alfeizerão	séc. II	pai	M	c. I.?	filho*	17 a.	M	c. I.? c. I.?	*p(ientissimo)
CIL II 358	Sª de Minde, Alfeizerão	séc. II	pai	M	c. I.?	filho*	20 a.	M	c. I.?	*p(ientissimo)
CIL II 359	Castelo de Alfeizerão	m. s. I ?	herdeiro*	M	c. I.?	**	—	F	livre	*her. patris sui ** ex t. suo
CIL 360	Castelo de Alfeizerão	m. s. I ?	mãe	F	livre	filha	—	F	livre	—
CIL II 357	S. Mauro, Alfeizerão	séc. II	filha	F	livre	mãe*	60 a.	F	livre	*pientissimae
CIL II 352	Valado, Alcobaça	séc. II	filha	F	per.	mãe	—	F	per.	—
ERC 25	Capela da Torre, Reguengo do Fetal	séc. II	mãe	F	livre	filha*	—	F	livre?	(incompleta) *pientissim[ae]
ERC 26	Fonte do Oleiro, Porto de Mós	séc. I ?	pai?*	M	?	filho/a ?	—	?	?	* f[rat(er)?] (incompleta)
ERC 27	Porto de Mós	séc. II	filho	M	c. I. ?	pai*	70 a.	M	c. I. ?	* piissimo
ERC 3	S. Sebastião do Freixo, Batalha	?	pai filho	M M	c. r.? c. r.	filho e pai *	33 a.	M	c. r.	*omnibus honoribus...
ERC 9; Ruivo, 1992	S. Sebastião do Freixo, Batalha	1ª m. séc. I	libertos e comunidade de escravos *	?	lib. esc.	patrono	—	M	c. r.?	pedestal ? * liberti et familia
ERC 12	S. Sebastião do Freixo, Batalha	in. s. I ?	cliente	M	lib.?	patrona	—	F	livre	—
ERC 13	S. Sebastião do Freixo, Batalha	1ª m. I ?	mãe	F	per.?	filho*	30 a.	M	c. r.	*pientissimo
ERC 16	S. Sebastião do Freixo, Batalha	séc. II	mãe	F	per.	filho*	26 a.	M	*per.	*p(iissimo)
ERC 19	S. Sebastião do Freixo, Batalha	séc. II	marido	M	per.	mulher*	52 a.	F	per.	*piissim(a)e
ERC 20	S. Sebastião do Freixo, Batalha	séc. II	mãe	F	per.	filha	16 a.	F	per.	—
ERC 24	S. Sebastião do Freixo, Batalha	séc. I	pai	M	per.	filho*	—	M	per.	* im (sic) memo(riam
ERC 14 + 23; Ruivo, 27/8/92	Bico do Sacho, Golpilheira, Batalha	séc. II	mãe	F	per.	filha*	34 a.	F	livre	*piissimae
ERC 6	A-do-Barbas, Maceira, Leiria	séc. II	mãe	F	livre	filho	20 a.	M	c. r.	—
ERC 40	Maceira, Leiria	séc. II	pai	M	c. I.?	filho	28 a., 11 m.	M	?	(incompleta)
ERC 44	Macieira, Leiria	séc. II	marido*	M	c. I.?	mulher**	40 a.	F	livre	*= pai nº 40? **pientissimae
ERC 42	Maceira, Leiria	séc. II	mãe	F	lib.?	filho	30 a.	M	lib.?	—
ERC 41	Maceira, Leiria *	séc. II	mãe	F	livre	filha	—	F	livre	* ou Porto de Mós
ERC 30	Leiria	séc. II	mãe	F	per.	filha	—	F	per.	—
ERC 31; CIL II 342	Leiria	séc. II'	irmão* irmã*	M F	per. per.	irmã*	17 a.	F	per.	* sem parentesco mas todos Ruli f.
ERC 34	Leiria	séc. II	filho	M	c. I.?	pai*	—	M	c. I.?	*piissimo
ERC 35	Leiria	séc. II	mulher	F	livre	marido	25 a.	M	c. I.?	—
ERC 37	Leiria	f. s. I ?	parente	F	per.	parente*	? a.	M	per.	*fraterno
ERC 38	Leiria	séc. II	mãe	F	livre	filha*	15 a.	F	livre	*[pie]ntissim[ae]
FE 36, 1990, nº 163	Quinta do Litém, Pombal	m. s. I	mãe	F	per.	filha	40 a.	F	per.	—
FE 32, 1989, nº 145	S. Simão de Litém, Pombal	séc. I	libertos e herdeiros	M F	lib. lib.	(patrono/a)*	—	?	?	* [ex] test(a- mento)
FC 26	Conimbriga	130 d. C. : ante quem	mulher filho	F M	lib.? lib.?	marido e pai*	40 a.	M	lib.	*optimo, piissimo, Augustor(um) libertus

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
FC 27	Conimbriga	75 d. C. : post quem	pai*	M	c. r.?	filho	3 a.	M	c. r.?	*[ol]isiponensis
FC 31	Conimbriga	2ª m. II	mãe	F	livre	filho	26 a.	M	c. l.?	*piissimo; Emer(ita) sepulto
FC 32	Conimbriga	f. s. I / in. s. II	pai mãe	M F	per. per.	filho*	18 a.	M	per.	*defuncto Monte Mariano (minas)
FC 33	Conimbriga	m. s. II	mãe e collegium salutare	F -	livre —	filho*	32 a.	M	c. l.?	*[i]n it[iner]e urb(is) defuncto et sepulto
FC 34	Conimbriga	m. s. II	mãe	F	livre	filho*	37 a.	M	c. r.	*Romae sepulto
FC 36	Conimbriga	f. s. I / in. s. II	pai mãe	M F	c. l.? livre	filha*	23 a.	F	livre	*pientissim<a>e
FC 37	Conimbriga	séc. II	marido	M	c. l.?	mulher	? a.	F	livre	(incompleta)
FC 39	Conimbriga	séc. II	pai mãe irmã	M F F	lib.? livre livre	filho * e irmão	40 a.	M	livre	* pientissimo
FC 40	Conimbriga	1ª m. séc. II	marido	M	lib. / esc. ?	mulher*	—	F	lib. / esc. ?	*contubernalis (incompleta)
FC 41	Conimbriga	1ª m. s II	?	?	?	ama *	?	F	esc. ?	*n[ut]r[ic]i (incompleta)
FC 43	Conimbriga	1ª m. séc. II	pai mãe?	M F	? ?	filha	—	F	?	(incompleta)
FC 44	Conimbriga	2ª m. séc. II	pai mãe	M F	c. r.? livre	filho *	21 a.	M	c. r.?	* piissimo
FC 45	Conimbriga	séc. I ?	pai	M	c. r.?	filha *	—	F	livre	* dulcissim(ae)
FC 46	Conimbriga	f. s. II	pai mãe	M F	lib. lib.	filho *	23 a.	M	livre	* pientissimo
FC 49	Conimbriga	s. I / II?	pai e irmão	M	per.?	filha irmão	— —	F M	livre ?	(incompleta)
FC 50	Conimbriga	in. s. II	mãe	F	?	filho	9 a.	M	esc.	(incompleta)
FC 51	Conimbriga	in. s. II	mãe	F	?	filho filho	— —	M M	lib. lib.	—
FC 53	Conimbriga	séc. II	patrona	F	livre	liberta	25 a.	F	lib.	—
FC 54	Conimbriga	séc. II	mãe	F	lib.	filhos *	33 a. 18 a. 15 a.	M F F	livre? livre? livre?	* p(ientissimis)
FC 56	Conimbriga	séc. II	filha	F	livre	mãe *	—	F	livre	* pientissimae
FC 62	Conimbriga	séc. II	avó mãe *	F F	livre livre	neta e filha	22 a.	F	livre	* dedicante de FC 56.
FC 57	Conimbriga	1ª m. s II	pai	M	c. r.?	filho	25 a.	M	c. r.?	—
FC 58	Conimbriga	in. s. II?	—	—	—	sibi	55 a.	F	per.	—
FC 59	Conimbriga	séc. II	filha	F	livre	mãe *	40 a.	F	per.	* piissimae
FC 60	Conimbriga	2ª m. s II	pai mãe	M F	c. r.? livre	filha *	26 a.	F	livre	* in honorem memoriae; pientissimae
FC 61	Conimbriga	séc. II	mãe ? *	F M	per. lib.	filhas	— —	F F	per. per.	*Ni[g]er Coelae libertus
FC 63	Conimbriga	2ª m. s II	irmão irmã	M F	lib. ? lib. ?	irmão *	29 a.	M	lib.?	* pien[t]issimo
FC 64	Conimbriga	séc. I	filho filho	M M	per. per.	pai	—	M	per.	—
FC 66	Conimbriga	in. s. II	mãe	F	lib.?	filha*	25 a.	F	lib.?	* piissimae
FC 67	Conimbriga	séc. II	avó **	F	livre	neta *	16 a.	F	livre	* piissumae ** = defunta de FC 37 ?
FC 68	Conimbriga	séc. II	mãe	F	livre	filha	26 a.	F	livre	—
FC 70	Conimbriga	após 75 d. C.	irmã cunhado * sogro *	F M M	livre c. r.? c. r.?	irmão ** e cunhado e genro	—	M	c. r.	* curantib(us) ** ex testamento
FC 71	Conimbriga	2ª m. séc. II	mãe	F	livre	filho*	—	M	c. r.	* carissimo et pientissimo et opsequentissimo
FC 72	Conimbriga	2ª m. séc. II	pai mãe	M F	lib. ? lib.?	filho *	22 a.	M	lib.?	* piissimo

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
FC 73	Conimbriga	2ª m. séc. II	pai	M	?	filha *	23 a.	F	livre	* [pie]ntissim[ae]; in honorem
FC 74	Conimbriga	séc. II	herdeiro herdeira liberto	M F M	per.? per.? lib.	patrono	—	M	per.	(incompleta)
FC 75	Conimbriga	1º m. séc. II	pai mãe	M F	? ?	filho *	—	M	?	* [piiss]imo (incompleta)
FC 78	Conimbriga	séc. II ?	pai mãe *	M F	? ?	filho **	—	M	?	* [pec]un(ia) s(ua) **[pietiss]imo
FE 24, 1987, nº 109	Conimbriga?	2º m. séc. II	marido	M	c. l.?	mulher *	—	F	livre	*indulgentissimae, desiderantissimae
FE 24, 1987, nº 108	Soure (castelo)	1º m. s. I	pai	M	per.	filho *	—	M	per.	*im memoriam
IRMMC 6	Coimbra	in. s. II?	filho *	M	c. l.?	mãe	22 a.	F	livre	* único herdeiro?
IRMMC 7	Coimbra	2ª m. s. II	pai	M	c. l.?	filho *	17 a.	M	c. l.?	* piissimo
IRMMC 11	Coimbra	2ª m. séc. II	filhas liberto *	F F M	livre livre lib.	pai ** e patrono	64 a.	M	c. l.?	* curante ** piissimo
IRMMC 12	Coimbra	séc. II	mãe	F	livre	filho	21 a.	M	c. l.?	—
IRMMC 13	Coimbra	séc. I ?	—	—	—	sibi	—	F	?	—
IRMMC 15	Coimbra	séc. II ?	marido filho	M M	? ?	mulher e mãe	—	F	?	(incompleta)
IRMMC 18	Coimbra	séc. II ?	mulher	F	esc.?	marido	—	M	esc.	(incompleta)
Le Roux et Fabre, 1971, nº 3	Coimbra	f. s. I / in. s. II	liberto e herdeiro	M	lib.	patrono *	—	M	c. l.	* ex testamento
Le Roux et Fabre, 1971, nº 4	Coimbra	1ª m. séc. II	avô * pai *	M M	c. l.? c. l.?	neta e filha	—	F	livre	* mesmos dedicantes na inscrição seguinte
Le Roux et Fabre, 1971, nº 5	Coimbra	séc. II	pai marido	M M	c. l.? c. l.?	filha e mulher *	26 a.	F	livre	* piissimae; indulgentissimae [et] meretissimae; [in] honorem memoriae
CIL II 380; ILER 4872	Coimbra	2ª m. / f. séc. I	pai mulher	M F	c. l.? livre	filho e marido	36 a.	M	c. l.?	(incompleta)
CIL II 5241; ILER 3793	Coimbra	f. s. I / in. s. II ?	mãe	F	livre	filho	21 a.	M	c. l.?	—
Carvalho, 1993, nº 1	Coimbra	?	mulher [sibi?]	F	?	marido	—	M	?	(incompleta)
FC 30; CIL II 395	Tentugal	f. s. I / in. s. II	herdeiro	M	c. l.?	*	—	M	c. r.	* ex testamento
ILER 4082; Lucas, 1989, nº 3	Montemor-o- Velho	s. I / II ?	pai mãe	M F	c. r.? livre	filho *	27 a.	M	c. r.?	* optimo
CIL II 6275a; ILER 4645	Penacova	séc. I	mulher	F	per.	marido	—	M	per.	
ILER 5410; Borges, 1984, p. 153	Mosteiro de Lorvão, Penacova	séc. I?	irmão	M	c. l.?	irmão *	—	M	c. l.?	* piissimo seiliensis (sic);
CIL II 2410= CIL II 5559;	S.to Adrião de Vizela, S.ta Comba Dão	f. s. II ?	marido	M	?	mulher *	26 a.	F	?	* karissimae
Silvestre, 1976, 133-34	Chãs, Beijós, Carregal do Sal	séc. I ?	mulher (sibi?)	F	per.?	marido *	—	M	c. l.?	* [optimo?] (incompleta)
CIL II 399	Bobadela, Oliv ^o do Hospital	f. s. I	liberto *	M	lib.	patrona	—	F	livre	* d. d. (Anacleto, 1981, nº 2)
CIL II 400	Bobadela, Oliv ^o do Hospital	?	herdeiro/a?	?	?	*	—	F	livre	* ex testamento suo (incompleta)
Anacleto, 1981, nº 7	Bobadela, Oliv ^o do Hospital	?	herdeiro/a?	?	?	*	—	F	livre	*ex testam. suo (incompleta)
HEp 4, 1994 nº 1068	Igreja de S. Romão, Seia	séc. I ?	—	—	—	sibi *	—	M	c. r. ?	* caesaraugus- tan(us)

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
Vaz, 1993, 54; CIL II 5246	R. da Regueira, Viseu	s. I/II?	filho	M	per.	mãe	30 a.	F	per.	Figura humana na parte superior (já sem cabeça) vestindo "paenula", c/ as mãos no peito.
Vaz, 1993, 49; CIL II 405	R. da Regueira, St. Maria, Viseu	?	herdeiro	M	per.?	*	?...a.	M	per.?	(incompleta) *ex testamen(to)
Vaz, 1993, 50; CIL II 406	Santa Maria, Viseu	séc. I ?	irmão	M	per.	irmão	—	M	per.	—
Vaz, 1993, 58; CIL II 408	Viseu	séc. I	filho/os	M	per.?	pai*	60 a.	M	per.	* Tap(orus)
Vaz, 1993, 76	R. Augusto Hilário, Viseu	2ª m. s. II	mãe	F	?	filho*	21 a.?	M	?	* p(ientissimo?)
Vaz, 1993, 66; CIL II 409	Convento de S. Bento, Sª Mª, Viseu	s. I/II?	filhos e irmãos	M F	per. per.	pai mãe irmã	— — —	M F F	per. per. per.	—
Vaz, 1993, 51; CIL II 412	Igreja de S. Miguel, Viseu	séc. I ?	irmão	M	per.	irmão/ã? irmã	?... a. 20 a.	? F	per. per.	(incompleta)
Vaz, 1993, 46	Avenida Emídio Navarro, S. José, Viseu	2ª m. s. I	marido	M	per.	mulher	20 a.	F	per.	MNAE nº 7084
Vaz, 1993, 71 CIL II 410	Igreja de S. Miguel, Sª Mª, Viseu	séc. II ?	filha genro	F M	per. per.	mãe * sogra	11 a. (sic)	F	per.	* pientissimae
Vaz, 1993, 74; CIL II 411	Paradinha, Viseu	séc. I	pai mãe	M F	? ?	filho	17 a.	M	c. I.?	—
Soares, 1992, p. 158-159; Vaz, 1993, 44	Couto de Baixo, Viseu	f. s. I ?	mãe	F	livre	filha	40 a.	F	livre	(incompleta)
Encarnação, 1989, p. 319; Soares, 1992; Vaz, 1993, 44	Couto de Baixo, Viseu *	s. III ?	mãe pai	F M	lib. ? lib. ?	filho **	48 a.	M	livre	* Epitáfio métrico que reaproveitou a ara anterior. **p(ientissimo?)
Vaz, 1993, 62; FE 31, 1989, nº 141	Canas de Senhorim, Neias	1ª m. séc. I	pai mãe	M F	per. per.	filho *	14 a.	M	per.	* piissimo
Vaz, 1993, 37; FE 30, 1989, nº 135	Lamas de Moledo, Castro Daire	in. s. II	mãe	F	per.	filha	5 a.	F	per.	—
Vaz, 1993, 41	Lamas de Moledo, Castro Daire	séc. I ?	mãe	F	?	filho	3 a.	M	?	(incompleta)
Vaz, 1993, 73 CIL II 419	Mões, Vila Boa, Castro Daire	s. I/II ?	marido (sibi)	M	per.	mulher ?	— 17 a.	F ?	per.	Poderá ser apenas o túmulo do casal
Vaz, 1993, 47; FE 12, 1985, nº 52	Pinheiro de Tavares, Mangualde	f. s. I / in. s. II	filha	F	per.	mãe	60 a.	F	per.	(incompleta)
Vaz, 1993, 61; FE 12, 1985, nº 53; FE 20, 1986, addenda; AE, 1985, 520	Pinheiro de Tavares, Mangualde	séc. II	irmão e filho	M	per.	irmão mãe	30 a. 70 a.	F F	per. per.	(incompleta)
Vaz, 1993, 60	Quintela de Azurara, Mangualde	séc. I ?	pai	M	per.	filho/a	8 a.	?	per.	—
Vaz, 1993, 67; CIL II 422	Quintal dos Abades, Penalva do Castelo	séc. I	pai (sibi)	M	per.	filho	25 a.	M	per.	—
Vaz, 1993, 42	Insua, Penalva do Castelo	séc. I ?	pai mãe	M F	per.? per.?	filho/a? filha	18 a. 9 a.	? F	? per.?	(incompleta)
Vaz, 1993, 68; CIL II 423; Vasconcelos, 1900, p. 139	Quintal dos Abades, Penalva do Castelo	séc. II ?	pai (pai?) (pai?) pai	M ? ? M	per. — — per.	filho filha filha filha	9 a. 4 a. 30 a. 40 a.	M F F F	per. per. per. per.	(incompleta)

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
Vaz, 1993, 64; CIL II 421	Castelo de Penalva, Penalva do Castelo	s. I/II?	patrono?	?	?	liberta	50 a.	F	lib.	incompleta
Vaz, 1993, 65; CIL II 414	Goje, Ínsua, Pen. do Castelo	s. I/II?	filho/a?	M	per.?	mãe	57 a.	F	per.	—
Vaz, 1993, 43	Sangemil, Ínsua, Penalva do Castelo	?	filho	M	per.?	pai	—	M	per.	—
Vaz, 1993, 48	Quinta dos Matos, Rás, Satão	f. s. I/ in. s. II	filhos	M M	per. per.	pai	30 a.	M	per.	—
Vaz, 1993, 53	Ramirão, Casal Vasco, Fornos de Algodres	séc. I	pai	M	per.	filho	7 a.	M	per.	—
Vaz, 1993, 75	Matança, Fornos de Algodres	séc. I ?	mãe	F	per.	filho filha	25 a. 16 a.	M F	per.	(incompleta)
Vaz, 1993, 59; CIL II 426	Ínfias, Ínfias, Fornos de Algodres	séc. I	mulher	F	per.	marido	60 a.	M	per.	(incompleta)
Figueiredo, 1953, p. 174	S. Salvador do Mundo, S. João da Pesqueira	séc. I ?	abiis (=avus?)* (sibi)	M	c. l.?	neta ? neto ? neta ?	— — —	F M F	c. l.? c. l.? c. l.?	* limicus
CIL II 5249; Vaz, 1982 b, nº 3	Castelo de Lamego	séc. I ?	(mãe?) (sibi)	F	per.	(filhos?)	— —	M M	per.? per.?	—
Vaz, 1982 b, nº 4	Castelo de Lamego	séc. I ?	herdeiros (e filhos?) herdeira *	M M F	per. per.? per.	? **	—	?	?	*meid(ubrigensis?) ou Meid(ueni f.?) ** h(oc/eres?) ex t(estamento) f. c.
CIL II 5252; Vaz, 1982 b, nº 8	Castelo de Lamego	séc. I ?	filha	F	per.	(irmã?) mãe *	27 a. 50 a.	F F	per. per.	* mãe da 1ª defunta, ou apenas da dedicante ?; (incompleta)
CIL II 5248; ILER 4876 Vaz, 1982 b nº 2	Lamego (?)*	séc. I ?	filho, marido e pai (sibi) **	M	per.	mãe mulher filha	60 a. 50 a. 7 a.	F F F	per. per. per.	*de origem desconhecida; depositada no Museu de Lamego. ** tem o nome do avô materno.
CIL II 5251; ILER 6139; Vaz, 1982 b, nº 13	Igª de Sª Mª de Almacave, Lamego	séc. I ?	marido	M	c. l.?	mulher	—	F	livre	—
Vaz, 1982 b, nº 14; AE, 1983, 484	Quinta do Sr. Dr. Morgado, Lamego	séc. I ?	avô	M	per.?	neto	?	M	per.	(incompleta)
CIL II 5255; Vaz, 1982 b, nº 6; AE 1983, 480*	Penude, Lamego	séc. II ?	pai mãe	M F	per.? per.?	filho **	16 a.	M	per.	* nova leitura ** p(liissimo?)
Vaz, 1983, p. 579-581	Meijinhos, Lamego	séc. I ?	pai mãe	M F	per.? per.?	filha	18 a.	F	per.	—
CIL II 5256; EE IX 15; Vaz, 1982 c, p. 262-263	S. Pedro de Balsemão	séc. I	herdeiro/a	?	?	* ?	— —	M F	per.? per.?	*nepos ex test. (incompleta)
Jalhay, 1951, nota 5, p. 81; Mattos, 1948, nº 83, p. 67; Correia, 1972, p. 262-263* Dias, 1985-86, p. 197, nota 31	Cárquere, Resende	séc. II ?	nora	F	livre	sogro	55 a.	M	c. l.?	(incompleta) Leitura de Mattos corrigida por Jalhay e Dias. *espólio da sepultura: anel de prata e o bocal de bronze de um "oenochoe".
Mattos, 1948, nº 84, p. 68*	Cárquere, Resende	séc. II ?	mãe	F	?	filha **	30 a.	F	livre	*estela c/ nicho semicircular, c/ figura humana de pé, em relevo. ** dedicante do epitáfio anterior

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	S.	Est.	Defunto	Idade	S.	Est.	Observações
Dias, 1986, nº 2; AE, 1986, 285	Cárquere, Resende	m. s. III	mãe	F	?	filho	20 a.	M	per.	i. 1: Afinatu f. (cf. Dias); Afina Tu(?) (filia) (cf. AE).
Vasconcelos, 1929, p. 219; Dias, 1985-86, p. 197, nota 33	Cárquere, Resende	séc. II ?	mãe	F	?	filha	40 a.	F	livre	—
Dias, 1986, nº 9	Cárquere, Resende	?	herdeiro	?	?	?	?	?	?	(incompleta)
Dias, 1986, nº 1; AE 1986, 285	Cárquere, Resende	f. s. III ?	amigos	M	?	amigo	55 a., 5 m., 10 d.	M	per.?	l. 3-4: LX <m.> V <d.> X, a(mici) f. c. (Dias); LX u(xor) a(ram) f. c. (AE).
Vaz, 1986, p. 290-291	Cárquere, Resende	s. I/II?	filho/a	?	per.?	pai	50 a.	M	per.	—
Vasconcelos, 1913, p. 414, nota 2; Dias, 1985-86, p. 197, nota 32	Cárquere, Resende	s. I/II?	filha	F	?	mãe	55 a.	F	lib.	—
Jalhay, 1951, nº 8; Dias, 1985-86, p. 197, nota 36	Cárquere, Resende	s. I/II?	filho/a	?	?	pai	50 a.	M	c. l.?	—
Jalhay, 1951, nº 9 *; Dias, 1985-86, p. 197, nota 22	Cárquere, Resende	s. I	mãe	F	?	filha	80 a.?	F	livre	* Leitura corrigida por Dias.
Jalhay, 1951, nº 4; Dias, 1985-86, p. 197, nota 29	Cárquere, Resende	s. I	filho/a	?	?	pai	40 a.	M	per.	(incompleta)
CIL II 5580; Dias, 1985-86, p. 196, nota 16	Cárquere, Resende	s. I	pai	M	per.	filho	15 a.	M	per.	—
EO, 144-D; Brandão, 1961; ILER 3741	Fernedo, Arouca	séc. I	irmão	M	per.	irmão*	28 a.	M	per.	* ex testamento

LEGENDA:

f. = final; m. = meados; séc./s = século; S. = sexo; F. = feminino; M = masculino; Est. = estatuto; esc. = escravo; c. r. = cidadão romano; c. l. = cidadão latino; lib. liberto; per. = peregrino; a = anos; m. = meses; d. = dias; l. = linha

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Quadro V: Relações familiares, sociais e jurídicas (Conventvs Scallabitanvs)

Dedicante / Defunto	Nº	[%]	{%}	Dedicante / Defunto	Nº	[%]
marido / mulher	22	[7.7]	9.2	avô / neto	1	[0.4]
mulher / marido	17	[6]	7.1	avô / neta	1	[0.4]
Família Conjugal (total)	39	[13.7]	{16.4}	avó / neto	2	[0.7]
pais / filho	13	[4.6]	5.5	avó / neta	2	[0.7]
pais / filha	6	[2.1]	2.5	sogro / genro	2	[0.7]
pais / filh(o-a?)	1	[0.4]	0.4	sogro / nora	1	[0.4]
pai / filho	25	[8.8]	10.5	sogra / nora	1	[0.4]
pai / filha	9	[3.2]	3.8	genro / sogro	1	[0.4]
mãe / filho	39	[13.7]	16.4	genro / sogra	1	[0.4]
mãe / filha	36	[12.6]	15.1	nora / sogro	1	[0.4]
mãe / filh(o-a?)	1	[0.4]	0.4	cunhado / cunhada	2	[0.7]
Família Nuclear Descendente (total)	130	[45.6]	{54.6}	parentes / parentes	2	[0.7]
filho / pai	13	[4.6]	5.5	* / mamma	1	[0.4]
filho / mãe	13	[4.6]	5.5	* / ama	1	[0.4]
filha / pai	3	[1.1]	1.3	Família Extensa (total)	19	[6.7]
filha / mãe	10	[3.5]	4.2	amigos	1	[0.4]
filh(o-a?) / pai	4	[1.4]	1.7	colegas	2	[0.7]
filh(o-a?) / mãe	2	[0.7]	0.8	colégio funerário	1	[0.4]
Família Nuclear Ascendente (total)	45	[15.8]	{18.9}	cliente / patrona	1	[0.4]
irmão / irmão	9	[3.2]	3.8	Amigos (total)	5	[1.8]
irmão / irmã	3	[1.1]	1.3	herdeiro	6	[2.1]
irmã / irmão	6	[2.1]	2.5	herdeira	3	[1.1]
irmã / irmã	2	[0.7]	0.8	herdeir(o-a?)	6	[2.1]
irm(ão-ã?) / irmão	2	[0.7]	0.8	Herdeiros (total)	15	[5.3]
irm(ão-ã?) / irmã	2	[0.7]	0.8	patron(a,?) / liberta	2	[0.7]
Irmãos (total)	24	[8.4]	10.1	libert(o,os) / patrono	3	[1.1]
Família Nuclear (total)	238	[83.5]	{100}	libert(o-a?) / patrono	1	[0.4]
				liberto / patrona	1	[0.4]
				escravos ("família") / senhor	1	[0.4]
				Relações Servis (total)	8	[2.8]

Quadro VI: Se vivo / sibi

Conventus Scallabitanus	Nº
se vivo / sibi (homem)	7
se viva / sibi (mulher)	6

Quadro VII: Categorias de relações (conventus Scallabitanus)

Categorias	%	Nº
Família Conjugal	13.7	39
Família Nuclear Descendente	45.6	130
Família Nuclear Ascendente	15.8	45
Irmãos	8.4	24
Família Nuclear (Total)	83.5	238
Família Extensa	6.7	19
Amigos	1.8	5
Herdeiros	5.3	15
Relações Servis	2.8	8
TOTAL	100	285

Quadro VIII: Família nuclear (conventus Scallabitanus)

RELAÇÕES	%	Nº	{%}
marido	7.8	22	9.2
mulher	6	17	7.1
pais	7	20	8.4
pai	11.9	34	14.3
mãe	26.7	76	31.9
filho	9.1	26	10.9
filha	4.6	13	5.5
filh(o-a?)	2.1	6	2.5
irmão	4.2	12	5
irmã	2.8	8	3.4
irm(ão-ã?)	1.4	4	1.7
total	83.5	238	{100}
TOTAL GERAL	100	285	

Quadro IX: Mãe (conventvs Scallabitanvs)

DEDICANTE	Nº
mãe só	66
+ marido	2
+ filho	1
+ avó	2
+ colégio funerário	1
+ (?)	4
TOTAL: (excluídas as dedicatórias com o pai)	76

Quadro X: Pai (conventvs Scallabitanvs)

DEDICANTE	Nº
pai só	27
+ marido	1
+ mulher	1
+ filho	1
+ filha	1
+ irmão	1
+ avô	1
+ (?)	1
TOTAL: (excluídas as dedicatórias com a mãe)	34

Quadro XI: Relações familiares, sociais e jurídicos (conventvs Pacensis)

Dedicante / Defunto	Nº	[%]	{%}	Dedicante / Defunto	Nº	[%]
marido / mulher	26	[16.4]		avô / neto	1	[0.6]
mulher / marido	18	[11.3]		neto / avó	1	[0.6]
Família Conjugal (total)	44	[27.7]		genro / sogro	1	[0.6]
pais / filho	7	[4.4]		cunhado / cunhada	1	[0.6]
pais / filha	3	[1.9]		tia materna / sobrinho	1	[0.6]
pais / filh(o-a?)	2	[1.3]		sobrinho / tio	1	[0.6]
pai / filho	10	[6.3]		sobrinho / tia materna	1	[0.6]
pai / filha	3	[1.9]		sobrinha / tia	1	[0.6]
mãe / filho	12	[7.5]		mamma / filho	1	[0.6]
mãe / filha	10	[6.3]		Família Extensa (total)	9	[5.7]
Família Nuclear Descendente (total)	47	[29.6]		amigos / amig(o-a)	4	[2.5]
filho / pai	7	[4.4]		Amigos Nemesíacos (colégio)	1	[0.6]
filho / mãe	10	[6.3]		(liberto) / hospedeira	1	[0.6]
filha / pai	1	[0.6]		colonos / procurador	1	[0.6]
filha / mãe	3	[1.9]		Amigos	7	[4.4]
filh(o-a?) / mãe	1	[0.6]		herdeiro	6	[3.8]
Família Nuclear Ascendente (total)	22	[13.8]		herdeira	2	[1.3]
irmão / irmão	5	[3.1]		Herdeiros (total)	8	[5]
irmão / irmã	3	[1.9]		patrono / liberto	1	[0.6]
irmã / irmão	4	[2.5]		patrona / liberto	1	[0.6]
irmã / irmã	3	[1.9]		patrona / liberta	1	[0.6]
Irmãos (total)	15	[9.4]		liberto / patrono	1	[0.6]
Família Nuclear (total)	128	[80.5]	{100}	liberta / patrono	2	[1.3]
				Relações Servis (total)	6	[3.8]
					15	[100]

Fontes: IRCP; FE; ENCARNAÇÃO, 1986, p. 99-106.

Quadro XII: Se vivo / sibi

Conventvs Pacensis	Nº
se vivo / sibi (homem)	6
se viva / sibi (mulher)	3

Quadro XIII: Categorias de relações (conventvs Pacensis)

CATEGORIAS	%	Nº
Família Conjugal	27.7	44
Família Nuclear Descendente	29.6	47
Família Nuclear Ascendente	13.8	22
Irmãos	9.4	15
Família Nuclear (Total)	80.5	128
Família Extensa	5.7	9
Amigos	4.4	7
Herdeiros	5	8
Relações Servis	3.8	6
TOTAL	100	159

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Quadro XIV: Família nuclear (conventus Pacensis)

RELAÇÕES	%	Nº
marido	16.4	26
mulher	11.3	18
pais	7.5	12
pai	8.2	13
mãe	13.8	22
filho	10.7	17
filha	2.5	4
filh(o-a?)	0.6	1
irmão	5	8
irmã	4.4	7
total	80.5	128
TOTAL GERAL	100	159

Quadro XV: Categorias de relações (Península Ibérica)

Categorias	%	Nº
Família Conjugal	24	210
Família Nuclear Descendente	30	257
Família Nuclear Ascendente	21	184
Irmãos	8	184
Família Nuclear (Total)	83	723
Família Extensa	5	41
Amigos	4	34
Herdeiros	4	36
Relações Servis	4	34
TOTAL	100	868

Fonte: Saller e Shaw, 1984, p. 148, quadro nº 8

Quadro XVI: Padrões de comemoração (%)

Categorias	conventus Scallabitanus	conventus Pacensis	Península Ibérica
Família Conjugal	13.7	27.7	24
Família Nuclear Descendente	45.6	29.6	30
Família Nuclear Ascendente	15.8	13.8	21
Irmãos	8.4	9.4	8
Família Nuclear (Total)	83.5	80.5	83
Família Extensa	6.7	5.7	5
Amigos	1.8	4.4	4
Herdeiros	5.3	5	4
Relações Servis	2.8	3.8	4

Quadro XVII: Família nuclear (Península Ibérica)

RELAÇÕES	%	Nº
marido	12.9	112
mulher	11.3	
pais	5.7	49
pai	6.5	56
mãe	17.5	152
filho	12.9	112
filha	8.3	72
irmão	5	43
irmã	3.3	29
total	83	723
TOTAL GERAL	100	868

Fonte: Saller e Shaw, 1984, p. 148, quadro nº 8.

Quadro XVIII: família nuclear (%)

Categorias	conventvs Scallabitanvs	conventvs Pacensis	Península Ibérica
marido	7.7	16.4	12.9
mulher	6	11.3	11.3
pais	7	7.5	5.7
pai	11.9	8.2	6.5
mãe	26.7	13.8	17.5
filho	9.1	10.7	12.9
filha	4.6	2.5	8.3
filh(o-a?)	2.1	0.6	-
irmão	4.2	5	5
irmã	2.8	4.4	3.3
irm(ão-ã)	1.4	-	-

Quadro XIX: Mãe como dedicante (%)

Categorias	conventvs Scallabitanvs	conventvs Pacensis	Península Ibérica
Total de relações	26.7	13.8	17.5
Família nuclear	31.9	17.2	21
Família nuclear descendente	58.5	46.8	59.1

QUADRO XX: Fórmulas com a expressão *de suo* (Península Ibérica)
LUSITÂNIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Beneficiário	Estatuto	Donativo	Fórmula	Observações
EO 30; CIL II 212	Lisboa	séc. I	Trebonius Tuscus vir Amoena m(ater)	pereg.? pereg.?	Curia Sex. f. Fundana	pereg.?	("cipo funerário")	D. S. F. C.	insc. funer. desaparecida
EO 35; CIL II 214	Lisboa	séc. I	Sempronia Rufina mater s(ibi) e(t) s(uis)	livre	Fabius Iusti f. Gal. Rufus cluniensis (40a.) Caecilia Scapulae f. Gemina uxor olisipon. (18a.)	cid. r.	hoc maesolium	D(e) Suo Faciendum Curavit	insc. funer. desaparecida
EO 75; CIL II 193	Lisboa	séc. II	Vibia Maxima avia Maria Procula mater *	livre livre	L.Cantius L. f. Gal. Marino aedilis	cid. r.	(?)	D. S. P. (pecun/pos?)	insc. funer. honor. * honore contentae (desaparecida)
HAEP 1614; MASMO 85	S. M. Odrinhas (Sintra)	séc. I/II	G. Terentius Celer Décia Ulana mater	cid. lat.? livre	Q. Terentius L. f. Gal. Tanginus	cid. r.	(estela de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto)
MASMO 118 (iné dita) *	Almarjão, Odrinhas (Sintra)	séc. I ?	Cassia Boutia mater	livre	Iulia C. f. Tonceta	livre	(estela de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. * informação de Cardim Ribeiro
MASMO / Faião (iné dita) *	Faião (Sintra)	séc. I ?	Terentia Amoena mater (50a.)	livre	Atilia L. f. Avita (16a.)	livre	(estela de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. * informação de Cardim Ribeiro
Ribeiro, 1977-78, nº 3; MASMO 152	Faião (Sintra)	1ª met. 3º quartel séc. I (Nero)	[...?]Gal[...?] aed(ili)s (dum)iv(ri), fl(am)en Aug(ustalis) (40 anos)	cid. r.	(se vivo?)	-	pequeno mausoléu ? (bloco paralelepípedi- co- cunhal de mausoléu)	D. S. F. C.	insc. funer. (fotos)
Ribeiro, 1982/83, nº1; AE1987 478; CIL II 260	Armês (Sintra)	1ª met. séc. I (Tibério)	L. Iulius Maelo Caudic. flam(en) Divi Aug(usti)	cid. r.	-	-	depósito fontanário	D. S. F.	insc. mon. (fotos)
IRMMTV, nº 1	S. Gião (Torres Vedras)	séc. I/II	ma(ter)	-	Iulia L. f. Amoena (12 anos)	livre	(cupa de calcário arciforme e monolítica)	D. S. F.	insc. funer. (foto)
IRMMTV, nº 12	S.ª de S. Julião (Torres Vedras)	m. séc. II	Iulia M. f. Marcella marito, filio	livre	Q. Caecilius Q. f. Gal. Caecilianus aedilis (40 a.). M. Caecilius Q. f. Gal. Avitus (18a.)	cid. r. cid. r.	(tampa de arca cinerária de calcário)	De Suo Fecit	insc. funer. (foto)

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven..	Datação	Dedicante	Est.	Benefic.L.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
IRMMTV nº 3; CIL II 269; ILER 3623	S. Gião (Torres Vedras)	2ª m. s. II	Attius Montanus	lib. ?	Anicius Optatus	lib. ?	(cipo funerário de calcário)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto)
RERC nº 19; EO 124; CIL II 315; ILER 4346	Carrascal de Manique (Cascais)	m. séc. I	Rutilia mater	livre	L. Rutilius L. f. Gal. Severus (30a.)	cid. r.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. perdida.
RERC nº 23	Murches (Cascais)	séc. I	(?)	(?)	(?)	(?)	aram (bloco de márm.: de uma ara maciça?)	D. Suo F. C.	insc. funer. (foto)?
ERC nº 3	Collippo (Batalha)	(?)	Rufinus pater cum Cassianus nepos	cid. r. ? cid. r. ?	M. Gurtius (sic) Quir. Cassianus (33 a.), omnibus honoribus in republica collip. functo [...]	cid. r.	(bloco de calcário com cavidade para forceps na zona superior)	P(onendum) D. S. Curaverunt	insc. honor. (desenho) incompleta
Encarnação, 1993 p. 253-255	Soure	in. s. III	(sibi?)	?	—	—	[tumul?]u suo cum marmor[ibus e]t laquiaribus (com cena de caça)	De Suo [Patrimo]nio Faciendum Curavit	insc. funer. (foto)
Carvalho, 1993, nº 2	Coimbra	?	?	?	?	?	fragmento de placa funerária de calcário	D. S. F. [C.]	insc. funer. (foto).
Carvalho, 1993, nº 3	Coimbra	?	?	?	?	?	fragmento de placa funerária de calcário	[De] Suo Pos(uit)	insc. funer. (foto)
Inédita: Informação de P. Carvalho	Coimbra	?	?	?	?	?	fragmento de placa de calcário	De S[uo?]	insc. funer.? (foto)
FC nº 26 ; AE1954, 86; AE1972, 239	Conimbriga	130 d.C.	Ti(beria) Claudia Cale uxor marito P. Aelius Ephesius patri	lib. livre	P. Aelius Ianuarium Augustor(um) libertus (40 anos)	lib.	(cupa em calcário)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto)
AE1981,490; IRCP 35; AE1984,457; AE1987,475	Ossonoba (Faro)	s. III/IV	C. Calpurnius [...]nus et G. Vibius Quintilianus et L. Attius?...us et M. Verrius Ceminus	cid. r. ?*	(edifício público) ?	—	(mosaico com representação do Oceano em medalhão central) solum tesselas[que]...	[...de suo strauer]unt et donarunt	mosaico *quatuórviros? membros dum colégio municipal ou duma corporação de naviculários?
IRCP 92; CIL II 5175	Castro Marim (arredores)	séc. I	Vibius Proculus Tuscilla uxor	(colonos itálicos?)	Quintia Palustris f. (20 anos)	pereg. ?	statua (placa mol. de márm.)	D.S.P.	insc. funer. (foto).
IRCP 121	Vipasca (minas de Aljustrel)	173 d.C.	coloni Aug. ? D(omini)? N(ostri)? Metall Vispascensis: T. Iunius...(etc)	lib. ?	Beryllus Aug. lib. proc. rationalium vicar. restitutor metallorum	lib.	statua cum basi(pedestal de ruivina)	De Suo Libenter Posuerunt	insc. honor. (foto) incompleta
IRCP 237; CIL II 50	Pax Iulia (Beja)	séc. I	Modestus servus (?)	esc.	M(?) Clodius M. f. Gal. Quadratus aedilis	cid. r.	(placa honorifica ou pedestal ?)	D. S.	insc. honor. (desenho) desaparecida
IRCP 339 ; AE1984 465; Edmonson, 1984 * Garcia 1991, nº 463	Pax Iulia (Beja)	2ª m. s. II	sodaliciu(m) Bracarorum**; Messiu(s M(arci)? I(libertus)? Arte]midorus magis[t]er ***	— lib. ?	[S(oli)?] DEO INVICTO	—	(placa moldurada, de mármore) ** st]udium sua Impensa fecer[unt] cum cratera; *** t[itul]um donavit	*[D(e)] S(uo) P(osuit)? uel F (ecituel P(ecunia) (linha 7)	insc. vot. (foto) *: há vários exemplos de "titulum + d(e) s (uo) p(osuit)"; IRCP propôs : [C (oloniae?)] P (acis?) I(uliae?)
IRCP 445; CIL II 5211	Herdade do Freire, Bencatel, Vila Viçosa	séc. I	pater	pereg. ?	L. Aurelius L. f. Flaus (35 anos) P. Aurelius Niger (11 anos)	c. l. ? c. l. ?	(placa moldurada de mármore)	D. S. P. C.	insc. funer. (foto)
IRCP 478	perto de Juromenha, Alandroal	?	?	—	?	—	fragmento (de placa?) de mármore	De S(uo?) [F(ecit)?]	insc. funer.? (desaparecida) incompleta
IRCP 577; CIL II 5212	Elvas	1ª m. s. II	Iulia Prima lib. et coniu(x)	lib.	G. Iulius Gallus emeritensis, veteranus leg. VII G. F. (70 anos)	cid. r. (milit.)	(placa de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto)
IRCP 593 ; AE 1990 485; Encarnação, 1986 (a), nº 2	Campo Maior, Elvas	2ª m. s. II	Apronia Maxima marita (sic) * pientissima	livre (itálic?)	Q. Marcius Tusculanus (50 anos)	cid. r.? (itálic?)	(árula de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto) *expressão usada por poetas (AE)
FE 193	Évora: região?	m.f. s. III	Calpurnia Chelido s(oror)	lib.	Calpurnia Calpurniae lib. Pi[...] (10 anos?)	lib.	(placa moldurada de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto) incompleta
Garcia, 1984 nº 26	Castelo Branco	séc. I ?	Sunua Pisiri f filiae et neptae.	pereg.	Cilia Lubaeci Sunua Elavi	pereg. pereg.	(placa moldurada de granito)	D.S. F. C.	insc. funer. (foto).
Garcia, 1984 nº 9	S. Martinho (Cast. Branco)	séc. I ?	Talavius Caburi f.	pereg.	IUNOLINTEAI- CA (epíteto relacionado com o linho ou étnico local?)	—	(ara de granito)	D. S. D.	insc. vot. (foto)

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Beneficiário	-Est.		Fórmula	
FE 176; AE1991 950	Ninho do Açor (Cast ^o Branco)	séc. I	(?)	(?)	BANE(?)	-	(frag. de ara votiva)	De Suo	insc. vot. (foto)
FE 177; AE1991 951	Ninho do Açor (Cast ^o Branco)	1 ^a m. s. I	Modestus patri et matri	pereg.	Rufinus Callaeci f. Camala Polli	pereg. pereg.	(placa paralelepípedica de granito)	De Suo F. C.	insc. funer. (foto)
Garcia, 1984 n ^o 14	Cabeço dos Tiros (Idanha-a-N ^a)	séc. II	G. Fron(tonius) Camal.	cid. lat. ?	TREBARONNA (Protae Tangini f. [sa]cer[os]?)	-	(ara votiva de granito)	D. S. P. M(onumento)	insc. vot. (foto)
Almeida, 1956, p.160; ILER 5141; Garcia, 1984 n ^o 2	Alcafozes (Idanha-a-N ^a)	séc. I ?	Avitus [fili]us	pereg.	Ama[enius] Touto[ni f.] Cama[la] Avell[i f.]	pereg. pereg.	(estela de granito)	D. S.[F. C.]	insc. funer. (foto)
Garcia, 1984 n ^o 38	Beira Baixa (Idanha-a-V ^a ?)	?	?	?	[...]iaeca Boviae lib (25/26 anos). [...]Aquil(i) f. (?) genero? [.....]iae lib.	lib. ? lib.	(cipo moldurado de granito)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto); incompleta; proveniência desconhecida
Almeida, 1956, n ^o 62	Idanha-a-V ^a (Idanha-a-N ^a)	?	Accia Emerita neptis Cassia Chresumi f. Maurilla Curia Chresumi f. Vitalis patri et matri	livres	Chresumus et Amoena Longini lib.	lib. lib.	(?)	D. S. P. Curaverunt	insc. funer. (desenho)
Almeida, 1956, n ^o 128	Idanha-a-V ^a (Idanha-a-N ^a)	?	Arantionius Turani (f.)	pereg.	Tancinus Flavini [f.]	pereg.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. (desenho)
Almeida, 1956, n ^o 167	Idanha-a-V ^a (Idanha-a-N ^a)	?	?	?	?	?	(?)	D. S. F.	insc. funer.?
CPILC 15 ad.; CIL II 761	Ponte de Alcântara (no templete)	?	C. Iulius Lacer	cid. lat.?	Curius Laco amicus igaeditanus	cid. lat. ?	(?)	[D.] S. F. dedicavit	insc. honor.? falsa, seg. Hübner
IRCP 621; AE1963,146; ILER 866	Vale do Cano (Marvão)	séc.	fili(i)	?	Lovesius Anceiti (f.) ammaiensis	pereg.	(estela funerária em granito)	de suo	insc. funer.
CIL II 491; ILER 5610; Ramírez Sábada, 1990	Mérida (prov. Cáceres)	séc. I/II	L. Maelonius Primitivus, Maelonia Caesiola, Maelonia Maelia (?) lib. patrono	lib. lib. lib.	L. Maelonius Aper vet. leg. VI Vic. P. F. b(eneficiarii) cos (70 anos) *	cid. r. (milit.)	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. *piissimo
CIL II 5269; ILER 6303	Mérida (prov. Cáceres)	séc. I/II	L. Sempronius Faustus	cid. lat.?	Faustinus verna (3 a.)	esc.	(cipo de mármore no frontão foi esculpido um menino em pé)	D. S. F.	insc. funer. incompleta
Ramírez Sábada, 1990	Mérida (prov. Cáceres)	?	(M. Aelius) Pecio patronis	lib.	M. Aelius Maximus Octavia Rhodine	lib? lib?	(ara)	D. S. (+ ?)	insc. funer.?
Ramírez Sábada, 1990	Mérida (prov. Cáceres)	séc. III	Iulius Felix	lib.?	Iulius Teucer	lib.?	(?)	D. S. (+ ?)	insc. funer.?
Ramírez Sábada, 1990	Mérida (prov. Cáceres)	?	L. Pompeius [...] L. Pompeius Diadumenus	?	Hedylus (30 a.)	esc./lib.?	(?)	D. S. (+?)	insc. funer.
AE1977 409; CPILC 4 ; HAEp 217	Abertura (prov. Cáceres)	séc. I (s. "III")	Meiduenus Antami (sic) f.	pereg.	Sailgius Tangini f.	pereg.	(estela de granito)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto). (= CPILC 11?); AE: nova leitura
AE1991 971	Abertura (prov. Cáceres)	séc. I	Aelia avia (= Aphelea?, nome gr ^o)	?	[.....?] (16 anos)	?	(estela de granito: 2 frag. da parte inferior)	D. S. F.	insc. funer. (foto) incomp. (= CPILC 8?)
CPILC 8	Abertura (prov. Cáceres)	?	?	?	?	?	(lápide fragm. muito desgastada)	D. S.	insc. funer.? 1 ^a l.: L.A.E.L...A?
CPILC 9	Abertura (prov. Cáceres)	iníc. s.III			(70 anos) et Brisi...? C[e]lso (71 anos)	lib.	(cipo muito desgastado com roseta na p. sup.)	D. S.	insc. funer.
Salas Martin, 1993, n ^o 1	Abertura (*) (prov. Cáceres)	f. séc. I/ in. séc. II	G(?) Gargenna	pereg.?	Camira Tertiae f. et	pereg.	(estela de granito)	D. S. F. C.	insc. funer. *necrópole de villa
Salas Martin, 1993, n ^o 3	Abertura (*) (prov. Cáceres)	séc. I	Caturo Tafi f.	pereg.	liberta Cabura	?	(estela de granito)	D. S. F.	insc. funer. *necrópole de villa
AE1989 403; HEp 2 1990, n ^o 203	Aldehuela de Jerte (prov. Cáceres)	séc. I	[Fidi?]a Flaccilla [mat(er)?]	?	Bouti f. [. Fid?]dius Vituli [f.]	?	(placa de mármore)	D. S. F. C.	insc. funer. incompleta (foto)
CPILC 55	Arroyo Molinos de Montanchez (prov. Cáceres)	f. s. II	mater et pater	?	[.....]? (17 anos)	pereg.	(estela?)	De Suo F. C.	insc. funer. incompleta
CPILC 56	?	in. s. III	[...] Betri f. t. et p. ?	pereg.?	Macro Tancini f. ux[am(ensis)?]	pereg.	(?)	F. C. T. D. S.?	insc. funer. incompleta.
CPILC 87 ; CIL II 748	Brozas (prov. Cáceres)	séc. I ?	Fusca Capitonis f. [f]ilii suis et viro	pereg.	Capito Aviti f. (14 a.) Aviti Aviti f. (10 a.) Avitus Capitonis f. (40a)	pereg. pereg.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. Hübner: "fraude puto"

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
CPILC 113 ; CIL II 697 ; ILER 3630	Cáceres	séc. I ?	C. Currius (sic) Privatus	lib. ?	M. Accius Crescens (60 anos)	lib. ?	(?)	D. S. F. C.	"fraude puto" insc. funer.
CPILC 116 ; CIL II 733 ; HAEp 685 ; ILER 6290	Cáceres	séc. I ?	Duatius Arenieri lib.	lib.	Arenierus Aiaeti f. (70 anos) Coria Aren. f. (1 ano) [N]arcissus Arenier. f. (20 anos)	pereg. pereg. pereg.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. reutilizada e transladada ; ver CIL II 733, com variantes.
CPILC 170	Cáceres	?	[...]jalia	?	?		(?)	De Su[o]	? lápide muito gasta
CPILC 182 ; CIL II 796	Cañaveral (prov. Cáceres)	séc. I ?	Niger I(ibertus?) Gustamii	lib.	Venustus Vegeni lib.	lib.	(estela?, encimada por um crescente lunar)	D. S. P. C.	insc. funer. Sª S.ta Catarina, prox. Via da Prata
HEp 2 1989, nº 211	Casal de Cáceres (prov. Cáceres)	?	L. Aemilius Proculus	cid. r.?	vicanis Roud(ensibus?)	-	(?)	D. S. F. C.	?
CPILC 258 ; CIL II 943	Garvín (prov. Cáceres)		Modestus Cec[...] Luculli I(ibertus)	lib.	[...]Jecci Luculli li(bert.) (40 anos)	lib.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. incompleta
CPILC 294 ; ILER 743	Ibahernando (prov. Cáceres)	f. s. II/ in. III	Viriatius	pereg.	A(taecinae) A(ugustae?)*		(?)	D. Suo P. C	insc. vot. *a. = a(nimo?)
CPILC 310	Ibahernando (prov. Cáceres)	?	soror	?	?	?	(estela fragmentada)	D. S. F. C.	insc. funer. incompleta
CPILC 313	Ibahernando (prov. Cáceres)	séc. "III"	Tagana patr(i) et frat(ri)	pereg.	Norb(anus) Coutilus (60 a.) Norb. Tanginus (15 a.)	cid. lat.? cid. lat.?	(estela?)	D. S. F. C.	insc. funer.
CPILC 328 ; HAEp 784 ; ILER 3620	Madrigalejo (prov. Cáceres)	séc. "II"	Mussania M. f. Maurilla	?	C. Vibius Proculus (50 anos)	?	(estela?)	D. S. F. C.	insc. funer.
CPILC 345 ; CIL II 847	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	séc. III	Domesticus fratri	pereg.?	Vitulus Malgeini f. (25 anos)	pereg.	(estela?)	D. S. F. C. L(ibens?)	insc. funer. (reutilizada numa parade)
CPILC 347 ; CIL II 823 ; ILER 3519	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	séc. I ?	Caecilius Vetto sodali	?	L. Publicius L. f. Pap. Thianus emerit. (27 a.)	cid. r.	cippum	D. S. F.	insc. funer. ruínas de Cáparra (Capera)
CPILC 350 ; CIL II 829	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	m. s. III	Domitius Fortunatus patrono	lib.	L. Domitius T. f. Gal. Vetto otobesani*	cid. r.	(estela?, com"astro" no frontão)	D. S. F	insc. funer. *Otovesam oppid.. (Liria; edetanos?)
CPILC 359 ; CIL II 845 ; ILER 4739	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	séc. I ?	[...]gei Tusco [...]jati f. avunculus	pereg.	Severus Cadari f. (12 anos)	pereg.	(lápide muito desgastada)	D. S. D.	insc. funer.
CPILC 365 ; CIL II 838	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	séc. I ?	Balbinus Balbi f.	pereg.	Maternus Fusci f. ?) (3 anos)	pereg.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer.
CPILC 375 ; CIL II 820 ; ILER 4793	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	séc. "II"	Iulius Avitus privignus	cid. lat.?	Caelia Aunia Iuli Fusci Tiberiani uxor clun(iensis) (50 anos)	livre	(estela?)	D. S. F. C.	insc. funer.
CPILC 387 ; ILER 5316 CIL II 825	Oliva de Plasencia (prov. Cáceres)	f. s. II/ s. III	Marcia Procula patri	livre	C. Marcius Clarus hispalensis (50 anos)	cid. lat.?	(estela?)	D. S. F. C	insc. funer.
CPILC 459	S.ta Cruz de la Sierra (prov. Cáceres)	séc. "II"	Tancini Cauciri (f.)	pereg.	Atamus, Clavicus, Amonicus fratres ?	pereg. pereg.	("cipo", com flor hexapétala no frontão)	De Suo C(aris- simi) F. C.	insc. funer. (memoria)
CPILC 462 ; CIL II 683	S.ta Cruz de la Sierra (prov. Cáceres)	?	?	?	C. Val(erius) Albanus	livre	(?)	[D.?] S. P.	insc. funer. incomp?; mal copiada?.
CPILC 531 ; CIL II 628	Trujillo (prov. Cáceres)	séc. I ?	Oqtea Doci f. [...]?	pereg.	Fusca Cau[...]	pereg.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. incompleta.
CPILC 560 ; CIL II 5282 ; ILER 3636	Trujillo (prov. Cáceres)	f. séc. I ?	Fabius Niger frater	cid. lat.	L. Aucta ?	?	(?)	De Suo F. C.	insc. funer.
CPILC 577	Trujillo (prov. Cáceres)	f. séc. II	Tur(ius) Caudius frater	cid. lat.	Severa Tur(ii) Aesi f.	cid. lat.	(estela?, com meia lua no frontão)	D. S. F. C.	insc. funer.
ILER 45	Trujillo (prov. Cáceres)	?	Fonteus Esoonei (sic) f. Qacosus (sic)	per.?	IOVI		aram	De Suo Li(b.)	insc. vot.
CPILC 757	Herguijuela (prov. Cáceres)	in. s. III	Caesilia Anula amica	cid. lat.	?	?	("frag. de lápide de granito")	De Suo F. C.	insc. funer. incompleta
CPILC 782 ; HAEp 750	Villamesias (prov. Cáceres)	séc. I ?	Rufus frater	pereg.	Celerius Mauri f. (35 anos)	pereg.	("cipo arredondado")	D. S. F. C.	insc. funer.

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Obsev.
CPILC 800	Valdelacasa (prov. Cáceres)	séc. I ?	Tagana Caenonis patri Avita L. f. suae matri parvo (sic) et sibi	pereg. pereg.?	Capito Matuceni f. Avita Iuli f. (16 a.) Casia Vironi f.	pereg. pereg. pereg.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer.
CPILC 810	? (prov. Cáceres)	séc. I ?	[...?] patri et matri	?	Aquilus Annieni f. [...?]	pereg.	("frag. de lápide reutilizado")	De Suo Facien- dum Cur[avit]	insc. funer. incompleta
CIL II 917 ; ILER 4673	Talavera de la Reina = Caesarobriga (prov. Toledo)	séc. "II"	Marius Castrensis fatri	cid. lat.	Marius Lupercus (30 anos)	cid. lat.	(?)	De Suo F. C.	insc. funer.
CIL II 5317 (ad. nº 915); ILER 3625	Talavera de la Reina (prov. Toledo)	séc. "II"	Maura Flavinus Lucanus	?	Lucullus	?	("cipo")	D. S. F. C.	insc. funer.
CIL II 5320	Talavera de la Reina (prov. Toledo)	f. séc. II	Ambata marito	pereg.?	Gr(anius) Paternus Quir cae (sarrobrigenis) ex cas(tello) Ciselii (65 a.)	cid. r.	("cipo de mármore")	De Suo P(osuit)	insc. funer. pientissimo
CIL II 5321; ILER 5463; UnOrg nº44 *	Talavera de la Reina (prov. Toledo)	séc. II ?	Mantua frat(ri)	pereg.?	Caelius Auciacu(m) Serani f. (70 anos)**	pereg.	("cipo")	De Suo F. C.	insc. funer. *com correções **be(ne)m(erenti)
CIL II 5335; ILER 3624	Talavera de la Reina (prov. Toledo)	séc. I ?	E[ti]a Matronja p(atr)is?	pereg.?	Uralus Pentili A.(?) I(ib.?)	lib.?	(?)	D. S. F. C.	insc. funer.?
AE1991 983; HEp 2 1990, nº 691	Talavera de la Reina (prov. Toledo)	(séc. I ?)	[...]sis lib.	lib.	?	?	(estela de granito)	D. S. F. C.	insc. funer. (foto) incompleta
FC 28 ; CIL II 5866	Ávila	?	Lesala conium[brig.]	pereg.?	-	-	(?)	D. S. [F. uel P.]	? uel D. S. P(ecunia) F. C.

QUADRO XX: Fórmulas com a expressão *de suo* (Península Ibérica)
BÉTICA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
CIL II 5935;	Cartagena (prov. Murcia)	séc. I ?	Maria L(?)	?	Vergilia Cassia	?	(?)	De Suo Faciun- dum Curavit	insc. funer.
CIL II 994	Salvaterra (prov. Badajoz)	séc. II ?	Flavia Secunda filio	livre	Q. Arrius Flavinus (2 anos)	cid. lat.?	(?)	D. S. F.	insc. funer. mer(enti)
AE1983 494; ILER 3669	Badajoz (prov. Badajoz)	séc. I/II ?	[...?] socero, socruí, socerino, uxorí [et	cid. r.?	P. Varius Q. f. Pap. Ligur Licinia C. I. Theli P. Varius P. f. Pap. Severus Varia P. f. Avita	cid. r. lib. cid. r. livre	(placa de mármore moldurada)	D. S. F. C. + h(oc) m(on). s(ive) s(epul.) e(xterum) h(ered.) n(on) s(equetur)	insc. funer. *damnatio memoriae. do 1º ded., marido de Varia Avita, talvez por contestação de um testam.? **filha do 1º ded.te?
CIL II 1016 ; ILER 5253 ; ILER 5656	Badajoz (prov. Badajoz)	séc. I/II ?	P. Cincius Pap. Tuscus patri suo et sibi	cid. r.	P. Cincius Pap. Rufus a(turienis?) m(litit?) leg. X	cid. r. (milit.)	(?)	per se D. S. F. C.	insc. funer.
CIL II 1017 ; ILER 4883	Badajoz (prov. Badajoz)	séc. II ?	Fabia Trophima marito et fil.	lib.?	G. Silius Cosmus aravo (50 anos)* G. Silius Flavinus (19a.)	lib.? lib.?	(?)	De Suo F. C.	insc. funer. * cf. Aravi
HEp 1 1989,	Garlitos (prov. Badajoz)	?	Arteus (?) [...] Malus (?) *	?	?	-	ara (ara de granito)	[De] S(uo) ... Ex V(oto) P.	insc. vot. * III CRAII (?)
Hep 4 1994, nº 152	Magacela (prov. Badajoz)	?	P. Acilius Rufus sobrinus	c. I.?	P. Fabius Modestus Rufionis f.	per.?	(estela de granito)	D. S. P.	insc. funer.
Hep 4 1994, nº 156	Magacela (prov. Badajoz)	f. séc. I ?	L(ucius) V. I. uxori su(a)e	?	Cantia Celtibera emeritensis	livre	(?)	P. D. S.	insc. funer.
Soria Sanchez 1993, nº 36	Valencia del Ventoso, (prov. Badajoz)	in. s. II ?	Camullia Primula mater	livre	Camullia M. I(liberta) Veneria (73 anos)	lib.	(?)	D. S. F.	insc. funer.
ILER 5115	Malpartida de la Serena (prov. Badajoz)	séc. I ?	A...nis (?) h(eres)	?	Flavius C. I. Philocalus	lib.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer.

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
CILA II t. I, 1991, 242; CIL II 1063; ILER 1040	Alcolea del Río (prov. Sevilha)	2 d. C.	L. Licinius C. f(iilius) L. n(epos) L. pron(epos) Cornutus	cid. r.	[Lúcio] CAESARI AUG(usti) F(iilio) [DIVI IULI N(epoti) PRINCIP] IUVENTUTIS CO(n)S(ulti) DESIG(nato)	-	("coluna de mármore azul, que foi base de estátua")	D. S. P.	insc. honor. (perdida) *: data da "deductio in forum" do jovem Lúcio
CILA II t. I, 1991, 242; CIL II 1068*; ILER 3604	Alcolea del Río, (prov. Sevilha)	séc. II?	Ripanus Crispini f., Crispinus Ripani f.	? ?	L. Fabius Gal. Severus	cid. r.	(parte superior de um "herma" de mármore rosa)	D. S. D.	? (foto) *: D. S. P. D.
CIL II 1047; ILER 1456; Mangas, 1971	Iporca (Constantina Augusta) (prov. Sevilha)	séc. I/II ?	Cornelia Prisca soror et heres*	livre	Q. Cornelius Quir. Gallus **	cid. r.	*datis sportulis...et de suo dato epulo **quam testamento suo sportulis datis...	De Suo	insc. funer. seg. Hübner, na l. 2 in. suppiendum est <<statuam>>
CIL II 1437; ILER 468	Estepa (Ostippo), (prov. Sevilha)	?	L. Sempronius L. f. Gal Atticus	cid. r.	SALUS AUGUSTA	-	basis (pedestal de mármore)	D. S. D.	insc. vot.
HEp 1 nº527; CIL II 1482; ILER 6423; HistAnt V nº2	Ecija (Astigi), (prov. Sevilha)	séc. II	Istoricus I(libertus) p(a)edagogus	lib.	M(arco) N(ostro)	?	("herma"?)	D. S. D.	? l. 1: M (?) N (?); HEp com nova interpretação
CILA II t. I, 1991, 165; Mangas, 1971 *; CIL II 2326; ILER 418	Peñaflor (prov. Sevilha)	**séc. III"	M. Annius Celtitanus: 1 Aemilia Artemisia ** uxor et heres: 2 Aemilia Rustici f.: 3 (herdeira de Artemisia)	cid. r.?	VENUS AUG.	-	1) Venerem Aug. cum parergo[ne] 2) annulum aureum,] gemma meliore 3) phialam argent., tabulam argent.	**De Suo viva posuit: eademque de suo addidit	insc. vot. (perdida)
CILA II t. I, 1991, 100; AE 1974 378	Sevilha? (Hispalis), (prov. Sevilha)	in. séc. I	L. Rubellius Philodamus filius	lib.?	Alexandra	esc./lib.?	(placa de mármore branco)	De Suo F. C.	insc. funer. (foto)
CIL II 2271	Córdoba	in. s. II	Lunia Delicata f. ??	?	Cornelia C. I. Quarta (25 anos)	lib.	(cipo de mármore negro)	De Suo Fecit	insc. funer.
García y Bellido, 1960, nº 1	Córdoba	séc. I	Cornelia Severa uxor*	?	Satur mur (millo) (l. gl.) ** Iul(ianus) (13 combates) Bassus I (iberatus) mur. (1 palma + 1 coroa)	esc lib.?	(placa de pedra cárdena)	D. S. D.	insc. funer. (desenho) *mulher de Bassus? ** (ludus gladiatorius)
García y Bellido, 1960, nº 2	Córdoba	séc. I	Rom(a)e coniunx (sic)	esc.	mur(millo) Carinthus (l. gl.) ner(onianus) nat. graecus (2 combates) (25 anos)	esc.	(estela? de pedra cárdena; frontão semicircular)	De Suo Posit	insc. funer. (desenho) ben[e] merenti
García y Bellido, 1960, nº 4; HAEp 324	Córdoba	séc. I	Apollonia uxor et Hermes tr(ax)	esc. esc.	mur(millo) Faustus (l. gl.) ner. ver(na) Alex(andrae) (12 combates) (35 anos)	esc.	(estela de pedra cárdena; frontão semicircular)	De Suo Posuerunt	insc. funer. (foto)
García y Bellido, 1960, nº 5; HAEp 323; AE 1952 126	Córdoba	séc. I	Familia universa (todos os essedarii)	esc.	esse(darius) Ingenuus (l. gl.) gallicia(nus) natione germanus (12 palmas) (25 anos)	livre ?	(estela de mármore; frontão semicircular)	De Suo Fac(iendum) Cura(vit)	insc. funer. (foto).
García y Bellido, 1960, nº 7	Córdoba	séc. I	conservi	esc.	[...?] (l. gl.) ner(onianus)? natione [...] tr(ax) Sagitt[ar]ia? (l. gl.) m[er]e[nt]e? natione hispanus	esc. esc.	(frag. de lápede de mármore)	De Suo	insc. funer. (foto) incompleta
García y Bellido, 1960, nº 8; HAEp 327	Córdoba	2ª m. s. I *	uxor viro	esc.?	Actius mur(millo) (6 vitórias) (21 anos)	esc.	(placa rectangular de mármore)	De Suo	insc. funer. (foto) *fórmula execratória
García y Bellido, 1960, nº 9; HAEp 326	Córdoba	séc. I	Petroni(a?) uxor	esc.	Stelenus ostiarius (do anfiteatro?)	esc.	(cipo? de mármore)	D. S. D.	insc. funer. (desenho).
García y Bellido, 1960, nº 11	Córdoba	séc. I	Amabilis nat(ione) gall(ica) (30 anos)	esc.	[...?] Alipus (30 anos)	esc.	(placa? de pedra de cárdena)	Posuit De Suo	insc. funer. (foto) incompleta inscrição gladiatória? ?

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
Rubio Alija, 1959, nº 9; CIL II 1569	Castro del Rio, (prov. Jaen?)	?	Optatus Reburri I. ... Primus* eamque cum Optato et Reburro filiis	?	imag(nem) Caes(aris) Aug. P(ater) [P(ater)] Imp.	-	(?) imag(o?)	*D. S. D. Dedicavit	Senatus decrevit perpetuo bonis publicis interesse
CILA III t. II, 1991 62	Arquillos, (prov. Jaen)	séc. I ?	sodales	livre	[.....?]	?	(2 frag. de placa?, de um columbário)	D. S. F. Q. (sic)	insc. funer. (desaparecida)
CILA III t. I, 1991 72	Torre Benzalá, Torredonjim-eno (prov. Jaen)	séc. I ?	[Semp]ronia M. f. Saturn[ina]	?	[.....?]	?	(fragmento de inscrição de calcário em forma de ortostato?)	D. S.	?
CILA III t. I, 1991 342	Haza de la Capellania (prov. Jaen)	f. séc. II/ séc. III	Iulius [...] et Cassi[a]nus Firmo	?	[.....] Proculi[no?]	?	(paralelepípedo de mármore vermelho)	D. S. D.	insc. funer.? (incompleta)
Belo V nº 76	Bolonia (Baelo Claudia), (prov. Cádiz)	séc. II ?	m(ater?) f(iliae?) r(arissimae?)	?	[...]ja Domi(tilla?)	?	(frag. de placa de mármore)	D. [S. P.] ?	insc. funer. (foto) incompleta
HEp 1 1989, nº 215	Valdeiafante (Carissa Aurelia), Bornos, (prov. Cádiz)	entre 4 * e 14 d. C. *adopção de Tibério	L. Fabius M.f. Se[verus] L. Fabius L.f. Sever[us] [p]ater et filius	cid. r. ? cid. r. ?	TI(berio) IULIO A[UG(usti) F(ilius)] DIVI IULI N(epoti) CAESA[RI]	-	(bloco paralelepípedo de calcário)-	D. S. [D.]	insc. honor. (foto) HEp.: com correções de leitura.

QUADRO XX: Fórmulas com a expressão *de suo* (Península Ibérica) TARRACONENSE

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
CIRG I 1991 nº 12 ; CIL II 2540	Iria Flavia (Forum Iriensium) (prov. Coruña)	?	For(o)i(ri) e(n)ses	-	NEPTUNO	-	(ara de granito)	D. S. P.	insc. vot. (foto)
HEp 2 1990, nº 567 ; AqFl. nº 46	Espinho, Oimbra (prov. Orense)	?	S(ulpicius?) Velin[us] v(eteranus) alae [...]	cid. r. ?	[.....] MARTI	-	(ara de granito)	De S(uo) [Posuit?]	insc. vot. (foto ilegível)
STA II 1992, nº 10	Roriz, Santo Tirso	?	EMISA UR. ECELD ?	?	[.....?]	?	(metade inferior uma ara de granito)	D. S. F.	insc. funer.? (foto)
Tranoy/Le Roux, 1989-90, nº 13; ILER 5311; AE1973 299	Braga	séc. "II/ in. III"	sodales Flavi *	-	Severus Reburri f. Thiophilus (sic) elaneo-brigensis (sic) (40 a.)	lib.?	(estela moldurada, de granito, com rosácea hexapétala e dois crescentes).	D. S. F. C.	insc. funer. (foto) *colégio funerário
Tranoy/Le Roux, 1989-90, nº 12; AqFl. nº 235; CIL II 2482	Braga ?*	séc. "II/ in. III"	Visala (?) Reburri (f.)	pereg.	[...] filiae et [...] nepotibus suis	?	(?)	D. S. Fecit	insc. funer. desaparecida; mal transcrita? *de Chaves (Tavora, Hübner, Coimenero); de Braga (Argote, Tranoy/ Le Roux)
CIL II 2428	Monte de Penas (Braga)	?	sodalitium urbanorum	-	?	-	("pedra grande de hum edificio magnifico")	D. S. F. C.	insc. mon.? incompleta?
CIL II 2429	capª S. Seb.tião (Braga)	?	?	-	?	-	("pedaço de columna")	De Suo	insc. mon.? incompleta
MCV t.9 nº8; AqFl. nº 72	Chaves	séc. "II/III" (MCV: flávios; AqFl: II)	L. Valerius Longinus	cid. r.?	[Con]cordia[e] Munic[pi]u[m] Municipi Aquilaviens(is)	-	pedestal de estátua? (cipo de granito, semelhante aos de Tarraco, datados do séc. II)	De Suo	insc. vot. (foto)
CIL II 2478; AqFl. nº438	Chaves	103 d.C.	Aquilavienses	-	Imp. Caes. Nerva Traiano Aug. Ger. Dacico, Pont. Max. trib. pot., Cos V, P. F.	-	Pontem lapideum (cilindro de granito)	De Suo F. C.	insc. honor.
CIL II 2497; ILER 3626	Friães (Chaves)	séc. I ?	Fidus Meari (?) f.	pereg.	Mearus Contari(?) f.(?) (60 anos)	pereg.	(estela?, com astro no frontão)	D.(?) S. F. C.	insc. funer. "L. S. Hübner reconstitui [P]u[ll]tari f.
IRPP 1994, nº 87	Vega de Riacos, Respensa de la Peña (prov. Palencia)	séc. II/III	Araus	pereg.	Pentovio Pegasa (sic) An(ni) f. Horgaenomesc(u m) (17 anos)	pereg.	(estela dupla, de granito?, em forma de casa)	D. S. P.	insc. funer. "na face esq. dedicatória de Araus Arauco a Anna Didiana An. I.

A PRESENÇA DA MULHER NA EPIGRAFIA ROMANA DO CONVENTVS SCALLABITANVS

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
Curchin,1987; HAEp 2326; AE1965 105	Villazán (prov. Zamora)	?	Marinu(s) S(alanus?)* lib(ertus)	lib.	Salan(u)s Triti (f.)**	pereg.	(estela)	D. S. F. C.	insc. funer. * AS: Marinu/s lib. **AE: triti(ensis?)
HEp 2 nº138; CIL II 2803; UnOrg. nº125	Coruña del Conde (Clunia); (prov. Burgos)	séc. I ?	P[o]pilius frat[er] ac heres	pereg. ?	Reburus Pr[?]nganco (n) Melmani f.	pereg. (gen. pl.)	(estela, com dois círculos concêntricos)	D. S. F. C.	insc. funer. incompleta HEp; nova leitura
HEp 2 nº141; UnOrg. nº 134	Peñalba de Castro (Clunia); (prov. Burgos)	séc. I	Ato frate(r) et Caeno	pereg. pereg.	Segio Lougesteri-co(m) Aionis f.	pereg. (gen. pl.)	?	F(ecerunt) D. S.	insc. funer. (foto) HEp; nova leitura
CIL II 2915; ILER 2092; Mangas, 1971; Solana Sainz, 1976, p. 51* Gómez-Pantoja, 1992 **;	Rejas (Burgos)	séc. "II" [*: reinado de Cláudio]	[.] Aelius Maritimus b(ene)ff(icia- rius) cos	cid. r. (milit.)	[.]O.M. lun. Regin]a[e]?	-	exedriam cum basi (pedestal de "pedra branca"); pequeno edi- fício cultural. com a estátua correspondente.	D. S. F. C.	insc. vot. (foto) incompleta ** nova leitura, sob reserva; apenas através da foto ("): "licenciado da legio IV Macedonica")
ETERA nº 29	Álava (prov. Álava)	?	M(arcus) Candidianus v(ivus) .. s(ib) o(bit) an. LX (60 a.)	pereg. ?	?	?	(cipo?, com 2 figuras hum. e moldura rodea- da de cachos de uva)	D(e) S(ua) LI(benter) V. F(ecit) S.	insc. funer. (foto) incompleta; muito desgastada
HEp 1 1989, nº 517	Tricio, (prov. La Rioja)	2ª m. s. I	[...] Reburus ei(Q)uintus f(ilius) et Bo[ut]ija uxor	pereg. ?	[.....]	?	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. (incompleta)
CIL II 5879; UnOrg. nº50; ILER 5466	Medinaceli (prov. Sória)	séc. I ?	<Valeria Venni(um)>Suce- sa s[ol](tor) *	cid. lat. ? (gen. pl.)	L. Licinius Quir. Titulus Cornulanulus	cid. r.	(?)	D. S. F. C.	insc. funer. *dedicatória de Sucessa viva sibi et marito
UnOrg nº 116	Dombellas (prov. Sória)	séc. I ?	Amilus Bland(a) m(ater) Aquilus et Addius fr(atres)	pereg. pereg. pereg.	Ant(oni)us Addius Eburanco(n) Am(ili) fi. (25 anos)	cid. lat. ? (gen. pl.)	(?)	D. S. F. C.	insc. funer.
CIL II 2961; ILER 4596	Ibero (prov. Navarra)	f. séc. I/ in. séc. II ?	Severa uxor	pereg.	marito suo	-		D. S. F.	insc. funer. (desaparecida).
CIL II 2962; TAN nº 37; ILER 3671	Santacara (prov. Navarra)	séc. "III"	Porcius Felix Kresis	?	-	-	(?, decorada com duas cabeças de touro e duas figuras humanas) (estela decorada com rosáceas hexapétalas inscrites em círculos e crescente na parte superior; crescentes e arcos na parte inferior)	D(e) S(uo) Se Vivo Fecit	insc. funer. (foto)
EE VIII 288 ; ILER 5109	Pamplona (prov. Navarra)				Sext(iliu)s Sij(oni)s?, Antoni (17 a.?) Serenu[s] frater et ? Stra[tonice] ? soror	? ? ?	(estela com 4 rosáceas hexap., 2 quadrantes e 1 crescente no frontão semicircular)	D. S. F. [C. ?]	insc. funer. (foto) incompleta, muito desgastada
CIL II 4579 ; Julia, 1965, nº 7	Barcelona (prov. Barcelona)	séc. II ?	M (ummius?) Rusticu(s), L. M(ummius) Pisonianus sorori su(a)e	cid. lat. ? cid. lat. ?	M(ummia) Cetegiana	cid. lat. ?	(cupa)	De Suo Fecerunt	insc. funer. benemerenti
CIL II 6119 ; RIT 3	Tarragona (prov. Tarragona)	?	L. Caesius Amp(h)io	lib. ?	MINERVA? (área do templo de Minerva)	-	(pedestal de estátua de calcário?)	De Suo	insc. vot. (foto)
CIL II 4371 ; CIL II 6073 ; RIT 12	Tarragona (prov. Tarragona)	séc. "II"	Seleucus I(ibertus)	lib.	Cn. Lucretius L. f. Scap(tia tribu)	cid. r. (Itálico)	(cipo de calcário?)	De Suo Faciendum Coer.	insc. funer. (foto)
CIL II 4143 ; RIT 205 ; ILS 2373	Tarragona (prov. Tarragona)	"f. s. I/m. s. II"	T. Flavius Reburus, L. Valer(i)us Festus, L. Valer(i)us Maternus, L. Sempronius Maternus, L. Annius Vitalis, M. Memmius Celer, P. Cornel. Grattianus, collegae eius	cid. r. " " " " " " " " " " " " (milit.)	Q. Annius Apro speculator* leg(ionis) VII gem(inae) fel(icis) intestatus defunctus *	cid. r. (milit.)	(base de estátua de calcário?)	D. S. F.	insc. funer. (foto) batedor; espião ** faleceu sem fazer testamento

PORTUGALIA

Referência	Proven.	Datação	Dedicante	Estatuto	Benefic.	Est.	Donativo	Fórmula	Observ.
CIL II 6106 ; ILER 5543; RIT 412	Tarragona (prov. Tarragona)	séc. "II"?	Cornelius Flo(rus), Licinius Candidus here(des)	cid. lat.? cid. lat.?	Claudius Quintillianus magister Lar(um)	cid. lat.?	(placa de calcário?)	De Suo Fecerunt	insc. funer. (foto)
CIL II 4268 ; RIT 343 ; ILS 6945	Tarragona (prov. Tarragona)	séc. "II"	Iulia Sex. f. Reburrina mater eius	livre	P. Fabius P. f. Ser. Lepidus	cid. r.	estátua (base de calcário quae (statua) ex d. d. Tarr.); quod factum post mortem eius posita est, adiectis ornamentis aedifici(j)s remissa impensa, quam mater eius... de suo dedit	De Suo Dedit	insc. funer./honor. (foto).
RIT 590	Tarragona (prov. Tarragona)	m. s. II	Sutoria Restituta coniugi, Quintianus patri	? ?	Genialis	?	(base de estátua de calcário?)	D. S. F.	insc. funer. (foto) piissimo
CIL II 4384 ; RIT 612	Tarragona (prov. Tarragona)	séc. "III"?	Ael(ius) Faustinus amico meo	?	P. L(a)enius Fortunetus (28 anos e 25 dias)	?	(estela de calcário?)	D. S. (*) F.	insc. funer. (foto) * b(ene) m(erenti)
CIL II 3349	Tarragona ? (prov. Tarragona)	?	Vibia Felicula ministra Tutelae Augustae, Q. Vibius Felicio pater seviri augustal	livre lib.	AUGUSTO PACI PERPETUAE et CONCORDIAE AUGUSTAE	-	(?)	De Suo (+ ?)	insc. vot.
CIL II 4085; ILER 6074	Tarragona (prov. Tarragona)	?	Q. Attius Messor* et C(ultoribus?)	c. l.?	MINERVAE AUG.	-	exhedra cum fronti templi velustate corrupto perfector et pictor	*De Suo Ref(ecit)	insc. vot. / mon.
CIL II 4054; ILER 265	Tortosa (prov. Tarragona)	?	P. Cornelius Frontinus seviri aug.	lib.	MERCURIO AUG.	-	(?)	D. S. F. C.	insc. vot.
HEp 2 1990, nº 730/731	Valencia (prov. Valencia)	séc. II	T. Rubrius T. f. Restitutus	cid. r. ?	FORTUNAE	-	(pedestal/ara? de mármore branco, moldurado/a na base)	D. S. F.	insc. vot. (foto)
HEp 1 1989, nº 317	Segobriga, (prov. Cuenca)	?	Gallone Aise (?) et Sil[ivius]	?	[.....] [patri piissim]o	?	(fragmento de lápide de calcário)	[De] S(uo) [P(osuerunt)]	insc. funer. (foto)
HEp 2 1990, nº 375	Segobriga, (prov. Cuenca)	?	Q. Mun[...] Toletanus	?	Car[...]	?	cupum et sepulturam	D. S. D. [Fec(erunt)]	insc. funer.
HEp 2 1990, nº 377 ; CIL II 6338	Segobriga (Saelices) (prov. Cuenca)	?	Hilarus et Fuscus Iaxtenses	?	Nymphe *	esc.?	?	D(e) S(uo) Peculio	insc. funer. *: M (=Mani)... s(er)u(e) (?) ? HEp: nova leitura
CIL II 1679 ; ILER 6084	Martos? (Tucci), (prov. Jaen)	?	Q. Iulius Q. f. T. n(e)pos) Serg. Celsus aed(ilis), (duum)vir bis	esc.?	?	- -	(estela ?); (com um nicho, segundo Hübner)	De Suo Dedit	insc. vot. ?
HEp 2 1990, nº 45 ; ERE 1988 nº 1 ; CIL II 3559	Ibiza (Ebusus), Balears	?	L. Oculatus Quir. Rectus et Aemilia C. f. Restituta, L. Oculatus Quir. Rectus (filius) cum suis	cid. r. cid. r. livre cid. r.	[I. O. M. IU]N[ONI] [RE]GINAE	-	(pedestal de "marga grisácea")	D. S. P.	insc. vot. (foto)

LEGENDA: s.séc.= século; cid. r= cidadão romano; esc.=escravo; lib.= liberto; peregr.= peregrino; insc.=inscrição; funer.=funerária; honor.=honorífica; mon.=monumental; vot.=votiva.

Gráfico 1: Total de adjetivos

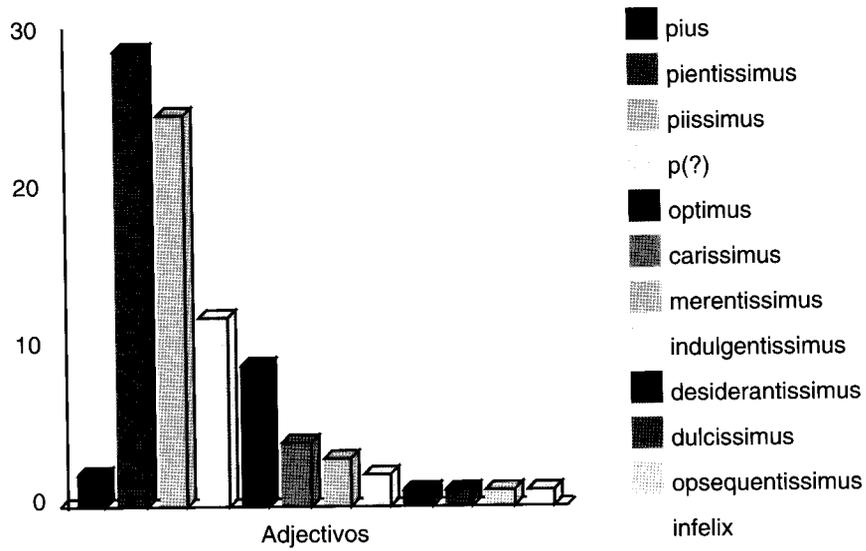


Gráfico 2: Pietas

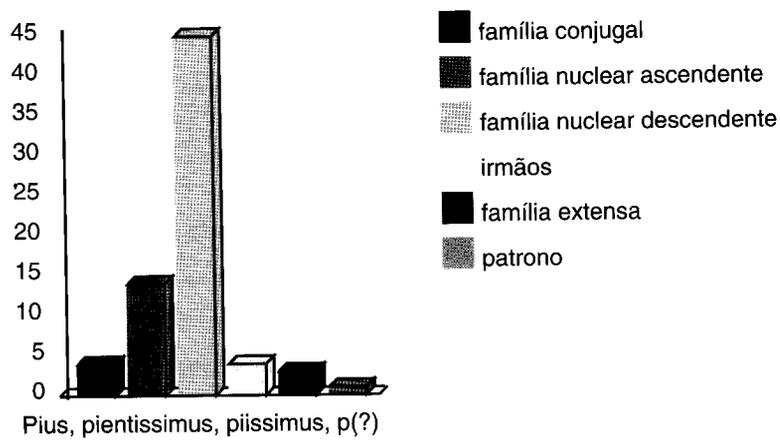


Gráfico 3: Sexo dos defuntos

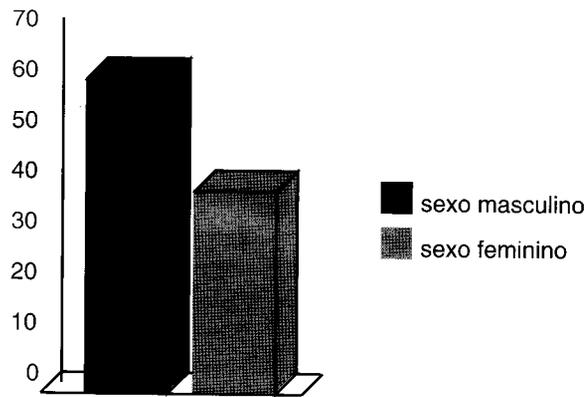


Gráfico 4: Marido

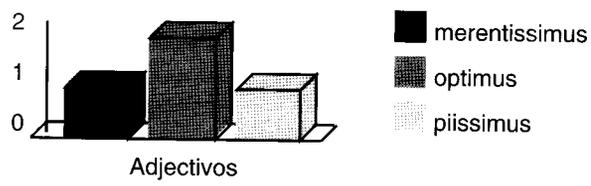


Gráfico 5: Esposa

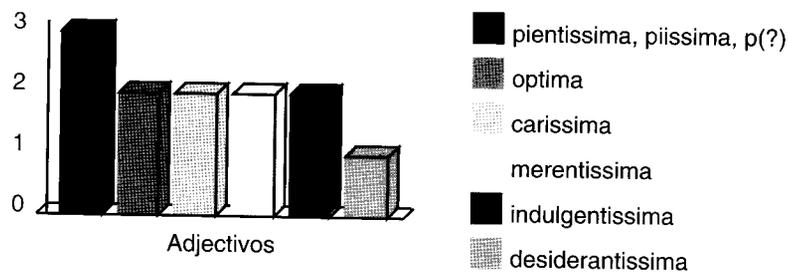


Gráfico 7: Mãe

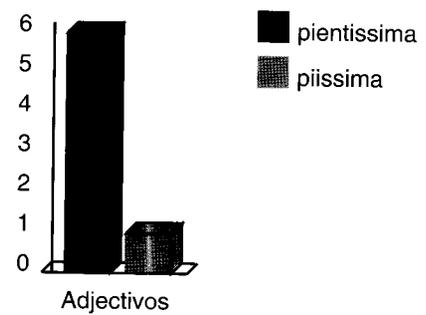


Gráfico 6: Pai

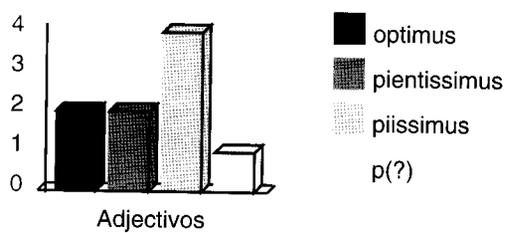


Gráfico 8: Filho

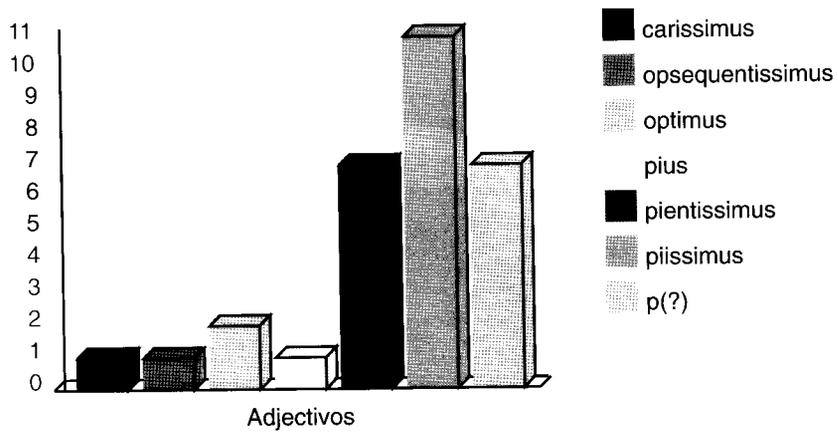


Gráfico 9: Filha

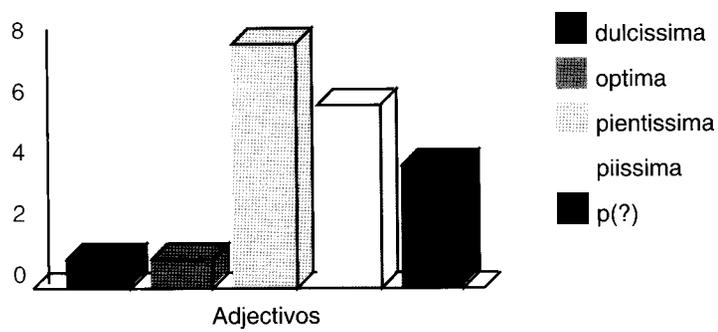


Gráfico 11: Mulheres comemoradas

Gráfico 10: Neto/a

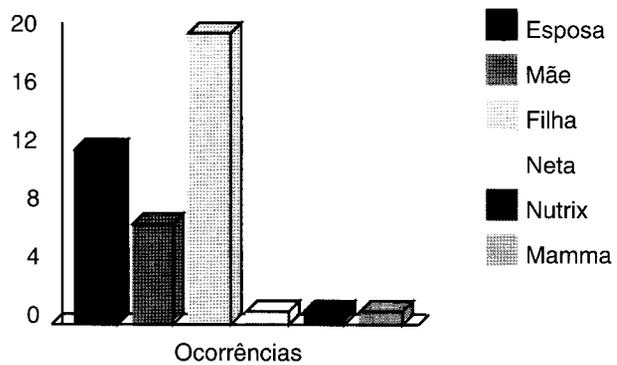
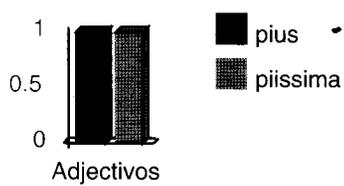


Gráfico 12: Inscrições

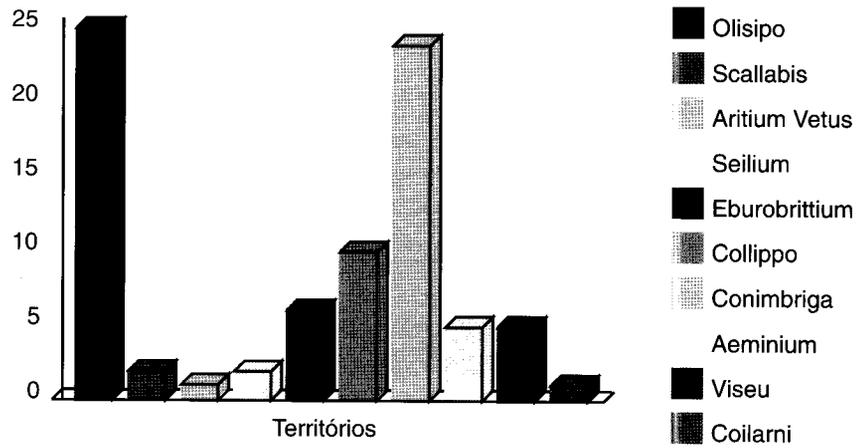


Gráfico 13: Adjectivos

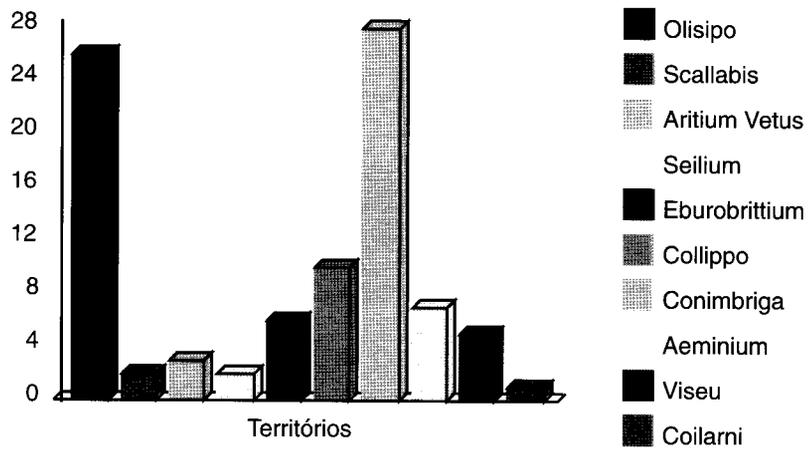


Gráfico 14: Olisipo

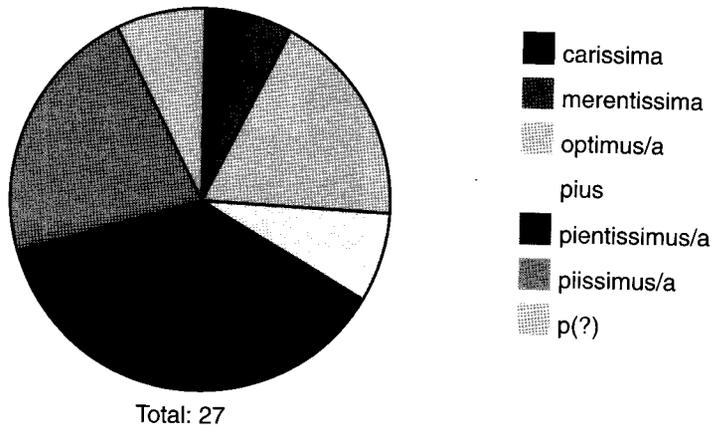


Gráfico 15: Conimbriga

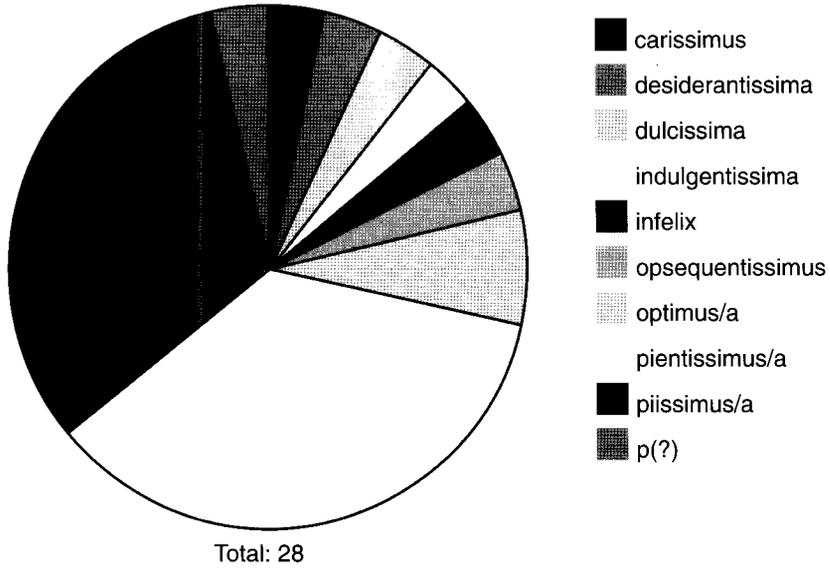


Gráfico 16: Aeminium

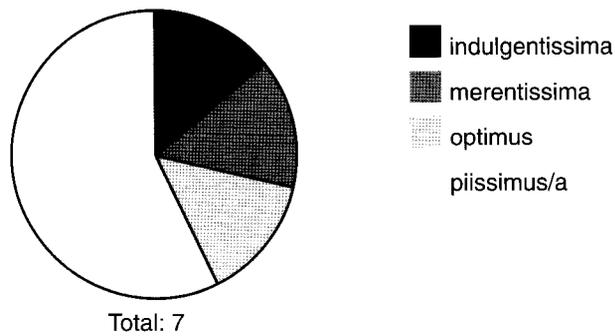


Gráfico 17: Eburonritium

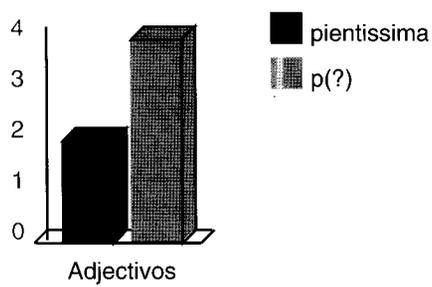


Gráfico 18: Collippo

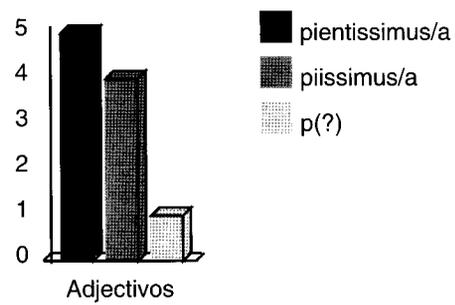


Gráfico 19: Ebuobrittium

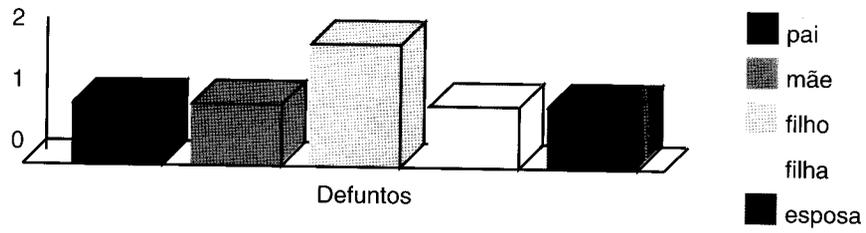


Gráfico 20: Collippo

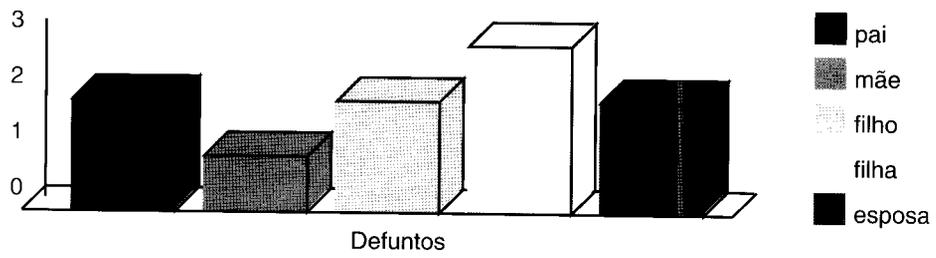


Gráfico 21: Relações familiares, sociais e jurídicas (categorias)

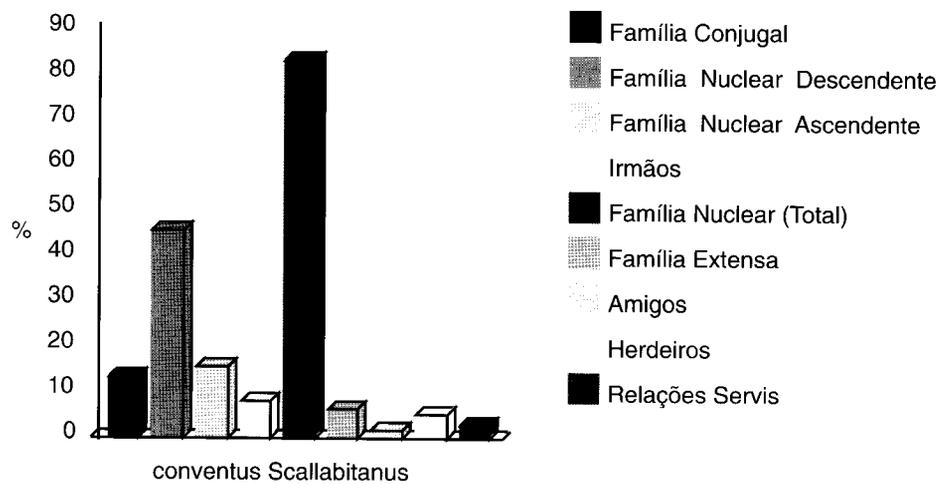


Gráfico 22: Família nuclear

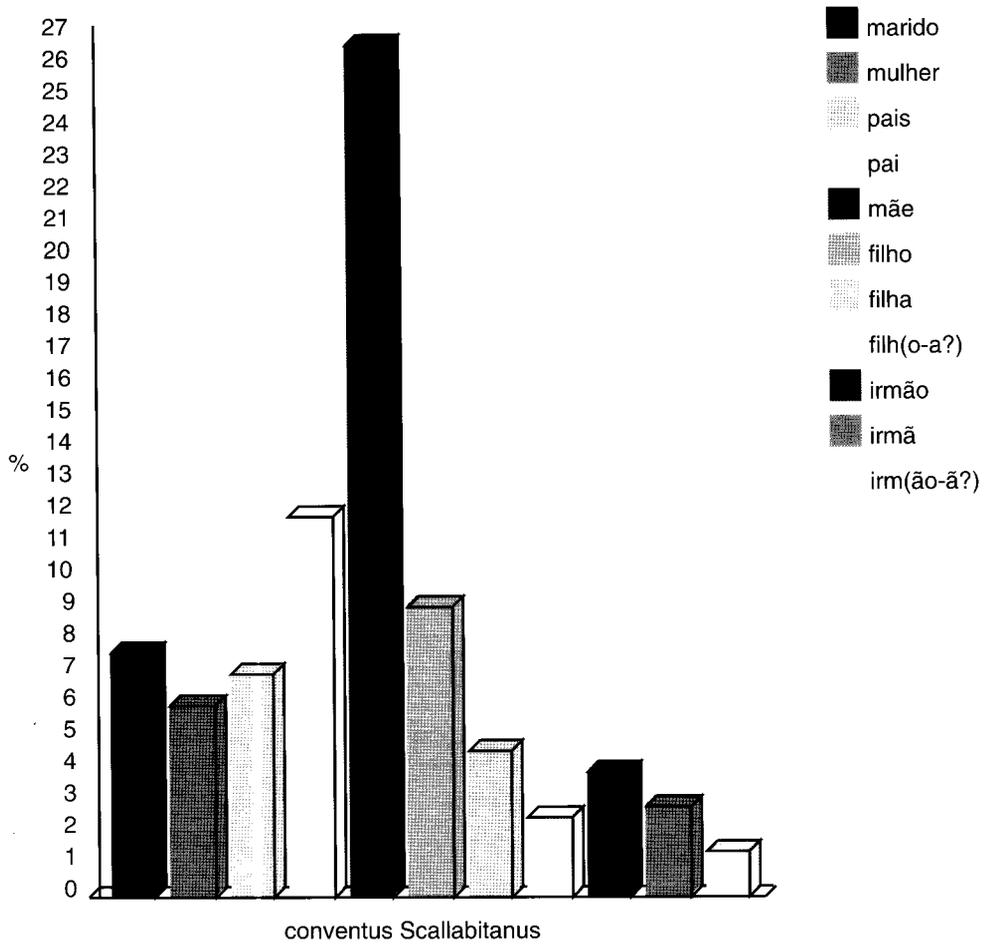


Gráfico 23: Relações familiares, sociais e jurídicas (categorias)

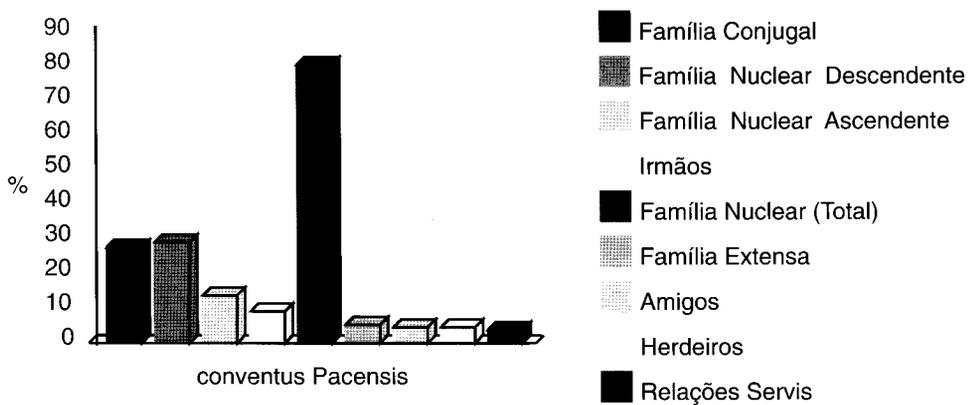


Gráfico 24: Família Nuclear

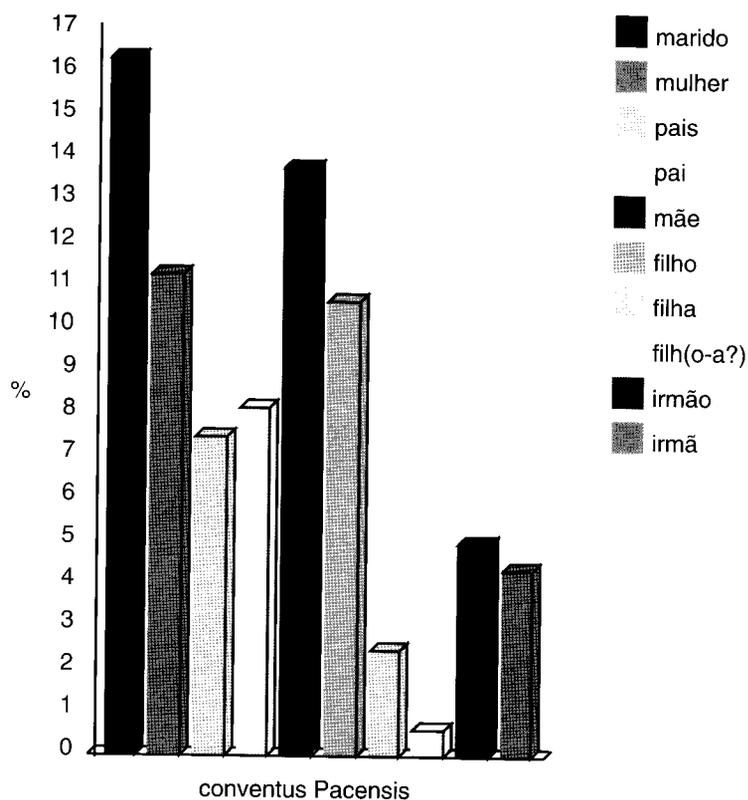


Gráfico 25: Mãe como dedicante (%)

